



ORATÓRIOS, CAPELAS E IGREJAS DO MUNICÍPIO DE SANTA TERESA

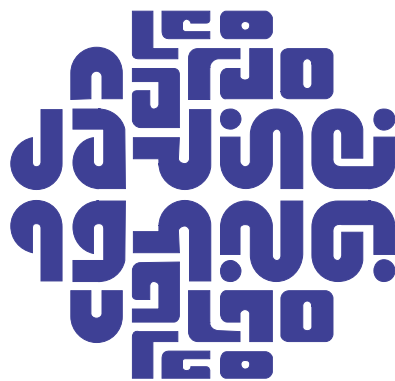
Centro Educacional
Leonardo da Vinci



ORATÓRIOS, CAPELAS E IGREJAS

DO MUNICÍPIO DE

SANTA TERESA



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

Vitória, Espírito Santo, Brasil

2001

Oratórios, Capelas e Igrejas do Município de Santa Teresa

Todos os direitos reservados ao Centro Educacional Leonardo da Vinci.
Nenhuma parte desta obra poderá ser publicada sem a autorização expressa
do Centro Educacional Leonardo da Vinci.

Equipe de produção:

Capa: Foto de José Alfredo Ferrari
Edição eletrônica: Victor H.S. Biasutti e Geniane Caus
Revisão: Rosângela Merisio Fernandes
Impressão e acabamento: Graphis Editora e Indústria Gráfica Ltda
Composição e diagramação: Victor H.S. Biasutti
Fotografias no ano 2000: Centro Educacional Leonardo da Vinci



Em face do valor histórico da obra, o
Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo - IHGES
aplaude e aprova o projeto.

ISBN: 85-88379-01-5

CATALOGAÇÃO NA FONTE DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

O63s

Oratórios, capelas e igrejas do município de
Santa Teresa. - Vitória, ES: Centro Educacional
Leonardo da Vinci, 2001

230p.; 30cm.

Vários autores.

ISBN 85-88379-01-5

1. Santa Teresa (ES). 2. Oratórios - Santa Teresa
(ES). 3. Capelas - Santa Teresa (ES). 4. Igrejas -
Santa Teresa (ES). I Título.

CDD: 981.52

1ª edição - 2001

CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI LTDA

Diretores: José Antônio Gorza Pignaton e
Maria Helena Salviato Biasutti Pignaton

Rua Elias Tommasi Sobrinho s/nº - Santa Lúcia

CEP: 29 055-660 - Vitória - ES - Brasil

Site na internet: <http://www.davinci.g12.br>

E-Mail: davincia@tropical.com.br



Para Você,

leitor desta obra.



O tempo e o Templo

Parcela histórica da imigração por terras interioranas do Espírito Santo (Santa Teresa).

O primeiro Templo, cada um o trouxe dentro de si; a Fé, simbolizada, no correr do tempo, pelos oratórios, capelas, igrejas e lugares de oração.

Inicialmente, porém, a invocação ao Criador, a Céu aberto; ou, ainda, sob copa frondosa de árvore protetora; já não como outrora os antigos povos adoradores do Carvalho, mas, hoje, ao encontro do Deus Único.

A capela que foi, porque já inexistente, dobrou-se às intempéries dos anos; o oratório que se escondeu nas grimpas do Vale; o Cruzeiro que o fogo desfez, estão registrados nesse trabalho de fôlego.

Como festivos cogumelos brotavam, junto aos povoados, singelos, mais belos, com arte, ou sem ela. Rústicos das vezes, alegres, isolados pelas estradas, nos cumes, escondidos nas encostas, nas brenhas, aos poucos dezenas, hoje centena, além, de monumentos atestando a esperança que acompanha o peregrinar do ser humano em sua jornada terrena.

Pequenas embora, as igrejas, as capelas, as grutas, os oratórios, quaisquer pontos para reflexão, transbordam de nosso íntimo a eternidade da vida, colorindo, sem ilusões, sua grandeza infinita. São Templos Vivos marcando a presença sempre presente de quantos, contritos, elevam, ali, seu pensamento, sua fé no retorno ao seio do Criador dos Universos visíveis e invisíveis.

Trabalho delicado e árduo. Requereu técnica e pesquisa apurada "in-loco". Deslocamento responsável de Administrador do Colégio, dedicação dos Alunos que compartilharam do projeto, dos "fabricadores" solícitos nas informações precisas. Consulta de registros e fotografias, com edição em computador. Fotografar, fotografar sempre detalhes e dizeres de valor histórico.

Entrevistar os benditos Arquivos Vivos tão, ou mais importantes de outros repositórios. Contar com a espontaneidade de amigos esclarecidos e cultos na disposição proposta do empreendimento. Buscar parcimônia nos gastos (veículo, combustível, refeições, etc.), executando a operação de campo aos domingos e feriados, evitando-se perda de aulas normais dos abnegados estudantes. Sentir que pessoas e organizações ajudam benevolentes no financiamento do plano histórico-cultural é animador, é vitorioso.

Parodiando o mestre Fernando Pessoa: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena." pelo resultado e finalidade, admitindo-se que "A Fé remove montanhas", interpretando o próprio Jesus Cristo... Valeu! Grande e belo trabalho, contudo, sem o pretender, quanto a oração que se desfia em rosário de agradáveis recordações.

Parabéns aos promotores do evento. Parabéns, parabéns mesmo. Parabéns ao município de Santa Teresa por seus "Oratórios, Capelas e Igrejas".

2. Julho. 2000

Victor Biasutti

SUMÁRIO

O PROJETO E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	11
PARTICIPANTES DAS VIAGENS.....	15
UM PASSEIO PELAS VEREDAS DA HISTÓRIA.....	19
A FUNDAÇÃO DE SANTA TERESA.....	21
O NOME: SANTA TERESA	22
A MATRIZ DE SANTA TERESA.....	27
ESCRITOS.....	37
COM UM OLHAR PARA O INTERIOR.....	39
ENTRE OS TEMPOS E ENTRETEMPOS.....	40
MEMÓRIA CULTURAL: UMA QUESTÃO DE UTOPIA?.....	42
INTERROGANDO: TRADIÇÃO E/OU FUTURO?	45
A ALMA DEVOTA DO IMIGRANTE.....	47
A IMPORTÂNCIA DO COLETIVO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL.....	50
A MEMÓRIA DOS ANOS 40	52
REGISTRO DE DADOS.....	53
ÍNDICE ALFABÉTICO DOS “ORATÓRIOS, CAPELAS E IGREJAS”	57
NOS BASTIDORES.....	195
CORRESPONDÊNCIAS.....	207
LEITURAS... QUE NÃO SÓ DE “LETRAS”	213
PATROCINADORES.....	219
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	225

AGRADECIMENTOS

A todos os cidadãos de Santa Teresa e São Roque que, de forma acolhedora, nos receberam em seus lares em total confiança, emprestando-nos fotos e documentos antigos - preciosidades de valor sentimental (ou pessoal) inestimável; oferecendo-nos todo o seu conhecimento (muito mais que informações) e contribuindo de maneira fundamental para a consecução desta obra.

Aos alunos das 6^{as} séries de 2000 do Centro Educacional Leonardo da Vinci, parceiros absolutamente integrados na viabilização dessa empreitada, grandes responsáveis pela tessitura deste trabalho.

Aos demais participantes (educadores no sentido real da palavra), que se juntaram aos alunos como observadores atentos, utilizando sua maturidade e experiência em favor da construção do conhecimento e da análise das variáveis que envolvem uma pesquisa desse porte.

Aos pais dos alunos, que mais uma vez confiaram seus filhos à Escola, autorizando viagens de, por vezes, mais do que 300km, repletas de aventuras, por caminhos difíceis, nem sempre com alimentação disponível, abrindo “picadas” nas “capoeiras”, muitas vezes lembrando as peripécias do gênero Indiana Jones. Seus filhos cumpriram as responsabilidades de forma admirável, participando ativamente de uma iniciativa relevante para a perpetuação da cultura.

Aos funcionários do Da Vinci que participaram com idéias e ações, atuando na administração do projeto, edição de material gráfico, controle de despesas, compra de material, manutenção de veículo e outras providências que não se mostram palpáveis, mas são fundamentais para viabilizar um trabalho de tal abrangência.

À Sr^a. Disianira Ziviani Zurlo, esposa do Sr. Antônio Angelo Zurlo, que, por mais de trinta vezes nos recebeu em sua casa (um pedaço de paraíso em Santa Teresa), oferecendo-nos deliciosos sucos, frutas que apanhamos diretamente nas árvores do pomar, cafezinho... além de importantes informações (e considerações) sobre os templos religiosos.

Ao Frei José Corteletti, que partilhou conosco seus profundos conhecimentos, providenciou material, nos acompanhou nas visitas e auxiliou na revisão conceitual. Sempre empenhado na educação dos jovens teresenses, continua apaixonado por sua terra.

Aos funcionários do Arquivo Público, da Biblioteca Estadual, do IBGE, que nos atenderam com presteza, fazendo-se co-partícipes do projeto. Seu trabalho é merecedor de todo apreço!

Às empresas ACTA ENGENHARIA, LIVRARIA LOGOS, UNIMED E UVV que, mostrando-se partidárias na crença da necessidade de envolvimento de todos em projetos com objetivos sociais, tornaram-se parceiras socioculturais do Da Vinci, viabilizando o projeto.

A todas as pessoas, citadas ou não, que, de alguma forma, contribuíram com essa realização.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS A:

Antônio Angelo Zurlo

Luiz Carlos Biasutti

Victor Biasutti

pela disponibilidade “sem limite”, materializada no apoio intensivo; nas apreciações/considerações formuladas; no incentivo que não conhece dificultadores ou barreiras. Trata-se de seres singulares, que sempre souberam valorizar e propagar a cultura que seus antepassados trouxeram da Itália, nunca deixando de participar da vida em sociedade, manifestando suas crenças (e manifestando-se) por meio de atos, escritos, posturas, exemplos, reflexões...

O PROJETO E SEUS DESDOBRAMENTOS

(Dados técnicos, percepções, envolvimento...)

O CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI, escola-empresa cuja ideologia é a formação do homem completo, inserido na sociedade local e global, que possa viver harmonicamente e usufruir/proporcionar felicidade, entende que, além de seus objetivos pedagógicos e educacionais, deve oferecer à sociedade ações que tragam benefícios humanitários e sociais.

Desenvolvendo projetos que classifica como socioculturais, o Da Vinci cumpre essa responsabilidade que se faz cada vez mais necessária, no afã de estar influenciando, de maneira construtiva, nos destinos da humanidade.

No presente projeto, o Da Vinci vem documentar em livro, a partir de fotografias e indicações textuais, dados sobre os Oratórios, Capelas e Igrejas do Município de Santa Teresa, Estado do Espírito Santo. É um esforço memorialístico, cultural e conscientizador. Mas não nos limitamos ao caráter documental. O envolvimento foi tão grande que, de forma quase inconsciente, começamos a fazer incursões por outras searas e o livro passou a servir também como material de reflexão e polêmica.

De se ressaltar a inclusão das construções localizadas no Município de São Roque, uma vez que, na ocasião das edificações, São Roque integrava o Município de Santa Teresa, tendo se emancipado há poucos anos. Mesmo que geograficamente localizadas no Município de Santa Teresa, há casos de Capelas administradas pela Paróquia de São Roque, e vice-versa.

O projeto foi concebido e adequado para efeito de operacionalidade, a partir de agosto de 1999. Como resultado concreto, a impressão de 1.000 volumes, com as fotos, pequenas informações, considerações e textos reflexivos sobre diferentes temáticas.

Como objetivo sociocultural, a perpetuação de parte da vida dos imigrantes e das pessoas que construíram fração da terra em que habitamos. Subliminarmente, um apelo a cada leitor para se engajar no resgate das memórias culturais de nosso Estado.

Não tendo a iniciativa finalidade financeira, estabeleceu-se que a renda proveniente da venda dos volumes, na ocasião do seu lançamento, seria revertida para o Município de Santa Teresa, na forma em que o Leonardo da Vinci considerasse mais apropriada. A título de ensaio, a possibilidade de implantação de placas de sinalização indicando pontos turísticos como os Vales do Canaã, das Tabocas e do Caravaggio - até então inexistentes ou insuficientes, deixando passar despercebidas belezas naturais raras, monumentos à contemplação.

A fase de execução contemplou viagens principalmente nos sábados, domingos ou feriados, em carro de passeio, com a participação de alunos das 6^{as} séries do Ensino Fundamental, professores e funcionários, sendo o envolvimento voluntário para todos.

Estimando em 50 o número de construções a visitar, cuidou-se de elaborar orçamento considerando o número de viagens necessárias, as despesas de alimentação, combustível, filmes e revelação, equipamentos, fotolitos, impressão e demais custos.

No próximo passo, foram convidadas empresas para participarem como colaboradoras financeiras. Acta Engenharia, Livraria Logos, Unimed e UVV foram as quatro organizações que aderiram ao projeto, numa clara manifestação de consciência para a necessidade de participação de todos e de cada um em atitudes que resultem em benefícios para nós que agora aqui vivemos e para todos que para aqui virão. Deixar registrada a memória do que fizeram os antepassados e do que fizemos nós é o grande pressuposto deste trabalho. Que bem o usufruam as gerações vindouras!

Dos 1.000 volumes, 100 serão entregues a cada empresa-parceira, e 600 terão distribuição administrada pelo Da Vinci, contemplando bibliotecas, escolas e arquivos, com parte sendo destinada à venda no lançamento. Espera-se que a socialização do trabalho dê vazão a outras iniciativas similares.

O PROJETO E SEUS DESDOBRAMENTOS

A REALIZAÇÃO

Em nossa primeira viagem, acontecida em 12/02/2000, com três alunos e a Diretora Pedagógica do Da Vinci, Maria Helena Salviato Biasutti Pignaton, foi formulado convite ao cidadão teresense Dr. Antônio Angelo Zurlo, para se integrar ao projeto. Sr. Zurlo, cidadão modelo por seu imenso potencial humano, enorme doação à sociedade local e à cidade de Santa Teresa, é descendente de imigrante italiano e profundo conhecedor da região, até em seus minúsculos caminhos, que nem chegam a desembocar em estradas.

Traçado o roteiro com o precioso auxílio do Sr. Zurlo, visitamos o professor José Alfredo Ferrari, exímio fotógrafo, também descendente de imigrantes italianos, que nos forneceu a foto da Matriz de Santa Teresa, que compõe a capa do livro.

A primeira Capela visitada foi a de Nossa Senhora do Caravaggio, no alto do belíssimo vale batizado com o mesmo nome. A partir daí iniciou-se a parte técnica do trabalho: os alunos fotografaram a Capela; no GPS (Global Positioning System), fizeram a leitura da latitude e longitude; desenharam um esboço da construção onde anotaram as medidas realizadas com a trena; observaram e registraram o que foi considerado importante, diferente, curioso, belo...

Daí para a próxima, para mais uma, mais uma, mais uma...

Procuradas pessoas que pudessem fornecer ou acrescentar material científico-ideológico em torno das construções (datas, construtores, fotos antigas, pensamentos), abandonamos o caráter técnico e passamos a viver as novas fases do projeto: a relação interpessoal; a afetividade; o respeito; o reconhecimento. Bem recebidos fomos por todas, absolutamente todas, pessoas e famílias, que nos levaram para dentro dos seus lares, com o acolhimento característico de quem vive no interior, com a oferta dos “pães de casa”, dos sucos naturalíssimos, dos frutos de seus pomares e, acima de tudo, brindando-nos com seu calor humano, amizade e confiança.

Em diversas vezes, pudemos nos sentir na própria Itália, ouvindo conversas nos seus originais dialetos, lendo documentos na língua italiana, ou mesmo ouvindo os cantos, em viva-voz, de fortes descendentes, como o Sr. Francisco Romagna, de Nova Valsugana, com 87 anos, ainda fazendo a segunda voz, cantando em dupla com o Sr. Zurlo.

E as músicas? Suas letras contam as contingências a que estiveram sujeitos os imigrantes, desbravadores dessas terras, quando chegados de seu país, após viagens marcadas por sofrimento e mortes. Onde dormir? Como sobreviver? Como dar amparo aos filhos por nascer? Não deixa de ser uma lição de vida tudo o que conseguiram superar...

Diz a canção Merica, Merica:

Dall'Italia noi siamo partiti (Da Itália nós partimos)
Siam partiti col nostro onore (Partimos com nossa honra)
Trentasei giorni di macchina e vapore (Trinta e seis dias de trem e navio)
E in America noi siamo arrivà (E nós chegamos na América)

Merica, Merica, Merica (América, América, América)
Cosa sarà questa Merica? (O que será esta América?)
Merica, Merica, Merica (América, América, América)
Un mazzolino di fior (Um buquê de flores)

All' America noi siamo arrivati (Nós chegamos à América)
Non abbiam trovato nè paglia nè fieno (Não encontramos nem palha nem feno)
Abbiam dormito, sul nudo terreno (Dormimos sobre o terreno desnudo)
Come le bestie, abbiam riposà (Repousamos como os animais)

Merica, Merica...

L'America, l'è lunga e l'è larga (A América é comprida e larga)
L'è formata di monti e di piani (É formada de montanhas e de planícies)
E con l'industria dei nostri italiani (E com a indústria dos italianos)
Abbiam fondato paesi e città (Foram fundadas vilas e cidades)

Merica, Merica...

O PROJETO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Busca daqui, pesquisa de lá, “pé na estrada”... a conclusão: não seriam 50, mas mais de 100 Capelas a serem visitadas! (Quando nos referimos a “Capelas”, estamos falando de Igrejas, Capelas, Oratórios, Capitéis, Ermidas...). Não havia problema; disposição não nos faltava e nem faltaria!

Continuamos o projeto com maior intensidade. Os alunos demonstraram tanto gosto que quiseram participar de novas viagens. Idem para os professores. Mesmo saindo de Vitória nos domingos às 7h30min e retornando, por vezes, às 20h. Bem, além do sublime sentimento da participação e do senso de realização, havia também o delicioso almoço no Mazzolin di Fiori, da D. Adilis. Comida italiana, ao som de músicas italianas; paredes repletas de quadros e objetos que falam da Itália ou de Santa Teresa, enfim, atmosfera italiana. É, mas alguns não tiveram essa “regalia”: em virtude das distâncias, tiveram que se satisfazer com pão, manteiga, presunto, queijo e água!

E o clima: ah! O ar puro da montanha. Às vezes, o tempo frio, às vezes, bem quente. Era preciso fazer uma caminhada para visitarmos uma Capela. Só havia “picada” no mato. Estrada inexistente. Também não havia problema: ia-se assim mesmo. E essa agora, não dava para subir de carro no morro do Papaçu. Mesmo com o terreno seco, os pedregulhos e a estrada íngreme faziam com que as rodas do carro rodassem em falso, não havendo como subir. Não fazia mal, deixava-se o carro e subia-se a pé. Na volta, descer de ré: não dava para manobrar, o caminho era estreito. Mas todo o esforço sempre valia a pena. Além de visitarmos a Capela de São Martinho, desfrutamos de uma beleza de que poucos puderam desfrutar. Só estando lá. São 360° de paisagens maravilhosas, com montanhas belíssimas que vão até onde nossas vistas alcançam. E aquela visita à Capela de Santo Anselmo? Quando estávamos lá embaixo choveu muito e, na hora da volta, o carro não subia por causa da lama. “Seu” Zurlo empurrou e deu aquela forcinha que faltava para vencermos a serra. Zuleme estava lá. E lá no morro do “Caser”, em Santa Teresa, cuja estrada passava pelo “cemitério velho”? Também não deu para subir de carro. Fomos a pé e tivemos que “abrir uma picada” para chegarmos ao ponto de onde fotografamos a Matriz de Santa Teresa.

Essas foram algumas das inúmeras, inúmeras mesmo, situações vividas para a obtenção do material para a edição da obra. Dias com 12 horas de trabalho, convivência com o assunto desde o momento da entrada no carro até a chegada em Vitória, quando ainda íamos abastecer o veículo e fazer as anotações de distância percorrida, gasto de combustível, consumo... Dedicção sem-par, meta definida: trabalho de qualidade e envolvimento.

Na página de Estatísticas do projeto, podemos verificar as trilhas percorridas: mais do que 8.000 km viajados.

Além das viagens, o trabalho em escritório, as consultas a bibliotecas, Arquivo Público, residências, clubes e qualquer lugar que pudesse revelar alguma possibilidade de informação. Compreendemos o sentido do termo “pesquisa” com uma amplitude que talvez não tenhamos vivido antes. Pesquisa documental, mas também pesquisa com o “material” humano, que ao final é a que revela as maiores surpresas (e até segredos).

Nosso respeito e elogio àqueles que se dedicaram a esse trabalho. São merecedores dessa deferência.

A foto de 1874, cedida por Ricardo Avancini Almeida, mostra a mata intransponível, na qual os imigrantes abrem uma clareira e constroem suas rústicas moradas. Enquanto não prontas, “Abbiám dormito, sul nudo terreno; Come le bestie, abbiám riposá”, conforme a letra da música na página anterior.



O PROJETO E SEUS DESDOBRAMENTOS

O SENTIMENTO

Maravilhosa também foi a convivência durante as viagens. A troca de informações entre os acompanhantes e os alunos, as conversas sobre valores, ética, respeito... O trânsito, as leis, a segurança, o comportamento... A preservação, a descaracterização, o dilema entre tradição e modernidade (na estrutura física das construções e no interior das pessoas).

O meio ambiente, o desmatamento indiscriminado, o café, o eucalipto, o desequilíbrio visto e sentido na pele, quando os “borrachudos” marcavam presença...

O péssimo legado que deixamos para nossos filhos, netos e descendentes, quando utilizamos de maneira indevida as águas, os rios, os lagos. Alguns dos mediadores revelando que, quando alunos, não tiveram desenvolvida a conscientização que os estudantes de hoje estão construindo. Bem, Augusto Ruschi já lutava muito pela preservação da fauna e flora. Faltou, para muitos, a mesma argúcia.

Mas, precisamos do papel para escrever: qual é o limite? Plantamos eucalipto ou ficamos sem papel? Muitas perguntas sem respostas mas, o mais importante, a inquietação, o olhar crítico, a preocupação com o futuro...

Além dos problemas e das realidades difíceis, percebemos também a beleza das flores, das matas, dos insetos. Pudemos ver o colorido das quaresmeiras, com seu roxo em destaque; do ipê, com suas flores amarelas; todo o verde das matas. Acima, o céu azul, com suas nuvens de algodão. E, automaticamente, a internalização da poesia, manifesta na linguagem que agora comparece.

Experimentamos o sabor do araçá, nos deliciamos com o jambo, a mexerica, laranjas...

E o café no pé, que sabor tem? Nós sabemos...

E o papo amigo com as pessoas do interior, que nos convidavam para almoçar, tomar café, saborear as “mentiras”, pão de casa, bolos de fubá ou polvilho? Quantas “lições” de ética, simplicidade, dignidade, consideração com o outro... O ambiente intocado dos sertões e regiões interioranas, que Guimarães Rosa tanto procurou immortalizar na Literatura.

Esse foi um outro lado do projeto, não posto em papel durante a sua elaboração, mas sentido em sua plenitude durante sua realização.

Cada aluno, cada participante, voltou das viagens mais cidadão, mais amigo, mais conhecedor e reconhecedor da cultura, dos esforços, trabalho e lutas dos nossos antepassados, que vencendo todo o sofrimento, amargura, saudade, dores e morte, nos propiciaram o início de Santa Teresa, do Espírito Santo. Fugimos da massificação que nos dispersa e impede de experimentar o valor das coisas mais simples, mas mais sagradas. O grande mérito do projeto, além de seu inegável valor cultural, é humanitário. “Mexeu” interiormente com os envolvidos. Está materializado neste livro, mas, acima de tudo, está sacralizado no universo interior dos envolvidos, das pessoas.

ESTATÍSTICAS DO PROJETO

Número de Oratórios, Capelas e Igrejas visitados:	129
Número de viagens realizadas a Santa Teresa:	35
Soma das distâncias percorridas nas viagens a Santa Teresa:	8.073 Km
Quantidade de litros de combustível empregados:	716,40 l
Quantidade de fotos realizadas pelos participantes:	1.794
Número de alunos participantes:	43
Número de acompanhantes:	21
Número de imagens editadas:	660

PARTICIPANTES DAS VIAGENS

Os ESTUDANTES e ACOMPANHANTES listados a seguir, estiveram nas viagens ao município de Santa Teresa e de São Roque, durante os meses de fevereiro a outubro de 2000, efetivando a coleta de dados, fotografando, obtendo fotos antigas, tomando medidas, determinando posições geográficas, ouvindo pessoas, enfim, reunindo as referências que nos permitiram elaborar esta obra.

Quando possível, provamos a deliciosa cozinha italiana, em almoços no restaurante Mazzolin di Fiori. Quando impossibilitados pelas distâncias e pelo tempo, contentamo-nos com sanduíches ou biscoitos.

Os alunos: estudantes das 6^{as} séries A, B e I, ano 2000.

Os acompanhantes: professores, funcionários e amigos do Da Vinci.

A todas essas pessoas que trocaram 35 dias, a maioria sábados ou domingos, por essa causa, nosso reconhecimento pela certeza de haverem contribuído com a preservação da memória cultural da humanidade. Sem modéstia, façam reconhecido esse seu trabalho! Ele é de imenso valor.

ESTUDANTES

André Dalapícola Maia
Ana Carolina de Paula Nunes Pinto
Ana Cláudia Leite da Mota
Anna Beatriz Biagini Palombini
Anna Carolina Reis dos Santos
Anthony Ávila Paine
Brunela Vellozo Marinho (*três viagens*)
Danilo Freitas de Oliveira (*duas viagens*)
Dominique Lengruber Sesquim
Ethore Meneghelli Pavan
Fabio Mosé Nascimento
Fernanda Rocha Pontual
Geraldo Requieri de Matos
Guilherme Oliveira Astone
Gustavo Neves Rêgo
Hanna Blauth Ximenes Lopes
Igor Castro Bonani
Janaina Fossi Scopel
José Roberto Pereira da Fonseca
Juliana Campello Alvarez
Juliana Salim Faria Dantas (*duas viagens*)
Juliano de Souza Campos
Larissa Bragatto Picoli
Larissa Polido Nassar Gonçalves
Luana Lopes Carlos
Lucas Fafá Beltrame
Luiza Genelhú Zonta
Luiz Felipe Guimarães Lopes (*três viagens*)
Marcelo Berno Mattos (*duas viagens*)
Maria Clara Cavalini Pinto
Mariah Fonseca e Gobbo
Michelle Lyrio Tabachi
Nathasha Carvalho Pandolfi
Paula Santos Sthel

Pedro Henrique da Costa Pessôa
Rayza Coutinho da Rós
Rainer Sarkis Woelffel Furtado
Ricardo Muniz Pessi (*duas viagens*)
Thaiana Vaz Cutini
Thaís Tristão Souza Santos
Thiago Chieppe Juffo
Thiago Ferreira Siqueira
Thomaz Almeida de Castro

ACOMPANHANTES

Ana Cláudia Nahas
Antônio Angelo Zurlo (*onze viagens*)
Carla Maria Walter P. M. Jardim
Cleide Aparecida Alves Pena
Frei José Corteletti
Johan Wolfgang Honorato
José Carlos Martins da Silva
Lícia Maria Vieira C. Teixeira
Maria Brunella Biasutti Pignaton (*duas viagens*)
Maria Helena Salviato Biasutti Pignaton
Maria Izabel de Vargas Lima da Rocha
Maria José Saavedro Castro
Marília Batitucci Castrillo
Mônica Pavesi Simão
Otacílio Caldas Andrade
Paulo de Tarso Rezende Ayub
Raquel da Silva Tavares (*duas viagens*)
Sandra Cristina Neri
Silvia Cunha Gomes
Victor Biasutti (*cinco viagens*)
Victor Humberto Salviato Biasutti (*trinta e cinco viagens*)
Zuleika Wanderley N. Fonseca
Zuleme Cruz

ALUNOS PARTICIPANTES (6^{as} séries de 2000)



Larissa Polido Nassar Gonçalves

Rainer Sarkis Woelffel Furtado

Thaís Tristão Souza Santos

Thiago Ferreira Siqueira

Luiza Genelhú Zonta

André Dalapícola Maia

Juliano de Souza Campos

Ethore Meneghelli Pavan

Thomaz Almeida de Castro

Igor Castro Bonani



Anthony Ávila Paine

Paula Santos Sthel

Marcelo Berno Mattos

Brunela Vellozo Marinho

Juliana Salim Faria Dantas

José Roberto Pereira da Fonseca

Juliana Campello Alvarez

Maria Clara Cavalini Pinto

Janaina Fossi Scopel

ALUNOS PARTICIPANTES (6^{as} séries de 2000)

Gustavo Neves Rêgo Natasha Carvalho Pandolfi Thaianá Vaz Cutini
Danilo Freitas de Oliveira Raysa Coutinho da Rós



Ricardo Muniz Pessi Luiz Felipe Guimarães Lopes Anna Carolina Reis dos Santos Hanna Blauth Ximenes Lopes
Geraldo Requieri de Matos

Ana Carolina de Paula Nunes Pinto Fernanda Rocha Pontual Ana Cláudia Leite da Mota Michelle Lyrio Tabachi
Dominique Lengruher Sesquim Fabio Mosé Nascimento Luana Lopes Carlos



Larissa Bragatto Picoli Anna Beatriz Biagini Palombini Thiago Chieppe Juffo Pedro Henrique da Costa Pessôa
Mariah Fonseca e Gobbo

Um passeio

pelas “veredas”

da História



Para localização do leitor no horizonte temporal da história de Santa Teresa, citamos a seguir algumas informações/considerações sobre a fundação do município.

Frederico Müller (1892-1968), em **Fundação e fatos históricos de Santa Teresa**, originalmente publicado em 1925 e reimpresso em 2000 como parte da Coleção Cadernos de História do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, às páginas 19 a 23, sugere 26 de junho de 1875 como data da fundação de Santa Teresa.

Das páginas 28 a 34, podemos extrair um pouco mais de história, quando o autor atesta que “a primeira construção que aqui na vila se fez foi um enorme barracão de palha para abrigo dos imigrantes, justamente onde está a Matriz”. Diz ainda que a primeira casa de pau-a-pique com paredes de entulho e cobertura de tabuinhas foi um hospital; a segunda foi a de Jerônimo Vervloet e a terceira, a de Juca Quintaes, este, pai do primeiro teresense. Registra, também, que o primeiro casamento foi o de José Pereira de Araujo e Augusta Dummer; como padrinhos, João Volkartt e sua esposa Martha Volkartt. Interessante ressaltar que as primeiras residências na região pertenceram a pessoas já estabelecidas no Brasil, as quais, exercendo posição de poder e domínio, se juntaram aos imigrantes italianos.

No **Chanaan-JORNAL** de 15 de outubro de 1937, com “Orientação e Redacção de Orlando Nascimento e Direcção de Alvaro P. Cardoso e José Soares”, encontramos os seguintes dizeres:

Com a entrada de imigrantes estrangeiros nesta região, localizou-se aqui o nacional JUCA QUINTAES que acompanhára os imigrantes na penetração, installando-se com uma pequena casa de negocio, a primeira que existiu em sólo therezense. O sr. JUCA QUINTAES, que foi o primeiro brasileiro a se instalar na zona recém-colonizada, teve também outra primazia - foi o pai da primeira criança nascida nesta zona, isto é, pae do primeiro therezense.

Luiz Serafim Derenzi, em **Os italianos no estado do Espírito Santo**, na página 60, identifica o filho de Juca Quintaes como Euticiano Quintaes, oficializando a história do primeiro teresense.

A primeira casa realmente construída por colonos italianos, originalmente com telhado de tabuinhas e paredes de estuque, foi a de Virgílio Lambert, escultor e pintor com diploma da Universidade de Pádua. A residência construída em 1875 ainda existe, tendo sido tombada pelo Patrimônio Histórico do Estado. Permanece habitada por descendentes do imigrante, estando atualmente em condições precárias, exigindo imediata recuperação, sob risco de desabamento.



Às páginas 14 e 15, Müller sugere uma outra possibilidade para a fundação de Santa Teresa, atribuindo-a à iniciativa dos “destemidos bandeirantes”: Paolo Casotti, Francesco Bassetti, Bernardo Comper, Lazzaro Tonini, Annibale Lazzari, Giuseppe Paoli, Daniele Palaoro e Abramo Zurlo, que teriam chegado em 1874 ao local onde seria fundada a vila.

Legalmente, o Município de Santa Teresa foi criado em 25 de novembro de 1890 (em torno de 15 anos após a data citada como a da fundação da vila), pelo desmembramento de sua área do Município de Santa Leopoldina; a instalação oficial, no entanto, aconteceu em 22 de fevereiro de 1891.

Qual é a origem do nome do município e da cidade?

Existem algumas possibilidades, que mencionamos a seguir, para o “Núcleo do Timboy” (Timbuhy, Timbuí, Timbuy) ter passado a ser chamado de Santa Teresa.

1 - Augusto Ruschi, no **Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão** - Número Especial - comemorativo do XXVII aniversário, p. 241, informa que “O nome Timbuy é indígena, dos índios Temiminós, ramo dos Tupis que habitavam a região de Fundão é composto de ‘Timbu’, que significa gambá e ‘y’ que significa pequeno”. A cidade de Santa Teresa é cortada pelo Rio Timbuí.

Continuando Ruschi, p. 243:

Este fato não vem corroborar com certos fatos pois ainda não havia sido dado o nome de Santa Teresa a essa localidade, e foi em 15-X-1875 que tal acontecera, no dia da Padroeira, e conforme muito bem assinalou o Sr. Virgílio Lambert em seus cadernos “Diário de Memórias”, ali diz ele que foi dado o nome de Santa Teresa à localidade em homenagem a essa Santa, pois já em uma árvore, desde 1875 fora colocado num ôco, um quadro e após a imagem de Santa Teresa, trazida por Thereza Stelzer Roatti, onde os fiéis vinham todas as tardes para rezarem o terço.

Ruschi transcreve “o documento referente à celebração da primeira missa em território de Santa Teresa: Local para construir a Capella”, p. 248.

AUTO RELATIVO A' CELEBRAÇÃO DA PRIMEIRA MISSA NESTE NUCLEO, UNICO LUGAR DESIGNADO PARA A RESPECTIVA CAPELLA

Aos quinze dias do mes de Agosto do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e setenta e sete, no povoado de Santa Theresa, séde do núcleo colonial do Timbuhy, pertencente á Colonia de Santa Leopoldina da Província do Espírito Santo neste Império, as dez horas da manhã em o logar designado para a construção da Capella do mesmo núcleo colonial, **sob a invocação de Santo Affonso** [grifo nosso], ahi presente o Reverendo Capellão do dito núcleo Padre Domenico Martinelli, por elle foi celebrada a primeira missa no referido logar, á qual assistirão sua Excelencia o Senhor Presidente desta Província Doutor Affonso Peixoto de Abreu Lima...

A seguir são listados nomes de diversas pessoas que assistiram à celebração.

Diz Ruschi, p. 248:

Por este auto lavrado da missa realizada em 15 de agosto de 1877, sob a invocação de Santo Affonso, nitidamente constata-se do interesse havido por parte de pessoas alheias aos emigrantes, que se desse o nome de Santo Affonso, não só a Igreja mas ainda ao local, não importando que o povoado tivesse o nome de Santa Theresa, tendo a padroeira eleita ainda em 1875, Santa Theresa d'Avilla; talvez haja fundamento em se acreditar que o nome pretendido de Santo Affonso, tenha sido por ser o nome do Presidente da Província, o Dr. Affonso Peixotto de Abreu Lima, Presidente da Província em 1877.



Padre Domenico Martinelli, que celebrou a primeira missa em Santa Teresa.
(Fotografia obtida em: GROSSELLI, Renzo M. **Colonie Imperiali nella terra del caffè**, p. 91)

2 - Em A VOZ DO SEMINÁRIO, Ano XXI - nº 255 - Outubro de 1999, Ana Zita Belumat Reisen conta a seguinte versão:

A história conta: “Foi em plena primavera, no dia 15 de outubro, enquanto os imigrantes se reuniam à hora do Angelus, à sombra do Pau-Peba... Eis que uma devota coloca ali um quadro com a imagem de Santa Teresa, trazido de sua pátria. Desde então todas as tardes, os imigrantes reuniam-se embaixo da árvore e cantavam as Ave-Marias.” Por esse motivo a Vila ficou conhecida como Santa Teresa.

Tal quadro foi trazido da Itália, em 1845¹, por Cirillo Belumat e Ana Corum Belumat, nascidos em Novaledo. Ana ganhou o quadro de uma prima. Com a construção da capela e a chegada da imagem de Santa Teresa, o quadro voltou à casa de Cirillo e Ana, onde estes rezavam, diante do quadro, o terço em família.

Com o passar dos anos, eles envelheceram e faleceram. Antes disso passaram o quadro aos cuidados do filho caçula, Marcelino Belumat, e sua esposa Teresa Bersani Belumat. O casal colocou o quadro na sala de visitas e manteve a tradição da reza do terço. Ao falecer, há 21 anos, Marcelino deixou o quadro, de gravura impressa e moldura de madeira rústica, aos cuidados do filho João Batista Belumat.

Por ser simples o quadro não possui valor financeiro, mas representa uma herança para a família Belumat.

À direita, o quadro citado no texto acima e fotografado pelo grupo de pesquisa, em 19/05/2000.

As dimensões externas, incluída a moldura, são de 55 x 68 cm.

Seria esse o mesmo quadro citado por Augusto Ruschi na página anterior? O jornalista Isimbardo Peixoto, publicou no jornal **Progresso**, de Cachoeiro de Itapemirim, em 30/11/1925, uma entrevista com Antônio Roatti, “um velhinho que conta com uns oitenta annos de idade”, que falou: “De repente, porém, uma mulher appareceu no meio dos seus companheiros de jornada, trazendo entre as mãos um **quadrinho** e nelle via-se uma pequena e rustica gravura representando Santa Thereza.” (O grifo é nosso).



3 - Frederico Müller, em **Fundação e fatos históricos de Santa Teresa** conta, p. 19 e 20:

Fez-se o sorteio e entrega das terras precisamente no dia 26 de junho de 1875, de São Vigilio. Estava, por isso, fundada Santa Teresa?

Podia sê-lo, e muito bem, porque o fato histórico aí está.

Mas, pelo que nos consta, São Vigilio não tinha a devoção de von Lipes², ou, ao menos, o saudoso Virgílio Lambert não tinha as boas graças do vice-diretor.

Profundamente religioso e justo, o aventureiro da sorte trentino deve ter sofrido muito com isso, pois tudo tentou o pobre homem para fazer vingar o santo querido, que, além de ser o de seu nome, era o padroeiro de sua terra natal!

A verdade é que a povoação que aos poucos surgia, humilde, simples e coberta de palmas, do meio dos destroços dos gigantes da floresta abatidos, estava destinada a receber o nome de Santa Teresa.

¹ A data é 1875.

² von Lipes ou Von Lipp, alemão, Vice-Diretor de Imigração, agrimensor, funcionário do Governo, Vice-Diretor de Colonização, oficial do exército regular austríaco - Derenzi e Müller.

Na narração das tentativas de construção da igreja da localidade, Müller, p. 40:

Então, de esmola a esmola, concluíram eles próprios o nosso primeiro templo de religião católica, em cujo frontispício lia-se a inscrição *Duomo dedicato a San Vigilio*.

No dia 26 de junho de 1880 (outra vez S. Vigilio), benzeu o mesmo sacerdote a nova igreja e nela celebrou a primeira missa.

(O referido sacerdote é o Padre Domenico Martinelli.)

4 - Na mesma obra, página 20, Müller apresenta uma outra versão para que a localidade recebesse o nome de Santa Teresa:

E porque o nome da santa que em vida foi a esposa espiritual de Jesus?

Por uma circunstância muito simples, cheia de encanto e poesia.

Da grande derrubada de árvores seculares feita em nome do progresso e da civilização, uma única, bem na encosta do morro onde se ergue, hoje, a Matriz, respeitaram os valentes machados.

Era um soberbo pau-peba, muito alto, erguendo para o céu a “cabeleira basta e densa” dos seus ramos e folhas, capaz de abrigar, na sua doce sombra, um numeroso grupo de fiéis.

Nos dias santos parecia à imaginação dos crentes que o imponente espécime da nossa flora se comprazesse com eles, sacudindo galhardamente, em um rumor esquisito, a densa e vasta folhagem...

Isolados, esquecidos e cheios de nostalgia, havia a afligir ainda mais a alma dos nossos heróis a falta de um templo sagrado que os pudesse consolar; onde, em sacrifício, pudessem oferecer as suas dores, as suas misérias, e as desilusões ao único Ente que ainda não os havia abandonado, que ainda lhes estendia, misericordioso, o braço da Fé e da Esperança!

E foi em plena primavera, por um dia de festa, certamente no de Santa Teresa - 15 de outubro de 1875 - que a árvore mais atraente parecia.

O sol, dominando o espaço límpido, derramava uma luz forte e brilhante que dava em cheio no misterioso pau-peba. E “pela transparência das folhas descia uma claridade discreta, e nessa suave iluminação...” devia desenrolar-se a doce história do nome da nossa Vila!

Um raio de luz mais vivo punha em relevo uma cavidade que a árvore tinha num dos lados, cavidade a que os efeitos de luz e os exageros da imaginação davam o aspecto perfeito de um nicho.

Eis que uma devota aparece com uma imagem de Santa Teresa e a coloca no altar silvestre e encantado...

Desde esse memorável dia, todas as tardes, enquanto o sol se escondia além, muito além das montanhas, embaixo da árvore misteriosa, cantavam-se as Ave-Marias...

À direita, a reprodução de uma gravura cedida pela CASA AUGUSTO RUSCHI - Projeto Arca de Noé, obtida a partir de uma fotografia da imagem que teria sido aquela colocada no pau-peba, segundo consta da narrativa supra.

Algumas pessoas afirmam que essa imagem ainda existe, porém, não encontramos seu paradeiro, apesar de diversas tentativas nesse sentido.

Vale destacar a sublimidade dessa versão e refletir sobre o poder da linguagem a serviço da história.



O NOME: SANTA TERESA

5 - Luiz Carlos Biasutti, em **No coração capixaba**, p. 55 e 56, dedica página e meia à origem do nome de Santa Teresa. De lá extraímos:

Tanto Enrico Ruschi como Augusto Ruschi sustentam a história de que uma devota teria colocado a imagem de Santa Teresa d'Ávila no oco do pau-peba frondoso, onde os fiéis rezavam à tarde, na hora do Ángelus. (...) Ainda em 15 de outubro de 1939, o "Chanaan-Jornal" repetia a tese de Frederico Muller, de acordo com os manuscritos de Virgílio Lambert, do pau-peba e da devota que colocou, no dia 15 de outubro de 1875, o quadro de Santa Teresa d'Ávila, santa do dia, conforme o calendário religioso. No Livro do Tombo n. II, pág. 28, Frei Dionísio de Monterosso anotou que o nome da devota era Lúcia Zonta.

... A imagem foi adquirida na Europa, no Porto de Havre, França, por Dona Teresa Roatti, e colocada no oco do pau-peba por Teresa Zonta. Conforme Augusto Ruschi (op. cit.), a imagem tem 35 cm de altura. Já o quadro de Santa Teresa foi adquirido na Itália em 1877 e colocado na capela primitiva no mesmo ano.

(A imagem citada no último parágrafo seria a que consta da página anterior.)

6 - Ainda Biasutti, no livro acima referido, p. 53, citando Maria Stella de Novaes, em **Os italianos e seus descendentes no Espírito Santo**, registra:

No confronto de relatórios, datas e notícias, podemos afirmar que o **nome de Santa Teresa, para o lugar**, relaciona-se com a homenagem ao casamento do Sr. Dom Pedro com a Sra. Dona Teresa Cristina Maria. No relatório de 1871, o Presidente da Província, Francisco Ferreira Correia, dizia: "**A estrada de Santa Teresa** tem custado imensos sacrifícios de força de vontade e dinheiro". Em 1874, a imprensa noticiava "estar adiantada a **estrada de Santa Teresa**, iniciada a 4 de setembro de 1848, a esforços do Presidente Antônio Pereira Pinto. Partia das margens do Rio Santa Maria da Vitória e seu traçado deveria alcançar a Vila de Coieté, em Minas Gerais". Já em 1854, dizia o Presidente Sebastião Machado Nunes: "Ao encerrar a administração da Província, achei parados os trabalhos da abertura da **estrada de Santa Teresa**".

Já Luiz Serafim Derenzi, em **Os italianos no estado do Espírito Santo**, p. 33, conta:

... Seu substituto, Antônio Pereira Pinto, cumpriu o mandato do ministério da Agricultura, Indústria, Comércio e Colonização, mandando que se construísse estrada para as bandas de Cuieté, no médio Rio Doce, onde ainda se faiscava ouro. Recebeu o nome de **Estrada de Santa Tereza**, não galgava a serra do Timbuí e **nehuma relação teve com a vila do mesmo nome**.

Maria Stella de Novaes, agora em **História do Espírito Santo**, p. 199, escreveu:

— A 14 de junho de 1848, foi nomeado Presidente da Província o Dr. Antônio Pereira Pinto. (...) Pelos seus esforços, iniciou-se, a 4 de setembro do mesmo ano, a **Estrada de Santa Teresa** (...) O dia 4 de setembro, escolhido para o início da estrada, representava homenagem ao aniversário do casamento do Sr. Dom Pedro II com a **Imperatriz Teresa Cristina Maria** (...) Houve modificação do traçado inicial, a fim de alcançar um ponto escolhido para uma colônia de imigrantes italianos (...) Seria a Colônia de Santa Teresa.

Se a primeira grande estrada havia recebido o nome de São Pedro de Alcântara, em homenagem ao Imperador, justo foi dar-se à segunda o nome de **Santa Teresa**, em homenagem à **Imperatriz**, sua Augusta esposa.

Nota: Os grifos são nossos.

Neste item, como se pode observar, pode ter acontecido uma confusão entre o nome da estrada e o nome da localidade.

O NOME: SANTA TERESA

Não considerando a cronologia dos fatos, fica patente, com base nas citações anteriores, que a cidade e o município de Santa Teresa poderiam ter recebido outras designações, a saber:

Pelo item 1: **SANTO AFFONSO**

Pelo item 2: **SANTA TERESA**, por causa do quadro da santa de mesmo nome.

Pelo item 3: **SÃO VIRGÍLIO**

Pelo item 4: **SANTA TERESA**, por causa da imagem da santa de mesmo nome.

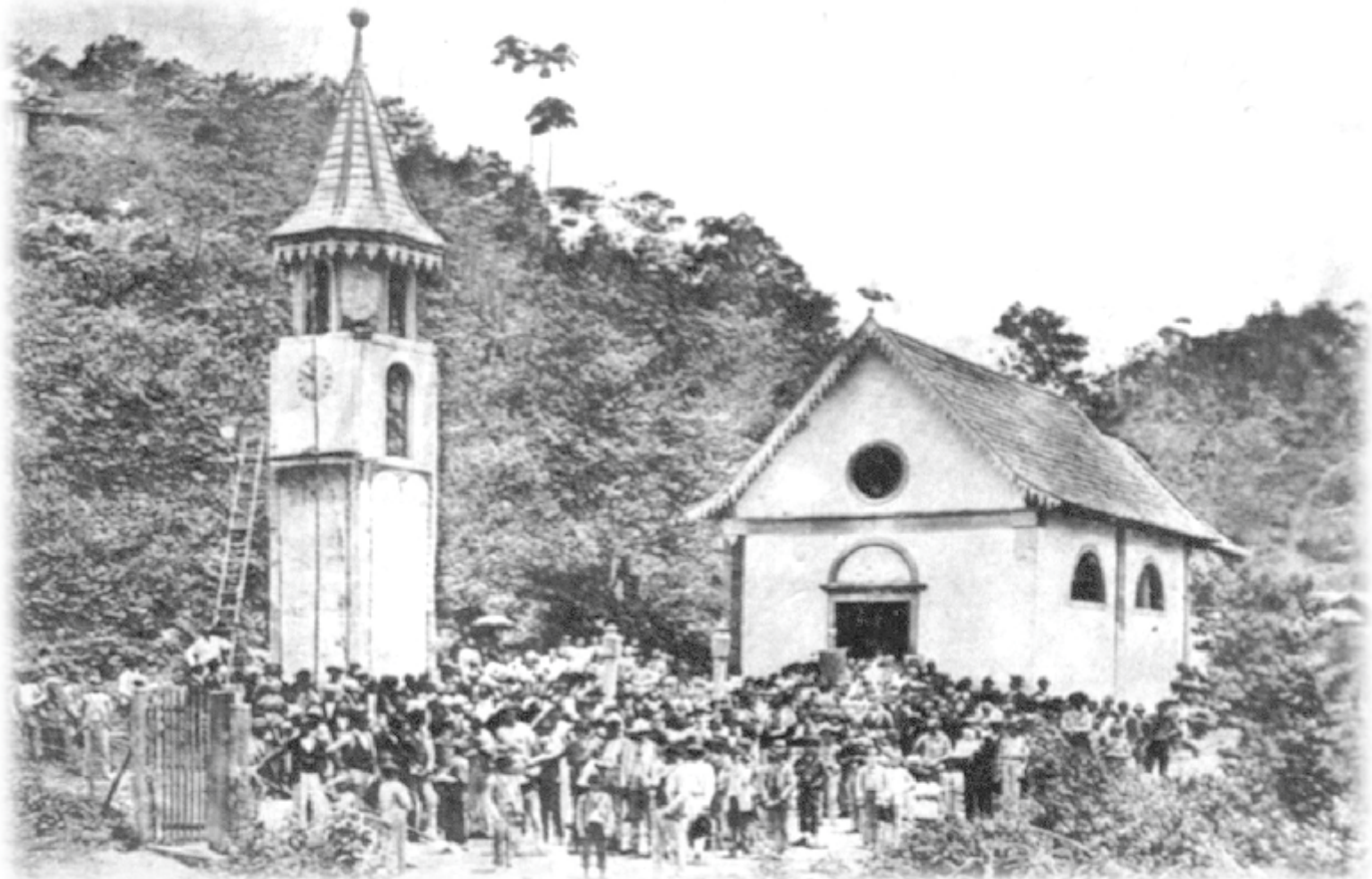
Pelo item 5: **SANTA TERESA**, pelo quadro e pela imagem.

Pelo item 6: **SANTA TERESA**, em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina.

Na verdade, podem ser notadas algumas repetições, conclusões baseadas em mesmas fontes... porém, em cada item, surge uma nova versão, novos dados, novos nomes, enfim, novos argumentos para o alinhavo da história e seu enriquecimento. E a observação da realidade assume novas roupagens, dependendo do olhar de quem as “veste”.

A MATRIZ DE SANTA TERESA

Em **Fundação e fatos históricos de Santa Teresa**, Frederico Müller comenta, p. 38 a 41: “... achamo-nos diante de um claro, aberto entre 1877 e 1880, quando terminaram as obras da nossa primeira igreja.”



(Foto constante na versão original do livro de Frederico Müller, **Fundação e factos históricos de Santa Thereza**, de 1925, p. 15, com a denominação de “A antiga matriz”. Não consta, na obra, registro da fonte.)

Citando Müller, textualmente, nas páginas acima mencionadas:

Achamos interessante narrar as tentativas que a respeito se fizeram.

Devia ser o seu promotor o mesmo Virgílio Lambert, que por vezes mencionamos. Pediu ele licença a von Lipes para erigir uma capelinha, num lugar bem elevado, no morro onde está a atual Matriz. Estava o humilde santuário em condições de ser coberto, quando todos o acharam muito alto, de difícil e penoso acesso. Por esse tempo chegava, como dissemos, o Padre Martinelli.

Pois bem, demolida que foi a capelinha, fez-se um largo à beira do rio, na atual horta do Antonio Roatti e aí foi celebrada, pelo virtuoso sacerdote, num altar armado por baixo de uns pés de palmito que ali havia, a primeira missa em Santa Teresa. (27 de junho de 1876).¹

A intenção dos fiéis era elevarem ali a igreja; mas também esse local não agradou por ser talvez muito baixo e exposto às enchentes.

Quiseram, então, fazer a construção na estrada de S. Pedro, logo no alto, mas ali também não agradando, arrancaram os esteios e transportaram-nos para a estrada que dá para o Timbuí, no pasto de Jeronimo Vervloet, e aí, mais ou menos onde existe um rancho, decidiram fazer a ambicionada igreja. Acontece, porém, que ao passo que as obras iam adiantando, cresciam as opiniões contra esse local também, e tanta foi a oposição, que mais uma vez demoliram tudo. Antes disso, quis o Padre Martinelli celebrar uma missa, mesmo nas condições em que se achavam as obras, que ainda tinham por cobertura o grande azul do céu.

¹ A mencionada data conflita com a citada na página 22, no **Auto relativo à celebração da primeira missa neste núcleo**.

A MATRIZ DE SANTA TERESA

Arrancados novamente os esteios, levaram-nos para o local onde se acha a Matriz e, ali levantaram, finalmente, a casa de Deus.

Iam os trabalhos bastante adiantados - às expensas do Governo - quando chegou a notícia da emancipação dos imigrantes, isto é, a sua plena liberdade de trabalho e iniciativa. Então, de esmola a esmola, concluíram eles próprios o nosso primeiro templo de religião católica, em cujo frontispício lia-se a inscrição *Duomo dedicato a San Vigilio*.

No dia 26 de junho de 1880 (outra vez S. Vigílio), benzeu o mesmo sacerdote a nova igreja e nela celebrou a primeira missa.

A seu lado levantaram um modesto campanário, cujos sinos foram oferecidos pelo Imperador D. Pedro II. Servem hoje à matriz.

No **Chanaan-JORNAL** de 15 de outubro de 1937, uma pequena diferença quanto ao local de celebração da primeira missa: “No dia 27 de Junho de 1876 foi celebrada por P. Martinelli a primeira missa, num altar armado á palmitos na horta de Antonio Roatti”.

Assim, não temos certeza quanto ao fato de a primeira missa ter sido celebrada “**num altar armado por baixo de uns pés de palmito**” ou “**num altar armado a palmitos**”.

Luiz Serafim Derenzi, em **Os italianos no estado do Espírito Santo**, p. 102, diz que “Em 1880 ficaram concluídas as obras de uma modesta igreja, na qual foi aposta a pomposa inscrição: - DUOMO DEDICATO A SAN VIRGILIO - Foi em 26 de junho que nela se celebrou a primeira missa. O Imperador Pedro II, mandou os sinos do campanário, que hoje servem à Matriz da Cidade.”

A mesma história contada pelo **Chanaan-JORNAL**:

Desde então foi sempre vivo e ardente o desejo em todos os colonos de construir uma capella, futura Matriz. Em diversos logares foi começada, ou quasi construida a igreja: onde está actualmente, no terreno de Roatti, no alto do Vallão S. Pedro, nos terrenos de Jeronymo Vervloet. Mas nunca havia a adesão de todos. Finalmente foram todos de accordo a levantar a casa de Deus lá onde tinha começado o culto a S. Thereza, perto do páu-péba, lá onde está actualmente a monumental Matriz. Com o concurso de todos, foi concluido nosso primeiro templo catholico, tendo a seu lado um modesto campanario, cujos sinos foram offerecidos pelo Imperador D. Pedro II. Os mesmos servem hoje á matriz. No dia 26 de Junho de 1880, o P. Domenico Martinelli benzeu a primeira igreja e celebrou a primeira missa.

Do **Livro do Tombo** da Matriz de Santa Teresa, v.1, folha 2, verso, reproduzimos, imitando o original, com seus negritos, itálicos, etc., o texto escrito em nanquim:

D. João Baptista Correa Nery por mercê de **Deus e da Santa Sé Apostolica** Bispo do Estado do **Espirito Santo**.

A todos que esta Portaria virem, Saudação. Paz e Benção em o Senhor.

*Attendendo as necessidades espirituas dos fieis residentes no Municipio de **S. Thereza** e a muita distancia das sedes parochiaes existentes, havemos por bem, usando das faculdades tridentinas, elevar a **Egreja do S.S. Coração de Maria** erecta em **S. Thereza**, a cathegoria de **Egreja Parochial**, sob a invocação de **S. Thereza**, que será seu orago.*

*Outosim creamos a Parochia de S. Thereza, com as divisas civis existentes do actual Municipio de S. Thereza ate ulterior deliberação, confinando com os Municipios de **Affonso Claudio, S. Izabel, Cachoeiro, Santa Cruz, Nova Almeida e Linhares**; ficando com todos os onus, direitos e prerogativas parochiaes. Esta Nossa Portaria será lida a estação da Missa Parochial, archivada em Nossa Camara e transcriptas no livro do Tombo da Parochia de S. Thereza.*

O Rev. Parocho enviará copias desta a todos os Vigarios visinhos para seo conhecimento.

Dada e passada em Visita Pastoral aos 25 de Fevereiro de 1898, sub o signal e Sello de Nossas Firmas.

No mesmo livro, folha 8, frente, temos que, em 31 de dezembro de 1900, foi inaugurada na Igreja Matriz uma Cruz “do comprimento de m 2,20”.

A MATRIZ DE SANTA TERESA

No **Livro do Tombo** de Santa Teresa, v. 1, folha 1, lemos que em 19 de fevereiro de 1898, “às 6 horas da tarde pouco mais ou menos” o Bispo D. João Baptista Correa Nery chegou a Santa Teresa. Cumprindo sua programação, no dia 25 expediu a Provisão que criava definitivamente a nova Paróquia de Santa Teresa, do Bispado do Estado do Espírito Santo. O primeiro Vigário foi o Padre Marcellino Moroni D’Agnadello, sacerdote italiano da Diocese de Cremona, Itália.

Padre Marcellino Moroni D’Agnadello,
primeiro Vigário de Santa Teresa, em foto obtida no
**Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello
Leitão**. Número Especial, de Augusto Ruschi.



Na mesma folha, já é comentada a situação da capela existente e recomendada, pelo Bispo D. João, a construção de um novo templo:

A Capella actualmente existente é insufficiente para o serviço do culto religioso.
Alem de ser a sua construcção muito ligeira e fraca não tem accomodação.
Muito recomendamos aos bons fieis da parochia de Santa Thereza a fundação da Matriz o mais depressa que seja possivel.
(...)
Dada e passada em Visita Pastoral de Santa Thereza, aos 27 de Fevereiro de 1898.

+ João, Bispo Diocesano

No **Livro do Tombo**, v. 1, folhas 27, verso, e 28, frente, consta a Visita Pastoral de Dom Fernando de Souza Monteiro em 1905, quando falou:

Tivemos o desprazer de verificar o lastimoso estado da Matriz (...) De tudo quanto vimos e ouvimos julgamos coram Domino, fazer os seguintes mandamentos: 1º- Ordenamos que seja fechada ao culto a actual Matriz em razão do estado de ruina em que se acha, e que d'allí sejam retiradas desde já as Santas Imagens, as alfaias, a pia baptismal e todos os objetos sagrados...

Temos, então, a seguinte ordem na história da “Antiga Matriz”, foto da página 27:

- 1 - Foi a primeira igreja construída em Santa Teresa (ou a primeira da qual se tem registro), e foi concluída em 1880.
- 2 - Foi denominada DUOMO DEDICATO A SAN VIGILIO (os SAN VIRGILIO).
- 3 - Em algum momento, passou a ser denominada Igreja do S. S. Coração de Maria.
- 4 - Em 25 de fevereiro de 1898, portanto, após oito anos de sua construção, passou a ser denominada Igreja Paroquial de Santa Teresa.
- 5 - Nessa mesma data, fevereiro de 1898, foi considerada insuficiente para o culto e teve recomendada a sua substituição.

A MATRIZ DE SANTA TERESA

Em 1901, cem anos atrás, era formada uma comissão para administrar a construção da nova Matriz, em atenção às recomendações do Bispo.

Consta no **Livro do Tombo**, v. 1, na folha 9, verso:

Construção da nova Matriz

Em obsequio as ordens dadas por S. Ex. Rev^{mo} o Bispo Diocesano D. João Corrêa Nery em ocasião de sua primeira visita Pastoral nesta Parochia missionarios Capuchinhos **Frei Eugenio** Vigario, e **Frei Caetano** coadiutor, logo chegados, logo chegados riunirão todas as forças moraes para dar principio a construcção de uma nova Igreja Matriz. No mez de Maio de 1901, o Frei Eugenio convidou e riuniu todos os Chefes de familia desta Villa e dos proximos arredores em Casa dos Senhores Serratt e Villanova, lhes espoz a necessidade que havia de se construir uma nova Igreja e escolheu uma Commissão a qual foi approvada unanimamente pelo povo, para se interessar sobre a dita fabrica. Tal Commissão foi assim composta: Presidente Jeronymo Vervloet - Thesoreiro Carlos Avancini - Director das obras - Frei Eugenio Vice Director José Ruschi - D^o Ant. de Araujo Aguirre - Antonio Roatti - Fortunato Broilo - Francisco Villanova - Vergilio Lamber - Alesandro Filippe - Cyrillo Bellumat - Celeste Martinelli - Giovanni Galter - Euclide Medici - Pietro Gasparini - Antonio Perini - Cesare Gasparini.

No dia 1 de Junho de 1902, foi lançada a primeira pedra fundamental, benzida e assentada pelo Rev^{mo} Monsenhor Andre Casella, enviado e representante do Monsenhor Bispo Diocesano D. Fernande de Souza Monteiro, assistido pelo Rev^{mo} Padre Leopoldo... (nome ilegível) Vigario de Santa Leopoldina e por todos os Frades Cappuchinhos aqui residentes. Alem de mais de cinco mil pessoas que assistirao ao bencimento e lançamento da primeira pedra em apposita tribuna presenciara o R. Consul Italiano Cav. R. Rizzetto, o Presidente do Governo Municipal Coronel Carlos Avancini, os Governadores do Governo Municipal representados pelo Governador Antonio de Araujo Aguirre e pelo Secretario Alfredo Pedro Rabaioli, e outros distintos cavaleiros e Senhoras desta Villa, de Victoria e de Santa Leopoldina. Acabada a função religiosa do bencimento da 1^a pedra, Mons. Casella benzeu a Estatua de Santa Thereza, presente feito a Igreja pelo Exmo Bispo Diocesano D. Fernande. Sahu a procissão levando as Estatuas e o S. C. de Maria e de Santa Thereza em signal de regosijo. Tudo correu com ordem e piedade religiosa. No dia dois de Junho do mesmo anno sob a direcção do Ilmo Senhor Eng. Guglielmo Oates deu-se principio a nova fabrica, cujo desenho foi feito gratuitamente pelo Senhor Eng. Oates, como tambem gratuitamente prestou-se da direcção da construção dos alicerces.

A seguir, algumas datas e fatos relativos à construção da nova Matriz, retirados do **Livro do Tombo** (transcritos como no original).

Fl 28, verso, falando da Visita Pastoral do Bispo Dom Fernando, em 30 de maio de 1905:

Queremos e ordenamos que todas as Capellas da Parochia auxiliem o Rvmo. Vigario na construcção da nova Matriz, sob pena de perderem sua provisão; deixando á prudencia do Rvmo e zeloso Vigario determinar a quantia com que devem concorrer para os trabalhos da Matriz.

Fl 38, verso, registra a necessidade de modificação da planta original, devendo ser retirada a cúpula, pelas dificuldades financeiras causadas pela crise do café. Durante uma fase da construção, em 1912, as missas foram celebradas na Capela de N. S. da Conceição, dos Lambert. Diz o livro:

Finalmente finda a fabrica e coberta metade a Nova Igreja nesta foi preparada uma Capella e um altar. Agora tudo está parado, apesar da nossa boa vontade de querer continuar... até quando? Deus só o sabe.

Fl 47 vs: Neste anno 1914 foi completado o soalho da Igreja Matriz, inaugurado o Altar de São Francisco, construidos o passeio e o paredão que dão na Rua Moniz Freire.

Fl 49 vs: No dia 8 de Abril de 1917, Domingo de Paschoa, foi inaugurado o Altar do Sagrado Coração de Jesus, sendo tudo, tanto a Imagem como o altar, a expensas dos benemeritos benfeitores Sr. J. Reisen e sua senhora D. Maria Avancini.

Fl 51 ft: No dia 31 de Março de 1918, Domingo de Paschoa, foi inaugurado, com toda a solemnidade que se pode imaginar, o Altar mor da nossa Igreja Matriz de S. Thereza.

A MATRIZ DE SANTA TERESA

- Fl 54 ft: No dia quatorze do mez de Outubro de mil novecentos e dezenove foi pelo Exmo e Rvmo Snr. Bispo Diocesano D. Benedicto Alves de Souza consagrado o altar mor, e benta a Pia-Baptismal da Igreja Matriz desta Parochia.
- Fl 56 ft: No mez de Setembro foram iniciados os trabalhos para conclusão das obras da Igreja Matriz, principalmente da fachada, a fim de estar prompta para a celebração do Centenario da Independencia do Brasil em 1922.
- Fl 57 ft: No dia 19 de Fevereiro de 1922 com toda pompa foi inaugurado na Igreja Matriz de S. Thereza o altar de S. Lucia, que foi construido todo a expensas da Exma D. Lucia Avancini Vervloet... (Foto na página 107).
- Fl 57 vs: No dia 7 de Setembro de 1922 na Igreja Matriz houve Missa solene inaugurando-se o Altar de S. Roque (...) Nesse dia foi tambem inaugurada a nova torre da Igreja, onde foram collocados os dois sinos velhos e um novo de 157 kilos, doado pelo Sr. José Reisen.
- Fl 58 vs: Com muita concurrencia de fieis no dia 13 de Outubro de 1922 foi collocada a nova Via Sacra, revestindo-se o acto de muita solenidade, tendo havido dois paranimphos por cada quadro.
- fl 58 vs: Á expensas das Exmas Senras D. Anselma Broilo - D. Maria Broilo e D. Italia Broilo foi construido um throno para a collocação definitiva da Imagem grande de S. Thereza, que como foi dito em outro lugar fora offerecido a Igreja por D. Barbara Broilo. O throno foi inaugurado no dia 14 de Outubro, vespera da festa de S. Thereza, sendo nessa occasião tambem inaugurada a cantoria, com a qual a Igreja ficou completa por dentro.
- Fl 58 vs: Devendo-se retirar de S. Thereza o P. Frei Gaspar de Modica, este no fim de Dezembro de 1922, de accordo com a Commissão das obras, contractou com o Sr. Baptista Bellini o resto da fachada, deixando o dinheiro necessario para a execução do contracto, com o fim de aquella ficar prompta para a Paschoa de 1923. Os trabalhos tem sido dirigidos pelo Agrimensor Sr. José Ruschi, e este prestou os seus relevantes serviços sem remuneração de especie alguma.
- Fl 58 vs, 1922: A Exma D. Anselma Broilo Vervloet fez á Matriz a offerta de um bello lustre com 16 lampadas electricas, despendendo um conto de reis.
- Fl 60 ft, 1923: Terminados em Maio os trabalhos da fachada da igreja Matriz, o Vigario riunida a Commissão tratou da construcção da Escadaria, obra de grande necessidade que foi orçada em 6:000 000 (seis contos).
- Fl 60 ft, 1923: No dia 1º de Agosto foi inaugurada a Escadaria da Matriz. O trabalho é optimo: solido e elegante.
- Fl 65 vs, 1925: No mez de Fevereiro foram iniciados os trabalhos para concluir as obras da Matriz nos lados afim de estar prompta para a celebração do “Cincoentenario da fundação de S. Thereza.
- Fl 66 ft, 1925: Na Igreja Matriz foi renovada a installação electrica, cada Capella tem um lustre e um ornado de pequenas lampadas, e cada quadro da Via Sacra tem um braço com duas lampadas.
- O segundo volume do **Livro do Tombo** teve o “Termo de Abertura” datado em 02 de março de 1931. Nele continuaram sendo feitos registros importantes da história da Matriz de Santa Teresa.
- Fl 1 vs, 1929: Foi inaugurado um magnifico harmonium vindo da Europa e de custo de quatro contos de reis.
- Fl 4 vs, dezembro de 1930: No dia oito, com grande pompa foi inaugurado pelo R^{mo} P. Provincial o ladrilhamento da Matrice (...) Foram inauguradas as imagens de S. Antonio e de S. Therezinha ...

E assim por diante...

A MATRIZ DE SANTA TERESA

Santa Teresa, com a Matriz antiga no centro da foto. Em 2 de junho de 1902 começaram as obras da nova Matriz. Portanto, o início da demolição da antiga deve ter acontecido em data próxima desse ano. As duas fotos desta página devem distar no tempo de quase 100 anos. Algumas casas ainda se mantêm, como mostrado, sendo habitadas normalmente.



Família Gasparini

Matriz

Inicialmente de Ricardo Loureiro e, posteriormente, de Leopoldo Biasutti.

Inicialmente pertencente a Manoel da Luz e, posteriormente, à família Zamprogno



Foto realizada em 2000, de posição próxima de onde foi tirada a do alto da página. A Matriz atual passou a ocupar área muito maior, incluindo a construção da Casa Paroquial.

Foto de José Alfredo Ferrari

A MATRIZ DE SANTA TERESA



Planta da Matriz de Santa Teresa, de autoria de Guglielmo Oates (assinado G. Oates). No canto superior esquerdo, a identificação “IGREJA Villa S. Thereza”. No alto, à direita, a informação “Fachada lateral”. Nesta planta, alterada em virtude de dificuldades financeiras decorrentes da crise do café, pode-se notar a cúpula, que não foi construída. (Foto obtida de planta pertencente ao acervo do Seminário Seráfico São Francisco de Assis, em Santa Teresa).

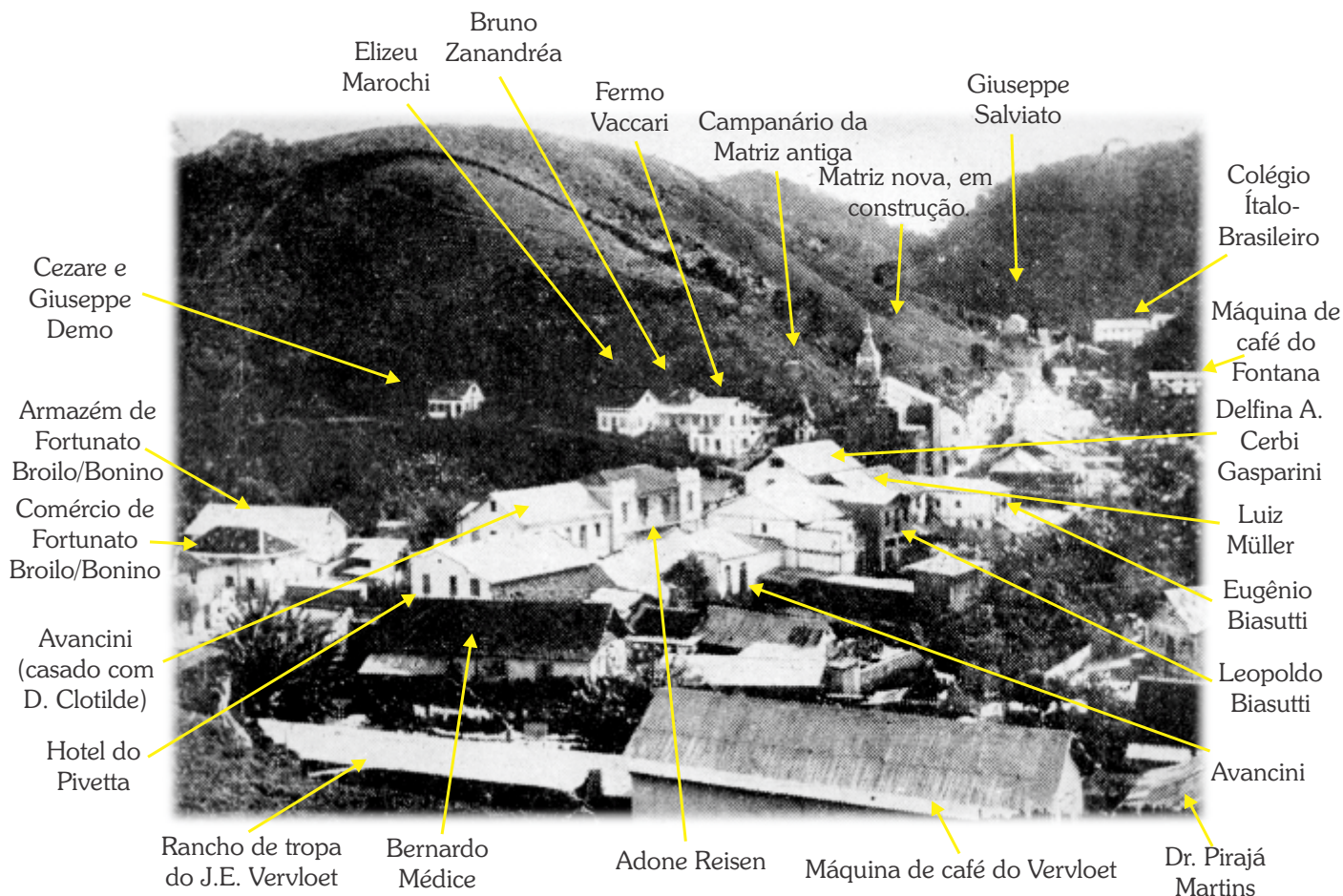
Nesta foto, vista de Santa Teresa com a nova (e atual) Matriz sendo edificada. Pode-se notar, no lado esquerdo da Matriz em construção, o campanário da Matriz antiga. Considerando-se a data de início da construção da nova Matriz (1902), podemos supor que esta foto retrata Santa Teresa nos idos de 1910, ou próximo. No alto, a neblina dominava a cidade nos tempos antigos, tempos de muito frio. (Foto obtida no Arquivo Público do Espírito Santo).



Campanário da antiga Matriz.

Matriz nova, em construção.

A MATRIZ DE SANTA TERESA

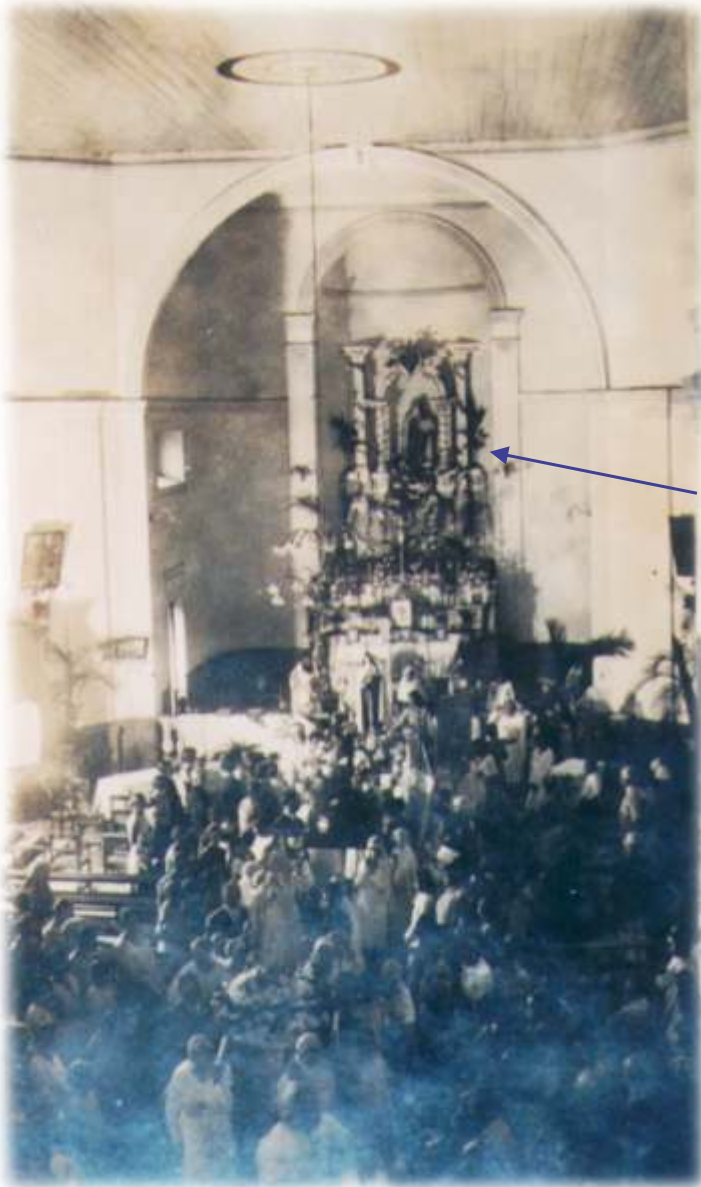


Acima, Santa Teresa em foto obtida no Arquivo Público do Espírito Santo, com identificação de construções feita por Victor Biasutti. Nesta foto, a nova Matriz está em fase de construção, mais adiantada do que a vista na página 33, já tendo recebido a torre principal, porém, ainda sem as pequenas torres laterais que podem ser vistas na foto abaixo. Ainda conviviam a nova Matriz e o campanário da Matriz antiga.

Abaixo, nova Matriz, em 1925. Já possui pequenas torres laterais e detalhes de acabamento. Posteriormente, foi acrescentada mais construção em sua parte posterior, como pode ser visto em foto atual (2000) na página 32. (Foto cedida por Victor Biasutti)



A MATRIZ DE SANTA TERESA



No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 5, frente, temos:

“Como lembrança dos bellissimos festejos foram tiradas pelo Sr Luiz Marrocchi estas photographias”.

As fotos citadas (são três) referem-se ao dia 08 de dezembro de 1930, quando foi inaugurado o ladrilhamento da Matriz.

Na foto à esquerda, cuja legenda diz “A Procissão que vae sahindo da Igreja”, podemos observar o altar com a imagem de Santa Teresa (a mesma imagem que hoje, ano 2000, ocupa o púlpito da esquerda da Matriz) e o forro de madeira.

Na foto abaixo, “A procissão na rua principal no acto de voltar para a Matriz”, observamos os andores com as imagens sendo carregados por moças ou senhoras. Na folha 4, verso, temos: “A procissão foi uma das mais solemnes que si realizaram nesta Parochia. Constou das immagens de S. Thereza, N. S. Immaculada, S. Antonio e S. Therezinha. A banda de musica de Patrimonio e os canticos das meninas e senhoritas deram o maior brilho á festa que começou com a communhão de 50 pessoas, missa cantada em musica e acabou com a bençam solemne...”.

No canto superior, à esquerda, pode ser vista a torre da Matriz (indicada pela seta).



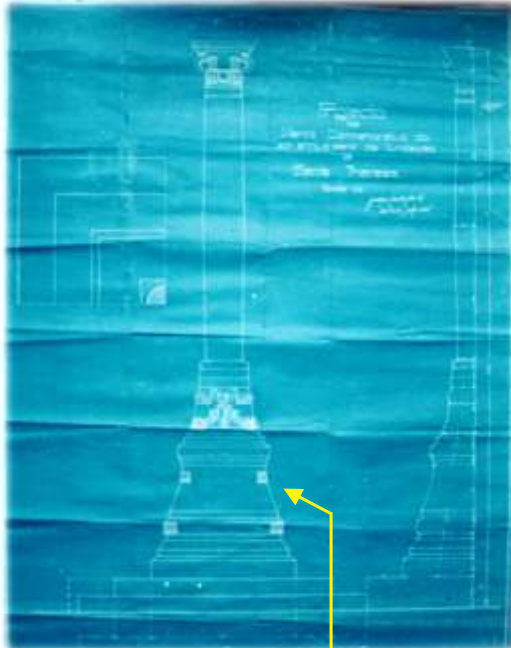
A MATRIZ DE SANTA TERESA



“**Cerimonia** da inauguração do Monumento e Lapide aos fundadores de Santa Thereza” (como no original).

Esse monumento e as lápides com os nomes dos fundadores ainda se encontram no espaço ao lado da Matriz (2000).

Na foto acima (**Livro do Tombo**, v. 1, folha 67, verso), durante os festejos em comemoração ao Cincoentenário de fundação de Santa Teresa, nos dias 14, 15 e 16 de novembro de 1925. Na folha 66, verso, consta do programa: “A’s 16 horas - Inauguração do Monumento levantado no largo da Matriz, conforme planta do Dr. Henrique Ruschi. Após a bençã far-se-ão ouvir os diversos oradores para cantarem o heroismo e os gestos dos primeiros moradores desta Villa.”



À esquerda, o “Projecto” do marco comemorativo do cincoentenário, elaborado pelo Dr. Henrique Ruschi. (Foto obtida a partir de planta pertencente ao acervo do Seminário Seráfico São Francisco de Assis).

Do jornal **Progresso**, de Cachoeiro de Itapemirim, Anno I, de 6 de dezembro de 1925, temos a seguinte nota do correspondente: “INAUGUROU-SE o monumento comemorativo do cincoentenario da fundação desta abençoada terra therezense - um artistico, imponente obelisco erigido ao lado direito da matriz e que, ostenta, bem la no alto o symbolo da fé e do christianismo - a Cruz.”

Abaixo, do **Livro do Tombo**, v. 1, folha 69, frente.

“A parochia de Santa Thereza; vista da sua fachada principal, logo que foram terminados os trabalhos da sua remodelação, na passagem do cincoentenario da fundação da villa.”

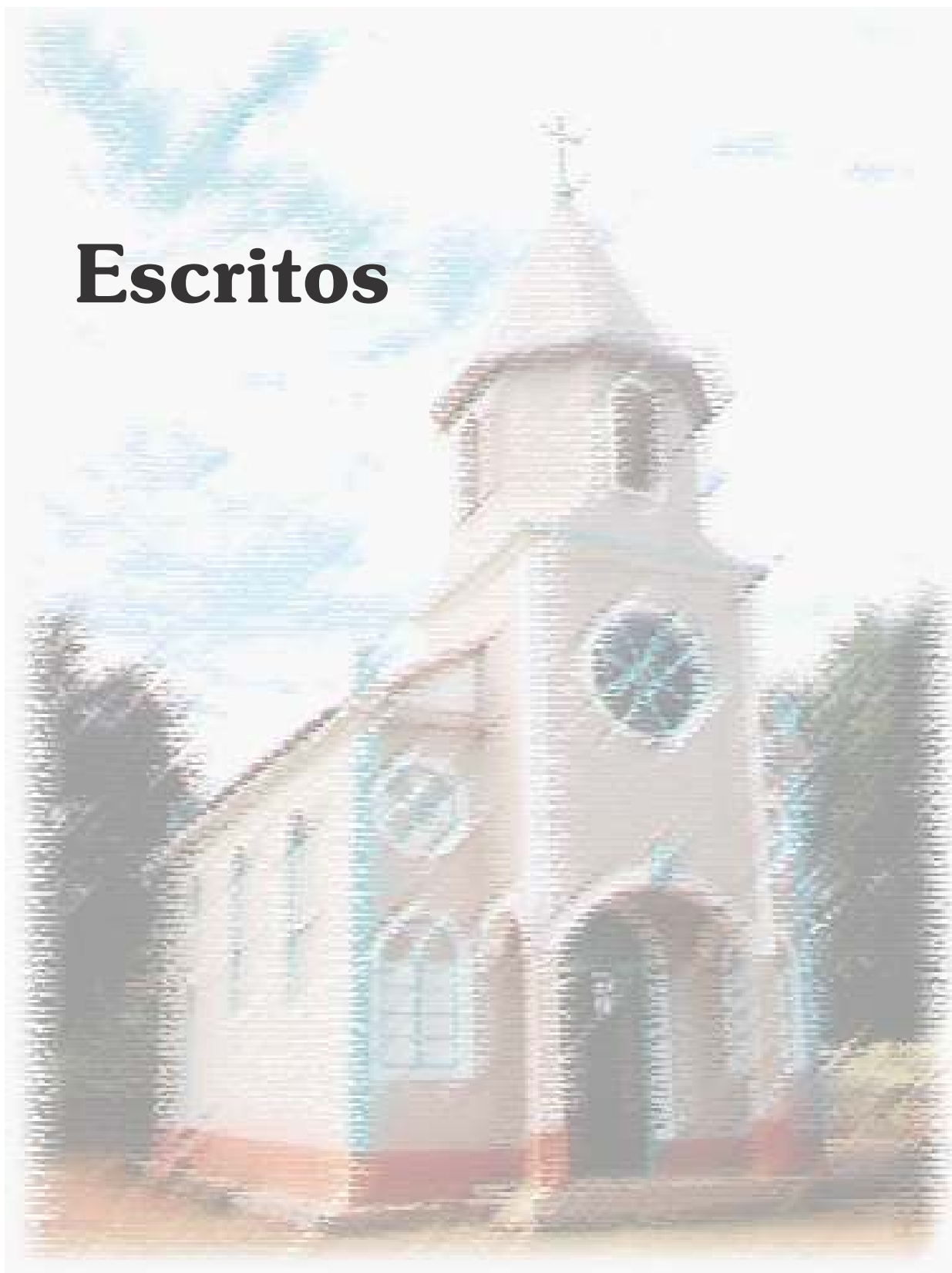
Notar que as portas laterais ainda não estavam prontas.



Esta foto registra “Momentos depois de terminadas as solemnes festas.” (**Tombo**, v. 1, folha 72, verso)



Escritos



É simplesmente impressionante como que, ao passar de tantos anos, os Oratórios, Capelas e Igrejas de Santa Teresa continuam preservados. São obras maravilhosas que foram registradas cuidadosamente pelos alunos e funcionários do Da Vinci. Apesar de serem atacadas por cupins, a beleza original ainda não foi destruída. Podemos observar o trabalho das pessoas que as construíram; afinal, são tão belas! São feitas de tijolos, barro, ou até mesmo pedra. Estão localizadas a diferentes pontos de altitude. As fotos registram tudo!

Uma ou outra chama mais a atenção, porque é diferente do padrão. Uma pequena capela possui na porta de entrada um texto em italiano, e uma gruta com velas, flores, uma imagem Santa e uma pessoa rezando em frente ao jardim, ao lado de um *trailer* de cachorro-quente, perto de um hospital.

Em Vitória ou em qualquer outra cidade grande brasileira, não é comum encontrar cartazes com dizeres religiosos como "Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre" ou "Espírito Santo, sabedoria divina". Nessas pequenas igrejas com nomes diferentes (Nossa Senhora do Caravaggio), encontramos vários desses cartazes.

Santos e mais santos estão em suportes de madeira nas paredes. Um convite para as fotografias. Altares chegam a possuir santos gigantescos; arranjos de flores belíssimas e bem cultivadas, tudo rodeado por pisca-pisca natalinos.

Nem todas as igrejas e oratórios são tão antigos como parecem ser. Há algumas de até três anos (uma das igrejas que encontramos, era datada de 20/07/1997, e outras nem data têm); outras que nem acabadas estão, mas que possuem arranjos de até cem anos. Há capelas tão miúdas que mal cabe muita gente nelas, mas em compensação, são muito bem enfeitadas.

Outra igreja se localiza ao lado de uma escola infantil (São Roque) e outra, perto do "nada", a aproximadamente 2.800 pés de altura, feita toda de pedra (referente à Santa dos Olhos). Dentro, há alguns centavos em dinheiro dos fiéis, troféus de jogos esportivos e até cortadores de grama.

Pudemos saber também que algumas igrejas foram construídas por italianos ou descendentes, pois, ao entrevistar um morador da cidade, seu sotaque não tinha nada de brasileiro. São todos muito humildes, mas tratam-nos com educação e respeito.

Esse projeto nos serviu para registrar coisas que nos passam despercebidas, apesar de serem tão importantes para outras pessoas. Pudemos observar que, no interior deste Estado, não há somente mata, montanhas, etc. Encontramos "ditas" miúdas construções religiosas, que conseguem "sobreviver" durante esses anos que passam lentamente, e nós nem pensamos nelas. Parece que não têm nenhum valor para a gente. Para a gente! As pessoas que moram lá dão valor a elas. E muito valor! Quem sabe algum dia, não possamos dar alguma atenção especial às Igrejas, Capelas e Oratórios do Município de Santa Teresa!

Igor Castro Bonani
Aluno da 6ª série B
do Centro Educacional Leonardo da Vinci
Viagem realizada no dia 26 de fevereiro de 2000

ENTRE OS TEMPOS E ENTRETEMPOS

(**Maria Helena Salviato Biasutti Pignaton**)

Que sentimento é esse que nos leva a visitar e revisitar pessoas, tempos, locais e cenários já vividos? Saudade? Mas o que seria a saudade? Simples vontade de retornar a vivências marcantes ou alimento para a sobrevivência?

Um álbum de retrato, turbilhão de sentimentos e recordações! ... Do que já não é igual; às vezes; do que não mais existe materialmente, outras tantas.

Pessoas, construções, imagens: o encontro entre quem recorda e o elemento recordado. A fusão de dois horizontes temporais. O passado cristalizado, resistindo aos efeitos devastadores do Tempo. O "agora", que nos faz refletir, pelo contato com o outro, sobre as permanências e mudanças operadas em nós. Tudo já não é mais igual, mas parece possuir as características atemporais semelhantes às suas, e às das suas lembranças. O tempo da memória e o tempo do presente, não se definem num jogo linear: abraçam-se, afastam-se, voltam a se abraçar, a afastar-se...

O que é mais vivo ou nos faz mais vivos: um álbum de fotografias que traz imagens iguais às da época que persiste na memória de quem a viveu, ou os elementos concretos, tridimensionais, que nos colocam diante de semelhanças e analogias, por que as sensações da memória o tempo levou? Não sei! Não sei... Quem saberia?

Lembro-me de Santa Teresa como se num álbum de fotografias... a Igreja Matriz tinha uma escadaria sem limites (na minha imaginação); a casa do Lambert não era isolada e fazia parte da estrada de nossas vidas; a estrada que levava ao Canaã não tinha o descampado da rodoviária e o Colégio Teresense não era uma construção para passagem, pois lá se chegava e ficava: a saída fazia-se pelo local de entrada. Tenho na memória essas saudades!!! Junto de muitas outras, num universo que as palavras não são capazes de "fotografar".

A escada ilimitada da Igreja Matriz precisou ceder lugar para outra edificação, que desse maior conforto e comodidade aos moradores teresenses; a casa do Lambert, se continuasse à beira do caminho, provavelmente correria riscos de abalo em sua estrutura; os viajantes não teriam onde se guardar ao abrigo do tempo e os que precisassem sair da cidade para a Capital teriam que enfrentar engarrafamentos ou riscos se, no antes Colégio Teresense, uma via de saída não tivesse sido aberta.

Lembro-me das pessoas de outrora também como se num álbum de fotografias. É como se pudesse congelá-las naquela época sagrada. Sei que o Tempo precisou passar para cada uma delas, como para mim. Sei também que muitas histórias de vida modificaram-se por causa das opções e imprevisibilidades do viver. E que, se tudo permanecesse como na minha memória, apenas a utopia daria sustentação às nossas vidas.

ENTRE OS TEMPOS E ENTRETEMPOS

Saí de Santa Teresa há muitos anos. Minhas lembranças e saudades fazem parte do meu imaginário pessoal, e não das necessidades para vivências e convivências do cotidiano da comunidade cidadã teresense. Tenho direito a sentimentos e pensamentos, não a teses em torno do observado e do sentido. Mas pelo sentimento de amor e orgulho que nutro pela minha terra natal, dou-me um direito de expressão: é preciso que sejam realizados esforços no sentido de não haver rupturas bruscas entre o passado e o presente. O modelo de sociedades é construído a partir do modelo de outras sociedades. Mas que "novas" sociedades sejam a continuidade da anterior, com as mudanças e permanências necessárias para que a integridade de seus seres seja preservada; caso contrário, não constituirão nova sociedade, e sim outras.

Que este "álbum de fotografias" sirva como recorte das iniciativas culturais que se podem pautar pelos rituais da memória. Não estivéssemos os cidadãos teresenses engajados nesse resgate, ninguém o poderia fazer por nós. Podemos nos limitar a enclausurar a memória num passado distante, mas podemos fazê-la viva, para interferir no futuro, à luz do presente.

Que este "álbum de fotografias", resultado de reflexões e ações, pesquisas e discussões de educadores e estudantes do Da Vinci, contribua como somador para o pensamento de seus leitores acerca do vigor das memórias culturais. E que não faça parte das manifestações finais de uma tendência.

Maria Helena Salviato Biasutti Pignaton é teresense e exerce a função de
Diretora do Centro Educacional Leonardo da Vinci

MEMÓRIA CULTURAL: UMA QUESTÃO DE UTOPIA?

(Paulo de Tarso Rezende Ayub)

Até que ponto a modernidade deve preservar a tradição, ou exercer antropofagia em relação ao que lhe antecedeu? Como estabelecer limites entre tradição e modernidade? Se é que essa dialética impacta a vida das pessoas, machuca ou favorece? Ou será que se trata de temática que interessa apenas aos aficionados pela arte, que abraçam as utopias e lhes dão contornos?

É oportuno notar como questões culturais e científicas já tão discutidas, rebatidas, revisitadas permanecem em aberto e voltam à tona em oportunidades as mais inesperadas. No decorrer do projeto que resultou na publicação deste livro, pudemos sentir de perto os efeitos do dilema universal entre tradição e modernidade. Em comunidades rurais e supostamente isoladas - mas que na verdade constituem pequenos recortes do mundo, metáforas das contradições que perpassam o homem -, o diálogo entre antigo e novo também não se dá com pacificidade.

Esse embate já refletiu quase que obsessivamente na Literatura, na Pintura, na Musicalidade, na Escultura, no Cinema, em suma, em diversas manifestações de arte, em sua tentativa de compreender a realidade ou extrapolá-la. O antigo pode assumir um caráter de atemporalidade, como se a singularidade das coisas pudesse resistir à linha do tempo; mas o adiante pode calar toda essa poeticidade e apagar o passado e seu "cheiro de mofo". O antigo pode ser reduzido apenas a um ritual memorialístico, ou sublimado a ponto de agraciar o novo com eflúvios que emanam do passado. Nessa seara, não há uma linearidade já alcançada, ou a se alcançar. Há, sim, inquietação de um lado, passividade do outro; consciência de alguns, alienação de outros. Os modernistas mais extremados sugeriam a destruição do antigo, mas ao mesmo tempo o revisitavam. Sem dúvida, o binômio tradição-modernidade não caminha por uma única vereda.

Mas será que todo esse devir, que incomoda tanto a Arte e, às vezes, é o que lhe dá maior consistência e suavidade pelo nervo da contradição, bate na porta da vida das pessoas com a mesma intensidade? Será que a preservação das memórias culturais (na forma de monumentos, edificações, objetos de arte ou registros gráficos/imagéticos), por vezes, não se torna uma imposição questionável? Investir no resgate e na conservação do passado, por essa via, assegura uma maior felicidade para as pessoas no presente?

Paradoxos e paradoxos...

Em algumas comunidades que visitamos (se não todas), a Igreja é uma síntese de todas as casas da região. É para lá que as pessoas convergem, com suas pluralidades, dilemas, felicidades e angústias. É o espaço da partilha; templo sagrado; oráculo; ponto de convergência. Natural, portanto, que as pessoas se preocupem em cuidar desse cenário, como se cuida da própria casa. E aí o dilema entre tradição e modernidade assume roupagens não muito diferentes das que já assumiram em outras dimensões, mas igualmente instigantes. Como diria o poeta Fernando Pessoa, é a eterna novidade do mundo: tudo revigora, jamais se repete. Estamos nós, num recorte do tempo, a nos inquietar com questões que já ecoaram na alma e mente de tantos.

Algumas comunidades decidiram derrubar as estruturas das construções antigas e o fizeram sem dor na consciência. Não agüentavam mais as emanações do guardado, a persistência dos cupins, a projeção da aparência "velha e caquética" no interior das pessoas. Ao entregar às comunidades novas instalações, com seus traçados em mármore e granito (por vezes lembrando gelo), com suas paredes mescladas de cores, com seus rebaixamentos de gesso a sepultar pinturas sublimes (mas já desgastadas pelo tempo), os líderes sentiam-se em estado de graça. A comunidade, também.

MEMÓRIA CULTURAL: UMA QUESTÃO DE UTOPIA?

Só não se pode precisar quantos se calaram e sofreram com as mudanças "impostas" (há sempre um grupo restrito a orquestrar as decisões). Os registros, às vezes, só dão conta de quem exterioriza suas percepções. Em uma das visitas que fizemos, desfrutamos a alegria da comunidade que havia reformado a Igreja; lamentavelmente, não pudemos adentrar o universo interior dos que preferiram se calar.

Em outras comunidades, a ruína das memórias culturais manifestada na desconsideração do acervo existente - não foi assim tão pacífica. Gerou dor, angústia, descompasso, segregação. Uma das igrejas visitadas parece uma escultura em miniatura do que há de mais moderno em arquitetura. A impessoalidade dos traçados; o excesso de granito; a troca do piso antigo por um piso que dá "menos trabalho para limpar" (nos dizeres de membros da comunidade); a derrubada do espaço reservado para o Coro (uma relíquia). Escondido num recanto, um suporte em jacarandá que antes servia para concentrar as mãos dos leitores: uma peça artesanal, com a beleza estética em pujança. Não mais cabia no espaço reformado - destoava; ficou tendo o mesmo valor que os bens rápidos de consumo que nos atacam e se despedem todos os dias. Foi substituído por uma construção em granito, tão impessoal como impessoal tenta ser a construção de concreto. Mas impessoal para quem e sob que perspectiva? Será que só as tradições têm uma personalidade? Até que ponto esses conceitos não são construídos pela ideologia de quem os vivencia? Nessa linha de pensamento, o que é propriamente nosso e o que seria reflexo de outras culturas e visões de mundo?

Em nossas andanças, pudemos nos deparar ainda com alguns bens culturais relegados ao esquecimento: pinturas e esculturas reveladoras, livros de registros e coletâneas de fotografias, peças artesanais e objetos de arte... O que para alguns cala na alma, tendo uma aura de sagrado, para outros assume a dimensão da insignificância.

No meio de todas essas contradições (que mais confundem e polemizam do que resolvem), a iniciativa deste projeto no sentido de constituir uma referência preciosa para a preservação das memórias culturais do Estado, por searas múltiplas, poderia ir à bancarrota. Sim, se considerássemos que a tendência à remodelação dos templos e o pouco espaço dedicado a movimentos de restauração ou iniciativas de conservação devem continuar a dar a tônica daqui para diante, poderíamos ser tentados a recuar. No entanto, há uma sensação de que essa tendência a tornar tudo efêmero aparece mais como reflexo de uma "alienação cultural" do que "propriamente uma manifestação de desejo". Se não se investe em cultura, como formar uma consciência cultural? Se não se preserva o passado, mesmo sabendo que ali se encontram as raízes para a compreensão da gênese de um povo, o que esperar do futuro? E economicamente não seria mais viável restaurar do que jogar por terra e reerguer? Mas se não há uma integração de forças em torno do memorialístico, a tendência é dar voz aos mais afoitos. Que por vezes, movidos pela urgência, esquecem-se de questões como razoabilidade, racionalidade, sensatez.

A intencionalidade deste projeto é gritar perante esse estado de coisas e clamar pela preservação também em sentido estrito, apesar das rotas contrárias, de todos os retrocessos e resistências, e mesmo diante do vigor das iniciativas pró-registros e ensaios fotográficos (o que não deixa de ser uma forma subliminar de preservação, mas que acaba sendo de acesso restrito a poucos). Sentimo-nos aptos a criticar a necessidade tantas vezes impensada de desconsiderar todo um acervo construído gradualmente, à custa dos sacrifícios, inspirações e angústias que subjazem a um processo de criação. Fica aqui um protesto contundente, embora em tantos momentos nos tenhamos deixado levar pela dúvida: pela impossibilidade de encarar nossa perspectiva como a mais factível. É que, de tanto se deparar com o inimigo, acaba-se acostumando a ele e seus meandros.

MEMÓRIA CULTURAL: UMA QUESTÃO DE UTOPIA?

Para buscar novos labirintos ou visualizar outras direções, podemos nos aventurar em um passeio pela História. Os brasileiros têm uma tendência a desconsiderar o que já construíram e a se posicionarem à margem do vínculo cultural, dando-se felizes por isso. Que o digam os efeitos das tempestades que já assolaram Ouro Preto; o risco de Olinda perder o título de patrimônio cultural da humanidade; o abandono da região onde se deu a Guerra de Canudos (que desalento! Um dos momentos mais relevantes de nossa História manchado pelo esquecimento); a falta de prioridade para cuidar de museus e outros espaços de conservação. Em outros países, ocorre o extremo oposto: monumentos são sacralizados; templos são conservados e restaurados; construções modernas convivem harmoniosamente com tudo que lhe antecedeu; os tesouros do passado são envoltos numa "aura" - redoma física e dimensão mítica. Há uma valorização da História, mesmo porque ela é um dos traços mais fortes da constituição de uma Nação. Será que uma e outra postura devem ser observadas sob o mesmo ângulo? É possível edificar uma identidade cultural à base da fragmentação, do aniquilamento? Ou mudar sempre, sem um quê de permanência, é vital à natureza humana?

Algumas considerações poderiam resultar da apreciação do trabalho ora materializado em livro: Santa Teresa não ocupa lugar de destaque nos anais da História Brasileira, poderiam argumentar alguns. A região, que já ocupa lugar de destaque internacional pelo histórico de preservação ambiental legado por Augusto Ruschi, não estaria pretendendo ultrapassar fronteiras demais?, questionariam outros. Para que preocupar-se com templos dessa região tão insignificante, anunciaria um coro expressivo. Que tanto drama em torno de troca de pisos de Igreja, uma prática por demais corriqueira em nosso país... Seriam pertinentes essas considerações? A se pretender dar um basta no eterno pôr-se à margem que marca nossa trajetória e experiência como Nação, talvez tais reflexões possam ser substituídas por uma só: os passos de uns podem gerar as escaladas de outros. E o que aparentemente pouco representaria pode alargar a dimensão e revelar, na preservação das memórias culturais, um cuidado maior com o que já somos ou pretendemos chegar a ser.

Paulo de Tarso Rezende Ayub é professor de Português e Produção de Textos
no Centro Educacional Leonardo da Vinci.

INTERROGANDO: TRADIÇÃO E/OU FUTURO?

(Ana Cláudia Nahas)

*"Não há nada menos apropriado para tocar numa obra de arte do que palavras de crítica, que sempre resultam em mal-entendidos mais ou menos felizes. As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou."
Rainer Maria Rilke ¹*

Onde está a interseção entre os mundos da arte e do cotidiano e quais as buscas próprias a cada um? O conceito de arte tem sido freqüentemente revisitado, e não é mais possível pensá-lo sem relacionar fruição artística e repertório. Mas poderíamos perguntar, como Décio Pignatari: por que, às vezes, o que fica antigo vira arte?

Algumas experiências em nossas vidas confirmam crenças, afirmam princípios, reafirmam conceitos. Outras os modificam ou abalam... e nos deixam perguntas sem respostas nem as que tínhamos nem tampouco novas. Teço essas reflexões a partir da sensação que me ficou desde minha primeira participação no projeto cultural que deu origem a este livro: um vazio de respostas para as várias interrogações que me provocou a viagem aos arredores da cidade de Santa Teresa.

Ao sair de Vitória com o grupo da viagem do dia 11 de junho de 2000, levava, entre objetos e sentimentos, máquina fotográfica e curiosidade. E uma idéia, concebida previamente: a importância de preservar os oratórios, capelas e igrejas de Santa Teresa, bem como quaisquer outras construções artísticas. A importância da preservação e da memória cultural era, portanto, a causa que legitimava o nosso trabalho.

Chegamos assim ao primeiro templo que visitaríamos. Manhã de domingo: quase toda a população do vilarejo estava ali. Que dimensão na vida das pessoas o encontro para a reza do domingo! E, conseqüência: que dimensão o espaço que construíram para realizá-la. Os responsáveis pela construção da nova igreja nos apresentaram a ela como se nos mostrassem sua nova casa. Não imaginara sentir tão forte e perto a dicotomia passado/futuro ou manter/renovar.

Algumas palavras com a força que lhes é peculiar vieram tomando-me o pensamento... necessidade... conforto... tradição... passado... história... futuro... Necessidade: talvez seja esse o combustível mais eficaz nos processos de criação. Será verdade que as coisas são tão melhores quanto maior seja a necessidade que fez com que fossem criadas?

Qual é o limite entre a obra de arte e a construção utilitária? O que diferencia a primeira que queremos para fruí-la da segunda de que queremos usufruir? Por que, em nossa visão do "mundo da arte", determinamos que os oratórios, capelas e igrejas de Santa Teresa são obras de arte e que é preciso preservá-las? Por que, ao contrário, não as consideramos como obras arquitetônicas cujos usuários têm a necessidade cotidiana do conforto e, portanto, da atualização?

Moramos em prédios ou casas, as mais confortáveis que nosso poder econômico pode permitir-nos. Usamos elevadores, computadores, processadores de alimentos, fornos de microondas, bancadas de granito, tetos rebaixados em gesso. Que distância há entre o conforto do qual não abrimos mão em nosso dia-a-dia, e o conforto que os moradores dos arredores de Santa Teresa buscaram ao reformar sua igreja? Os homens criam símbolos, dão significado a tudo o que fazem, e isto é o que constitui a cultura. Esses significados alteram-se constantemente e o próprio processo de viver implica mudanças.

¹ Cartas a um jovem poeta.

INTERROGANDO: TRADIÇÃO E/OU FUTURO?

Por outro lado, talvez pudesse haver um acordo entre o passado, a tradição, e a atualização. Teria sido possível conservar os belos detalhes das antigas construções, ainda que remodelando os templos para torná-los mais confortáveis?

E as pessoas envolvidas em todo esse processo? Haverão parado para a reflexão silenciosa e necessária às decisões? Se o padrão da velha igreja, por nós considerado artístico, não mais correspondia ao desejo de sua comunidade de usuários, seria legítimo que decidissem modificá-la. Quanto a nós, os envolvidos no Projeto, deveríamos trabalhar pela restauração e preservação ou deveríamos nos render aos inevitáveis apelos da modernização? Não me foi possível encontrar, entre os dois extremos, uma posição confortável.

No entanto, mesmo tratando-se de uma comunidade que não é a nossa, penso que há um tipo de intervenção eticamente aceitável: o diálogo. Ou seja, ao colocar em questão a preservação de alguns traços culturais das comunidades de Santa Teresa, é preciso incentivar o diálogo entre visões não necessariamente concordantes. Esse diálogo vem acontecendo nas viagens dos alunos do **Centro Educacional Leonardo da Vinci** a Santa Teresa, possibilitando que várias vozes sejam ouvidas. Espero que a repercussão das fotos e idéias contidas neste livro possam abrir ainda mais essa possibilidade.

Sem querer perder de vista a valorização de uma memória cultural, e em meio a esse emaranhado de perguntas, consegui visualizar uma outra importância histórico-cultural do Projeto "Oratórios, Capelas e Igrejas do Município de Santa Teresa". A preservação poderia não ser a única questão em jogo, embora tivesse sido a primeira. Foi-me inevitável a lembrança do objeto etnográfico de Malinowski: existem ainda os ilhéus de Trobiand?² Não. E sim. Não existe mais o povo que foi vorazmente consumido no processo da cruel colonização a que o mundo assistiu tantas vezes nos últimos séculos. Mas "existem" os trobiandeses: pela leitura da obra do grande antropólogo, é possível "vê-los e vivê-los", e às suas maravilhosas criações culturais, como o Kula. Não se pode, é claro, deixar de lamentar ser essa a única forma de existência daquela cultura. Mas, não fosse o registro, nem essa existência "literária" lhes estaria assegurada. Quanto ao registro, e considerando o inevitável dinamismo que caracteriza as manifestações humanas, penso que a comparação é válida. Acredito nesse projeto principalmente porque, quaisquer que sejam as respostas ou os destinos dos templos de Santa Teresa, esse livro assegura-lhes a memória.

Para mim, talvez restem, de concreto, apenas as perguntas... e seguir o conselho de Rilke, o poeta: "procure amar as próprias perguntas como quartos fechados ou livros escritos num idioma muito estrangeiro. Não busque por enquanto respostas que não lhe podem ser dadas, porque não as poderia viver. Pois trata-se precisamente de viver tudo. Viva por enquanto as perguntas."

Ana Cláudia Nahas é Bacharel em Música - profissão que exerce no Centro Educacional Leonardo da Vinci

²Malinowski. "Os Argonautas do Pacífico Ocidental". Coleção Os Pensadores. Os trobiandeses são uma civilização extinta. Praticavam o Kula, uma forma de troca intertribal. O extenso círculo de ilhas trobiandesas formavam um circuito fechado, onde aconteciam as trocas ritualísticas de presentes, além das trocas comerciais. No sentido horário, circulavam colares feitos de conchas vermelhas e, no anti-horário, braceletes de conchas brancas; quem recebia um presente tinha a obrigação de retribuir com um presente ainda melhor. O movimento dos artigos do Kula era uma construção cultural complexa e repleta de detalhes cerimoniais e rituais mágicos.

A ALMA DEVOTA DO IMIGRANTE

(Antonio Angelo Corteletti OFM Cap)

Nunca tinham visto tanta terra para trabalhar. Tudo estava escondido debaixo de espessa floresta sem picadas e estradas.

Sol bisogna laorar (Só precisa trabalhar).

São centenas e centenas de famílias para morar e viver. Morar onde? Levantar barracos e abrir estradas e trilhas, floresta a dentro.

Como sustentar tantos filhos?

Laorar... Laorar e... Laorar! Trabalhar da manhã à noite.

A família era para o imigrante o alvo mais precioso a ser atingido. Toda a motivação e razão daquelas vidas: o futuro da família. Onde o imigrante trentino, vêneto e lombardo encontraria tanta força para o trabalho e a realização da família?

Traziam nas canastras descarregadas no porto de Cachoeiro de Santa Leopoldina: as poucas vestes, alguns instrumentos de trabalho e os lindos quadros da *Madonna*, dos Santos e piedosos crucifixos; nos corações: a nostalgia e as recordações de tudo o que deixaram na longínqua Europa; e na alma: a coragem e a fé ardente do imigrante tirolês e italiano.

Este era o tripé sobre o qual se assentavam a força e a coragem desses heróis quase anônimos: a Fé, o Trabalho e a Família.

A fé era a luz e o vigor para dar coragem de enfrentar a luta e salvar a família. O resto viria como consequência.

No porto eram despejados a montões, deixando para trás os horrores da viagem humilhante. Na floresta bravia e desconhecida, em solidão e saudades, tinham que vencer ou morrer, desarmados estavam de recursos. Descanso? *Su el solo nudo, al sereno, come le bestie* (No chão nu, ao sereno, como os animais) ou nos alojamentos insalubres com escassez de alimentação e falta de cuidados médicos essenciais.

Para enfrentar o drama trágico-heróico contado em capítulos e mais capítulos do dia a dia, as famílias se reuniam ao anoitecer, recordavam as últimas recomendações do vigário da terra natal distante, dobravam o joelho e o espírito, prostrando-se diante da *Madonna* de sua devoção e cantavam e rezavam para animar-se a si mesmos e superar o medo pavoroso.

O imigrante trouxe para Santa Teresa sua alma devota que a salubridade moral das montanhas e das pequenas vilas do Tirol e Norte da Itália havia preservado. O imigrante venceu por causa da fé herdada e, abandonado por todos - PÁTRIA E EMPRESÁRIOS -, a religião tornou-se o refúgio salvífico e a fonte de energia para a luta. Diante de tanta insegurança quem seria sua rocha e fortaleza senão Deus?

Desde a partida da Itália, apelavam para todas as devoções, mas o rosário era o Saltério ou o Breviário para todas as necessidades. A solução era rezar... e recitavam o rosário e cumpriam diariamente todas as suas devoções, cantando louvores à Mãe de Deus, Mãe dos pobres, dos aflitos..., porque somente Deus podia consolá-los e aliviar-lhes os sofrimentos. Realmente o imigrante era um homem de fé e rezava com autenticidade.

A "peregrinação" dolorosa dos imigrantes acabava quando, depois de terem caminhado por diversos dias, quase perdidos na floresta virgem, chegavam ao lote numerado do qual eram donos. Ali nada havia, absolutamente nada, além da solidão da floresta e dos animais selvagens. Começavam a armar seus barracos com taquaras, varas e folhas de palmeiras. Árvores derrubadas. Queimadas. Plantio. Em tão grande abandono o colono só tinha Deus por pai e *la Madonna* por mãe. E nunca lhe faltou a coragem de trabalhar.

A ALMA DEVOTA DO IMIGRANTE

Todas as noites, antes de dormir, cada família se reunia para a reza do terço que se prolongava com muitas preces em sufrágio dos falecidos, os imigrantes que estavam em viagem, pela saúde e proteção de todos e para que Deus mandasse bom tempo. Aos domingos, porém, todos os vizinhos unidos participavam da reza do rosário, debaixo de árvores. Cumpriam suas devoções e cantavam a ladainha de Nossa Senhora e outros hinos, sempre em latim ou italiano. Por mais de uma hora rezavam e cantavam.

Assim foram se formando as primeiras comunidades de fé. Motivados por um líder, construíam rústicas capelas, simples no princípio, como eram suas moradias, mas melhorando-as até chegarem a belas e artísticas construções. Contudo a capela era sempre mais bonita e ampla que as próprias casas. Eram construídas pela força da comunidade. Muitas, singelas, com torre esguia e sinos. Ao lado nunca faltava a casa canônica para quando viesse o padre. Os atritos surgiam na hora da escolha do padroeiro, pois uns queriam o de sua localidade, outros o de sua devoção. Chegou-se até ao fato de a capela ter dois padroeiros para solucionar a teimosia. Está também explicado o grande número de imagens de santos nas capelas. E mais, os santos lhes eram muito íntimos e era por eles que aprendiam as lições de vida contidas na Bíblia Sagrada que não sabiam ler. E, se em vida os santos faziam tantos prodígios e milagres, por que não agora que estão juntos de Deus? Entre todas a primeira e a maior era a devoção *alla Madonna*.

Foram sendo construídas as capelas e oratórios numa distância de quatro a cinco quilômetros uma da outra, por toda a colônia. Cada capela tinha sua organização com um fabriqueiro, conselheiros, tesoureiro e secretário. O fabriqueiro providenciava o catequista da comunidade. Cada comunidade tinha seu "padre leigo", um líder escolhido como dos mais sábios e que já tinha feito parte do coral de igreja na Itália e que tivesse trazido livros de rezas e ofício, seja em italiano ou latim. Era ele que dirigia a reza do domingo, os funerais e até mesmo a catequese.

Em torno da capela girava o mundo do imigrante de Santa Teresa. Ainda hoje a capela é o centro vital do colono teresense. Formavam-se os corais que cantavam missas em latim a três e quatro vozes e o Ofício dos Defuntos.

Desde o segundo ano da chegada dos imigrantes, o padre sempre esteve presente na sede da Colônia e visitava de tempos a tempos as comunidades do interior. No início, como capelão dos imigrantes e, a partir de 1898 como pároco. Os frades capuchinhos da Província de Siracusa, Sicília - Itália, chegaram a Santa Teresa no dia 29 de novembro de 1899 e até hoje desenvolvem aqui seu apostolado.

O padre era o personagem indispensável nas horas dolorosas da doença, à cabeceira do leito da morte, quer do rico quer do pobre. Era ele a figura muito importante na comunidade e que dava maior solenidade às festas.

Eis alguns tópicos da catequese. A mãe pobre ou rica, mesmo analfabeta, era a primeira e grande catequista. Ensinava aos filhos, desde criancinhas, as orações diárias do cristão que guardavam na memória. Tudo era rezado e ensinado em italiano, pois só sabiam rezar assim. Por mais humilde que fosse a família, os filhos recebiam da mãe o leite materno e a valiosa herança da fé e das devoções familiares trazidas da Itália. Uma moça que não soubesse rezar, dizia-se "não presta para ser esposa".

O ex-escravo Albino - ainda carimbado nos ombros - era requisitado pelas famílias para ensinar a rezar em português. Como Albino muitos outros *brasileri* (brasileiros de cor) passavam temporadas como verdadeiros filhos de imigrantes, ensinando a rezar e a falar a língua portuguesa. Eles mesmos saíam falando o dialeto italiano. E era bonito.

A ALMA DEVOTA DO IMIGRANTE

Da catequese familiar se passava à catequese dominical. O catequista ou a catequista reunia as crianças na capela antes da reza da comunidade. A aprendizagem consistia em decorar fórmulas do catecismo e aprender as orações principais do devocionário (Ave Maria, Pai Nosso, Creio, Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, Atos de Fé, de Esperança, de Caridade, de Contrição, a oração do Anjo da Guarda, a Salve Rainha e até o *Requiem aeternam dona eis Domine...* etc.). Tanto a reza quanto o catecismo eram obrigações sagradas.

Os italianos concentravam suas festas em torno das celebrações religiosas: festa do padroeiro, festas pascais e natalinas que duravam uma semana, bordadas de tradições folclóricas, trazidas da Itália. Como eram bonitas as festas de casamento!

Os bailes familiares eram disseminados pela colônia à fora. Começavam à tardinha do sábado, varando a noite toda até nascer forte o sol do domingo, quando damas e cavalheiros se preparavam para irem à reza. Por volta da meia-noite, era oferecida uma mesada de *broti* (pão caseiro feito de fubá com aipim, batata doce, inhame, etc.) e *pinza* (torta grosseira à base de leite, farinha e ovo, com batata doce, assada em grandes travessas) com café e leite. Não raro os namoros começavam nessas ocasiões, bem como nas festas religiosas. A mulher estava muito presente em todas elas. O vinho e, na falta deste, a pinga e a cerveja, mesmo preta, animavam as festas religiosas e sociais. Até havia abuso e muitos voltavam para casa *allegri*.

É claro que os imigrantes não eram só virtude. Tinham entre outros defeitos o da intriga entre eles próprios, alguns eram racistas, outros facilitavam com a bebida e, se a embriaguez não era comum, não deixava de ser freqüente nas festas.

Findas as diversões, lá estava o imigrante firme e compenetrado na sua luta cotidiana, fundamentado no espírito de Fé, Trabalho e Família. De fato a fé e a religiosidade com a coragem de trabalhar tornaram o imigrante um grande, um vencedor.

Frei José Corteletti
Frade da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

A IMPORTÂNCIA DO COLETIVO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL

(Antônio Angelo Zurlo)

Do Ponto de Vista Sociofilosófico

Afinal de contas, a pessoa humana é um ser social. Nessa condição, ela vive e pensa, pensa e vive. Uma torrente a deslizar, continuamente, por décadas, milênios, na direção de um futuro infinito. "Cada cabeça uma sentença", recôndito inexpugnável, a constituir essa consciência coletiva.

Nessa marcha de tão complexa variedade, ocorrem transformações às vezes imperceptíveis. Só ao longo do tempo, seres racionais, rebuscando o passado, nos damos conta do resultado.

Mas, aí...

A agricultura promovida a indústria; a aldeia transformada em cidade e a cidade em metrópole; isso elevou a ciência, deprimiu a arte, liberou o pensamento, pôs fim à aristocracia, deu surto à democracia e ao socialismo, abalou o casamento, quebrou o velho código moral, destruiu o ascetismo, substituiu o puritanismo pelo epicurismo, elevou a excitação acima do contentamento, fez a guerra menos freqüente e mais terrível, roubou-nos o mais caro da fé religiosa e deu-nos em troca uma filosofia da vida puramente mecânica e fatalista. Todas as coisas fluem sem pontos de apoio - e debatemo-nos na correnteza. (Convite - em **Filosofia da vida**, de W. Durant - Trad. Monteiro Lobato e Godofredo Rangel).

É filosofia... Filosofia, o tempero do conhecimento, em busca da sabedoria. Sabedoria que enobrece.

Fé. "Fenômeno natural, ligado à nossa emotividade. A dúvida inibe, a fé expande". Sejam otimistas!

Da Formação Histórico-Cultural

"È dalle singole storie regionali che nasce la grande storia dei popoli". (Umberto Corsini - Historiador Trentino).

Só o conhecimento do passado poderá nos proporcionar um presente sólido e harmônico, apontando para um futuro tranqüilo.

Tudo aquilo que diga respeito a atividades do passado, tais como a vida rural e urbana; as construções, o artesanato, instrumentos de trabalho, modos de vida e os usos e costumes de nossos antepassados, enfim, merece registro e preservação. É a memória. Recordar esse passado será, para os mais idosos, uma ocasião para retornarem aos idos tempos de sua juventude; para os mais jovens, constituirá a oportunidade de conhecerem a história de um tempo que não se pode esquecer, para que não se percam as raízes e os sadios valores próprios da comunidade ancestral. Também, para as futuras gerações será uma base de conhecimento, e, por que não, também, um motivo de reflexão sobre a vida de fadigas, laboriosa e persistente, a paciência, doçura e humildade e os sofrimentos que caracterizaram épocas passadas, envolvendo suas realizações. Do contrário, seria como navegar sem rumo em mar revoltado e aportar em ilha deserta, não encontrando, ali, sequer, o senso da gratidão, doce condimento da personalidade.

A IMPORTÂNCIA DO COLETIVO NA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL

Uma Atuação Consciente

Iniciativas como esta, do Centro Educacional Leonardo da Vinci, trazendo a lume assunto de tamanha magnitude e profunda significação, ou seja, o registro dos templos da fé dos Municípios de Santa Teresa e São Roque do Canaã vêm cimentar o passado das nossas tradições, alicerçando o presente com a vontade do conhecimento das próprias origens.

Além de registrar e divulgar, é preciso preservar. Preservar, e, quando for necessário, **restaurar**. Devemos, porém, fazer distinção entre o processo de restauração e a reforma propriamente dita, tendo na restauração o meio indicado, objetivando a recuperação de um bem, oratório, capela, igreja, seja o que for, preservando, sempre, suas características. Assim procedendo, estar-se-á homenageando a memória daqueles que nos presentearam com essas significativas obras.

Não podemos negar a importância do modernismo, com a utilização dos recursos tecnológicos que ele oferece. Não esquecer, porém, antes de fazer qualquer intervenção num determinado bem, de levar em conta o quanto ele custou, quer seja em dinheiro, lutas e sacrifícios e o entusiasmo com que foi construído; refletir sobre o que ele representa em relação à história, envolvendo os hábitos e costumes de eras passadas, que jamais tornarão.

É preciso preservar !

A União Necessária

A preservação da memória cultural é tarefa de todos nós. Somar forças, em favor do bem comum.

Se atuarmos, cada um por sua vez, mas em conjunto, madrugaremos na expectativa do conhecer. Filhos, netos, bisnetos... sentir-se-ão motivados a pesquisar e rever o passado, orgulhosos de suas próprias raízes. Poderão estar vivendo num mundo que não aquele de um ou mais séculos passados. Mas, existirá, para eles, com certeza, um fio de ligação com aquele momento distante, a despertar-lhes o sentimento de amor e ternura, motivando-os para a vida.

Não deixemos que a memória e a nossa identidade cultural se contaminem pelo esquecimento, pela perda dos pontos de referência a que nos conduz a convivência cotidiana insensível às transformações que, inconscientemente, vivemos.

Precisamos redescobrir capítulos de nossa história em muitos de seus aspectos e com a maior riqueza de detalhes possível. Os cemitérios, por exemplo, o mais das vezes, tão esquecidos. Há um conceito: "Conhece-se o grau de cultura de um povo pelo estado do seu cemitério"...

No caso dos templos, matéria abordada nesta obra, a Igreja, como instituição que desfruta de posição privilegiada em face de sua reiterada permanência junto ao povo, não pode omitir-se.

O Centro Educacional Leonardo da Vinci, com o apoio dos patrocinadores, responde, de sua parte, a esta necessidade de tomada de consciência e resgate de nossa identidade.

Santa Teresa, setembro do ano 2000.

Antônio Angelo Zurlo
Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Teresa

A MEMÓRIA DOS ANOS 40

(Luiz Carlos Biasutti)

Quem viveu intensamente infância e juventude na pequenina cidade de Santa Teresa, nas montanhas capixabas, reconhece a importância do presente livro editado pelo Centro Educacional Leonardo da Vinci, no qual trabalharam alunos, professores, diretores, funcionários e amigos, capitaneados pelo teresense Victor Humberto Salviato Biasutti. Os autores pertencem a uma geração mais jovem que não conheceu os quatrocentos velhinhos italianos que ainda viviam no município teresense, nem as agruras de seus antepassados que participaram intensamente de um mundo absolutamente diferente. Nos anos 40, praticamente houve a ruptura completa com os tempos bucólicos. Daí o grande valor dessa mostragem histórica, baseada nos monumentos mais visíveis e representativos da sociedade da época.

Georges Duby, talvez o melhor estudioso francês dos últimos tempos, em seu último livro **A história continua**, (Jorge Zahar Editor, Editora UFRJ, 1991, págs. 68/69) diz que para “compreender ou descrever convenientemente a formação social devemos caminhar para quatro itens importantes”.

Reduzidamente são:

- 1- os princípios íntimos dos antepassados, a religião através das igrejas, capelas, capitéis e cemitérios;
- 2- os formadores de opinião, padres, pastores, professores;
- 3- o parentesco e os matrimônios, pois os agricultores de cada região (no caso, município de Santa Teresa com o distrito de Três Barras) se uniam ao redor da mesma capela, cemitério, escola e botequim;
- 4- a economia, a luta pela sobrevivência e o ideal de dar instrução melhor aos próprios filhos, causa última, que traria, no futuro, o êxodo rural.

Essa ruptura dos anos 40 foi fruto incontestado da Segunda Guerra Mundial, da ditadura Vargas e da chegada, por toda parte, da influência norte-americana, principalmente através de cinema, revistas, música, coca-cola, jeeps, utensílios diversos e até santinhos de Primeira Comunhão...

As inaugurações da Escola Prática de Agricultura em São João de Petrópolis (1941) e da Agência do Banco do Brasil em Santa Teresa (1942) transformariam o destino da pacata sociedade local. Com as eleições gerais, principalmente de vereador e prefeito, a comunidade assumia seu próprio destino. Os pais mandavam os filhos para internatos, e esses meninos dificilmente retornariam à terra natal. No final da década de 40, Santa Teresa deveria ter, no seu perímetro urbano e suburbano (da capela da Penha à capela de São Lourenço, nos Martinelli), uns dois mil habitantes. A Grande Vitória não chegava a cem mil habitantes. Hoje, Santa Teresa tem doze mil habitantes na sede enquanto a Grande Vitória está com mais de um milhão e meio, sendo que mais de cem mil são descendentes dos antigos habitantes teresenses dos anos 40...

Para as pessoas interessadas em rever e resgatar a nossa história, a leitura deste livro torna-se obrigatória. Através dos templos, capelas, capitéis que a obra tão bem resgata, partimos para “uma busca do tempo anterior”, como escreveu o poeta gaúcho Ilton D. Dellandréa:

Amarga é a saudade de quem espera reencontrar quem nunca encontrou!
Sou eu a visitar a quem nunca visitei,
A quem esqueci de esquecer e me esqueceu,
Alguém que eu não perdi mas nunca achei.
Sou eu a recantar uma canção que nunca cantei,
A reescrever este verso que nunca escrevi,
A dialogar com fantasmas que exorcizei...
... A abraçar um vazio pleno de ti...

Luiz Carlos Biasutti é teresense e
Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais.



Registro

de

dados

Nas páginas a seguir, as fotos, informações técnicas, informações históricas e culturais, o conhecimento reunido sobre as 129 construções que visitamos.

São muitas? São poucas? Como julgar?

Todos que participamos do projeto ficamos surpresos com a constatação da quantidade, projetada menor.

Por que essa quantidade?

Embora mais especificamente dirigido ao Rio Grande do Sul, no livro **Igreja e imigração italiana**, de Carlos Albino Zagonel, podemos ler, em situações similares às de Santa Teresa:

Página 43:

O Colono Italiano não ligava tanto para a escola, mas recusava a aceitar lotes de terra onde não tivesse uma igreja e a primeira iniciativa de ordem coletiva era a construção de uma capela onde pudessem cantar suas devoções e reunir-se para comunicar os feitos e peripécias da semana.

Página 52:

O desenho dos primeiros núcleos coloniais previa o traçamento de ruas, de praças e o local para a construção da igreja, mas os colonos construía seus templos em cada linha e não havia povoação que não tivesse sua igreja ou capela. Era, inclusive, a característica da Colônia Italiana. Davam-lhe como patrono o santo de sua Terra natal e, assim, apagavam a saudade. Mas aqui estava uma dificuldade e um ponto de atrito: Nem todos eram provenientes da mesma localidade e a disputa pela escolha do local e do patrono, às vezes, terminava em luta ou na construção de duas igrejas. Os recursos eram escassos e o gênio do colono, às vezes, opinático até à teimosia, encontrava uma solução típica: a igreja era dedicada a dois ou mais patronos. Talvez esteja aqui a razão pela qual as igrejas italianas têm sempre um grande número de altares e de imagens de santos.

Nesse ponto nossa observação em relação às capelas do Córrego dos Espanhóis (página 134 deste livro), cujo padroeiro oficial é São João Nepomuceno, mas o santo mais festejado é São Valentim. Da mesma forma, a capela de São Jacinto (página 129 deste livro), que a partir de 1921, após resolvidas algumas questões particulares, acabou dedicada a São Jacinto e a Sant'Anna.

Em relação à quantidade de imagens no interior das construções, também pudemos constatar o grande número, alguns dos quais citamos:

Capela de Nossa Senhora da Penha, Alto Vinte e Cinco de Julho - cinco imagens e três quadros (p. 177).

Capela de São José, em Caldeirão - dez imagens (p. 92).

Capela de Santo Antônio, Alto Caldeirão - quatorze imagens (p. 169).

Capela de Santo Antônio, com 6m², em Tabocas - trinta e três imagens e quadros (p. 184).

Oratório de Santo Antônio, em Nova Valsugana, cujo espaço destinado às imagens mede 0,65m de largura e 0,55m de altura - oito imagens, um Jesus na Cruz e um quadro (p. 189).

Página 62:

Uma paróquia tem, não raro, 2, 5, 10, 15 e até 20 capelas em lugarejos espaçados de légua em légua. E estas capelas não têm padre. De tempos em tempos o vigário as visita, ou um missionário vem celebrar missa e confessar por ocasião de festa patronal ou qualquer outro piedoso exercício.

Em 12 de outubro de 2000, reunidos em Santa Teresa, os membros do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, com suas unidades de Santa Teresa, Linhares e Colatina, ouviram, junto com os cidadãos teresenses, discurso proferido por Luiz Carlos Biasutti, na Câmara dos Vereadores, do qual retiramos alguns excertos:

... Essa evolução aparece principalmente na organização religiosa das colônias. A primeira etapa é caracterizada por um catolicismo marcadamente devocional, cuja direção foi geralmente assumida pela própria comunidade, através de líderes chamados “fábriqueteiros”. O culto era celebrado em casas particulares, onde as famílias se reuniam para a reza do terço, ao redor de uma estampa ou imagem de santo.

Em seguida, as imagens passam a ser colocadas em capitéis, erigidos em lugares bem distintos, onde grupos de pessoas se reúnem para fazer suas práticas de devoções. Pouco a pouco, nas diversas linhas em que são agrupados os lotes coloniais, começam a surgir pequenas capelas, construídas de madeira, por iniciativa de comissões ou sociedades organizadas pelos próprios moradores.

Não faltam então disputas a respeito do local a ser designado para a construção, bem como do santo a ser escolhido como protetor. De fato, a capela constituía não apenas um espaço religioso mas, desde o início, assumiu também o caráter de centro social.

Era, em geral, ao redor das capelas mais importantes que surgiam os povoados ou núcleos populacionais.

Assim aconteceu em Santa Teresa, Santo Antônio dos Polacos (Patrimônio), São João de Petrópolis (Barracão) e São Roque do Canaã, este último, sem dúvida, o maior exemplo de cidade fundamentalmente religiosa.

(...) Do ponto de vista religioso, durante o Império, a vida das colônias passa a ser marcada pela hegemonia clerical.

O padre começa a assumir um domínio cada vez maior na esfera do culto, relegando as lideranças religiosas leigas para uma posição secundária. Os capitéis e capelas dos santos dependerão sempre do maior ou menor zelo do padre. Sob a liderança clerical são construídas as novas igrejas, destinadas a serem as futuras matrizes da paróquia. São templos mais amplos, em geral, edificados com material de alvenaria. A decisão do local de construção bem como a designação do padroeiro é assumida pelo padre. Essa afirmação clerical, entretanto, não se fez sem lutas e tensões. Basta ler os episódios da localização da Matriz de Santa Teresa. Foi uma verdadeira guerra de opiniões.

* No caso dos padroeiros houve guerra geral: São João Nepomuceno ou São Valentim? Em Vinte e Cinco de Julho, até a fazendeira Marta Wolkartt, mesmo não sendo católica, tomou partido e derrubou uma capela para construir outra perto de sua propriedade...”

**

* Vide p. 27 e 28 deste livro.

** Vide p. 98 a 103 deste livro.

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, frente e verso, temos os primeiros registros de provisionamento, transcritos letra-por-letra:

Relação das Capellas existentes na Parochia de S. Thereza provizionadas para puder celebrar a S.S. Missa.

Orago	Lugar	Data da provisão
São Sebastião	Baixo Timbuhy	13 Agosto de 1898
N.S. do Sagrado Coração de Jesus		9 Maio de 1898
São Jacintho	São Jacintho	15 Janeiro de 1899
N.S. da Conceição	Mutum	13 Abril de 1898

Relação das Capellas existentes na Parochia de Santa Thereza provizionadas par Baptizar e para Casar

Orago	Lugar	Data da provisão
São José	Caldeirão	16 de Fevereiro de 1899
São Luiz Gonzaga	Valsugana	16 “ “ “ “
Nossa Senhora da Penha	São Antonio	6 Março “ “
São Antônio	Polakos	6 “ “ “
São Roque	Baixo Timbuhy	20 “ “ “
São Antonio de Padua	Mutum	20 “ “ “
São João Baptista	Petropolis	20 “ “ “
São Dalmaço	Baixo Timbuhy	20 “ “ “
São João Baptista	Rio 25 de Julho	20 “ “ “
Nossa Senhora Auxiliadora	Tabocas	20 “ “ “
São Paulo	Rio Perdido	20 “ “ “
Purissimo Coração de Maria	Tres Barras	20 “ “ “
Santa Lucia	Santa Lucia	8 de Julho “ “
São Pedro	Baixo Timbuhy	8 de Julho “ “

ÍNDICE ALFABÉTICO

1 - Igreja Matriz de Santa Teresa	60
2 - Igreja Matriz de São Roque do Canaã	69
3 - Cap. de N. Sra. Aparecida (Alto Goiapabo-Açu)	179
4 - Cap. de N. Sra. Aparecida (Aparecidinha).....	142
5 - Cap. de N. Sra. Aparecida (Caldeirão)	183
6 - Cap. de N. Sra. Aparecida (Caminho de Goiapabo-Açu)	184
7 - Cap. de N. Sra. Aparecida (Estrada Santa Leopoldina)	167
8 - Cap. de N. Sra. Aparecida (Tabocas - São Martim).....	176
9 - Cap. de N. Sra. Aparecida (Tabocas).....	183
10 - Cap. de N. Sra. Aparecida (São Roque - Vila Torezani)	154
11 - Cap. de N. Sra. Aparecida (São Roque - Vila Verde)	152
12 - Cap. de N. Sra. Auxiliadora (Escola Agrotécnica Federal de Santa Teresa) ...	127
13 - Cap. de N. Sra. Auxiliadora (Córrego Seco - Milanesi)	132
14 - Cap. de N. Sra. Auxiliadora (Tabocas).....	108
15 - Cap. de N. Sra. da Conceição (Valão de São Lourenço - Lambert)	80
16 - Cap. de N. Sra. da Conceição (Valão de São Lourenço - Nonno Thomazi)..	167
17 - Cap. de N. Sra. da Glória (Quinze de Agosto)	133
18 - Cap. de N. Sra. da Guia (Alto Santo Antônio)	186
19 - Cap. de N. Sra. da Penha (Alto Vinte e Cinco de Julho - Fracalossi).....	177
20 - Cap. de N. Sra. da Penha (Alto Caldeirão)	185
21 - Cap. de N. Sra. da Penha (São Roque - Alto Tancredo)	153
22 - Cap. de N. Sra. da Penha (Alto Várzea Alegre).....	164
23 - Cap. de N. Sra. da Penha (Caldeirão - Fazenda Loss)	169
24 - Cap. de N. Sra. da Penha (São Roque - Tancredo).....	125
25 - Cap. de N. Sra. da Penha (Penha).....	74
26 - Cap. de N. Sra. da Saúde (São Roque - Picadão do Mutum)	147
27 - Cap. de N. Sra. da Vitória (Fundão - Irundi).....	156
28 - Cap. de N. Sra. das Dores (São Roque - Baixo Santa Júlia)	181
29 - Cap. de N. Sra. das Graças (Alto Caldeirão - Marta Penitente)	130
30 - Cap. de N. Sra. das Graças (São Roque).....	158
31 - Cap. de N. Sra. das Graças (Vila Nova)	178
32 - Cap. de N. Sra. de Lourdes (Baixo Tabocas).....	173
33 - Cap. de N. Sra. do Bom Parto (Julião).....	150
34 - Cap. de N. Sra. do Bom Parto (Várzea Alegre).....	145
35 - Cap. de N. Sra. do Brasil (São Roque - Médio Santa Júlia)	141
36 - Cap. de N. Sra. do Caravaggio (Alto Valsugana)	124
37 - Cap. de N. Sra. do Rosário (São Lourenço - D. Giggia)	160
38 - Cap. de Santa Bárbara (Barra do Rio Perdido)	173
39 - Cap. de Santa Catarina - Ruínas (Ribeirão Alegre)	138
40 - Cap. de Santa Catarina (Ribeirão Alegre).....	139
41 - Cap. de Santa Clara (Córrego Santa Clara).....	182
42 - Cap. de Santa Júlia (São Roque - Baixo Santa Júlia)	117
43 - Cap. de Santa Lúcia (Santa Lúcia)	110
44 - Cap. de Santa Luzia (São Roque - Alto Santa Júlia)	177
45 - Cap. de Santa Luzia (São Roque - Córrego Seco).....	175
46 - Cap. de Santa Luzia (Goiapabo-Açu).....	185
47 - Cap. de Santa Luzia (Santo Antônio do Canaã - Granja São Geraldo)	178
48 - Cap. de Santa Luzia (São Roque - Picadão).....	174

ÍNDICE ALFABÉTICO

49 - Cap. de Santa Luzia (Toma Vento).....	114
50 - Cap. de Santa Rosa (São Roque - Santa Rosa)	144
51 - Cap. de Santo Anselmo (Santo Anselmo).....	136
52 - Cap. de Santo Antônio (Córrego dos Espanhóis).....	180
53 - Cap. de Santo Antônio (Alto Caldeirão).....	169
54 - Cap. de Santo Antônio (Córrego dos Espanhóis - Família Zonta)	182
55 - Cap. de Santo Antônio (Alto Santo Antônio).....	161
56 - Cap. de Santo Antônio (Santo Antônio do Canaã).....	128
57 - Cap. de Santo Antônio (São Roque - Médio Santa Júlia - Mansur).....	180
58 - Cap. de Santo Antônio (Santa Maria - Carlini)	186
59 - Cap. de Santo Antônio (Tabocas).....	184
60 - Cap. de Santo Antônio (São Roque - Tancredinho).....	146
61 - Cap. de Santo Antônio (Várzea Alegre - Fazenda Mattedi)	175
62 - Cap. de São Bento (São Roque - Córrego São Bento)	122
63 - Cap. de São Bento (Itanhanga).....	172
64 - Cap. de São Braz (Santo Hilário)	171
65 - Cap. de São Braz (São Braz).....	157
66 - Cap. de São Dalmácio (São Roque - São Dalmácio).....	137
67 - Cap. de São Francisco de Assis (São Roque - Médio Santa Júlia).....	126
68 - Cap. de São Francisco de Assis (Nova Lombardia).....	151
69 - Cap. de São Geraldo (Alto Pedra Alegre).....	172
70 - Cap. de São Jacinto e Sant'Anna (São Roque - São Jacinto)	129
71 - Cap. de São João Batista (Barracão de São João de Petrópolis).....	120
72 - Cap. de São João Batista (Cabeceira de Vinte e Cinco de Julho - Coffler)....	112
73 - Cap. de São João Nepomuceno (Córrego dos Espanhóis)	134
74 - Cap. de São José (Caldeirão).....	92
75 - Cap. de São José (Rio Saltinho).....	179
76 - Cap. de São José (Vale dos Tonini)	135
77 - Cap. de São Lourenço (Valão de São Lourenço).....	162
78 - Cap. de São Luiz Gonzaga (Nova Valsugana).....	104
79 - Cap. de São Marcos (Pé da Serra).....	171
80 - Cap. de São Martinho (Papaçu)	163
81 - Cap. de Santo Antônio e São Miguel Arcanjo (Vinte e Cinco de Julho).....	98
82 - Cap. de São Paulo (Rio Perdido).....	96
83 - Cap. de São Pedro (São Roque - São Pedro).....	90
84 - Cap. de São Pedro (Valão de São Pedro)	170
85 - Cap. de São Roque (Baixo Tabocas)	168
86 - Cap. de São Roque (Tabocas - Fazenda Ziviani).....	176
87 - Cap. de São Roque (Córrego Seco)	168
88 - Cap. de São Sebastião (Alto Santo Antônio)	159
89 - Cap. de São Sebastião (Barracão de São João de Petrópolis)	170
90 - Cap. de São Sebastião (São Roque - Córrego Militão)	174
91 - Cap. de São Sebastião (São Sebastião - Novelli).....	166
92 - Cap. de São Sebastião (São Roque - São Sebastião - Roldi).....	140
93 - Cap. do Bom Jesus da Lapa (Córrego Frio)	164
94 - Cap. do Bom Jesus da Lapa (Fundão - Três Barras)	155
95 - Cap. do Ginásio Santa Catarina (Santa Teresa).....	116
96 - Cap. do Sagrado Coração de Jesus (São Roque - Cabeceira do Mutum)	94
97 - Cap. do Sagrado Coração de Jesus (Caldeirão)	149
98 - Cap. do Sagrado Coração de Jesus (Baixo Tabocas - Rasselli)	148

ÍNDICE ALFABÉTICO

99 - Cap. do Sagrado Coração de Jesus (São Roque - Tancredinho).....	181
100 - Cap. do Sagrado Coração de Maria (Goiapabo-Açu)	118
101 - Cap. dos Frades do Seminário Seráfico São Francisco de Assis - Particular ..	83
102 - Cap. do Seminário Seráfico São Francisco de Assis	82
103 - Gruta de N. Sra. de Lourdes (Santa Teresa - Gruta do Hospital)	79
104 - Gruta de São José (Várzea Alegre)	165
105 - Gruta de N. Sra. de Lourdes (Santa Teresa - Ginásio Santa Catarina)	165
106 - Igreja da Confissão Luterana (Alto Caldeirão)	89
107 - Igreja da Confissão Luterana (Barra do Rio Perdido)	88
108 - Igreja da Confissão Luterana (Santa Teresa).....	84
109 - Igreja da Confissão Luterana (Serra dos Pregos)	85
110 - Igreja da Confissão Luterana (São Roque - Tancredinho).....	89
111 - Igreja da Confissão Luterana (Vinte e Cinco de Julho)	86
112 - Orat. de N. Sra. Aparecida (Caminho do Julião)	192
113 - Orat. de N. Sra. da Penha (São Roque - Alto Santa Júlia)	191
114 - Orat. de N. Sra. da Saúde (Julião).....	192
115 - Orat. de N. Sra. das Cabeças e Arcanjo Gabriel (São Roque - Tancredo)	193
116 - Orat. de N. Sra. do Caravaggio (Córrego Seco).....	189
117 - Orat. de Santa Luzia (Caldeirão)	191
118 - Orat. de Santo Antônio (Baixo Tabocas)	188
119 - Orat. de Santo Antônio (Nova Valsugana).....	189
120 - Orat. de Santo Antônio (Santa Lúcia)	192
121 - Orat. de Santo Antônio (Santa Teresa)	187
122 - Orat. de Santo Antônio (Tabocas).....	193
123 - Orat. de Santo Antônio (Vinte e Cinco de Julho).....	191
124 - Orat. de São Cristóvão (Divisa São Roque/Itaguaçu).....	190
125 - Orat. de São Cristóvão e São Braz (São Roque - Cabeceira de Tancredo)....	194
126 - Orat. de São Judas Tadeu (São Roque - Tancredo)	188
127 - Orat. de São Luiz (Nova Valsugana).....	193
128 - Orat. de São Luiz Gonzaga (Nova Valsugana).....	193
129 - Orat. do Sag. Coração de Jesus (Fazenda Clube).....	192
130 - Orat. do Sag. Coração de Jesus (Tabocas - São Martim - Rasseli).....	187

À direita, mapa assinado por Augusto Ruschi, localizando os Oratórios, Capelas e Igrejas da Paróquia de Santa Teresa em “VIII de 1939”. Esse mapa foi “executado por ordem do Snr. Vigário da Parochia, Frei Affonso Maria de Calascibetta”. Está em escala 1:58.000.

Em seu quadro de legendas encontramos: “Estrada tronco, Estrada municipal, Estrada tropa, Capelas, Oratórios, Igrejas Protestantes”.

Podem ser contadas cerca de 50 construções.

Do **Livro do Tombo**, de **No coração capixaba** (Luiz Carlos Biasutti) e de **Missionários Capuchinhos** (Serafim J. Pereira), temos as seguintes quantidades de construções católicas:

1889 - 16
1940 - 39
1941 - 47



IGREJA MATRIZ DE SANTA TERESA (no ano 2000)



Do Jornal **A União**, Rio, em junho de 1936, em matéria sobre Os Capuchinhos na Diocese do Espírito Santo (**Tombo**, v. 2, folha 24, frente): A Paróquia conta com 44 capellas provisionadas e com uma Igreja Matriz que é uma das melhores do nosso Estado.”



Detalhe da porta central e de uma das portas laterais.

Segundo Armando Salviato, a porta central foi feita por Beppe Salviato em 1924. As duas portas laterais foram feitas por Cezar Salviato em 1949. A clarabóia da cúpula foi feita por Virgílio Tomazi com cedro doado por Cezar Salviato.

Adelino Bortolini informou que a madeira para a construção da porta central veio de um grande cedro derrubado por Alexandre Ângeli no Valão de São Lourenço, próximo do local onde hoje se encontra o Country Club de Santa Teresa.

Do **Livro do Tombo**, v. 2, folha 76, verso, falando de 1949: “Dia 1º de Setembro começaram as obras de restauração e construção definitiva da Igreja Matriz conforme planta feita em Junho de 1942 pelo Engenheiro Arquiteto da Catedral de Vitoria, Dr. Hugo Bergdanoff (...) O Construtor da Igreja Matriz é o Snr. Armando Jorge Zottich...” Na folha 77A, há um panfleto com os dizeres: “TERESENSE! A Matriz precisa de teu auxílio Contribue generosamente... e sem regateios...”



IGREJA MATRIZ DE SANTA TERESA (no ano 2000)



Diz Luiz Carlos Biasutti em **No coração capixaba**, página 130: “Várias modificações foram feitas, outras pinturas e pequenas reformas. Infelizmente, a cultura, o acervo histórico não foram rigorosamente conservados. A Igreja Matriz deve ser preservada como um monumento cultural construído pelos nossos antepassados. O trono de Santa Teresa, o altar-mor representavam datas, nomes e história. Tudo deveria voltar aos seus lugares.”

Nas fotos, os quatro apóstolos pintados na cúpula da Igreja pela pintora Adelf Rangel de Moraes, em 1998. Na ocasião, a cúpula estava pintada de uma cor única.

Aqui sentimos falta de registro histórico, quando não conseguimos localizar nenhuma foto da pintura anterior, feita por Celina Rodrigues, pintora teresense. No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 130, verso, sobre agosto de 1961, encontramos: “Desde Julho já estávamos movimentando o povo para a substituição do altar mor existente por um de mármore. Adiantou-nos o trabalho o sr. Augusto Ruschi que ofereceu o dito altar de mármore no valor de 200.000,00 cruzeiros. Juntamente com esta campanha iniciamos a pintura da igreja. Na pessoa de dona Celina Rodrigues encontramos uma ajuda para a facilitação desta obra, pois ela, sendo pintora impulsionou-nos a obra. Iniciou seu trabalho arranjando gratuitamente o Calvário que vemos ao lado oposto do Batistério...”



IGREJA MATRIZ DE SANTA TERESA (no ano 2000)



Pintura por detrás do altar, representando o Cristo Ressuscitado, obra da Sr^a. Ad elk.

Vista interna. No alto o coro, de onde se “bate sino” e se tem acesso à torre.



Do **Livro do Tombo**, v. 2, folha 80, citando o Boletim Vida Paroquial, Ano I - n° 2, temos, em abril de 1950: “**QUER SER MADRINHA?** Chegou a Via Sacra nova da Matriz, em alto relevo, estilo gótico, imitando o marfim. Como é linda! Devota leitora, querendo ser madrinha duma estação da Via Sacra, procure a Madre Maria Amaltrudis. Não chegue atrasada... Seis estações tem já suas madrinhas.”



Abaixo, o Sacrário, agora em local separado, não mais no altar.





Imagem de Santa Teresa, atualmente localizada na Sacristia.

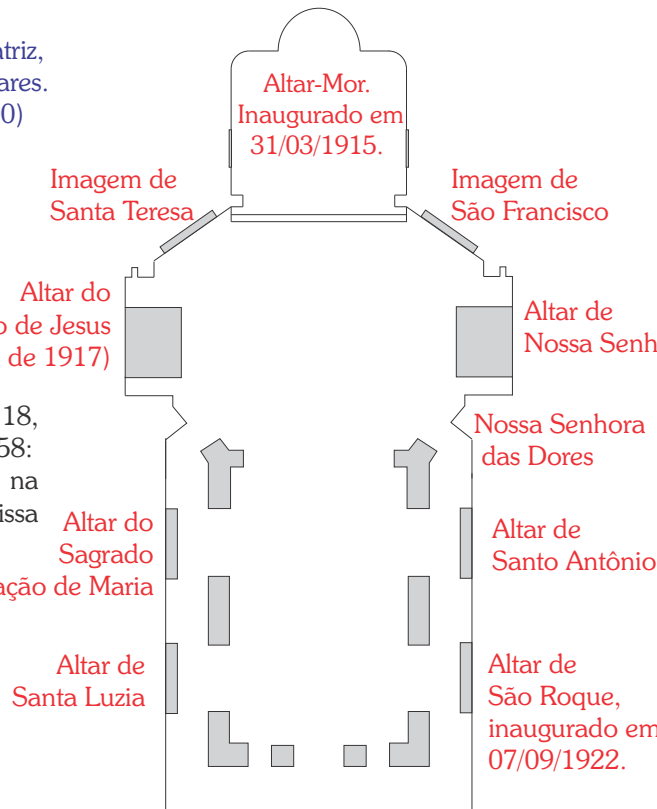


Imagem de São Francisco de Assis, fundador da Ordem dos Padres Franciscanos. Nasceu na cidade italiana de Assis, em 04 de outubro de 1182.



Santa Teresa, representada por sua imagem maior, na Matriz. No livro em suas mãos a inscrição AUT PATI, AUT MORI, lema da Santa Teresa d'Ávila, que significa OU SOFRER OU MORRER.

Planta simplificada da Matriz, para a localização dos altares. (Situação em julho de 2000)



Livro do Tombo, v. 2, folha 118, frente, temos que, em 08/12/1958: “Nêste dia, foi inaugurado na Matriz o novo Batistério, na missa das 8,30 horas.”

No dia 08/12/1930 foi inaugurado o “ladrilhamento” da Matriz. Na mesma data foram “inauguradas” as imagens de Santo Antônio e de Santa Therezinha.

No **Livro do Tombo** consta a inauguração, em 1914, do Altar de São Francisco e, em 19/02/1922, a do Altar de Santa Lúcia, ambos não mais existentes no ano de 2000.

Do **Livro do Tombo**, v. 2, temos:
Folha 28, frente - “Foi benta por D. Casello a primeira imagem de S. Thereza, presente do Bispo D. Fernando”, em 01/06/1902.
Folha 97, verso - “Continuando as obras da Matriz, foram reformados os altares de S. Roque e S. Luzia, e feitos ‘de novo’ iguais aos dois acima, os altares de S. José e S. Francisco de Assis.”

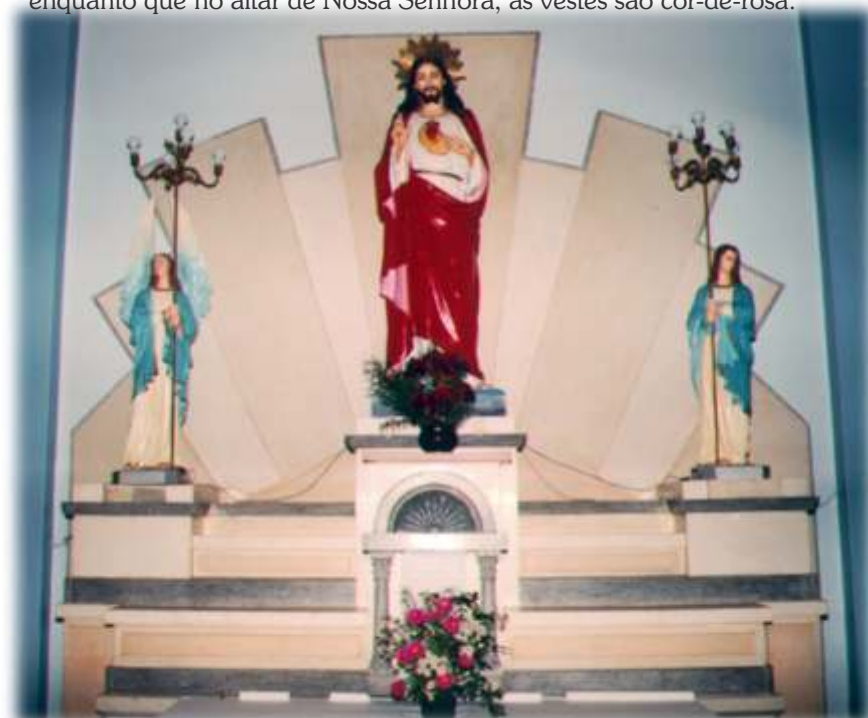
IGREJA MATRIZ DE SANTA TERESA (no ano 2000)

Altar do Sagrado Coração de Jesus, originalmente inaugurado em 08/04/1917.



Do **Livro do Tombo**, v. 2, folha 99, verso, falando de janeiro de 1956, temos: "... Como lembrança perpetua desta data, o Apostolado ofereceu à Igreja um artístico altar todo de marmorite, obra do Snr. Sebastião Valente, consagrado ao S. Coração de Jesus."

No altar do Sagrado Coração de Jesus, os anjos têm suas vestes em azul, enquanto que no altar de Nossa Senhora, as vestes são cor-de-rosa.



IGREJA MATRIZ DE SANTA TERESA (no ano 2000)

Entrada de luz em forma de rosácea.



Tombo, v. 2, folha 104, verso, falando de fevereiro de 1957: “Foi inaugurado em nossa Matriz o altar de Nossa Senhora, todo de marmorite...”

Nossa Senhora Auxiliadora



Os anjos seguram luminárias com cinco lâmpadas.



Altar completo, pronto para celebrações de missa ou outros sacramentos.





Altar de Santo Antônio.

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 119, frente, temos, sobre 01/02/1959: “Houve (dia 1º de fevereiro, domingo, antes da Missa das 8,30 horas, da Matriz) uma pequena procissão com a nova Imagem de São Braz, saindo da casa do Sr. Epifânio Zamprogno rumo à Igreja Matriz. Lá houve a Missa com a bênção da garganta. Agradecemos ao Sr. Waldemar Zamprogno e sua exma. Espôsa por ter oferecido à Matriz uma nova imagem.”



São Paulo



São Braz



Altar de São Roque, inaugurado em 07/09/1922. A imagem de São Roque (destaque à direita) é feita em papel. As imagens laterais são novas.



Do **Livro do Tombo**, v. 1, folha 56, frente, falando de 1921, temos: “A quinze de Outubro foi celebrada a festa da Padroeira Santa Theresa, precedida de um triduo - Nessa ocasião foram levadas em procissão as novas Imagens de S. Theresa, S. Lucia e S. Roque vindas da Italia. A imagem de S. Roque foi commissionada por D. Carolina Sessa, a de S. Lucia foi offerecida por D. Lucia Avancini Vervloet, e a de S. Theresa foi adquirida a expensas de D. Barbara Broilo.”



Altar de Santa Luzia. Todas as imagens são novas.





Altar do Sagrado Coração de Maria.



Imagem do Sagrado Coração de Maria - detalhe.



Na foto à esquerda, imagem de Santa Teresa, localizada no mesmo altar.

Nossa Senhora das Dores, em espaço entre os altares de Nossa Senhora e de Santo Antônio. (Vide planta com localização na página 63)

Busto de São Tarcísio.

Houve, na Matriz, um busto de São Tarcísio, atualmente ausente e em local não conhecido. Consta no **Livro do Tombo**, v. 2, folha 32, verso, em agosto de 1939: "... foi comprado um Busto de São Tarcísio que, no dia 15 de Agosto foi benzido pelo Coadjutor P. Frei Tarcísio e collocado na nossa Matriz."

Recursos para a Matriz.

O Diário Oficial do ES publicou, em 19/11/1949, o Projeto nº 146, através do qual a Assembléia Legislativa decretava a concessão de Cr\$ 100 000,00 para restauração do templo de Santa Teresa, atendendo ao requerimento feito pelo Sr. Argeo Reginaldo Lorenzoni.

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 85, frente, temos: "Embora repetidas vezes o Revmo Frei Afonso foi em Vitoria para solicitar o auxilio de Cr\$ 100.000,00 prometido pelo Governo do Estado (veja dia 12-1-1951, pagina 82 deste livro), todavia, enquanto esteve aqui, nunca pode alcançar a dita quantia a favor da nossa Matriz."

Em encontro do Vigário com o Governador do Estado, Jones dos Santos Neves, esse último informou das dificuldades do Governo em atender os "diferentes pedidos de auxilio por parte de muitas igrejas até protestantes. (...) A Camara dos Deputados (falou o Exmo Sr. Governador) enquanto aprova um decreto, autoriza mas não obriga o Governo a pôr em prática esse decreto...". Outras tentativas foram feitas posteriormente, por outros padres, havendo a desistência oficial ocorrida em 12/02/ 1952.



Nas páginas 70 a 73, a seguir, algumas fotos da Igreja Matriz de São Roque.

Luiz Carlos Biasutti e Arlindo Loss, em **São Roque do Canaã**, p. 46, dizem:

Desde 1953, com a criação da **Paróquia de São Roque** - desmembrada da de Santa Teresa - Frei Rafael Maria, que tanto lutou por isso, costumava afirmar que aquele seria o primeiro passo para a emancipação política da região, que um dia viria a tornar-se município.

Nas páginas 47 e 48, os autores assim se expressam:

É de suma e notável importância registrar, neste relato histórico-sentimental, a religiosidade que esses heróis imigrantes trouxeram de seus países de origem, cultuada no seio das famílias e comunidades desde tempos imemoriais e cujas sementes aqui deitaram em férteis canteiros de fé, assegurando amparo espiritual a toda a sua vasta posteridade.

Contam nossos antepassados que alguns imigrantes, ao descerem a Serra do Canaã, depois de atravessarem o Rio Santa Maria, ficaram perdidos por muitos dias na mata. Tratava-se da família Bosi. Preocupados ante a situação dramática, o destino incerto e o fim iminente, membros desta casta de desbravadores pediram a Nossa Senhora das Graças que, onde encontrassem uma saída, ali iriam construir um oratório. Cumpriram a promessa, porque alcançada a graça. Construído em 1886, em

* 1888 o Padre José Venditti ali celebrou a primeira missa. Um modesto oratório, porém um ato grandioso. Tanto pelo sacrifício religioso em si, como pelo fato de que se tratava da Primeira Missa de São Roque do Canaã.

Outro relato ancestral dá conta de que, com o passar dos anos, uma grave epidemia grassou na região. Diante da preocupação geral, começaram a fazer novenas e pedir graças a São Roque para que livrasse a todos do mal que os assolava. Novamente a fé veio em socorro dos desprotegidos cristãos, tanto que, em pouco tempo já não havia mais ninguém doente. Em agracedimento, e tendo em vista sua proteção em caso de futuras epidemias ou doenças, trataram de conseguir uma imagem do santo milagroso, o protetor dos doentes em geral, e o entronizaram em um oratório especialmente construído em sua honra, por volta de 1889. Era de madeira rústica e coberto por tabuinhas. No local, um terreno doado por João Dalla Bernardina, onde hoje está, exuberante em sua simplicidade, a nossa Igreja Matriz.

Em 16 de agosto de 1889 é celebrada a primeira missa nesse oratório, pelo Padre Remígio Pezotti.

** Em 1924, o diminuto nicho sofreu uma reforma substancial, a bem dizer uma transformação integral realizada pelas famílias da redondeza, tendo sido transformado em uma pequena capela de pedras, coberta de telhas.

A Paróquia de São Roque foi criada no dia 16 de agosto de 1953. Antes de ser oficializada, houve disputas entre São João de Petrópolis e São Roque, para ser definida a nova sede que, até então, pertencia à Paróquia de Santa Teresa. O Bispo Dom José Joaquim Gonçalves visitou a região e, pela sua melhor localização geográfica, decidiu que seria São Roque, principalmente por estar-se tornando um centro de influência na região.

O primeiro vigário designado foi o Capuchinho Frei Rafael Maria de Mineo, que só tomou posse definitiva em fevereiro de 1954. Recebeu como cooperador o Frei Marino de Sortino.

O município de São Roque do Canaã foi criado em 15/12/1995.

No brasão, um dos seus símbolos, bem no centro, em destaque, o desenho da Igreja Matriz.

Notas:

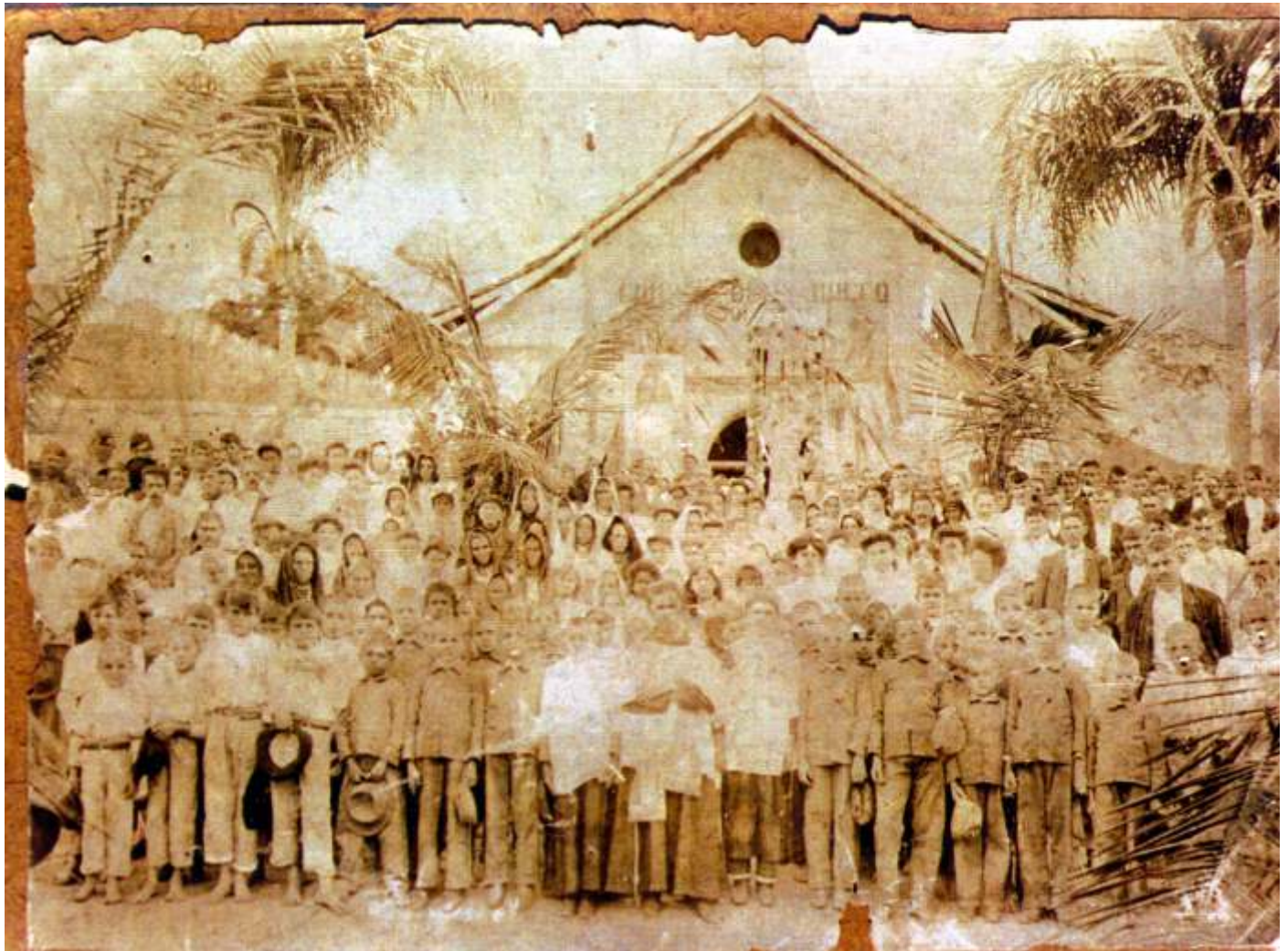
* O oratório citado foi construído no local onde hoje se encontra a Capela mostrada na página 158.

** A “pequena capela” citada é a mostrada na foto da página 70: Chiesa di S. Rocco.

Do **Livro do Tombo**, v. 2, folha 88, verso, falando de 16/08/1953, temos:

Por decreto de Sua Excia. D. José Joaquim Gonçalves, D D. Bispo Diocesano, assinado pelo Vigário Geral Mons. Custodio Bandeira, foi criada a Nova Paroquia de São Roque, desmembrando-a da Paroquia de Santa Teresa.

IGREJA MATRIZ DE SÃO ROQUE DO CANAÃ



“Primeira Igreja de São Roque - Demolida em 1929.” Informação do livro **São Roque do Canaã**, de Luiz Carlos Biasutti e Arlindo Loss, p. 81.

Na foto cedida pela Sr^a Vitória Torezani, pudemos identificar a inscrição: “Chiesa di S. Rocco”



As fotos cedidas por Arlindo Loss mostram: acima, a Matriz de São Roque nos anos 30 e à direita, a mesma Igreja nos anos 40.

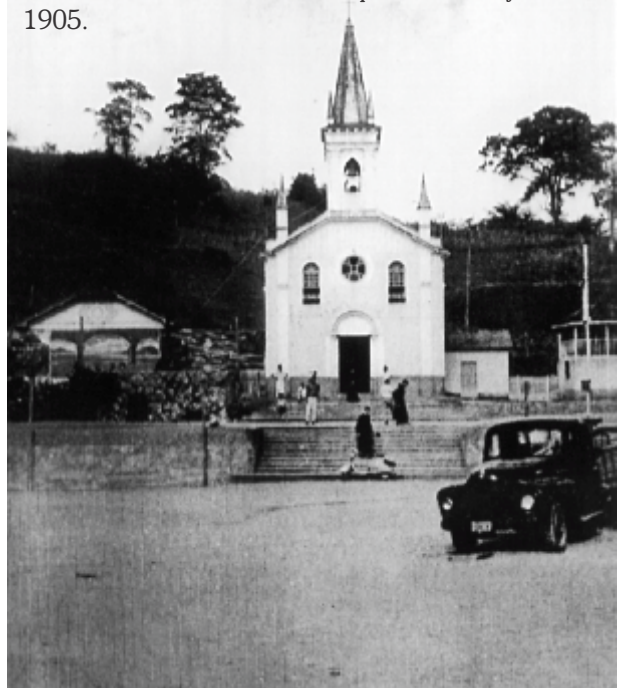
Frei Affonso Maria, Vigário de Santa Teresa em 1941, escreveu em 21 de maio daquele ano:

“1ª Igreja em 1877

2ª Igreja em 1898

3ª Igreja (atual) reconstruída toda de novo e inaugurada em 1928 pelo Vigário Frei Clemente de Modica.”

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, verso, consta Provisão em 20/03/1899. No mesmo livro, folha 29, frente, consta visita do Bispo D. Fernando de Souza Monteiro e comitiva a São Roque em 12 de julho de 1905.



IGREJA MATRIZ DE SÃO ROQUE DO CANAÃ



A Igreja Matriz de São Roque nos dias atuais, ano 2000.



Na ala esquerda, a Capela de Nossa Senhora das Dores.



Na ala direita, a Capela de Jesus Cristo.



Latitude: -19° 44,339'
Longitude: -40° 39,509'
Altitude: 126m



IGREJA MATRIZ DE SÃO ROQUE DO CANAÃ



O altar, visto da ala central. O piso de ladrilho, formando desenho exclusivo.



A ala esquerda.



A ala direita.

A ala central, vista a partir do altar. O coro, suas colunas e balaustrada.



Em toda a Igreja, arcos, janelas com vidros coloridos, adornos de gesso envolvendo todo o perímetro, tudo resultando em uma combinação muito suave, clara, calma.

IGREJA MATRIZ DE SÃO ROQUE DO CANAÃ



Cristo crucificado, imagem central da Igreja.



No ano da visita (2000), além da imagem de Jesus na cruz, somente as imagens de Nossa Senhora do Rosário e de São Roque, o padroeiro.



No caderno de anotações de Frei Affonso Maria, em 21 de maio de 1941, consta que na Igreja havia três imagens: de São Roque, do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora do Rosário.



Retratos em madeira, de forma estilizada, os Passos da Paixão de Cristo.

Sobre essa Capela, um pouco de história através de um relato de Alessandro Broetto, escrito em 24 de março de 1911, extraído do livro **Memórias de um imigrante italiano**, de Orestes Bissoli.

Na página 204, nota de rodapé, temos:

Em 1873, antes da chegada dos primeiros italianos, já existiam na região do Timbuí 4 barracões. Aqui são mencionados os barracões de Santa Lúcia, Santo Antônio, Santa Rosa e Santa Teresa. Eles ficavam em situações estratégicas de modo a permitir que os imigrantes neles pernoitassem ou mesmo ficassem instalados. A precariedade destas construções dispensa comentários.

Na página 208, encontramos:

O povo que estava no barracão de Santa Rosa, parte tinha povoado a valada Santa Rosa e parte, a valada de Santa Lúcia. Aqueles de Santa Rosa decidiram fazer uma sociedade para poder trabalhar juntos a fim de edificar uma pequena igreja para poder ter algumas vezes um sacerdote que pudesse celebrar a Santa Missa e administrar os Santos Sacramentos. Foi estabelecido o lugar e começaram a preparar um plano, trabalhando no dia de festa, porque durante a semana não podiam perder tempo devido às necessidades da família.

No dia 27 de maio de 1883, Simon Feller, que morava na estrada de Cachoeiro para Santa Teresa, a 6 quilômetros de distância de Santa Teresa, onde a estrada que vem de Santa Lúcia para Santa Rosa entra na estrada grande do comércio, deu, a título de doação, dois pedaços de terreno, um para construir uma igreja e outro para fazer um cemitério, e assim ficou confirmado e foi feito um documento em papel selado com selo de Dom Pedro II, Imperador do Brasil, firmado pelo doador e pelas testemunhas e que até hoje se conserva. Naquele mesmo ano a igreja foi construída em madeira, com o trabalho de 17 famílias somente, que pertenciam àquela sociedade. Logo veio o padre Dom Domenico Martinelli, celebrou a primeira missa na dita igreja, fez a primeira comunhão de um bom número de meninos e meninas e foi uma verdadeira alegria para o povo destes lugares. Depois foi nomeado um chefe desta sociedade que se chama fábrica e tem, em registro e em boa ordem, quanto é possível, tudo aquilo que pertence à igreja.

No dia 7 de agosto de 1887 o fabricante Antônio Zucolotto, de acordo com toda a sociedade, ordenou a Antônio e Virgílio Lambert, residentes em Santa Teresa, que lhe fizessem uma estátua de Nossa Senhora para que a ela, depois, fosse dado o título da Penha. No dia 25 de março de 1888 a imagem foi transportada da casa dos irmãos Lambert e triunfalmente levada para a nossa igreja. No dia 17 de junho do mesmo ano foi benta pelo padre vigário do porto velho de Queimado. A festa decorreu bonita e decorosa. A imagem foi benta com o nome da Penha e com tal nome ficou sendo chamada e igreja de Nossa Senhora da Penha.

Em 1896 foi realizado o projeto de construir a igreja em pedra; e no mesmo ano foi fabricada até o presbitério, com os esforços da sociedade e com a esmola dos fiéis. O fabricante, naquele tempo, era Antônio Stelzer. No final do ano de 1904 a comissão desta sociedade decidiu ultimar o trabalho da igreja, em pedra, e edificar o campanário, também em pedra. No dia 18 de fevereiro de 1905, benta pelo padre vigário de Santa Teresa, na pessoa de Frei Eugênio Pallulo da Comiso, foi colocada a primeira pedra e a festa foi comovente. Foi também colocado um pergaminho com muitas assinaturas dos presentes ao ato da bênção. No dia 23 de abril de 1906 teve lugar a inauguração do novo campanário. Naquele dia transcorria a solenidade de Nossa Senhora da Penha, que todos os anos se celebra na segunda-feira da oitava da Páscoa, e daí houve uma grande concorrência do povo vindo de muito longe. Houve funções solenes, missa cantada, procissão longa e ordenada, os cantores locais alegravam a festa com hinos sagrados, a estátua de Nossa Senhora da Penha foi carregada por 4 moças vestidas de branco. Mas não faltou a palavra do padre celebrante, Frei Caetano da Comiso que, durante o Evangelho, nos exortou com palavras afetuosas, enaltecendo a grandeza de Maria e sua poderosa intercessão. A festa se encerrou na maior ordem, com os corações alegres. O fabricante era, e ainda é no presente, Eugênio Zucolotto. No dia 15 de agosto de 1909 foi erigido um altar na igreja da Penha e sobre ele foi colocada uma estátua de Santo Antônio de Pádua, trabalho em madeira de um metro de altura, feito pelas mãos de um jovem emigrante de nome Luigi Rampazzo, benta pelo padre vigário de Santa Teresa. Foi feita uma bela festa.

Aqui termino a minha história da qual uma parte me foi relatada e de uma parte fui eu próprio testemunha e há 16 anos que moro nestes lugares.

Reverendíssimo Padre Frei Benedito, desculpe os erros que encontrará ao ler este meu relato. Aceite os meus cumprimentos. De Vossa Reverendíssima devotíssimo servidor.

ALESSANDRO BROETTO

Rio Saltino, 24 de março de 1911.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PENHA (Penha)

Abaixo, a foto da Capela nos dias atuais. Anteriormente, havia uma construção em madeira. Em 1896, foi iniciada a construção “em pedra”, edificada até o presbitério.



Em 1905, foi continuada a construção da Capela.



Em 23 de abril de 1906, foi inaugurado o campanário.

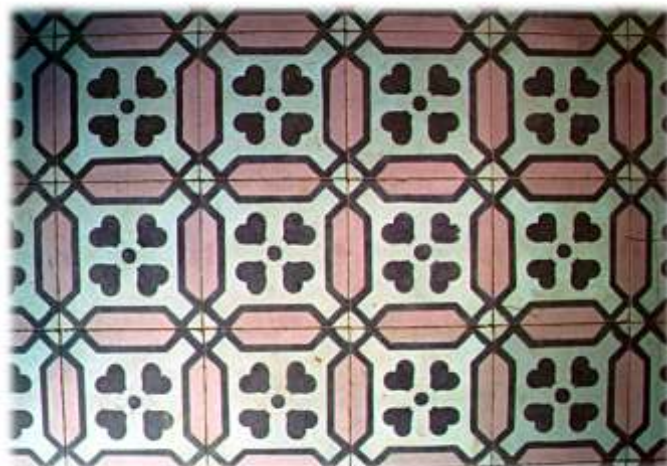


No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 113, frente, consta, citando a data de 14 de abril de 1958:

“Em comemoração do IV centenário de N. Senhora da Penha de Vitória, houve êste ano uma grande festa na Capela da Penha perto de Santa Teresa. (...)”

No final da procissão falou o Rvmo. Pe. Frei Carlos de S. Teresa, homenageando aos fundadores do nosso mais antigo templo, dedicado à Padroeira de nosso Estado.”

A beleza e originalidade dos ladrilhos que compõem o piso.



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PENHA (Penha)



Detalhe da porta, na qual uma placa mostra os dizeres:



Detalhe da janela.



Um dos quadros que representam as Estações da Paixão de Cristo, utilizando o idioma italiano.

SANTUÁRIO
DE NOSSA SENHORA DA PENHA
Município de Santa Teresa
Fundado em 1875

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 26, verso, consta a Visita Pastoral do Bispo do Espírito Santo, Dom Fernando de Souza Monteiro em 20 de maio de 1905.

“... em companhia do Rvmo. Vigário, do nosso Secretario particular e de diversos Senhores, que Nos fizeram amavel companhia até o lugar denominado ‘Santa Rosa’, a 6 kilometros de Sta Thereza, e cuja Capella consagrada a N. S.ª da Penha, de passagem deviamos visitar.”



Vista geral do interior da Capela.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PENHA (Penha)



Vista do altar. Uma balaustrada separa o presbitério da nave.



Detalhe da balaustrada.



O altar de Nossa Senhora da Penha.



Nossa Senhora da Penha, esculpida em madeira pelos irmãos Antônio e Virgílio Lambert, a pedido do fabricante Antônio Zucolotto.

A “encomenda” foi entregue em 25 de março de 1888.



Vista do coro e da parte posterior interna da Capela. Toda a sustentação do coro é feita sobre armação e colunas de madeira.

Latitude: -19° 57,210'

Longitude: -40° 33,248'

Altitude: 677 m



Imagem de Santo Antônio, esculpida em um tronco maciço. Apresenta profunda rachadura na base.



Detalhe da parte superior do nicho de Santo Antônio. Importante trabalho escultural, complementado por policromia. Há que se atribuir ainda maior mérito aos artistas, quando consideradas as condições da época, sem maquinário sofisticado e com ferramentas simples, sem maiores recursos para a fabricação.

Nicho e imagem de São Roque, também com significativos trabalhos na madeira.

Nicho e imagem de Nossa Senhora. Estilo diferente dos demais, com incisões longitudinais nas colunas.



GRUTA DE N. S. DE LOURDES (Santa Teresa - Gruta do Hospital)



No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 74, frente, encontramos os seguintes dizeres, a respeito da inauguração da Gruta de Lourdes, ocorrida em 8 de agosto de 1926:

“Realizou-se brilhantemente em 8 do corrente, na villa de Santa Thereza, no Collegio Italo-Brasileiro a inauguração de uma artistica gruta em honra á Virgem de Lourdes, facto este ha muito anhelado, não só pelos piedosos Padres Capuchinhos, como por todos os alumnos daquelle Collegio.

(...)Foi orador o intelligente alumno Alfredo Drews, que, em singelo discurso, fez a apologia da celebre gruta de Lourdes, em França...”



No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 1, verso, consta, com referência ao ano 1929:

“Inauguração da Imagem de Bernadette na gruta de N. S. de Lourdes.

No ultimo domingo de Agosto foi inaugurada com muito brilho a Immag. de Bernardette nesta gruta de N.S. de Lourdes.”

Por volta de 1950, “Durante os trabalhos de reforma da Matriz, funcionou como Igreja a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, no Seminário, com o galpão ao lado”.

Missionários Capuchinhos, página 369, de Serafim J. Pereira.

Latitude: - 19° 55,895'

Longitude: -40° 36,242'

Altitude: 671,47m



CAPELA DE N. S. DA CONCEIÇÃO (Valão de São Lourenço - Lambert)

Na foto, Virgílio Lambert (à esquerda), sua filha Ermínia (com 4 anos) e seu irmão Antônio (com 42 anos), em 1875, quando chegaram a Santa Teresa.

Luiz Carlos Biasutti em **No coração capixaba**, página 81, cita: “Virgílio Lambert pede licença ao Bispo para construir a Capela da Imaculada Conceição, ainda em 1898. Seu irmão Antônio Lambert, artista, escultor, falece no ano seguinte, deixando incompleta a imagem de Nossa Senhora. Virgílio consegue acabá-la para o final do século, inaugurando, portanto, um dos monumentos mais antigos de Santa Teresa.”

No mesmo livro, p. 109, cita também que, em 1991 (93 anos após a construção), “Foi restaurada a capela da Imaculada Conceição, em frente à construção mais antiga de Santa Teresa (residência de Virgílio Lambert). Todavia, historicamente, esta capelinha foi construída para a comemoração do ano 1900, conforme o **Livro do Tombo** n. 1, da Matriz.”

Frederico Müller, em **Fundação e fatos históricos de Santa Teresa**, p. 66, diz, referindo-se ao ano de 1898: “A 25 de fevereiro deste mesmo ano foi criada a nossa Paróquia, sob a proteção do Sagrado Coração de Maria, pelo primeiro Bispo da Diocese do Espírito Santo, Dr. João Baptista Correia Nery. Nessa ocasião, Virgílio Lambert pediu licença ao Bispo para construir a Capela da Imaculada Conceição, nas proximidades desta Vila. Benzeu-a o Padre Marcelino em maio ou agosto de 1899. E prestar homenagem a dois humildes artistas dizer-se que a Imagem que a Capelinha tem no altar-mor foi principiada por Antonio Lambert e acabada pelo próprio Virgílio Lambert, por ter aquele falecido.”



Latitude: -19° 55,926'
Longitude: -40° 36,365'

A Capela de N. S. da Conceição, um dos mais antigos e importantes monumentos de Santa Teresa, agora ladeada por construções que a descaracterizam. Júlio Posenato em **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo**, na página 545, cita Villa Deliso: “Devemos lembrar às pessoas que, protegendo e promovendo suas raízes culturais, estarão afirmando sua própria identidade e salvaguardando sua própria memória.”

Quando visitamos as Capelas, observando as características arquitetônicas e construtivas, algumas com detalhes mais rebuscados e outras extremamente simples, imaginamos as condições dos imigrantes, tanto na oferta de matéria-prima nas circunstâncias da época quanto na sua formação. Diz Luiz Serafim Derenzi em **Os italianos no Estado do Espírito Santo**, na página 49: “Não vieram só camponeses. Alguns artesões, tais como carpinteiros, marceneiros, sapateiros, ferreiros, caldeireiros. Guarda-livros, relojoeiros, professores primários. Por exemplo: Carolona Pickler, grande educadora, cujo nome foi perpetuado em um grupo escolar. Da primeira turma vinda para Santa Tereza, fez parte Virgílio Lambert, escultor e pintor diplomado pela Universidade de Pádua.”

Renzo M. Grosselli em **Colonie imperiali nella terra del caffè** cita Virgílio Lambert como “líder espiritual dos cidadãos trentinos de Santa Teresa (p. 345); líder carismático dos primeiros grupos de trentinos que chegaram à colônia (p. 363).” Diz ainda que “Virgílio Lambert chegou ao Espírito Santo em maio de 1875 com a nave Rivadávia. Estavam com ele o irmão Antônio e a filha Ermínia. Virgílio e Antônio eram uma estranha dupla de imigrantes. O segundo tinha freqüentado pelo menos dois cursos junto à Academia de Belas Artes de Veneza e era pintor e escultor de boa mão. Virgílio, em vez disso, tinha trabalhado nos portos europeus na manutenção de navios, profissão que tinha herdado graças ao bom conhecimento que detinha da língua francesa... Virgílio, pessoa de personalidade forte, assumiu logo uma função de liderança na pequena comunidade teresense. Alguns o definiam como líder intelectual dos colonos de Timbuí. Muito religioso, foi promotor da construção de uma das primeiras capelas de Santa Teresa e, com instruções do irmão, dedicou-se à escultura de algumas obras sacras em madeira (p. 432).” (Tradução de Victor Affonso Biasutti Pignaton).



O retábulo com a imagem de N. S. da Conceição.



Detalhe da imagem que, diz Armando Salviato, teve inspiração em uma Sr.^a da sociedade da época.

O Espírito Santo, representado pela pomba branca, no teto da Capela.



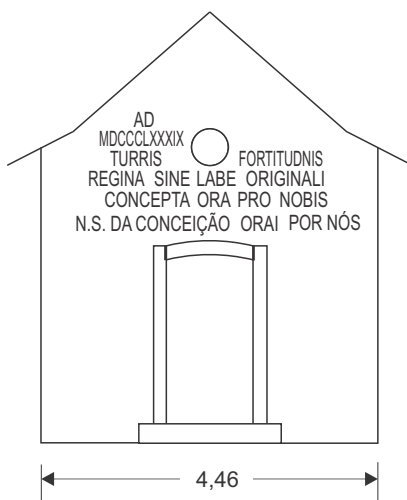
Victor Biasutti, em **Brumas**, p.35, citando Heráclito Amâncio Pereira:

Um galho de árvore que deriva pela corrente do rio, bate no costado da canoa. O moço parecia acordar de seu sonho... A mão ágil arrebatou o ramo, que boiava e começou a trabalhar com a faca... A figurinha foi, pouco a pouco, ganhando forma... Surgiu o encanto de um rosto feminino, logo depois o corpo cheio de sensualidade aliciante. Virgílio Lambert, o moço escultor, arrancava da madeira bruta uma pequenina obra prima, representação inconsciente de feitiço da terra, que o havia de empolgar pelo resto da vida.

Em 26 de junho de 1875, recebia Lambert o seu lote de terra. Surgiu o lavrador, enamorado da terra, continuando, porém a viver o artista. A mão que espalha a semente, que havia de se multiplicar milagrosamente nas colheitas fartas e rendosas, enchia o ócio manejando o cinzel. E as imagens nascidas dessa ânsia criadora de beleza, espalharam-se pelas capelinhas brancas, que brotavam na colônia, numa bênção de paz e amor... Se o lavrador não atrapalhava o artista, este também não lhe punha embaraços, antes trazia-lhes para a luta quotidiana um pouco de sonho criador.



O altar, adornado com trabalhos em madeira. A cruz central está sendo atacada por cupins.



À esquerda, desenho feito com base nas medições dos alunos.

5,30

Crucifixo e rosto de Jesus entalhados em madeira, na qual podem ser notados alguns nós.



CAPELA DO SEMINÁRIO SERÁFICO SÃO FRANCISCO DE ASSIS



A entrada da Capela.

Cristo na Cruz iluminado pela luz natural, tornada amarela por efeito dos vidros coloridos.

Serafim J. Pereira, em **Missionários Capuchinhos**, página 366, falando sobre o novo seminário disse: “Finalmente, com o prédio quase completamente acabado, e ainda tendo a capela em construção, foi feita a transferência para o novo Seminário, no dia 15 de junho de 1959. A capela funcionou provisoriamente onde é hoje o museu do seminário. Em 1962 inaugurou-se uma ampla capela.”

Representação de uma das Estações da Paixão de Cristo.

Latitude: -19° 56,236'
Longitude: -40° 35,502'
Altitude: 646m



O interior da Capela.
Simplicidade franciscana...



CAPELA DO SEMINÁRIO SERÁFICO SÃO FRANCISCO DE ASSIS

(Capela dos frades - uso particular)



Vista geral da Capela, construída em 1963.

O altar, bancos e balaustrada vieram da antiga Capela do Ginásio Santa Catarina.

É Capela de uso restrito, na qual os Padres do Seminário fazem suas celebrações e orações, sem a participação do público.

Para eventos que envolvam público, o Seminário oferece a Capela mostrada na página anterior (82).



Detalhe do altar. As imagens de São Francisco e a de Nossa Senhora Aparecida são novas. O crucifixo e o Sacrário fazem parte do altar trazido do Ginásio Santa Catarina.



Detalhe da parte inferior do altar.



Gravuras que representam as Estações da Paixão. Vieram do antigo Seminário, onde funcionou o Hospital Mãe do Bom Conselho e, em tempos ainda mais remotos, o Colégio Ítalo-Brasileiro.

A montagem em madeira é mais recente, porém, as gravuras, em perfeito estado, são anteriores a 1935; conforme informou Frei José Corteletti.

Latitude: - 19° 56,236'
Longitude: - 40° 35,502'
Altitude: 646 m



Uma das gravuras da Paixão.

IGREJA DA CONFISSÃO LUTERANA (Santa Teresa)



Sobre a porta, a inscrição:

TEMPLO
LUTERANO
29 7 56

(29/07/1956)

Situa-se no bairro Vila Nova, próxima da residência da família Reisen.

O interior, simples e sem imagens.
À esquerda, o púlpito.
O teto é de madeira, trabalhado.



Detalhe de alguns cartazes e a frase:

EIN FESTE BURG IST UNSER GOTT.

O Pastor Geraldo Grützmann traduziu:

CASTELO FORTE É O NOSSO DEUS,

frase que tem origem no mais conhecido hino de Lutero.



As fotos são de Antônio Angelo Zurlo.

Latitude: - 19° 56,284'
Longitude: - 40° 36,161'

IGREJA DA CONFISSÃO LUTERANA (Serra dos Pregos)



Inaugurada em 24/06/1921, esta foi a primeira construção do local.
(Foto cedida pelo Pastor Geraldo Grützmann)



Foto realizada em nossa visita de 10/08/2000.
Recebeu reforma em 11/05/78.



Foto da frente da Igreja, com o campanário à direita.
(Foto cedida pelo Pastor Geraldo Grützmann)



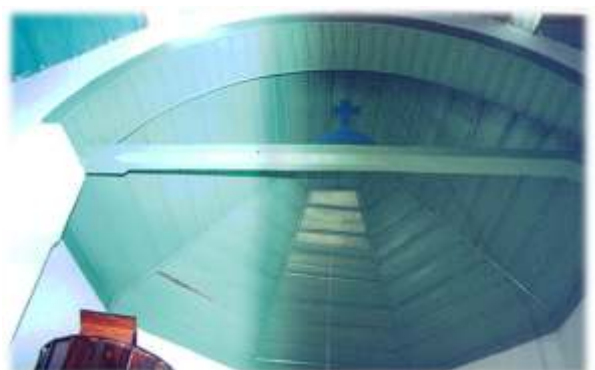
Vista do interior, com o púlpito (em todas as Igrejas visitadas é localizado no lado esquerdo) e com o retábulo, onde está somente a representação de Jesus Cristo. No alto, sobre o retábulo, a inscrição IGREJA SANTOS REIS.



Interior, com bancos para acomodar aproximadamente 70 pessoas.

Nesta Igreja, alguns cultos ainda acontecem na língua alemã. A liturgia e hinos são em alemão e a Prédica é proferida em dialeto pomerano.

Detalhe do teto, sobre o retábulo.



Latitude: - 19° 57,086'
Longitude: - 40° 41,223'



Esta Capela foi inaugurada em 02/05/1902 e ainda é a construção original. Também funcionava como escola.



Diversas janelas proporcionam boa iluminação natural interna. O telhado do campanário tem formato arredondado, diferentemente dos das Capelas Católicas, que são retangulares.



Foi construída por imigrantes suíços.

No interior, o altar ao centro e o púlpito à esquerda dos assistentes. Não há imagens de santos, somente a representação de Jesus Cristo. Nesta Capela, há também os quadros da Paixão.

O Pastor Geraldo Grützmänn observa que as comunidades Luteranas se destacam pela diversidade de etnias.

Quanto aos quadros da Paixão, o Pastor sugere que tenham sido recebidos como doação, porém, não há qualquer celebração ligada aos mesmos.

IGREJA DA CONFISSÃO LUTERANA (Vinte e Cinco de Julho)



No fundo o coro, em madeira recortada.



Detalhe do altar.



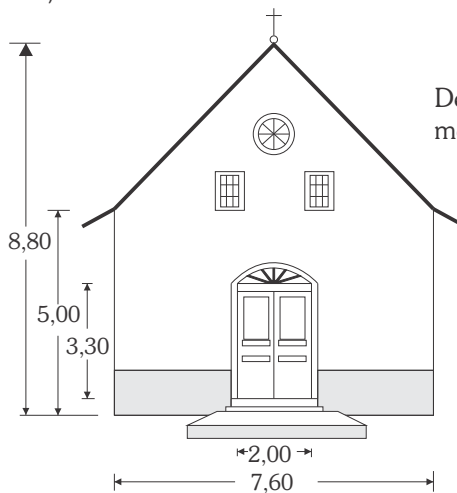
O púlpito, de onde o Pastor faz a pregação (Prédica).



Detalhe da porta.



No coro, um harmônio fora de operação, bastante danificado.



Desenho feito de acordo com as medidas efetuadas pelos alunos.

Latitude: -19° 48,765'
Longitude: -40° 36,671'

IGREJA DA CONFISSÃO LUTERANA (Barra do Rio Perdido)



À esquerda, vista lateral da Igreja, em foto cedida pelo Pastor Geraldo Grützmann.

Igreja construída em terras da família Arndt. O sino foi doado por Marta Wolkart e contém as iniciais do seu nome.



À direita e abaixo, fotos realizadas em nossa visita de 28/05/2000.

O Pastor Geraldo ofereceu as informações a seguir:

A primeira Igreja construída no local teve início em 12/11/1900. De 1900 a 1904, essa Igreja sediou a Paróquia Luterana. A Igreja atual já não é mais como a original. Rio Perdido foi o primeiro ponto de descida dos alemães rumo ao norte, a partir de Santa Maria de Jetibá. O cemitério de Rio Perdido (4 ou 5 km distante da Igreja) foi o primeiro cemitério na Terra Quente. Os primeiros batismos naquela região aconteceram em 02/09/1874.



O interior, sem qualquer imagem: somente Jesus na Cruz.

Detalhe do púlpito, sempre no lado esquerdo, nas Igrejas que visitamos.



Latitude: - 19° 49,950'
Longitude: - 40° 42,216'

IGREJA DA CONFISSÃO LUTERANA (São Roque - Tancredinho)



O interior da Igreja, com bancos que podem acomodar cerca de 210 pessoas. No coro, há bancos para mais 24 pessoas. Como nas demais Igrejas Luteranas, à esquerda está o púlpito. Nas paredes, crucifixo ou quadros de Jesus, e, ainda, um quadro da Santa Ceia, de Leonardo da Vinci. As telhas são metálicas e o formato do telhado é arredondado.

Atrás da Igreja há um cemitério onde a maioria dos túmulos tem as inscrições na língua alemã, embora se encontrem alguns que se utilizem do português. Abaixo, fotos das inscrições nas lápides de dois túmulos, um registrando nascimento em 1875 e outro, em 1895.

A posição dos túmulos difere da encontrada na maioria dos cemitérios. Neste, os túmulos ficam alinhados perpendicularmente à rua principal. Segundo consta, são virados para o sol nascente.

Latitude: - 19° 39,567'

Longitude: - 40° 44,134'



IGREJA DA CONFISSÃO LUTERANA (Alto Caldeirão)

Não visitamos esta Igreja, que foi inaugurada em 06/06/1993. As fotos foram cedidas pelo Pastor Geraldo



CAPELA DE SÃO PEDRO (São Roque - São Pedro)

Construída segundo projeto bastante elaborado, esta Capela exibe fartura de detalhes, dentro de sua riqueza arquitetônica.

Em cada parte de sua fachada pode ser observado o esmero no planejamento e na construção.

Não há um só espaço sem a presença de algum elemento que venha valorizar a edificação.

As grandes linhas retas são todas interrompidas por algum degrau, alguma particularidade.

O grande número de janelões possibilita boa iluminação natural em seu interior.

No interior, mostrado na foto abaixo, a continuação do apurado projeto.

O retábulo é contido em espaço delimitado por um arco retangular, completado por balaustradas. Na ocasião da visita, o nicho central, destinado a São Pedro, estava vazio, vez que esta imagem estava preparada para participar de procissão. O nicho da direita abrigava a imagem de Santa Teresa.

Na nave, dois nichos laterais, diagonalmente colocados, abrigam as imagens do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora.

O piso de ladrilhos decorados completa o conjunto.

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, verso, consta Provisão em 08/07/1899.

Na folha 29, frente, consta que, em 24 de junho de 1905, o Bispo Dom Fernando de Souza Monteiro e comitiva viajaram para São Pedro, ficando nesta Capela por três dias.

No volume 2, folha 4, frente, consta que a Capela de São Pedro foi reedificada e inaugurada pelo Frei Miguelangelo em 29/06/1930.



CAPELA DE SÃO PEDRO (São Roque - São Pedro)

Detalhe da porta, com colunas e arcos em profundidades crescentes. Uma cruz complementa o conjunto.



Imagem de São Pedro, instalada em um andor que a conterá em próximas procissões. Após, voltará a ocupar seu lugar no nicho central do retábulo.



Abaixo, vista da lateral, na qual também estão inseridos diversos elementos que quebram uma visão plana (normalmente encontrada em diversas outras construções), acrescentando valor ao conjunto.

No interior, bancos com capacidade para cerca de 110 pessoas.

Embora sendo uma Capela de grandes dimensões, apenas seis imagens compõem o acervo.



Imagem do Sagrado Coração de Jesus, abrigada em nicho construído em diagonal, no lado esquerdo da nave.



No lado direito da nave, o nicho com a imagem de Nossa Senhora.

Latitude: - 19° 41,622'
Longitude: - 40° 40,231'

CAPELA DE SÃO JOSÉ (Caldeirão)

De A VOZ DO SEMINÁRIO, Ano XXII, Nº. 261, maio de 2000:
“A Igreja de São José foi construída em 1902, embora já houvesse outra Capela, perto do cemitério, que fora construída em 1880.”



A primeira reforma aconteceu em 1927. É uma construção rica em detalhes, tanto na sua parte externa quanto no interior.

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, verso, consta a Provisão da Capela de São José em 16/02/1899.

Na folha 12, verso, consta a autorização para que o Padre Marcellino Moroni benze a Capela em 10/08/1898.

Na folha 48, consta que, em janeiro de 1914, desentendimento entre o fabricante, o vigário e alguns membros da comunidade resultou na exoneração do fabricante e na retirada da Provisão. Após pedidos de desculpas e outras providências, o Bispo renovou a Provisão em portaria de 29/08/1914. “No mes de Setembro o Fr. Caetano de Comiso, acompanhado pelo Delegado de Policia e duas praças foi no Caldeirão e entregou a administração da Capella aos novos Empregados, ficando excluidos da Sociedade os tres promotores da desordem.”

A foto acima mostra a Capela em reforma. Antônio Luiz Carlini identificou alguns trabalhadores, com a ressalva da possibilidade de engano pelas condições pouco favoráveis da foto muito antiga.

Vista do retábulo, com três nichos e o sacrário.



Latitude: - 19° 54,614'
Longitude: - 40° 44,478'

No interior, bancos para acomodar cerca de 100 pessoas.

CAPELA DE SÃO JOSÉ (Caldeirão)



Acima, outra vista do interior, onde se pode notar a balaustrada, os ladrilhos do piso e dois nichos laterais, para imagens.



Acima, um detalhe do teto, com formação circular de anjos e estrelas.



Ao lado, o detalhe do sacrário e da bancada sob o retábulo. Vários adornos compõem o conjunto.

Abaixo, neste outro detalhe do teto, o cálice e a hóstia com as letras JHS, Jesus Hóstia Santa.



Placa de mármore com os nomes dos fundadores da Capela.



CAPELA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (São Roque - Mutum)



Vista do interior, onde pode ser notada construção mais detalhada, com balaustrada, nichos laterais, arco e retábulo com três nichos iluminados.

O forro havia sido retirado para substituição (09/07/2000).

Os bancos podem acomodar cerca de 90 pessoas.

Foram contadas doze imagens, além dos quadros da Paixão.

Na parte central da torre, voltado para fora da Capela, um nicho onde normalmente estaria uma imagem do Sagrado Coração de Jesus (não estava na data da visita, 09/07/2000).

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 29, frente, consta que, em 15 de junho de 1905, o Bispo Dom Fernando de Souza Monteiro e comitiva visitou a “Capella do S. Coração de Jesus durmindo em a casa do Snr. Angelo Ferrari”.

Na folha 40, verso, consta a Provisão, pelo Bispo Dom Fernando de Souza Monteiro, em 07/04/1913. Na Provisão: “... que a Capella esteja decente, provida de paramentos e outros objetos indispensaveis ao culto divino, e como Capella publica, embora de propriedade particular, preste-se commodamente á celebração dos actos religiosos...”

Detalhe do retábulo, altar e sacrário.

No nicho central, uma imagem pequena do Sagrado Coração de Jesus, ali colocada provisoriamente.

Imagem principal do Sagrado Coração de Jesus, retirada do nicho para participação em cerimônias da Igreja Católica.



Latitude: -19° 42,091'
Longitude: -40° 35,576'



Vista do teto, com o forro retirado para substituição. Também o forro desta construção é trabalhado, seguindo formato arqueado.

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 41, frente, consta:

“Certifico que, aos 27 dias do mez de Novembro de 1913, visitei a Capella do S. Coração de Jesus - Mutum - O estado da Capella é lastimavel - alem disso faltam os paramentos: vermelho - roxo e verde.

Sta Thereza 7 de Dezembro de 1913

O Vigario: Frei José Ant^o”

Detalhes dos dois nichos laterais.



O piso em ladrilhos, com sua beleza singular.



CAPELA DE SÃO PAULO (Rio Perdido)

Lateral da antiga Capela de São Paulo, no mesmo local onde está a atual, na foto de baixo.

Trata-se da 1ª Missa celebrada por Frei José Corteletti, em 05 de julho de 1959.

Do **Livro do Tombo**, v. 1, folha 29, verso, temos, com relação ao ano de 1907:

“Licença para benzer a Capella de S. Paulo.

II^{mo} Exmo. Snr. Bispo.

O abaixo assignado Vigario de S. Thereza pede a V. Ex^a. Rvma. licença para benzer a nova Capella de S. Paulo do Rio Perdido desta Parochia de S. Thereza.

S. Thereza 9 . 2 . 907

Humilde servo

Frei Eugenio de Comiso C.

Concedo a licença para que possa benzer a dita Capella na forma do ritual romano, comquanto seja ella provida das necessarias alfaias, e seja remetida a esta Camara Ecclesiastica a escriptura ou copia da doação do terreno que sirva de Patrimonio.

Victoria 12 . 2 . 07

Monsenhor João André Cazella

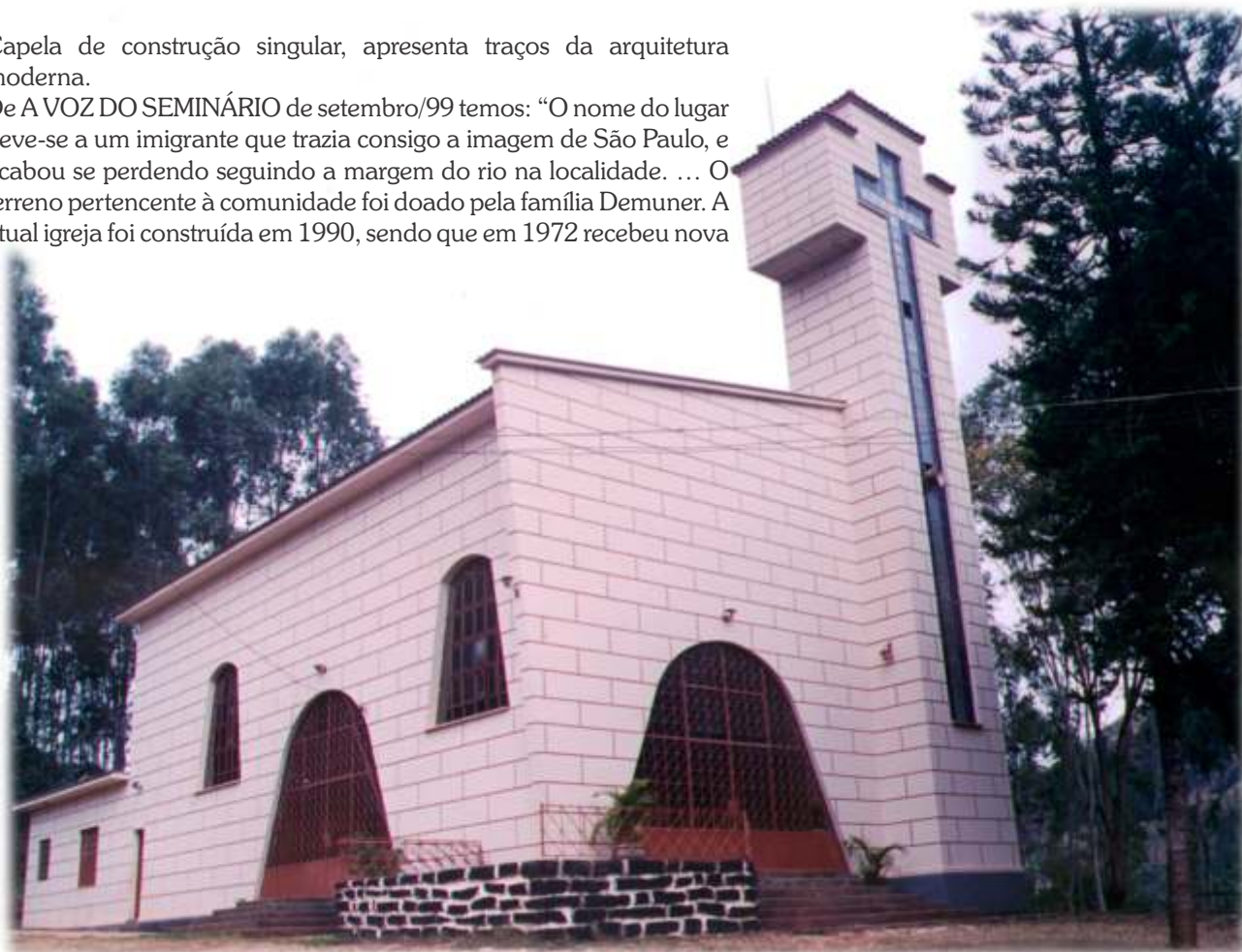
Vigario Geral

Latitude: - 19° 51,996'

Longitude: - 40° 46,512'

Capela de construção singular, apresenta traços da arquitetura moderna.

De A VOZ DO SEMINÁRIO de setembro/99 temos: “O nome do lugar deve-se a um imigrante que trazia consigo a imagem de São Paulo, e acabou se perdendo seguindo a margem do rio na localidade. ... O terreno pertencente à comunidade foi doado pela família Demuner. A atual igreja foi construída em 1990, sendo que em 1972 recebeu nova



CAPELA DE SÃO PAULO (Rio Perdido)



No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, verso, consta **Provisão** em 20/03/1899, certamente para Capela anterior às aqui mostradas em fotos.

No volume 2, folha 119, frente, consta que, em 15/01/1959, “o Revmo. Vigário Pe. Frei Apolinário de Sortino, em ocasião da festa do Padroeiro, ofereceu à Capela de São Paulo - Rio Perdido, a relíquia de São Paulo, que ornará a dita Capela.”

Interior, com o teto trabalhado em áreas triangulares formando uma composição geométrica em diferentes níveis. O Cristo crucificado parece estar instalado sobre outra cruz pintada na parede, invertida verticalmente. Os bancos podem acomodar cerca de 90 pessoas. Na data da visita, 02/07/2000, estavam na Capela onze imagens e um quadro.



Quadro com nomes importantes para a comunidade:

ESTA DIRETORIA AGRADECE A COOPERAÇÃO DA SOCIEDADE E DO POVO, A SUA CONTRIBUIÇÃO, PELOS BONS ÊXITOS DE SUA CONSTRUÇÃO.

VIGÁRIO -	FREI ANTONIO
PRESIDENTE -	FIRMINO CORTELETTI
TESOUREIRO -	PIO ANGELO CORTELETTI
FABRIQUEIROS -	ERALDO ROÇON E LIMIRO LOSS
CONSELHEIROS -	LAURINDO BRIDI
	ANTONIO LOPES
	DESOLINA CRAVO
CATEQUISTA -	CARMELINA LOSS
HOMENAGEM DE SAUDADES -	FAUSTINO VENTURINI
CONSTRUTOR -	EVARISTO VENTURINI

CAPELA DE SANTO ANTÔNIO E SÃO MIGUEL (Vinte e Cinco de Julho)

Foto em 02/04/2000.



3,10

9,10



São Miguel Arcanjo



Sagrado Coração de Jesus

Santo Antônio

Do **Livro do Tombo**, v. 2, folha 126, frente, com referência a 21/02/1960:

“Realizou-se a bênção e inauguração solene da nova Capela de S. Antônio e S. Miguel na sede do Distrito Vinte Cinco de Julho. Na véspera as Imagens que mais de um ano estavam guardadas com cuidado nas diversas casas de famílias, foram buscadas em procissão e levadas para a Igreja nova. O Vigário Pe. Frei Apolinário antes da Missa Solene procedeu a bênção da nova Capela, conforme o Ritual Romano.”



Santa Luzia



Santa Marta



São Bento



São Benedito



N. S. das Graças



N. S. da Penha

Latitude: - 19° 46,667'
Longitude: - 40° 36,508'

- **D. Marta, uma figura mitológica**
- **Um poder sem limites e um rastro de violência que aterrorizou Santa Teresa**
- **Romance escandaloso com um jagunço**
- **Os inimigos enterrados no porão hoje são fantasmas que assustam a atual moradora**

Estes são os títulos através dos quais Rogério Medeiros conta a história de Marta Wolkartt em seu livro **Espírito Santo encontro das raças**.

- **Na vida de dona Marta, um rastro de violência**
- **No interior de Santa Teresa, a alemã que comandava jagunços e ajudava os necessitados transformou-se numa figura mitológica**

Matéria de **A Tribuna**, Suplemento Especial de 28/08/1994.

- **Deus no céu e D. Marta em Santa Teresa**
- **No distrito de Vinte e Cinco de Julho, Santa Teresa, a alemã Marta Wolkartt fez história ao atuar como um “coronel de saias”**

Matéria de **A Gazeta**, Caderno Dois, de 10/05/1998, por José Carlos Mattedi

Afora a curiosidade despertada por tais manchetes, há ainda a ligação de Marta Wolkartt com a Igreja da região, motivo pelo qual a incluímos em nosso trabalho.

Inicialmente, chegamos a ensaiar um título “A Igreja como instrumento do poder”, para tratarmos de D. Marta. Entretanto, Frei José Corteletti e o jornalista José Irmo Gonring sugeriram a possibilidade de a história ser contada de outra forma, considerando sim a interferência de D. Marta na história da Igreja local, mas tirando dela algumas responsabilidades como o uso da Igreja para o aumento de seus domínios ou a ordem de destruição de Capelas.

Na busca da justa história, saímos então à cata de informações que pudessem atestar essa ou aquela descrição dos fatos.

Estivemos na Comunidade de Vinte e Cinco de Julho por diversas vezes, quando falamos com D. Emalina, neta de D. Marta, moradores da família Gonring, Coffler e Corona. Em Santa Teresa mantivemos contato com o Sr. Américo Loss, Sr. José Pasolini e em Vitória com o Sr. Vicente Gonring e com o Sr. Tranquilo Corona.

A maior parte da história contada nas fontes acima, sempre no âmbito do nosso tema, “Oratórios, Capelas e Igrejas”, foi confirmada pelos entrevistados, porém, algumas variações surgiram, corroborando as sugestões de Frei José e de José Irmo.



Marta Wolkartt

No lado direito da foto há uma data - 14/12/28 - que pode ser a data em que foi realizada a fotografia.

Marta nasceu em 29/09/1850 e morreu em 01/07/1933.



Varanda da casa de Marta Wolkartt.

No centro, sentada está Dona Marta.

Da esquerda para a direita, possivelmente, Nênia e as duas irmãs Santana, criadas por Marta. Na escada, um empregado não identificado e à direita, talvez, Emílio Louredo, que se casou com Ana, filha de Dona Marta.

Diz Rogério Medeiros no livro citado, p. 99, sobre D. Marta: "... Ela conviveu ao longo de sua vida com a dupla face do bem o do mal: ao mesmo tempo que era o símbolo de violência nessa tranqüila parte do Espírito Santo, fazia-se também conhecida por seus atos de caridade e pelo hábito de adotar crianças pobres da região. Uma personalidade controvertida, que acabou por se transformar num mito. Hoje, a história de Marta, contada pelos que a conheceram ou souberam de sua existência por terceiros, oscila freqüentemente entre a **verdade e a fantasia**." (O grifo é nosso).

José Carlos Mattedi fala: "GUERRA - Moradores do distrito falam hoje em 'rastros de sangue' deixado pela alemã, mas não se sabe **onde começa a verdade e onde termina a lenda**." (O grifo é nosso).

O fato é que, violenta ou bondosa, D. Marta influiu no destino de 25 de Julho.

Com relação à Igreja temos:

De Rogério Medeiros, p. 98: "A poderosa Marta Wolkartt praticamente tomou o poder em Santa Teresa: era ela quem mandava e desmandava na cidade, aterrorizando a todos com a violência com que impunha a sua vontade. Destruiu a igreja para que todos tivessem de ir à missa em suas terras; tinha em sua casa um porão onde prendia os inimigos ou devedores e mandava matar quem desrespeitava suas ordens."

Continuando na página 99, Medeiros diz: "O poder de vida e morte que essa mulher tinha sobre os moradores do vilarejo deixava-os de tal modo intimidados que dona Marta não pensou duas vezes para transferir a sede do distrito de Vinte e Cinco de Julho para sua fazenda. Era pouco, porém. Na sua ousadia sem limites, mandou destruir a igreja da vila e construiu outra em sua fazenda. Só manteve intactas as imagens dos santos para entronizá-las na nova igreja. E ela nem era católica. Era uma luterana legítima, como quase todos os imigrantes alemães. Mas resolveu ter sua própria igreja, ainda que fosse católica, e costumava assistir missa ao lado do padre no altar. Sentada numa vistosa cadeira de vime, que seus capangas colocavam antes do culto, ficava todo o tempo da celebração de frente para o público, em lugar de acompanhar o culto."

Na página 103: "Até na sua morte dona Marta pareceu triunfar sobre os vivos. Como se fosse um personagem das histórias de Gabriel García Márquez, ela encerrou sua passagem pela Terra sem deixar lágrimas. Não houve velas, nem orações e muito menos roupas escuras nos funerais, conforme recomendações da velha alemã aos seus capangas, pois queria partir sem qualquer sinal de tristeza.

Ao tomar conhecimento de sua morte, contam os moradores de Vinte e Cinco de Julho, alguém correu à igreja para repicar o sino. O sino caiu. Tentaram então tocar o sino de outra igreja, mas a corda arrebentou. Como desejava a velha e poderosa senhora, mesmo depois de morta a sua vontade ainda continuava respeitada na região que dominou com o trabuco e a carabina de papo amarelo."

De José Carlos Mattedi: "Entretanto, sua bondade caminhava lado-a-lado com outros valores. Em 1928, por exemplo, ela construiu uma igreja em sua propriedade. Mas não fez isso num ato de fé cristã. Ao contrário. Foi tudo por vaidade. Marta era luterana mas resolveu ser católica para ter mais influência sobre os moradores e para não ceder ao orgulho. Tinha uma rixa com Ana Casotti, vizinha que tinha uma capela em suas terras, freqüentada pela comunidade. 'O Frei Dionísio foi até a casa de Dona Marta para batizá-la, mas ela não quis para não ter que freqüentar a igreja da vizinha', diz Américo."

A solução encontrada por ela foi ter sua própria igreja. Deixou-se batizar e comprou três santos: São Benedito ('por gostar de negros'), Santo Antônio e Santa Marta (sugestivo nome). Nas missas, sempre chegava após o início do culto 'para que a observassem', mas não se juntava aos fiéis. 'Ficava lá em cima, no altar, sentada numa grande cadeira bonita, ao lado do padre', lembra Américo Loss, que presenciou essa cena. Ou seja, volta e meia inventava alguma coisa para mostrar superioridade.

... Na morte de alguém, era costume naqueles tempos tocar o sino da igreja. Na passagem do cortejo de Dona Marta para o cemitério, o genro Américo Freitas tentou repicar o sino, mas este caiu. 'Afundou alguns centímetros no chão, e quase arrancou os dedos do seu pé. Eu era criança, mas vi tudo', diz Otávio. Um dos colonos foi, então, até a capela de Ana Casotti e deu-se o inusitado: a corda arrebentou e nada do badalo do sino - ordem de Dona Marta era pra ser respeitada, mesmo depois de morta.

Otávio Corona e Américo Loss testemunharam várias histórias de Marta Wolkartt quando crianças, inclusive a do desabamento dos dois sinos depois da morte da 'coronela'. Antes de morrer, ela ordenou que não se tocasse o sino da igreja. A comunidade foi desrespeitar sua vontade e dois sinos despencaram do alto das torres."

Em 03/08/2000, falamos com o Sr. Américo Loss que, aos 85 anos, enquanto colhia café com uma peneira presa à cintura por tiras de tecido, contou algumas passagens da vida de Dona Marta.

Disse: "Esse café verde tem que ser secado na sombra", mostrando os grãos verdes junto com os maduros."

E foi falando...

"A primeira Capela da localidade de Vinte e Cinco de Julho foi a de São Miguel Arcanjo, na propriedade de Ana Casotti. O padre pediu à Sr^a. Marta Wolkartt que se batizasse católica e freqüentasse a igreja porque ela contava com muitas pessoas sob seu círculo de influência, netos, empregados, ... e, então, seria importante ela se associar, fazer parte da igreja católica. Ela disse: eu vou me batizar, mas quero que a igreja seja minha. Fez questão de fazer a igreja dela e colocar as imagens de Santa Marta, São Benedito e Santo Antônio. Essa ficou sendo a igreja de Vinte e Cinco de Julho."

Continuou o Sr. Américo Loss:

“Essa igreja está no lugar onde hoje se encontra a igreja atual, tendo sido acrescentada a imagem de São Miguel. Na ocasião, Frei Jorge dizia que a igreja deveria ficar no meio do povo. Daí, a primeira igreja, de São Miguel, foi derrubada, ficando somente uma, no patrimônio.”

Perguntado sobre Dona Marta assistindo à missa, ele falou: “Na hora da missa, a Dona Marta entrava por uma porta lateral, sentava numa grande cadeira e assistia à missa de frente para o povo.”

Falamos também com o Sr. Tranqüilo Corona, em 09/08/2000.

Tranqüilo nasceu em 06/07/1911, estando, portanto, na data da entrevista, com 89 anos, com memória excelente, lembrando-se com detalhes, de fatos e pessoas.

Sobre Dona Marta Wolkartt, pensa que era boa pessoa, não merecendo a fama de má que lhe atribuem alguns. “Dona Marta cuidava de várias pessoas e as alimentava bem.”

Durante a conversa, referindo-se à Dona Marta, por algumas vezes usou a expressão: “É mais fácil levantar uma calúnia do que fazer um elogio merecido”.

Seu Tranqüilo foi sacristão da Capela de São Miguel e da Capela de Santo Antônio (em Vinte e Cinco de Julho) e, segundo sua avaliação, o sino que caiu no dia do enterro de Dona Marta “caiu porque tinha de cair”.

Disse que a estrutura de balanço estava presa e foi forçada. Poderia cair a qualquer momento, nada havendo que pudesse ligar o fato à morte da Dona Marta, não passando de lenda, tal situação.

Da mesma forma, disse que a corda que dizem ter se rompido, “se rompeu porque estava podre”.

Quanto à Dona Marta na missa, falou o Sr. Tranqüilo: “Dona Marta, como construtora da igreja, tinha o privilégio de sentar-se à frente, em uma cadeira especialmente reservada para ela. Mas, ela não ficava exatamente de frente para o povo, e sim, de lado, da mesma forma que eu, como sacristão, ficava também, em outra cadeira.”

Em relação à cronologia das construções, o Sr. Tranqüilo informou:

A primeira Capela foi a de São Miguel, em terreno da Sra. Ana Casotti.

A segunda foi a de Santo Antônio, construída por Dona Marta Wolkartt, de pedras e tijolos, com forro de madeira. Era uma Capela pequena e sua construção foi decorrente de uma promessa que Dona Marta fez a Santo Antônio.

Após a morte de Dona Marta, a sua filha Matilde colocou na capela uma imagem de Santa Marta, mas a Capela sempre foi chamada de Santo Antônio, nunca havendo sido chamada de Capela de Santa Marta.

As duas Capelas (São Miguel e Santo Antônio) foram demolidas e, no lugar da antiga, construída por Dona Marta, foi construída outra, maior do que a anterior, também de Santo Antônio. Essas duas Capelas foram demolidas após a morte de D. Marta (que aconteceu em 1933).

Falamos também com o Sr. Vicente Gonring, em 01/08/2000.

Quanto às Capelas, forneceu as seguintes informações:

A primeira Capela que atendeu à comunidade de Vinte e Cinco de Julho foi a de São João Batista, em terras dos Coffler.

A segunda foi a de São Miguel Arcanjo, fundada em 1892 (terras de Ana Casotti).

A terceira foi a “Capelinha” feita por Marta Wolkartt, no lugar onde hoje se encontra a atual Capela da comunidade.

A quarta foi a de Santo Antônio, no lugar da “Capelinha da Marta, construída nos anos 1938 ou 1940”.

A quinta é a Capela atual.

José Irmo Gonring defende que Dona Marta não ordenou a derrubada de nenhuma das Capelas, tendo ocorrido as demolições através de acordos entre os membros (católicos) da comunidade. Pelo contrário, Dona Marta “construiu”.

Segundo José Irmo, a atual Capela de Santo Antônio e São Miguel, inaugurada em 1960, cuja construção ficou a cargo de Alécio Cornachini, foi edificada no local da antiga “Capela de D. Marta” (foto superior da página 103). À mesma época a Capela de São Miguel (p. 102) foi desnecessariamente demolida.

A Capela atual passou a ter dois padroeiros: Santo Antônio e São Miguel. Santo Antônio deveria ocupar o nicho central, porém, como a imagem de São Miguel era maior, teve que ser alojada naquele nicho, mais alto do que os laterais.

CAPELA DE SÃO MIGUEL ARCANJO (Vinte e Cinco de Julho)



No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 55, verso, com referência ao ano de 1920, temos:

“No dia 1º de Janeiro foi celebrada, pelo Vigário Frei Gaspar de Modica, a primeira Missa na Capella dedicada a S. Miguel Archanjo, construída no lugar denominado ‘Barra do Rio 15 de Agosto’. A Capella foi provisionada pelo Exmo Sr. Bispo Diocesano em data 18 de Dezembro de 1920.”

Capela de São Miguel, em foto cedida pela Sr.^a Luiza Corona.



A mesma Capela de São Miguel, em foto de dia de festa, cedida por José Irmo Gonring.

Segundo José Irmo, essa Capela foi demolida no final dos anos 50, quando foi construída a nova, na vila de Vinte e Cinco de Julho, a menos de 1 km.

Na fila, podemos contar aproximadamente 115 pessoas.



Em A VOZ DO SEMINÁRIO, Ano I, Nº 2, de 15/08/1947, p. 6, há uma foto que retrata “um flagrante da festa realizada em Vinte e Cinco de Julho quando falava o Vigário Frei Afonso”, na frente dessa Capela.

Do **Livro do Tombo**, v. 2, folha 2, verso:

“Com licença do Exmo Bispo, em data de 8 de Abril de 1929 foi benta a Capella dedicada a S. Antônio e mandada construir pela Exma Sra D. Marta Volkart em sua propriedade de 25 de Julio. A festa foi realizada com grande solemnidade no dia 13 de junho.”

Capela de Santo Antônio, em foto cedida pela Sr^a. Luiza Corona.

Foi Capela construída por Marta Wolkartt e ocupava o mesmo local onde hoje está a Capela de São Miguel Arcanjo, em Vinte e Cinco de Julho.



Festa em Vinte e Cinco de Julho, em foto cedida pela Sr^a. Deleuze Coffler.

A Capela que aparece à esquerda é a atual da vila, cujos padroeiros são Santo Antônio e São Miguel (Arcanjo), construída em 1960.

Frederico Müller, em **Fundação e fatos históricos de Santa Teresa**, p.37, diz, referindo-se à chegada de imigrantes da Suíça e da Alemanha, nos primeiros dias de maio de 1877: “Tomaram pela estrada do Timbuí e a 20 de maio levantaram barraca no virgem vale, que devia chamar-se ‘25 de julho’. Como os seus companheiros italianos e trentinos, trabalharam e cresceram. Em 1882 fundaram uma escola particular... **Em 1892 fundaram sua igreja.** O ‘25 de Julho’ é dos mais ricos e populosos vales do município. Chamam-lhe ‘Colônia Alemã’.

Obs.: O grifo é nosso.

CAPELA DE SÃO LUIZ GONZAGA (Nova Valsugana)

Foto cedida por Francisco Romagna.



A Capela de São Luiz Gonzaga vista do alto, em dia de festa. Luiz Carlos Biasutti observa que essa Capela é a mais parecida com as Igrejas do interior de Trento (Itália), principalmente com a Igreja de Primiero.



Latitude: -19° 52,758'
Longitude: -40° 38,599'

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, verso, consta Provisão em 16/02/1899.

Abaixo, os sinos no campanário.
No maior, pudemos verificar, gravadas em relevo, a imagem de São Luiz Gonzaga e a inscrição:

SAN LUIGI
NOVA VALSUGANA
S. THEREZA - 1912

Foi o sino nº 910 da fábrica ÂNGELI, de São Paulo.



Maria Izabel Perini Muniz, em palestra na UNIVIX em 14/02/2001, como parte do programa “**Quartas da Arquitetura**”, informou, sobre a arquitetura da imigração: “As casas e as igrejas, obras de arquitetura produzidas pelo imigrante europeu no Espírito Santo, marcam a paisagem e constituem documentos representativos da identidade capixaba e da história de um período de transição econômica, política e social no Brasil. (...) Os imigrantes trouxeram consigo, para as novas terras, seus valores culturais. (...) No processo de adaptação desses imigrantes, a Igreja teve papel fundamental. Tanto a religião luterana quanto a católica foram baluartes para a política da imigração. (...) A arquitetura da imigração apresenta marcas da dualidade entre o adaptar-se ao novo e o conservar a cultura de origem e a própria identidade. (...) A arquitetura é do imigrante, e não italiana ou alemã. A arquitetura não pode ser transplantada. Ela é adaptada ao novo meio.”

CAPELA DE SÃO LUIZ GONZAGA (Nova Valsugana)



Acima, vista do coro e parte do teto trabalhado.

À esquerda, a frente da Capela.

Júlio Posenato, em **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo**, página 520, mostra essa porta em detalhe, fazendo a classificação como “Gótico fantasiado”.

Sobre a porta, em relevo: “1903” e “S. L. G.”.

Abaixo, os nichos com delicados trabalhos na madeira, tendo ao centro a imagem de São Luiz Gonzaga, o patrono da juventude.

Francisco Romagna informou, em 31/08/2000, que esses nichos foram feitos a canivete por Benjamim Scalzer (Beniamino).



CAPELA DE SÃO LUIZ GONZAGA (Nova Valsugana)



Lustre, no centro da Capela, com a inscrição: “Per devozione di Paolo Sperandio alla Cappella di S. Luigi Gonzaga. Valsugana.”



Nicho feito por Giuseppe Salviato.



Jesus na Cruz, esculpido em madeira, por Virgílio Lambert.



Nossa Senhora dos Anjos, em madeira, vinda da Itália.



CAPELA DE SÃO LUIZ GONZAGA (Nova Valsugana)

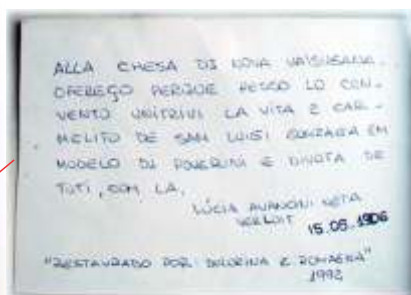


Acima, dia da inauguração da Capela de São Luiz Gonzaga, em 1903. No fundo, casa de estuque inicialmente pertencente à família Romagna e, posteriormente, a Antônio Zamprogno.



Lúcia Avancini Vervloet. Doou a imagem de São Luiz Gonzaga à Capela.

Quadro com a lista dos primeiros moradores de Nova Valsugana, datado 06/04/1879.



CAPELA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA (Tabocas)



Inauguração da primeira Capela, em 1898.

Do **Livro do Tombo**, v. 1, folha 13, frente:

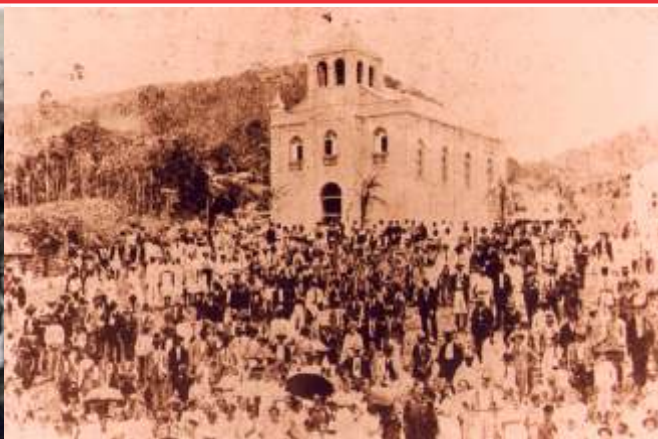
“1897 Traslado da Escripura de doação da Capella de N.ª. S.ª. Auxiliadora no Rio Tabocas.

Escripura de doação que faz Domenico Loss á associação pia-Escola Catholica no logar Rio das Tabocas, neste municipio.

Saibam quantos este publico instrumento de escriptura de doação virem que no anno de mil oitocentos e noventa e sete, aos vinte e oito dias do mez de Janeiro, nesta Villa de Santa Theresa, Comarca do mesmo nome, Estado do Espirito Santo em meu cartorio compareceu como outorgante doador Domenico Loss e outorgada doada a sociedade pia denominada "Escola Catholica constituída no Rio das Tabocas, neste municipio, representada pelos socios Alexandro Felippi e Giocundo Zamprogn, todos residentes neste municipio e reconhecidos pelos proprios de mim Tabellião e das testemunhas no fim nomeadas e assignadas, do que dou fé. E logo pelo outorgante doador Domenico Loss me foi entreg, digo, me foi dicto que doa á dicta sociedade pia-Escola Catholica uma area de terras em seu lote de terras, no logar Rio das Tabocas, neste municipio, area proxima a casa de sua morada habitual, contendo a dita area de terras de frente vinte metros e de fundo trinta metros e por isso tendo a figura geometrica rectangular. Os marcos das linhas divisorias da area já se acham fincados. Disse mais o doador que faz esta doação com a condição da dicta associação - Escola Catholica - estabelecer e sustentar uma escola sob os dictames da Religião Christã, erigir uma capella tambem da Religião Christã, em fim, fazer o que poder em beneficio da Religião Catholica, Apostolica Romana; se não forem cumpridas estas condições ficará nulla a presente escriptura, perdendo a associação toda e qualquer benfeitoria feita em o dicto terreno doado; e que portanto fica desde já a dicta associação pia - Escola Catholica - empossada da dicta area de terra, sob a condição estatuida acima. Pelos representantes da associação pia - "Escola Catholica", foi dicto que aceitavam esta doação. Assim me disseram, do que dou fé e me pediram este instrumento, que sendo feito, lido e achado conforme assignaram com as testemunhas Leonel Soares da Silva e Antonio José de Salles Borges, reconhecidos de mim Manuel Lauriano do Bomfim Junior, Tabellião que escrevi - (Assignados) Loss Domenico - Alessandro Filippi, Giocundo Zamprogn - Leonel Soares da Silva e Antonio José de Salles Borges. - Nada mais se continha na dicta escriptura que bem e fielmente copiei do proprio livro a que me reporto. Eu, Manoel Lauriano do Bomfim Junior, Tabellião que escrevi e assigno em publico e razo.

Em testemunho da verdade

Manoel Lauriano do Bomfim Junior”



Inauguração da segunda Capela, em 1922.

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 53, verso, consta a bênção da primeira pedra da nova Capela de N. S. Auxiliadora de Tabocas, em 17 de agosto de 1919, pelo padre Frei Izaias de Ragusa.

Inauguração da nova Igreja de Tabocas.

No dia 8 de Janeiro de 1922, sendo dia de Domingo, foi solemnemente inaugurada a nova Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora de Tabocas - Depois da bênção da nova Igreja houve a transladação do S.S. Sacramento e da Imagem de Nossa Senhora da Capella velha para aquella - O Ex. Sr. Bispo Diocesano transferio a Provisão quinquennial da Capella velha para a nova Igreja, terminando a 20 de Abril de 1925. (**Livro do Tombo**, v. 1, folha 57, frente).



No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, verso, consta a Provisão para “Baptizar e para Casar”, na seguinte forma:

Orago: Nossa Senhora Auxiliadora

Lugar: Tabocas

Data da provisão: 20 de Março de 1899

Latitude: -19° 54,721'

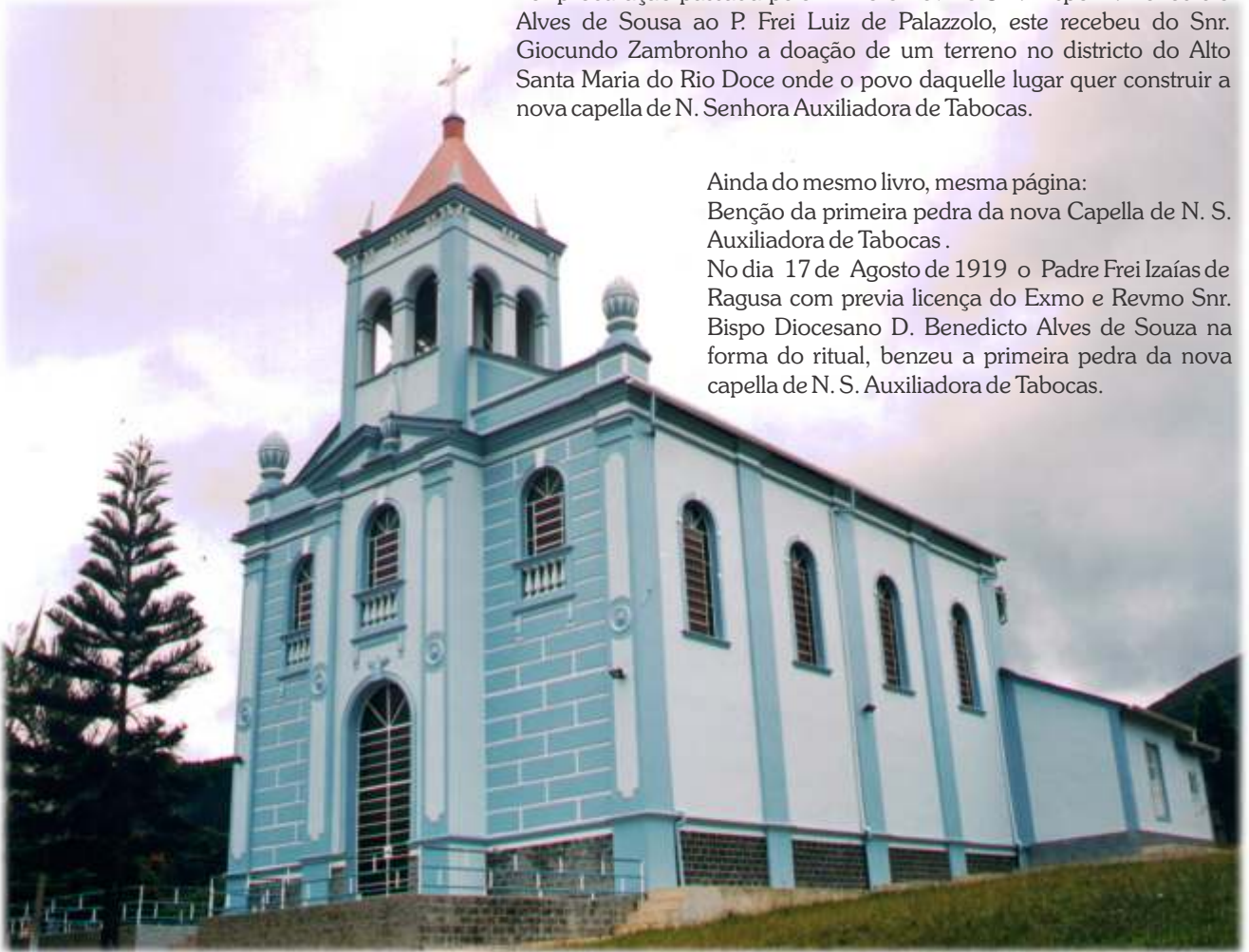
Longitude: -40° 41,643'

CAPELA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA (Tabocas)

Do **Livro do Tombo**, v. 1, folha 53, verso:

Doação de um terreno feita em data de 30 de Julho 1919.

Por procuração passada pelo Exmo e Revmo Snr. Bispo D. Benedicto Alves de Sousa ao P. Frei Luiz de Palazzolo, este recebeu do Snr. Giocundo Zambronho a doação de um terreno no districto do Alto Santa Maria do Rio Doce onde o povo daquelle lugar quer construir a nova capella de N. Senhora Auxiliadora de Tabocas.



Ainda do mesmo livro, mesma página:

Benção da primeira pedra da nova Capella de N. S. Auxiliadora de Tabocas .

No dia 17 de Agosto de 1919 o Padre Frei Izaías de Ragusa com previa licença do Exmo e Revmo Snr. Bispo Diocesano D. Benedicto Alves de Souza na forma do ritual, benzeu a primeira pedra da nova capella de N. S. Auxiliadora de Tabocas.

Vistas externa e interna da Capela de Nossa Senhora Auxiliadora, em fevereiro de 2000.



Taboca vem do tupi ta'boka, e significa bambu, taquara. Conforme Walfredo Zamprogno, havia bastante "tabocas" margeando o rio local, chamado Rio das Tabocas.

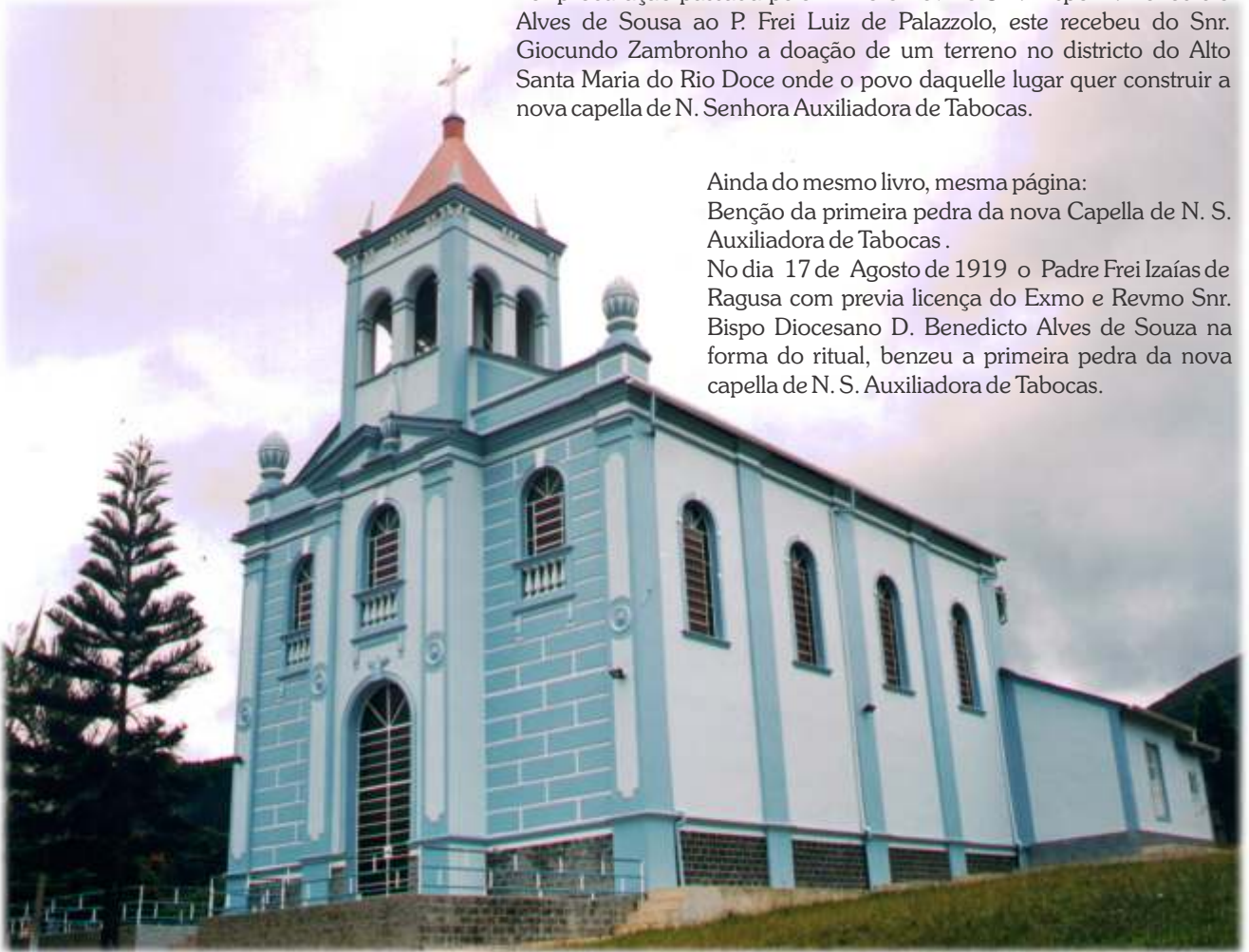
Imagem da padroeira, Nossa Senhora Auxiliadora.

CAPELA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA (Tabocas)

Do **Livro do Tombo**, v. 1, folha 53, verso:

Doação de um terreno feita em data de 30 de Julho 1919.

Por procuração passada pelo Exmo e Revmo Snr. Bispo D. Benedicto Alves de Sousa ao P. Frei Luiz de Palazzolo, este recebeu do Snr. Giocundo Zambronho a doação de um terreno no districto do Alto Santa Maria do Rio Doce onde o povo daquelle lugar quer construir a nova capella de N. Senhora Auxiliadora de Tabocas.



Ainda do mesmo livro, mesma página:

Benção da primeira pedra da nova Capella de N. S. Auxiliadora de Tabocas .

No dia 17 de Agosto de 1919 o Padre Frei Izaías de Ragusa com previa licença do Exmo e Revmo Snr. Bispo Diocesano D. Benedicto Alves de Souza na forma do ritual, benzeu a primeira pedra da nova capella de N. S. Auxiliadora de Tabocas.

Vistas externa e interna da Capela de Nossa Senhora Auxiliadora, em fevereiro de 2000.



Taboca vem do tupi ta'boka, e significa bambu, taquara. Conforme Walfredo Zamprogno, havia bastante "tabocas" margeando o rio local, chamado Rio das Tabocas.

Imagem da padroeira, Nossa Senhora Auxiliadora.

CAPELA DE SANTA LÚCIA (Santa Lúcia)



TEMPLO
EM
HOMENAGEM
A
S^{TA} LUCIA

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 23, frente, consta Provisão em 1935.

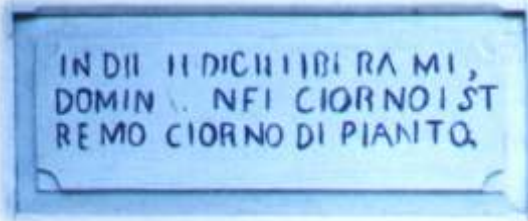


Acima, o altar/retábulo com sacrário, em madeira, com o nicho de Santa Lúcia.

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, verso, consta Provisão em 08/07/1899 (para a Capela anterior à atual). No mesmo volume, folha 26, frente, temos que Dom Fernando de Souza Monteiro, Bispo da Diocese do Espírito Santo, visitou a Capela em 18/05/1905, acompanhado por Missionários, pelo Vigário de Santa Teresa (Frei Eugênio de Comiso) e de um “grande numero de distintos cavalheiros (...) seguimos para a Capella de S^{ta} Lucia, á tres leguas de S. Thereza...”



Detalhe do altar/retábulo.



Inscrições nas portas. Constantes pinturas, sem o devido cuidado, resultam na impossibilidade de compreensão dos escritos de uma das placas.



Abaixo, vista do teto trabalhado, em frisos.



CAPELA DE SANTA LÚCIA (Santa Lúcia)



Quadro que representa uma das Estações da Paixão, com identificação em latim: "VI STATION".



Detalhe do nicho de Santa Lúcia. É uma das poucas Capelas que apresentam um único nicho no retábulo.

Nichos de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus, localizados nas laterais da nave.



Marco localizado na frente da Capela, lado direito, com a inscrição "1897".



Latitude: - 19° 58,333'
Longitude: - 40° 30,766'
Altitude: 463m

CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA (Cabeceira de Vinte e Cinco de Julho)



A Capela após a pintura que restabeleceu suas cores anteriores.



Parte concreta do projeto, selecionamos essa Capela para executar sua pintura, na condição de ser mantida a pintura existente, como forma de registrar e consolidar a idéia da preservação. Melhor do que isso, o Sr. Dilceu Coffler informou as cores da Capela antes da última pintura, com base em que executamos o trabalho, fazendo voltar o aspecto anterior da construção.

Reunimos as tintas e o material de pintura com a colaboração das empresas **Eletrotintas Comercial Ltda.**, **Freongel Refrigerações Ltda.** e **Politintas Ltda.**, a cujos proprietários/gerentes agradecemos.

Cleide Aparecida Alves, Maria Izabel de Vargas Lima da Rocha, Otacílio Caldas Andrade e Victor Humberto Salviato Biasutti (funcionários do Da Vinci), Antônio Angelo Zurlo (nosso representante do projeto em Santa Teresa) e pessoas da família Coffler se uniram no domingo, 02 de setembro de 2000, e deram início à pintura. No dia 17 do mesmo mês, aconteceu uma festa da comunidade, quando os visitantes encontraram a Capela com renovado visual.



Quadros de São João Batista e São Miguel Arcanjo, trazidos da Capela antiga para a atual.

CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA (Cabeceira de Vinte e Cinco de Julho)



Acima, foto da Capela que existia anteriormente, localizada a poucos metros de onde está a Capela atual.

Dilceu Coffler informou que a Capela antiga foi construída por Leandro Biasutti.

Dos dois coqueiros vistos na frente da Capela antiga, atualmente só existe um. O campanário ainda é o mesmo, que foi deslocado para as proximidades da Capela atual.

Interessante registrar ser este o único caso em que uma Capela teria sido substituída por outra **menor** do que a primeira. Conforme Dilceu Coffler, na região habitavam cerca de oitenta famílias. Hoje, são somente três.

Reflexos do êxodo rural ?



Vista do interior e detalhe dos nichos e imagens. A S^{ra}. Sabina Balbino Coffler informou ter sido esta Capela construída em 1952, por Luiz Coffler Filho.



Quadro que representa uma das Estações da Paixão.

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, verso, consta Provisão em 1899. No mesmo volume, folha 29, frente, consta que, em 11 de junho de 1905, o Bispo Dom Fernando de Souza Monteiro visitou a “Capella de São João Baptista no Rio 25 de Julho”. Na ocasião, o Sr. Luiz Coffler cedeu sua casa para alojar o Bispo e demais visitantes. Moradores informam da existência de uma Capela de tábuas no final de 1800 ou início de 1900. Dizem, também, que a imagem de São João Batista foi trazida de Fundão, em ano próximo de 1915.



O Sacrário, onde são guardadas as hóstias consagradas.

Latitude: -19° 48,041'
Longitude: -40° 35,885'

Oratórios, Capelas e Igrejas de Santa Teresa

CAPELA DE SANTA LUZIA (Toma Vento)



Isolada, sobre uma grande pedra (talvez uma montanha de pedra), domina a paisagem, a Capela, também de pedra.

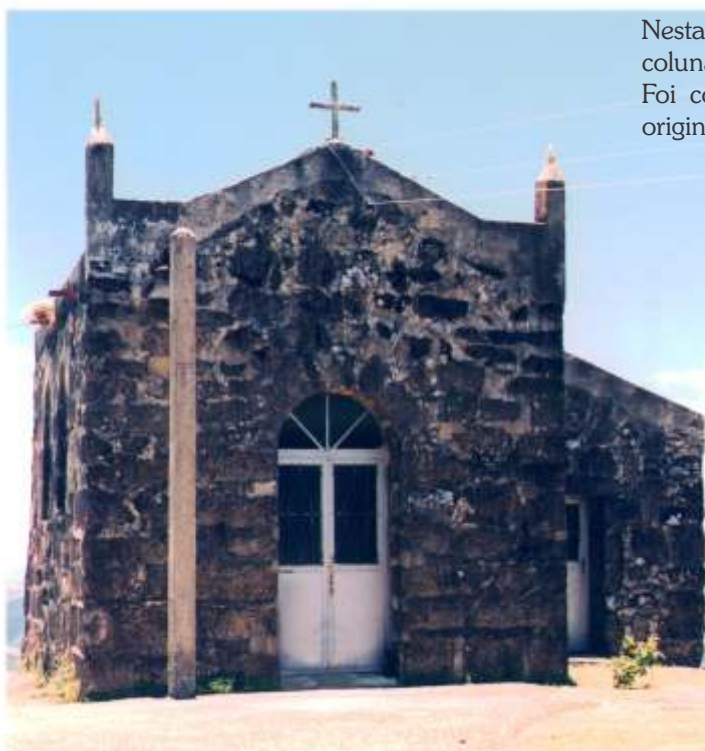
Próxima da localidade de Limoeiro, é de difícil acesso, através de estradas não pavimentadas, estreitas e íngremes.



Vista de um dos lados, onde se pode perceber o formato arredondado da parte posterior.

Nos vãos das janelas, é possível avaliar a espessura das paredes.

Atualmente, as esquadrias são de metal. Anteriormente eram de madeira, como pode ser visto no quadro de D. Celina Rodrigues, na próxima página.



Nesta foto frontal, cedida por José Alfredo Ferrari, vê-se uma coluna de concreto no lado esquerdo, na qual se apóia o sino. Foi construída sem manter as características da construção original, ou, ao menos imitá-las.

Em fotocópia encontrada em outra Capela, constam as seguintes informações:

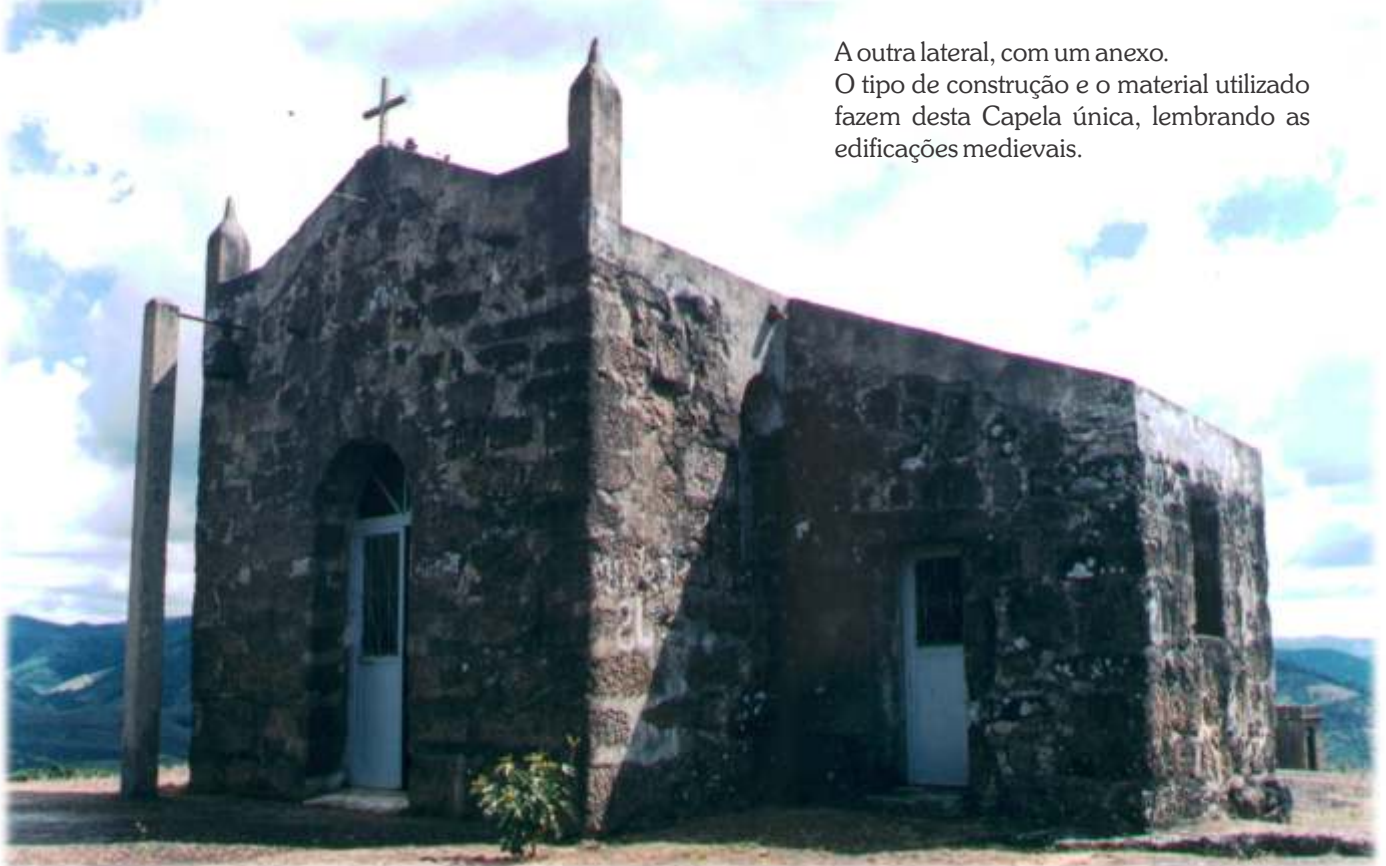
IGREJA SANTA LUZIA
(TOMA VENTO)
CONSTRUÍDA PELO SR. ALVES
PEDREIRO NO ANO DE 1945

O REVMO. P. FREI MANUEL DE
GELA CELEBROU AQUI A
PRIMEIRA MISSA.

Presidente: Sr. Teodoro Zanotti
Tesoureiro: Sr. Ervidio Pivetta
1º Fabriqueiro: Sr. Fortunato Furlani
2º Fabriqueiro: Sr. José Brosio

LOUVADO SEJA N. S. JESUS CRISTO

CAPELA DE SANTA LUZIA (Toma Vento)



A outra lateral, com um anexo.
O tipo de construção e o material utilizado
fazem desta Capela única, lembrando as
edificações medievais.



Vista do interior. Altar também de pedra, telhado
exposto (sem forro), janelas com vidros coloridos.



Detalhes das imagens. No centro, Santa Luzia.



Quadro de D. Celina Rodrigues,
intitulado "I. da Pedra", datado de 1982.
Pode-se notar a porta de madeira e a
ausência da coluna de apoio do sino.



Detalhe do quadro
ao lado, com a
porta em madeira
e desenho
diferente da atual
(de 2000).

Abaixo, o Sacrário de madeira.



CAPELA DO GINÁSIO SANTA CATARINA (Santa Teresa)



Capela Inaugurada em 08/12/1962.



Nossa Senhora,
em madeira.



Crucifixo e imagem de
Jesus, em madeira.



São José,
em madeira.

Sacrário.



No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 112, frente, consta, com relação a fevereiro de 1958: "Retiro do Carnaval. Houve, na Capela do Colégio das Irmãs de Santa Catarina, três dias de retiro...". O fato refere-se à Capela que existiu antes desta aqui mostrada.

Latitude: -19° 56,105'
Longitude: -40° 36,050'



CAPELA DE SANTA JÚLIA (São Roque - Baixo Santa Júlia)

Capela de Santa Júlia em junho de 2000.



A Capela, que foi construída em 1951, em foto de julho de 1994.



Santa Júlia crucificada. Imagem em papel machê, vinda da Itália.



Maria Carmem Colombo Fachetti enviou folhas datilografadas sobre a vida de Santa Júlia, cujo resumo informa que, conforme diz a história, por se manter fiel à religião católica, foi feita escrava, submetida a torturas e, finalmente, pregada em uma cruz.

Como pode ser visto, no nicho central do retábulo e no detalhe no alto da página, está a imagem de Santa Júlia na cruz (e não a de Jesus). É caso único dentre as mais de cem Capelas que visitamos.

Moradores da região informaram só saber da existência de outra Capela com Santa Júlia crucificada em uma cidade da Itália.

Moradores do local informaram que esta é a terceira Capela. Existiram outras duas, de madeira, próximas de onde se situa a Capela atual.

À direita, pequenos nichos com imagens, nas paredes laterais da nave.

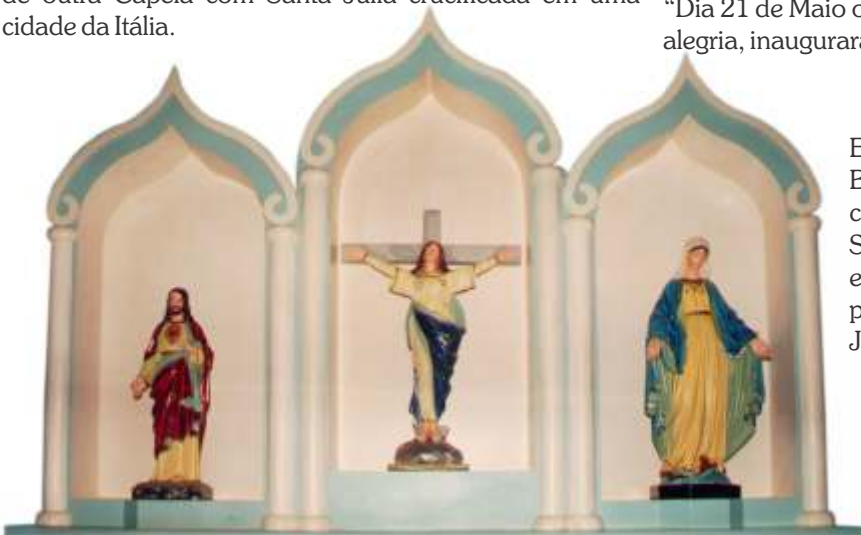


O Livro do Tombo, v. 1, folha 53, frente, diz:

“No dia 21 de Julho de 1919 o P. Frei Luiz de Palazzolo com previa autorização do Exmo e Rvmo Snr. Bispo Diocesano D. Benedicto Alves de Souza, na forma do ritual, benzeu a nova capella de S. Julia do Rio Tranquedo.”

No volume 2, folha 80, com referência a 1950, tem-se:

“Dia 21 de Maio o povo de Santa Júlia (Fadini), radiante de alegria, inaugurará sua nova Capela.”



Em **São Roque do Canaã**, Luiz Carlos Biasutti e Arlindo Loss, falando das comunidades, dizem que “A de Baixo Santa Júlia, centrada nas fazendas Fachetti e Fadini, é aquela cuja igreja abriga a padroeira que deu nome ao vale, Santa Júlia. É habitada desde 1893, ...”.

Latitude: - 19° 40,172'
Longitude: - 40° 41,625'
Altitude: 118m

CAPELA DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA (Goiapabo-Açu)



A frente e as duas laterais. As datas indicam a construção da Capela (1908), e a data da construção da torre (1957).



No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, verso, consta Provisão em 20/03/1899. No mesmo volume, na folha 10, verso, consta a renovação da Provisão da Capela do “Purissimo C^{ão} de Maria, em Guiaipabassu”, em 18/01/1904. Nas duas datas, fala-se de Capela anterior à mostrada nas fotos acima, provavelmente a construída em 1888, conforme informação de Frei Affonso Maria (próxima página).



À esquerda, o interior, onde pode ser visto o forro de madeira bastante trabalhado, o retábulo com as imagens do Sagrado Coração de Maria, Sagrado Coração de Jesus e São José, e o piso em ladrilhos.

Uma balaustrada separa o altar da nave.

Quatro janelas laterais provêm boa iluminação natural.

Latitude: - 19° 55,167'
Longitude: - 40° 28,829'

CAPELA DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA (Goiapabo-Açu)



Acima, detalhe do retábulo em cimento, com três imagens: Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria e São José.



Abaixo e acima, dois nichos em madeira.

À esquerda, detalhe do teto, atualmente em azul e dourado, formando uma semi-abóbada com oito gomos.

Frei Affonso Maria visitou essa Capela em 08/05/1941, quando encontrou as imagens do Sagrado Coração de Maria, Sagrado Coração de Jesus, N. S. do Rosário de Pompei e São José. Em seus manuscritos encontramos: “1ª Igreja de entulho foi feita em 1888. 2ª Igreja (atual) foi inaugurada em 1908. Este ano (1941) fizeram a fachada.” Na ocasião havia três sinos, “com torre de madeira, fechada.”



Estações da Paixão, em italiano e algarismos romanos.

Goiapabo-açu, goiapaba-açu ou guaipabaçu é uma árvore com muitos espinhos. Era muito comum na época da imigração, naquele lugar.



Sacrário em madeira, pintado de branco e dourado.



CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA (Barracão de São João de Petrópolis)

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, verso, a “Capela de São João Baptista - Petropolis”, consta como provisionada para “Baptizar e para Casar”, em 20 de março de 1899. Não foram localizadas fotos da Capela daquela época.



No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 53, frente, temos: “No dia 24 de Junho de 1918 o P. Frei Izaias de Ragusa com previa licença do Exmo e Rvmo Snr. Bispo Diocesano D. Benedicto Alves de Souza, Benzeu a nova capella de S. João de Petropolis.”

Data:
S J B
1918

Também do **Livro do Tombo**, v. 1, folha 50, frente, temos que em 24 de novembro de 1917, o Padre Frei Gaspar de Modica benzeu a primeira pedra da nova Capela.

Tempo em que a torre era mais baixa. A informação da data de inauguração ficava no círculo abaixo do sino. Essa capela foi erigida em 1917 por portugueses, aqui chamados para procederem à construção.

Capela em 18/03/2000. As esquadrias já são metálicas e o desenho interno do arco já é diferente daquele visto na foto com a porta de madeira.



No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 14, verso, consta, sobre a Capela que existiu anteriormente: “N.B. - Por acaso foi encontrado, na Capella de São João Baptista de Petropolis (Baraccão) o seguinte: **Capella de S. João Baptista de Petropolis.**

Certifico eu abaixo assignado, que em virtude de licencia verbalmente concedida do Exmo. e Remo. Mosenhor Bispo de Nictheroy D. Francisco do Rego Maia, benzi aos dois dias do mez de Fevereiro do anno de mil oitocentos noventa e cinco (1895) a Capella fabricada no lugar dito São João de Petropolis sob a jurisdição de Freguesia de S. José do Queimado e Municipio de Santa Thereza, sob a invoção de N. S. das Lagrimas, havendo por Padroeiro S. João Baptista e compadroeiro S. Jorge. O que para constar lavrei este termo que assigno.

S. João de Petropolis 3 de Fevereiro 1895
O Vigario de Itapemerim
P. Marcellino Moroni D’Agnadello”



A foto acima mostra a Capela já com a nova torre, mais alta, construída em 1948. As portas e janelas eram de madeira.

Em 04/06/2000 a Capela já estava pintada na cor azul.



CAPELA DE SÃO JOÃO BATISTA (Barracão de São João de Petrópolis)



Duas épocas da porta da Capela: em madeira e em ferro.



O sino, com a imagem de São João Batista e a inscrição “Capela de São João de Petrópolis - 1951” fundidos em relevo.

São João Menino, esculpida em madeira por Virgílio Lambert.



Em 1993, membros da comunidade, sob coordenação de Maria dos Anjos Oliveira Silvestre, reuniram informações e geraram um volume intitulado **São João de Petrópolis**, do qual retiramos:

“Assim como todas as comunidades do município, a de São João de Petrópolis está profundamente ligada à religiosidade do seu povo.

Logo após a chegada, os imigrantes construíram uma igreja, coberta de zinco e com altar de madeira sobre o qual foi posta a imagem de São João, esculpida a canivete por Virgílio Lambert. Esta imagem de madeira é chamada de São João Menino e fica guardada, sendo somente usada nas festas do Padroeiro. (...) O primeiro sino pesava 12 arrobas e ficava numa torre de madeira ao lado da igreja. (...) A primeira missa foi celebrada na comunidade por Frei Marcelino d’Agnadello. Em 1928 foi construída a igreja de São Sebastião. Ela surgiu de uma questão de divisa de lotes entre Antônio Silva e um vizinho. Seguindo a sugestão de Norberto E. de Azevedo, farmacêutico bem conceituado na Vila, construiu-se a igreja no local da contenda. Realizavam-se festas religiosas como as de Nossa Senhora da Conceição, Sagrado Coração, São João e São Sebastião. Durante os festejos de São Sebastião, dançavam-se quadrilhas, xote de roda, fazia-se fogueira. Na época, os padres vinham a cavalo, permanecendo na vila por 3 ou 4 dias.”



Acima, o altar principal. Piso em ladrilhos, portas e janelas em formato ogival. Abaixo, altar lateral - Sagrado Coração de Jesus. Sobre as colunas, dois quadros da Paixão.



Quadro em óleo, assinado por Celina Rodrigues, datado 1991.

A cor da Capela retratada pela pintora é semelhante à da foto de 18/03/2000.



Latitude: -19° 48,981'
Longitude: -40° 40,720
Altitude: 198m

CAPELA DE SÃO BENTO (São Roque - Córrego São Bento)



Capela de São Bento, já em sua terceira construção. Conforme informações de participantes da comunidade, a imagem original de São Bento foi danificada durante uma procissão.

A visita a essa Capela e a conversa com alguns membros da comunidade mostraram conflitos sobre a decisão da necessidade da preservação das construções e a necessidade da adequação aos tempos.

Moradora e participante da comunidade, demonstrando o sentimento de perda pela substituição da Capela antiga pela atual, pronuncia-se: “Igreja não é somente quatro paredes. É também um estado de espírito.”

O **Livro do Tombo**, v. 1, folha 60, verso, referindo-se ao ano de 1923, diz:
“No dia 18 de Abril foi celebrada a primeira missa na Capella de S. Bento, construída pelo Snr. Jorqe Torezani, no loqar denominado Picadão do Barracão.”

Latitude: - 19° 45,358’
Longitude: - 40° 40,023’



Capela de São Bento (São Roque - Córrego São Bento)



Foto obtida em julho de 1994.



Em março de 1998, a demolição dessa construção (vista na foto da esquerda).

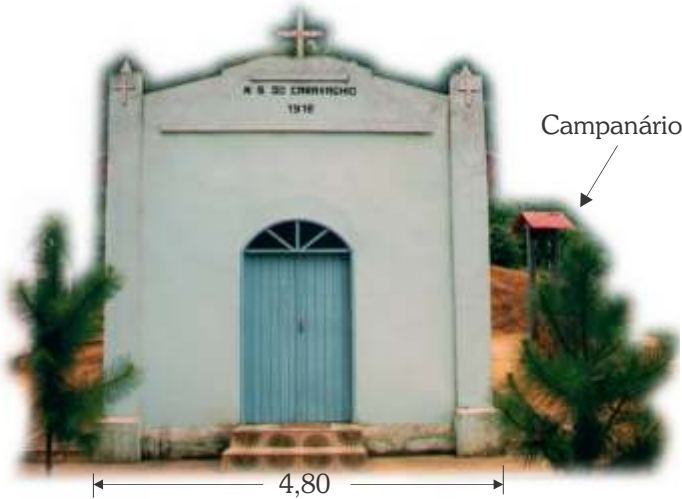


Impiedosa, a máquina de ferro não sente que está interrompendo a história da Capela, dos sentimentos da comunidade.



O antigo retábulo, com três nichos e o sacrário. A nova construção perdeu esse elemento, substituído por um altar em forma de mesa, em granito.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DO CARAVAGGIO (Alto Valsugana)



Frente da Capela, em 12/02/2000, quando estava pintada de branco. Na inscrição, a data da construção, 1912.



Poucos meses depois, a pintura já era em azul.

No **Libro dei conti in memoria della Capella della madonna di Caravaggio alta Valsugana**, no mesmo ano de 1912, no dia 4 de abril, foi registrado o primeiro movimento financeiro da Capela:

	Entrata	Uscita
Matteo Taofer	50.600	
Giovanni Bosa	30.000	
Dionisio Avancini	35.000	
Giovanni Montibeller	5.200	
Antonio Valt	6.000	
Elemosina del Capitelo	32.300	
Colomba Bosa Novelli un anello	2.000	
Contrato a Sabino Bortolini		80.000
Il medesimo giornate 13 ½ a	5.000	
67.500		
Conduzione dei legnami		5.000
Zingo		3.000
prego		3.600

... e assim por diante.

Com partes escritas em italiano e partes em português, no livro



O nicho, com a imagem de N. S. do Caravaggio e a da jovem Gianetta Vacchi.

Luiz Serafim Derenzi, em **Os italianos no estado do Espírito Santo**, p. 164, conta a história da aparição de N. S. do Caravaggio a Gianetta. Nosso resumo diz que Gianetta vivia em Caravaggio, a 80 km de Milão, e se casou, por imposição familiar, com Francesco Varoli, que muito a maltratava. No dia 26 de maio de 1432, temendo o marido, solicitou ajuda a Nossa Senhora, que para ela apareceu. O dia 26 de maio ficou sendo o dia da festa de Nossa Senhora do Caravaggio e, em 31 de julho de 1432, foi lançada, no local da aparição, a primeira pedra da igreja lá construída, hoje “um magestoso Santuário”.

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 55, frente, consta que, em 25 de junho de 1920, a Capela foi provisionada “pelo tempo de cinco annos, para celebrar Missa e se administrarem os demais Sacramentos uma vez só no anno...”



Detalhe da delicada imagem de Nossa Senhora do Caravaggio, em papel machê.

Latitude: -19° 54.694'
 Longitude: -40° 39.441'
 Altitude: 845m

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PENHA (São Roque - Tancredo)



Esta é uma Capela totalmente reformada, com piso de granito, teto em gesso rebaixado com lâmpadas fluorescentes embutidas, janelas com vidros jateados...

Os membros da Comunidade presentes no momento da nossa visita demonstraram estar felizes com a “nova Capela”, o que valeu a reflexão sobre a preservação da originalidade ou a atualização com itens da modernidade (vide os artigos **Memória cultural**: uma questão de utopia, p. 42, e **Interrogando**: tradição e/ou futuro?, p. 45).

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 36, frente, consta Provisão em 06/06/1941.

A Capela tem capacidade para aproximadamente 70 pessoas sentadas.

Na data da visita, 11/06/2000, havia nove imagens na Capela.



Latitude: - 19° 40,972'
Longitude: - 40° 43,821'



Após a emissão do documento que autoriza a Provisão, aconteceu a visita de inspeção, narrada no **Livro do Tombo**, v. 1, folha 40, frente, como a seguir:

“Certifico que, em obediência às ordens do Exmo. e Rvmo. Snr. Bispo Diocesano, no dia 24 de Maio de 1913 visitei a Capella de São Francisco de Assis em Sta. Julia. A Capella é nova, e achando-a provida do necessario para o culto, procedi á benção provisoria da mesma, usando da formula breve ‘Benedictio oratori’. Faltam os seguintes paramentos: vestimento verde, roxo e preto, e uns castiçaes.

Sta Thereza aos 2 de Junho de 1913

O Vig. Fr. José Ant^o”

Luiz Carlos Biasutti interpreta: “Benedictio oratori” (Bênção do oratório) leva a crer que o inspetor considerou a Capela como um simples oratório, sem as vantagens e obrigações decorrentes do comparecimento do Vigário pelo menos quatro vezes por ano.



No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 35, verso, consta que moradores de Santa Júlia, Misterioso e Tancredo solicitam ao Bispo licença para a construção de uma Capela, em terreno pertencente a Antônio Athayde Espíndula, em 16/04/1911. Em 15/06/1911 vem a autorização, determinando a invocação de São Francisco de Assis, “porem com a condição ‘sine qua non’ que primeiro se passe a doação do patrimonio por escriptura publica”. Na folha 50, frente, consta a “doação do terreno para a Capella de S. Francisco de Assis de S. Julia pelo Sr. Antonio Atayde Espindula em data de 17 de Dezembro de 1917”. Ainda, no mesmo volume, folha 39, frente, temos:

“Aos que esta Nossa Provisão virem, saudação em benção em o Senhor. Fazemos saber que atendendo ao que Nos representou o Rv. Frei José Antonio de Ferla Capuchinho, Vigario da Freguesia de Sta Thereza deste Bispado; Havemos por bem, pela presente, de concedermos licença, por tempo de cinco annos, se antes não determinarmos o contrario para que em a nova Capella, que terá a invocação de S. Francisco de Assis, erecta no logar denominado ‘Santa Julia’ da referida Freguesia, o Rvd. Parocho respectivo ou outro Sacerdote approved no Bispado e que esteja no gozo effectivo de suas ordens, possa effectuar a celebração do Santo Sacrificio da Missa em qualquer dia não prohibido pelas Rubricas, ainda nos festivos e mais solemnes et servatis semper de jure servandis; contanto que a Capella esteja decente, provida de paramentos e outros objectos indispensaveis ao culto divino, e como Capella publica, embora de propriedade particular, preste-se commodamente á celebração dos actos religiosos... 1º de Fevereiro de 1913...

+ Fernando. Bispo Esp Sto”



Nesta página, fotos realizadas por nosso grupo, em 2000. A Capela dispõe de bancos para acomodar cerca de 160 pessoas. Havia, na ocasião da visita, vinte e uma imagens.

No caderno de anotações do P. Frei Affonso Maria, em 1941, consta:

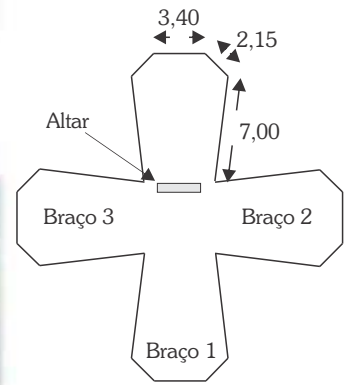
“A primeira igreja era de madeira, inaugurada em 1914. A atual foi construída em 1926”.

Há um desencontro de datas, vez que, no **Livro do Tombo** consta provisionamento em 1913.

Latitude: - 19° 45,610’

Longitude: - 40° 43,390’

CAPELA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA (Escola Agrotécnica)



Dimensões obtidas pelos alunos. Vista de cima, a Capela mostra o formato de uma cruz.



Vista interna, a partir do braço 1.



Vista do altar e de parte dos bancos situados no braço 2.



Na parede, sobre o altar, o crucifixo adornado com a mesma composição vista na Capela de N. S. Auxiliadora, Córrego Seco, p. 132.

O **Livro do Tombo**, v. 2, folha 116, frente, menciona a visita do Arcebispo D. João Batista da Motta e Albuquerque à Escola Agrotécnica, em agosto de 1958: "... Nesta ocasião, dia 9, no Salão da Escola, o Sr. Arcebispo benzeu a primeira pedra da nova Capela de N. S. Auxiliadora."



Sobre a Capela, a imagem de N. S. Auxiliadora dentro de armação metálica.

Detalhe da Imagem de Nossa Senhora Auxiliadora existente na Capela.



Latitude: -19° 48,425'
Longitude: -40° 40,871'
Altitude: 143m

CAPELA DE SANTO ANTÔNIO (Santo Antônio do Canaã)



Edegar A. Formentini, em **Resumo histórico de Santo Antônio do Canaã**, p. 29, diz:

“Os poloneses trouxeram consigo a fé católica e logo construíram uma igreja de palha colocando aí uma imagem de Santo Antônio trazida da terra natal. Ali eles faziam os seus cultos em polonês. Com o tempo o número de famílias italianas misturadas e, ao redor dos poloneses foi aumentando e já no início deste século os cultos (rezas) eram feitas, na Igreja de Santo Antônio, um domingo em polonês e um domingo em italiano... O primeiro Padre a fazer batizados em Patrimônio foi Padre Marcelino Moroni em 1888.”

Ainda em seu livro consta cópia da ata que trata da instalação da primeira diretoria, em que se pode ler: “Registro de la chiesa Di Santo Antonio Del patrimonio”, datada de novembro de 1909.

No **Livro do Tombo**, v.1, folha 6, verso, consta o provisionamento da Capela de Santo Antônio para “Baptizar e para Casar” em 6 de março de 1899. Na ocasião, o lugar era referido como “Polakos”.

Mais adiante, no mesmo livro, folha 48, verso: “Certifico que aos 19 dias do mes de Janeiro de 1915, visitei a Capella de Sant’Antonio dos Polaccos. A Capella é nova e bem construida, provida do necessario para o culto. Faltam os paramentos verde e roxo.

Sta Thereza 7 de Março de 1915. O Vigario F. José Ant.”



N. S. das Graças

Santo Antônio

S. Coração de Jesus



Capela em 1948



Capela em 1935

Fotos antigas e respectivas datas fornecidas e informadas por Margarida Coutinho.

Latitude: -19° 49,245'
Longitude: -40° 39,325'



CAPELA DE SÃO JACINTO E SANT'ANNA (São Roque - São Jacinto)



Foto de 1994.



Foto de 2000.



À esquerda, Sant'Anna e à direita, São Jacinto.

As fotos acima mostram a Capela em seu aspecto atual. Anteriormente existiam duas Capelas: a de Sant'Ana e a de São Jacinto, agora unificadas.

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 6, frente, encontramos a Capela de São Jacinto provisionada em 5 de janeiro de 1889, para celebração de Missa.

No mesmo livro, folha 12, frente, há uma "Petição para erigir a Capella de São Jacinto", datada de 1898.

A seguir, consta também a "Escurtura Particular da Capella de São Jacinto", através da qual Pelegrino Silvestre e sua mulher Angela Pelegrino doam um "lote colonial com o numero 8 no lugar denominado São Jacintho da Comarca de Linhares...", ao "Exmo e Rvmo. Snr. Bispo do Estado do Espirito Santo; para na dita area de terra edificar-se uma Capella a qual acha-se em construção, sobre a invocação de São Jacintho... ficando a presente doação feita ao Bispo que actualmente está nesta Deocese, e na falta delle a seos successores." Essa escritura é datada de 19 de março de 1898.

Há também, na folha 16, verso, a "Escurtura da Capella de Sant'Anna", datada de 02 de abril de 1902, em que Joaquim Rossini e sua mulher doam ao Bispo Diocesano um terreno "onde se acha construida uma Capella sobre a vocação de Sant'Anna, construida pelo povo Catholico do logar São Jacintho..."

Em 1921, vem a unificação. Diz o **Livro do Tombo**, v. 1, folha 55, verso:

"Existindo na vallada denominada S. Jacintho duas Capellas, muito perto uma da outra, distando apenas 15 minutos, e estando impróprias para o culto, por ser muito deterioradas, o Vigário Frei Gaspar de Modica, segundando o desejo dos predecessores, aconselhou a construção de uma só Capella proxima ao Cemiterio que serve para toda a vallada. A este projecto aderiram a maior parte dos colonos, e só dissentiram poucos, que, por sua conta e sem autorização da autoridade eclesiastica, quizeram reconstruir a velha Capella de S. Anna. O Exmo Sr. Bispo Diocesano, por requerimento do Vigario, autorizou a construção da nova Capella de S. Jacintho, para servir a toda a vallada, mandando ainda que, depois de terminada a construção desta, todos os objectos das duas Capellas velhas, imagens e alfaias, passassem para ella. Os objectos da Capella velha de S. Anna não passaram para a nova Capella de S. Jacintho em vista da reconstrução daquella."

Em 27 de novembro de 1921 foi inaugurada a nova "Capella de São Jacintho", que foi dedicada a "S. Jacintho e a S. Anna, tendo sido collocada na mesma uma nova imagem de S. Anna", conforme o **Tombo**, v. 1, folha 56, verso.



São Jacinto

Sant'Anna

Latitude: -19° 43,261'
Longitude: -40° 36,602'

CAPELA DE N. S. DAS GRAÇAS (Alto Caldeirão - Marta Penitente)



Segundo informação do Frei José Corteletti, o movimento para a construção dessa Capela começou em 1946, tendo sido a pedra fundamental lançada em 1947. Em 1948 foi inaugurada. Na ocasião do lançamento da pedra fundamental, foi feita uma lista com o nome de diversas pessoas presentes, colocada em uma garrafa que foi inserida em um bloco de cimento, fazendo parte da fundação.



O Sr. Silvio Ortolan, visitado em 10/08/2000, mantém um caderno no qual fez suas anotações com nomes de cidadãos que trabalharam pela construção da Capela de Nossa Senhora das Graças, sob a coordenação de Dona Marta Penitente Daleprane e de José Daleprane. A seguir, alguns nomes, em ordem alfabética, na divisão original feita pelo Sr. Silvio:

Trabalharam na construção: Alberto Relink, Amadeo Loriato, Angélica Daleprane, Antônio Daleprane, Augusto Caliari, Bona Ortolan, Camilo Beltrame, Clemente Passamai, Emílio Daleprane, Francisco Daleprane Filho, Gustavo Bausen, Helena Amaral, João Ortolan, João Batista Moscon, José Monteiro, Martin Daleprane, Pedro Bausen, Pompeo Daleprane, Rosa Ortolan, Silvio Ortolan, Valdemar Capri, Vitorio Rizzi.

Participantes de Trabalho: Anselmo Loriato, Antônio Amaral, Atilio Ortolan, Augusto Caliari, Benevenuto Beltrame, Cidalio Daleprane, Eduardo Daleprane, Elvidio Ortolan, Enrico Loriato, Ermínio Daleprane, Feruccio Rizzi, Gersino Rizzi, Hilario Bridi, Jerônimo Daleprane, João Batista Moscon, José Monteiro, José Pissaia, José Daleprane, Marta Penitente Daleprane, Martin Daleprane, Moacir Monteiro, Ortêncio Amaral, Pascoal Magdalon, Pedro Bortolini, Pedro de Oliveira, Ricardo Ortolan, Severino Sipolatti, Teodoro Braun.

Outros nomes do caderno do Sr. Silvio, não incluídos nas divisões acima:
Anselmo Loriato, Carlos Magdalon, Costante Bridi, Remo Dematè, Vitorino Loriato.

Foto de outubro de 1980, com um campanário de madeira sustentando o sino doado por Carlos Magdalon.

Latitude: - 19° 57,332'
Longitude: - 40° 44,517'

CAPELA DE N. S. DAS GRAÇAS (Alto Caldeirão - Marta Penitente)



Vista da Capela em 10/08/2000. Havia, na ocasião, uma corrente querendo derrubar a Capela para, em seu lugar, construir outra com maior capacidade. Outra, querendo preservar a construção. No lado esquerdo, há uma expansão onde podem sentar-se cerca de 25 pessoas. No lado direito, a correspondente expansão foi derrubada. Após a posse dos novos prefeito e vereadores, em 01/01/2001, o assunto será retomado.

No lado esquerdo da Capela já existe um campanário de concreto.



Vista interna da área principal, cuja capacidade é de cerca de 70 pessoas sentadas.

Através do primeiro arco à esquerda, pode-se ver parte da expansão (lado esquerdo); enquanto que, no lado direito, pode ser observado o fechamento inacabado das aberturas em arco que davam acesso à expansão do lado direito.

Na data da visita, dez imagens estavam expostas na Capela.

Os bancos são originários de doações de famílias da comunidade.



Paredes esquerda e direita da área central da Capela, com os quatorze quadros das Estações da Paixão.

CAPELA DE N. S. AUXILIADORA (Córrego Seco - Milanesi)



Primeira Capela, construída em 1933.



Dia da inauguração da primeira Capela. À esquerda, em primeiro plano, o Sr. Francisco Milanesi, construtor da primeira Capela.



Capela atual, construída em 1958.



Notar a semelhança da composição do crucifixo e dos adornos laterais, com a encontrada na Capela de Nossa Senhora Auxiliadora da Escola Agrotécnica Federal de Santa Teresa, na página 127.



Maquete em madeira.



A beleza do piso em ladrilhos. A comunidade local se preocupa em preservar.



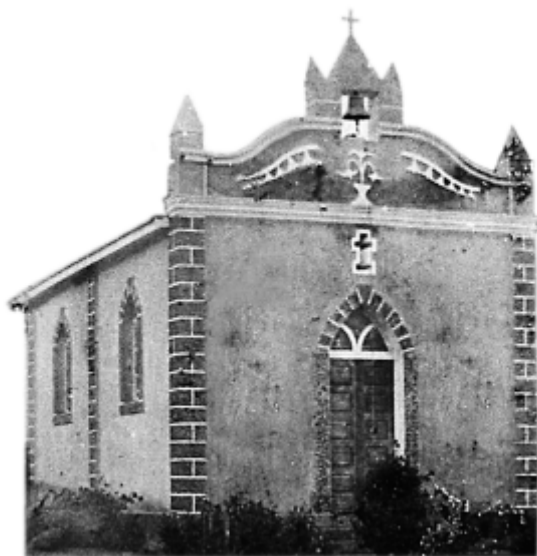
Um dos quadros que representam as Estações da Paixão de Jesus Cristo.



Imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, trazida da Itália.

Latitude: - 19° 47,164'
Longitude: - 40° 38,924'

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA (Quinze de Agosto)



A primeira Capela ficava no alto, próxima ao cemitério.



Capela atual, visitada em 16 de abril de 2000. Foi construída em 1972 pelos membros da comunidade local.

O Livro do Tombo, v. 1, folha 26, frente, menciona a provisão da Capela de “15 de Agosto” em 1937.



Nossa Senhora da Glória e Sagrado Coração de Jesus, ladeando Jesus crucificado, na área do altar da Capela.

Latitude: -19° 47,320'
Longitude: -40° 33,996'



N. S. das Graças



São Geraldo



Santo Expedito



São Sebastião

CAPELA DE SÃO JOÃO NEPOMUCENO (Córrego dos Espanhóis)

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 31, verso, consta a primeira Provisão desta capela, da seguinte forma:

“Com portaria em data de 3 de Junho de 1908, pelo Exmo. Snr. Bispo Diocesano D. Fernando de Sousa Monteiro, foi provisionada a Capella de São João Nepomuceno, no lugar Corrego dos Hespanhoes - desta Parochia, para nella poder celebrar o Santo Sacrificio da Missa e administrar os demais Sacramentos da S. Madre Igreja.”

Em 25 de setembro de 1913, recebeu nova provisão, por mais 5 anos, inclusive para celebrar o Batismo e o Matrimônio.



6,60



Nessa Capela, embora o santo “oficial” seja São João Nepomuceno (santo da chuva), São Valentim, que está ao seu lado, é mais conhecido ou mais cultuado. Normalmente o povo da região se refere à Capela como Capela de São Valentim do Córrego dos Espanhóis. Na foto abaixo, podemos ver que São Valentim está coberto por fitas, que significam homenagens ou agradecimentos por graças alcançadas.

Latitude: - 19° 53,421'

Longitude: - 40° 37,083'



CAPELA DE SÃO JOSÉ (Vale dos Tonini)



5,0

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 35, verso, consta que, no “Anno 1911” foi feita a Provisão da Capela de São José.

“Com Portaria em data de 3 de Abril de 1911, pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano D. Fernando de Sousa Monteiro, foi provisionada a Capella de São José, no lugar ‘Valle Tonini’ desta Parochia, para nella poder só celebrar o Santo Sacrificio da Missa.”



Nas paredes laterais pequenos púlpitos sobre os quais ficam outras imagens da Capela.

Luiz Carlos Biasutti informa que existiu uma construção anterior. Dona Rosinha Melotti Loss tocava o sino nas festas dessa primeira Capela. Com a alta do café, e com a necessidade de aumentar a capacidade de abrigar mais pessoas, foi construída a Capela atual que recebeu reformas e pinturas durante os últimos tempos.

Na ocasião da primeira visita (11/03/2000), a imagem de São José não estava na Capela. Havia sido enviada para restauração.



Em 01/10/2000, a imagem havia retornado do restauro e ocupava sua posição central, sobre o altar.



Latitude: - 19° 51,833'
Longitude: - 40° 36,631'
Altitude: 383m

CAPELA DE SANTO ANSELMO (Santo Anselmo)



O **Livro do Tombo**, v. 1, folha 23 verso, registra a “Portaria para a ‘Via Crucis’ na Capella de S. Anselmo”, com a autorização para “benzer e erigir a Via Crucis-Sacra”. Tal Portaria tem data de 14/04/1904.

No mesmo livro, v. 1, folha 50, frente, consta: “Por procuração passada pelo Governador do Bispado ao P. Frei Gaspar de Modica, este recebeu do Sr João Baptista Ferrari a doação da Capella e respectivo terreno de S. Anselmo, em data 7 de Maio de 1917.”

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 10, frente, a primeira Provisão desta capela consta da seguinte forma:

“Com Portaria em data de dezenove de Maio de mil novecentos e tres, pelo Revmo e Exmo Bispo Diocesano D. Fernando de Souza Monteiro, foi provisionada a Capella de **São Anselmo** no lugar denominado São Antonio do Vinti e cinco de Julho desta Parochia para celebrar o S.S. sacrificio da Missa.”

A Igreja Católica sempre foi muito exigente em relação ao estado das Capelas.

Consta no mesmo livro, v. 1, folha 46, verso:

“Com Portaria em data de tres de Abril de 1914, pelo Exmo. e Rvmo. D. Fernando de Sousa Monteiro, Bispo Diocesano, foi renovada a Provisão da Capella de Sant’Anselmo desta Parochia, podendo, pelo tempo de cinco annos, celebrar nella o Santo Sacrificio da Missa e administrar os demais Sacramentos da Santa Madre Igreja.” A seguir, foi expedida a seguinte Certidão: “Certifico que, aos 25 dias do mes de Abril de 1914, visitei a Capella de Sant’Anselmo desta Freguesia. A Capella está decente, provida do mais necessário para o culto. Faltam porem os seguintes objectos: Paramentos: vermelho, verde e roxo.

Stª. Theresa aos 22 de Maio de 1914.

O Vigario: F. José Antº.”

A imagem de Santo Anselmo, localizada à esquerda, no espaço do altar.



CAPELA DE SÃO DALMÁCIO (São Roque - São Dalmácio)



Antiga Capela de São Dalmácio, construída, na ocasião, em terras de Ricardo Gonzalez, hoje pertencentes a Claudionor Gonzales. Na Capela antiga, o sino ficava em um campanário externo. Na atual, fica na torre, integrada à construção.

Imagem de São Dalmácio, de papel, trazida da Itália por Paschoin Bolsani.



Capela atual, construída em 1961.



Vista da área do altar. No piso, os singulares ladrilhos, que devem ser conservados.



No centro do altar, a imagem original de São Dalmácio, recentemente restaurada.



O sacrário

No caderno de notas de Frei Affonso Maria, consta visita à Capela em 19/05/1941, quando registrou as imagens de N. Sr.^a da Glória, São Dalmácio, São José, Santa Lúcia e Santo Antônio.



Latitude: -19° 45,725'
Longitude: -40° 38,769'

CAPELA DE SANTA CATARINA - RUÍNAS (Ribeirão Alegre)



Na busca pela Capela de Santa Catarina, mapa nas mãos, alunos copilotos, encontramos, desavisados, essas ruínas da antiga Capela.

Muito próximo está um cemitério.

Pode-se notar certa riqueza de detalhes construtivos: porta em arco pleno, ladeada por duas janelas mais altas em arcos abatidos, molduras de cimento em volta da porta e das janelas frontais, piso em ladrilhos (não aparente nas fotos), presbitério separado da nave por arco e balaustrada de cimento, e tantos outros.

À direita, vista do interior, onde se pode observar o espaço do altar, arco, balaustrada, retábulo, dois nichos para imagens nas paredes da nave, janelas com acabamento em ângulo na parte superior.

Pelo formato da parede e pela marca de pintura, podemos presumir o telhado em duas águas e o forro reto, provavelmente em madeira.

Abaixo, detalhe do retábulo e altar em cimento, com três nichos.

O local do Sacrário também pode ser observado, embora já em processo de destruição.

Na parede sob o altar, a pintura de um coração, no centro de alguns detalhes ornamentais em cimento.



À direita, o detalhe de um dos dois nichos das paredes laterais.



Latitude: -19° 45,512'
Longitude: -40° 35,473'

CAPELA DE SANTA CATARINA (Ribeirão Alegre)

Distando algumas centenas de metros do local da Capela em ruínas, mostrada na página anterior, (p. 138), está a nova Capela de Santa Catarina, com inscrição na parede frontal indicando o ano de 1988, possivelmente o ano de sua construção.

Também nessa Capela podem ser observados alguns detalhes construtivos e de ornamentação que demonstram o “capricho” dos construtores e dos membros da comunidade: janelas e portas em arco, com molduras, pilares dos cantos em relevo e terminados em pequenas torres, óculo, etc.



Construída em 1988.



Construção em estilo mais moderno, ainda mantém o arco separando o altar da nave, no entanto, sem os nichos para as imagens, como na capela antiga.



A imagem de Santa Catarina. Ao seu lado está a roda com hastes metálicas, instrumento de tortura e morte através do qual o imperador romano Maxentius decretou a morte de Catarina. Mas, diz a história, a roda foi despedaçada e o imperador ordenou, então, que fosse decapitada. Esta história identifica a santa como Santa Catarina de Alexandria.

Imagem de São José.



Latitude: -19° 45,508'
Longitude: -40° 35,047'

CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO (São Roque - São Sebastião - Roldi)



Vista da Capela atual, com data de 20/06/1955.

No caderno de Frei Affonso Maria, consta em seu relatório de 22/05/1941: “1ª Igreja em esteios. 2ª Atual como supra”, referindo-se a características mencionadas no documento. Portanto, esta Capela de 1955 já é a terceira construída no local.



Vista interna, com piso em ladrilhos, bancos para acomodação de aproximadamente 75 pessoas. Na data da visita (09/07/2000), havia dez imagens.

Na visita de Frei Affonso Maria, em 22/05/1941, quando teria encontrado a 2ª Capela do local, conforme relatado em seu caderno de anotações, consta que havia três imagens (São Sebastião, São José e Nossa Senhora Auxiliadora); que não havia bancos; que o piso era de cimento, as paredes, de tijolos queimados e o telhado, de zinco; que não havia forro.



No **Livro do Tombo**, v, 1, folha 6, frente, consta a Provisão da Capela de São Sebastião, do “Baixo Timbuhy”, em 13/08/1898.



Escrito sobre o tecido, conservado na moldura acima:

“Vista e aprovada em visita pastoral.
S. Sebastião, 27 de junho de 1908
+ Fernando, Bispo Diocesano”

No Cemitério que fica atrás da Capela, registros da presença de pessoas e datas. Na cruz mostrada na foto à esquerda, placa com a seguinte inscrição:

“Aqui jaz os restos mortaes
De Vicente Roldi
Nasceu 12 de abril de
1837 Faleceu em 7 de
julho de 1904”

Latitude: - 19° 43,582'
Longitude: - 40° 40,062'



CAPELA DE N. S. DO BRASIL (São Roque - Médio Santa Júlia)

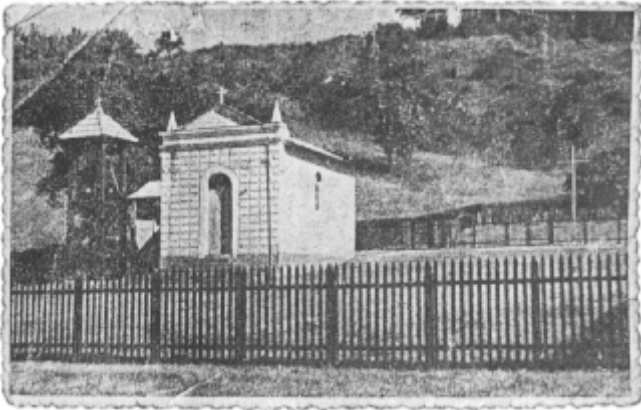


Foto da antiga Capela da localidade. É fotografia de um recorte de jornal mantido por uma moradora da Fazenda Silvestre (antes pertencente ao Capitão Chico Nunes), onde se localiza a atual Capela. Moradores da vizinhança informaram que a primeira Capela (a da foto acima) deve ter sido construída em 1933.

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 20, verso, temos:

“Foi provisionada e benta a Capella de N. Sra do Brasil no lugar Corrego Seco, Fazenda Silvestri - foi inaugurada em 12 de Nov. de 1935.”

Notar como foi pequena a diferença de informações dos anos (1933 e 1935) a partir dos moradores vizinhos e do registro no **Tombo**.



A Capela em 04 de junho de 2000.

Latitude: - 19° 42,288'
Longitude: - 40° 41,861'
Altitude: 127m

Imagem de Nossa Senhora do Brasil.



CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA (Aparecidinha)



Vista da Capela atual, chamada de Aparecidinha, em sua terceira versão. No mesmo local existiram duas Capelas menores.



Em recinto separado, ao lado do altar, o Sacrário, adaptado em um tronco.



No interior, contrastando com a maioria das demais Capelas católicas, somente Jesus na Cruz e a imagem de Nossa Senhora Aparecida (em 25/03/2000).



A imagem de Nossa Senhora Aparecida.



À esquerda, foto de outubro de 1983.

Conforme informou Wilma Barth, a primeira missa foi celebrada em 1972, na casa de D. Lídia Schiffler, pelo Frei Antônio Zuqueto, que sugeriu a construção de uma Capela no local.

A primeira Capela foi inaugurada em 12 de outubro de 1973, dia da padroeira, quando foi realizada a primeira missa e o primeiro batizado do local, de Walmir Barth.

A primeira Capela tinha dimensões 3 x 6m, a segunda 6 x 9 m e a terceira, atual, mede 8 x 14m.

Latitude: - 19° 58,458'
Longitude: - 40° 36,237'

CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA (Aparecidinha)

Momentos da comunidade de Aparecidinha, em fotos cedidas por Wilma Barth (algumas a partir de monóculos).



O bolo sobre a mesa foi preparado no formato da Capela.



As primeiras famílias da localidade, que construíram a primeira Capela, foram: Schiffler, Barth, De Paula, Mageski, Fröhlich, Tetslaf, Ribeiro e Alves do Nascimento. Atualmente (ano 2000), já existem cerca de 200 famílias compondo a comunidade.



CAPELA DE SANTA ROSA (São Roque - Santa Rosa)



Atrás da Capela fica o cemitério da comunidade.



Imagem de Santa Rosa



A construção, de aparência simples em seu exterior, revela-se rica em detalhes quando vista por dentro. Forro de friso levemente abaulado, retábulo com três nichos adornados de forma suave, altar separado por arco retangular com cantos arredondados. Pode ser notado também o capricho dos responsáveis pela manutenção, nas toalhas em renda ou bordadas.

Somente três imagens formam o acervo da Capela.



No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 30, verso, consta a Provisão da Capela de “S. Rosa (Corrego S. Rosa)”, em 1938.

No piso, a originalidade dos ladrilhos.

Os bancos podem comportar cerca de 50 pessoas.

Latitude: - 19° 41,587'
Longitude: - 40° 38,818'

CAPELA DE NOSSA SENHORA DO BOM PARTO (Várzea Alegre)



Datilogradas em 1994, duas páginas com informações reunidas pelos membros da comunidade, trabalho de imenso valor na preservação da história local, permitiram-nos obter os seguintes dados:

Uma primeira Capela foi construída em 1928.

Em 1959, foi construída a segunda Capela.

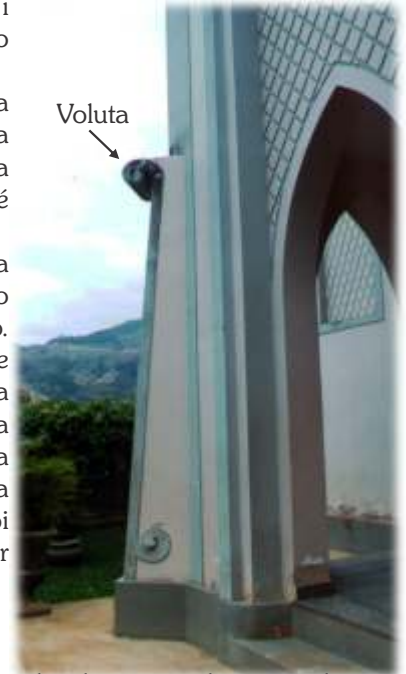
Em 1965, foi construída a canônica.

A primeira Capela foi inaugurada por Frei Domingos de Roccaro.

A segunda Capela foi inaugurada por Frei Estêvão Corteletti.

Um parto difícil e a considerada graça alcançada resultaram na escolha da padroeira e na compra da primeira imagem, até hoje na Capela.

Trazida para a comunidade, a imagem foi batizada como Nossa Senhora do Bom Parto. No entanto, a imagem era de Sant'Anna, tendo sido a verdadeira imagem de Nossa Senhora do Bom Parto levada para Itaçu, lá sendo batizada como Sant'Anna. Essa troca foi feita, inadvertidamente, por Giocondo Cornachini.



Voluta

Detalhe do ornamento aplicado na entrada principal. Portas, janelas, e arcos internos, todos em formato ogival.

Do **Livro do Tombo**, v. 2, folha 120, verso, transcrevemos:

“17-5-1959 - Inauguração e Bênção da Nova Capela de Nossa Senhora do Parto em Várzea Alegre.

Na véspera, dia 16, houve Missa Vespertina na velha Capela, despedida, levando todas as imagens em procissão para a nova Capela. Dia 17, o Revmo. Vigário celebrou a primeira Missa na nova Capela. Antes da Missa, houve a inauguração e bênção solene, conforme manda o Ritual Romano.”

Benzeu a nova Capela, “por fora e por dentro” e assinou a “Certidão da Bênção” o Padre Frei Apolinario de Sortino, Vigário.



Detalhe do altar.

No presbitério, o nicho de Nossa Senhora do Bom Parto com iluminação artificial posterior, resultando em interessante efeito visual.

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 30, verso, consta a Provisão da “Capella de N. S. do Parto (Varzea Alegre)”, em 1938.

No mesmo volume, folha 102, verso, falando de agosto de 1956, consta: “No dia 5 foi lançada a 1ª pedra da Nova Igreja de Vargem Alegre, estando presente o Vigario Coadj. P. Frei Apolinário de Sortino.”



Latitude: - 19° 53,922'
Longitude: - 40° 45,745'

CAPELA DE SANTO ANTÔNIO (São Roque - Tancredinho)



A Capela dispõe de bancos para acomodar aproximadamente 45 pessoas.

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 36, frente, consta Provisão em 09/05/1950.



Detalhe do altar e do retábulo, com cinco imagens. Além destas, outras seis imagens compõem a Capela.



Piso em ladrilhos.

Latitude: - 19° 39,001'
Longitude: - 40° 43,142'

CAPELA DE N. S. DA SAÚDE (São Roque - Picadão do Mutum)



Consta no Caderno de Anotações de Frei Affonso Maria, Vigário de Santa Teresa em 1941, a respeito de sua visita àquela Capela, em 20/05/1941:

“Igreja - comprida m. 10+7 - larga - m. 7, soalho de cimento, paredes de tijolos queimados, coberto de telhas francesas, forro de madeira.

- 1 - Altar de cimento
- 2 - Imagens tres: N. S. da Saude, S. Coração, S. Antonio Abade -
- 3 - Bancos não tem -
- 4 - Paramentos - todas as cores -
- 5 - Sino - tem um -
- 6 - Canonica - tem sem cosinha
- 7 - Cemitério não tem.
- 8 - Sociedade tem São N 12 -

Notas: 1º um pequeno oratorio de tijolos - desde 1908
2º Igreja de taboas. 1910
3º de tijolos - 1920
4º Igreja (atual) reconstruída em 1.939 -
Gastaram uns 12.000.000 em dinheiro; todos auxiliaram - mesmo trabalhando com os pedreiros. A Igreja ficou muito bonita.”

No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 63, frente, falando de 1924, temos:

“Oratorio de N. S. da Saude
No dia does de Julho com licença do Snr. Bispo Diecesano foi celebrada nessa Capella uma Santa Missa solemne - Este Oratorio está situado no Picadão do Mutum, na propriedade de P. Marianelli, (...) A Capella é de construcção solida e de tamanho regular...”



Sagrado Coração de Jesus

Nossa Senhora da Saúde

Santo Antônio

Latitude: - 19° 40,908'
Longitude: - 40° 36,764'

CAPELA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (Baixo Tabocas - Rasselli)



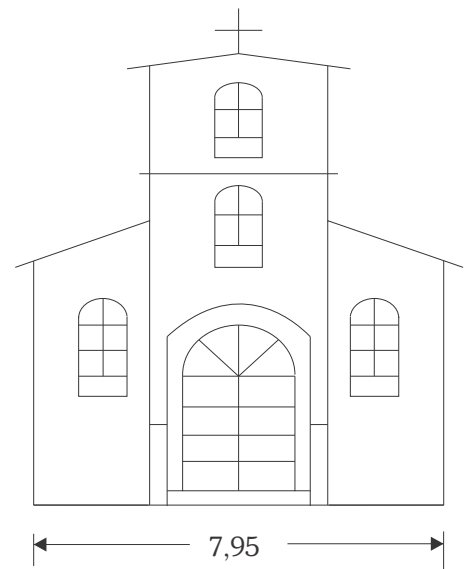
À esquerda, a antiga Capela do Sagrado Coração de Jesus, em frente do local onde está a atual, cujos alicerces podem ser vistos em fase de construção. Claudinéia Mognato cedeu a foto e informou que a Capela antiga foi construída por Pedro Rasselli. A atual foi construída pelos membros da comunidade.



Imagem do Sagrado Coração de Jesus, com aproximadamente 100 anos. O nicho que a abrigava, construído por Miguel Rasselli, ficou no Oratório do Sagrado Coração de Jesus, nas terras de Petronilho Rasselli.



Atual Capela do Sagrado Coração de Jesus, inaugurada em 20 de julho de 1997.



Profundidade: 17,20



Latitude: - 19° 53,094'
Longitude: - 40° 41,434'
Altitude: 587m

CAPELA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (Alto Tabocas)

Capela edificada pela comunidade, tendo à frente o construtor Evaristo Venturini, em 1996. Foi erguida em seis meses.

A planta utilizada foi a mesma da Capela do Sagrado Coração de Jesus de São Martim - Tabocas, vista na página anterior (148) com pequenas adaptações.



Bancos com capacidade para aproximadamente 90 pessoas. Além da imagem do Sagrado Coração de Jesus, outras seis imagens completam a Capela. Fazem parte do cenário a tela e o retroprojetor, recursos modernos para auxiliar a comunicação com os fiéis.



Pintura representando o Cristo Ressuscitado, trabalho do pintor Filogônio. Conforme membros da comunidade, essa pintura retrata cenas da paisagem local.



O Sacrário, em recinto separado, seguindo orientação da Igreja Católica.

Latitude: - 19° 55,448'

Longitude: - 40° 42,620'

CAPELA DE NOSSA SENHORA DO BOM PARTO (Julião)



Latitude: -19° 45,154'
Longitude: -40° 32,224'

A Sr.^a Marta Helena Furlani Simonelli informou que a primeira Capela do local foi construída por Atílio Tótola e Manoel Cirilo, sendo padroeira a Imaculada Conceição.

Em 1940, José Martins Zanoni e Eugênio Mariotti construíram a atual, de Nossa Senhora do Bom Parto. A imagem de N. S. do Bom Parto proveio de uma Capela anterior, não mais existente, próxima da atual.

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 10, frente, consta provisão em 06/06/1931.

Na ocasião da visita (2000), a imagem de N. S. do Bom Parto, no centro do presbitério, estava ladeada pela imagem de N. S. Aparecida e de N. S. do Rosário.



N. S. do Perpétuo Socorro



N. S. do Bom Parto



N. S. das Candeias

CAPELA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS (Nova Lombardia)



Construída em 1930 (data gravada em sua fachada e informação de pessoas da comunidade), esta Capela pode acomodar cerca de 45 pessoas sentadas.

Por ocasião da visita, contava com dezesseis imagens. Na construção, participaram famílias da localidade, dentre as quais: Zaroni, Tótola, Croce, Cerchi, Medani, Ramos e Peroni.

Do **Livro do Tombo**, v.1, folha 40, frente, temos a Provisão da Capela de S. Francisco, em Nova Lombardia, em 01/02/1913.

Na folha 40, verso, consta o certificado de visita, acontecida em maio de 1913, tendo dito o Vigário: "A Capella é nova..."

No **Tombo**, v. 2, folha 4, frente, consta que a Capela foi "reedificada" e inaugurada pelo Frei Miguelangelo em 17/09/1930.



Do caderno de Frei Affonso Maria, que visitou essa Capela em 04 de maio de 1941, obtivemos as seguintes informações:

"Igreja - comprida m. 6+4 - larga m. 6; soalho de cimento, paredes de tijolos cosidos, coberto de zingo

- 1 - Altar de tijolos e cimento.
 - 2 - Imagens-tres: S. Francisco de Assis, S. Coração de Jesus, N. Senhora-
 - 3 - Bancos tem uns seis ou oito.
 - 4 - Paramentos, só branco e preto, roxo, vermelho.
 - 5 - Sino um
 - 6 - Canonica tem sem cosinha.
 - 7 - Cemiterio - sim -
 - 8 - Sociedade, a mesma do cemiterio. N 21 -
- Taxa: Dez quartas de café por anno -"



Continuando as anotações de Frei Affonso Maria:

"Notas: 1ª Igreja era de madeira, e foi inaugurada em 1913. Distava uns 30 metros da atual.

2: Igreja atual inaugurada em 1940"



Existe, portanto, uma diferença de 10 anos entre as informações obtidas das duas fontes, como data da construção (1930) e da inauguração (1940).

Latitude: - 19° 51,095'
Longitude: - 40° 30,944'

CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA (São Roque - Vila Verde)



Foto da Capela quando de nossa visita, em 16/08/2000.



Foto da Capela em julho de 1994.

Essa Capela foi construída em 1980, conforme informação de moradores da comunidade. Anteriormente, havia outra Capela no local, possivelmente construída por José Guerini em 1967.



Na data da visita, a imagem de Nossa Senhora Aparecida estava em procissão para São Roque.

Latitude: - 19° 44,771'
Longitude: - 40° 39,562'

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PENHA (Alto Tancredo)

Em nossas viagens ao Município, em busca de informações sobre as Capelas, por vezes encontramos algum material escrito, livros de registros, livros de contas, etc. Outras vezes, com tais documentos não disponíveis, procuramos por pessoas que pudessem nos contar fatos relativos às Capelas existentes em suas vizinhanças. E assim a história foi se formando, com as informações tão precisas quanto possível, quanto à memória daqueles colaboradores pode trazer à tona.

Muitas pessoas responderam à nossa solicitação e levantaram a história junto aos parentes, amigos, membros das comunidades e, descrevendo essa reunião de informações, enviaram-nos cartas, bilhetes, escritos, que permitiram remontar parte da memória perdida. A todos, nossos agradecimentos e homenagem por acreditarem na importância da preservação de nossa história.

No caso a seguir, quando visitamos a Capela de Nossa Senhora da Penha de Alto Tancredo, também fomos atendidos e recebemos, escrito de próprio punho, um relato feito pela Sra. Alvacir Zortéa, datado de 01-07-2000, contando sobre o nascimento daquela Capela. É mais uma construção situada no alto de um morro, cujo acesso exigia algum sacrifício, hoje amenizado pela possibilidade de chegar-se até ela com veículos.



Do documento escrito pela Sra. Alvacir tiramos as informações a seguir:

“Já em 1896, algumas famílias habitavam a região, vivendo em pequenas casas de estuque. Pelas dificuldades encontradas em sua manutenção, tais famílias venderam suas terras e partiram em busca de melhores condições. Chegaram então novas famílias, próximo ao ano de 1906. Derrubaram áreas de matas, construíram suas casas e fizeram suas plantações em meio à floresta virgem, de onde animais ferozes emitiam uivos pavorosos durante as noites. Conseguiram certa fartura como resultado do seu cultivo de milho, feijão, arroz e café, mas sentiam falta de uma Capela, onde pudessem fazer seus pedidos e oferecer seus agradecimentos.

Cumprindo promessa, membros da família Fernandes construíram um pequeno oratório de tábuas e ali fixaram um quadro de Nossa Senhora da Penha. Na pequena construção rezavam seus terços, faziam suas orações. Entretanto, para assistirem a uma missa necessitavam andar a pé ou a cavalo cerca de 18 km até São Roque (do Canaã), onde eram celebradas uma ou duas missas por ano. Para casamentos, batizados, confissões, comunhões ou outros sacramentos, era obrigatória a viagem até Santa Teresa, da mesma forma a pé ou a cavalo, 45 km distante. Em caso de falecimento, os corpos eram levados até São Roque, onde havia um pequeno cemitério.

Famílias saíam, novas famílias chegavam. Em 1932, Henrique Zortéa, avô da senhora Alvacir, veio para a região, onde comprou boa parte das terras. Reuniram-se ele e seus amigos e substituíram o pequeno oratório de madeira e, no mesmo lugar, construíram pequena Capela de alvenaria. O senhor José Pretti doou uma imagem de Nossa Senhora da Penha, feita de barro.

Vencidas as dificuldades para o Bispo autorizar a celebração dos sacramentos na Capela, aconteceu a primeira missa celebrada por Frei Rafael Maria, que chegou a cavalo, guiado por um membro da Comunidade.”

Assim é a história contada pela senhora Alvacir, tanto para o nascimento da localidade de Alto Tancredo, da Comunidade e da Capela.



Latitude: - 19° 42,121'
Longitude: - 40° 44,278'

CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA (São Roque - Vila Torezani)



A Capela em janeiro de 1982.



A Capela em julho de 1994.



À esquerda, a Capela em 16 de agosto de 2000. Segundo moradores, a construção dessa última versão da Capela data de aproximadamente dois anos.



As Estações da Paixão de Cristo são representadas por pequenos quadros entalhados em madeira.

Na data da visita, 16/08/2000, a imagem de N. S. Aparecida havia sido levada em procissão até a Matriz de São Roque.

Latitude: -19° 43,827'
Longitude: -40° 38,906'



CAPELA DO BOM JESUS DA LAPA (Fundão - Três Barras)



Do **Livro do Tombo**, v. 1, folha 58, frente: “Em 1921 começou, por iniciativa de Frei Gaspar de Modica, a construção de uma Capella no lugar denominado Tres Barras, sobre uma grande pedra, sob a invocação de Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa (...) A Capella foi inaugurada em Setembro de 1922...”

Atualmente, Tres Barras integra o Município de Fundão. A partir de 01/11/1952, a Capela passou a fazer parte da Paróquia de Fundão (**Livro do Tombo**, v. 2, folha 86, frente).



Na data da visita, 12/09/2000, o teto apresentava sinais de infiltração, necessitando de reparos/restauro.



O retábulo, com três nichos.



Vista do coro, muito alto, limitado por cerca de madeira em formato de balaustrada, com escada espiral em torno de coluna de madeira.

Visitando a Capela em 10/05/1941, Frei Affonso Maria registrou as imagens do Bom Jesus da Lapa, Sagrado Coração de Jesus, Sagrado Coração de Maria, Santo Antônio, São José, Santa Terezinha, Sant'Anna e São Joaquim. Segundo seus manuscritos, a Capela foi inaugurada em 12/09/1922, com Missa celebrada por Frei Gaspar e Eugênio de Modica, e Frei Jacinto de Palazzolo.

Latitude: - 19° 55,506'
Longitude: - 40° 26,992'
Altitude: 89m

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA VITÓRIA (Fundão - Irundi)



Na fachada da Capela, a placa com os dizeres:
IGREJA N S DA VITÓRIA
IRUNDI FUNDADO
DATA 02/02/1878

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 31, frente, consta Provisão para a Capela de “N. S. das Vitorias de Tres Barras”, em 1939.

Atual Município de Fundão, a localidade de Irundi já pertenceu ao Município de Santa Teresa (geograficamente falando). Quanto à administração religiosa, no **Livro do Tombo**, v. 2, folha 86, frente, encontramos:

“1-XI-1952 Transferencia das Capelas de Três Barras (Irundi) e de N. S. Das Vitorias para a paróquia de (Serra) Fundão -

De ordem expressa do Ex^{mo}. Sr. Bispo Diocesano, as duas capelas de Três Barras (Irundi) e de N. S. das Vitorias, situadas no Municipio de Fundão e pertencentes até agora á freguesia de Santa Teresa, nesta mesma data passam para pertencerem á paróquia de Fundão. O Vigario neste mesmo dia foi rezar a ultima Santa Missa na capela de N. S. das Vitorias, despedindo-se daquele bondoso povo.”

Na visita, em 30/08/2000, o cemitério encontrava-se muito bem conservado. Nas lápides, as informações de datas com mais de 100 anos.

Na cruz abaixo, embora não completamente legível: “QUI RIPOSA LE OSSA D_ _ZZOLI LE _ NATO IL 16 GENAIO DEL 1872 MORTO 24 DICEMBRE 1901



Esta Capela de N. S. da Vitória fica próxima da Capela do Bom Jesus da Lapa, em Tres Barras (página 155), estando ambas no caminho Fundão-Santa Teresa.

Diz Luiz Carlos Biasutti, em **No coração capixaba**, página 60: “O que parece inconteste é que, antes da expedição Tabachi, Von Lipp subiu a serra de Santa Leopoldina para Santa Teresa. Aí, em Valsugana Velha, perto da Penha, montou seu acampamento, enquanto, pouco depois, Abramo Zurlo e seus companheiros fugitivos da Colônia Nova Trento, **via Fundão e Tres Barras**, apareceram também no local.” (O grifo é nosso).

Latitude: - 19° 55,174'
Longitude: - 40° 27,643'
Altitude: 130m

CAPELA DE SÃO BRAZ (São Braz)



Com aspecto externo que não lembra imediatamente um templo, essa Capela fica situada no alto de uma montanha, em local chamado Serra da Boa Vista, de onde se pode avistar a Escola Agrotécnica Federal de Santa Teresa.

Sem torre para abrigá-lo, o sino fica instalado em um campanário externo à Capela.



O nicho com a imagem de São Braz.



Distante de qualquer povoação, essa Capela fica isolada e o acesso se faz com alguma dificuldade. Tendo sido localizada já ao anoitecer, as fotos foram obtidas com o uso de *flash*.



No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 36, frente, consta Provisão em 25/03/1948.

À esquerda, vista do retábulo. A Capela comporta cerca de 40 pessoas sentadas. As Estações da Paixão são representadas em quadros. Na data da visita (27/07/2000), contamos seis imagens e cinco quadros (mais os quatorze das Estações da Paixão).

Latitude: - 19° 48,042'
Longitude: - 40° 41,941'
Altitude: 582m

CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS (São Roque)



Primeira Capela construída em São Roque, em 1886.

A cabeça e os braços da imagem da padroeira são feitos em madeira. As roupas são vestidas sobre uma armação (não há corpo).

Em 1887, foi construída a Capela de São Roque, separada desta pelo Rio Santa Maria (vide página 70).

Em **São Roque do Canaã**, p. 47, Luiz Carlos Biasutti e Arlindo Loss registram:

“Contam nossos antepassados que alguns imigrantes, ao descerem a Serra do Canaã, depois de atravessarem o Rio Santa Maria, ficaram perdidos por muitos dias na mata. Tratava-se da família Bosi. Preocupados ante a situação dramática, o destino incerto e o fim iminente, membros desta casta de desbravadores pediram a Nossa Senhora das Graças que, onde encontrassem uma saída, ali iriam construir um oratório. Cumpriram a promessa, porque alcançada a graça. Construído em 1886, em 1888 o Padre José Venditti ali celebrou a primeira missa. Um modesto oratório, porém, um ato grandioso. Tanto pelo sacrifício religioso em si, como pelo fato de que se tratava da Primeira Missa de São Roque do Canaã.”



A foto da direita mostra um quadro em tecido, no qual está bordada a seguinte frase:

**Auf
Gottes Wegen
ist
Gottes Segen,**

cujos significado é:

“No caminho de Deus está a bênção de Deus.”

Latitude: - 19° 44,292'

Longitude: - 40° 38,569'



CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO (Alto Santo Antônio)



Moradores da localidade informaram que a Capela foi construída próximo a 1960.

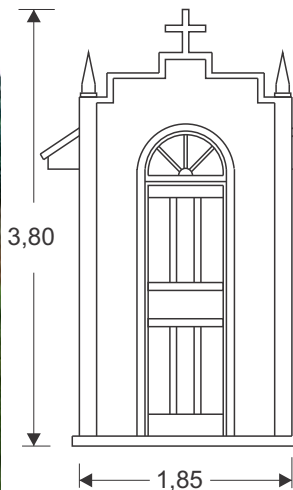


Na data da visita (06/08/2000), a Capela contava com treze imagens.



Latitude: - 19° 53,247'
Longitude: - 40° 34,517'

CAPELA DE N. S. DO ROSÁRIO (Valão de São Lourenço - D. Giggia)



Desenho feito com base nos esboços e medições efetuados pelos alunos.

Informa o Sr. Décimo Martinelli que a Capela foi construída em 1928 por Dona Liduina Mer, esposa de Giuseppe Mer. Em 1948, foi feita nova construção, desta vez por Dona Luiza Guaitolini Fuzinato - Dona Giggia - com muito empenho, envolvendo um grande número de colaboradores que doaram o material.



Vista interna.
Altar, quadros e imagens.



Décimo Martinelli

Mariota Tomazelli Salviato

Maria Cecília T. Salviato

Walfredo Zamprogno

Zulmira Thomazi Salviato

Victor Biasutti

D. Giggia

Na Capela há um documento emoldurado, já bastante apagado, com os seguintes dizeres:

DIPLOMA
DI BENEMERITO BENEFATTORE DEL PONTIFICIO OSPIZIO EDUCATIVO BARTOLO LONGO
DEI FIGLI DEI CARCERATI
IN VALLE DI POMPEI

Il sig. Giuseppe Mer di S. Lucia nova Valsugana è stato iscritto nel Libro d'oro dei Benemeritti Benefattori del Pontificio Ospizio Educativo Bartolo Longo pei figli dei Carcerati. I fanciulli in esso raccolti ricorderanno con grato animo il suo nome e pregheranno per Lui sera e mattina la S S Vergine del Rosario di Pompei loro Sovrana e Madre.

Valle di Pompei 16 settembre 1918

Il Delegato Pontificio

+ Augusto (nome ilegível) di Cesanea



Latitude: -19° 56,017'
Longitude: -40° 39,085'
Altitude: 765,65m

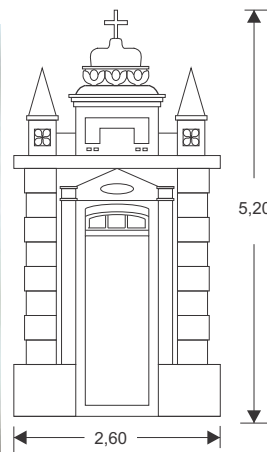
CAPELA DE SANTO ANTÔNIO (Alto Santo Antônio)



Cores da Capela em 11/02/2000...



e as cores em 30/07/2000.



Detalhe dos anjos que decoram a parte superior externa da Capela.

À direita, pequeno painel em azulejo, representando Santo Antônio.



Pia de água benta.

À esquerda, as imagens (que ficam sobre o altar) estão protegidas por uma grade, fechada a cadeado. Algumas informações dão conta dessa necessidade para que seja evitado o roubo ou os danos às imagens.



Latitude: - 19° 55,336'
Longitude: - 40° 35,353'
Altitude: 733m

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 31 (anexo) consta na programação de atos religiosos de 12 de junho de 1939: "Às 9 horas MISSA CANTADA na Capelinha de Santo Antonio (na Fazenda do Candido Loss no ALTO SANTO ANTONIO.)"

CAPELA DE SÃO LOURENÇO (Valão de São Lourenço)

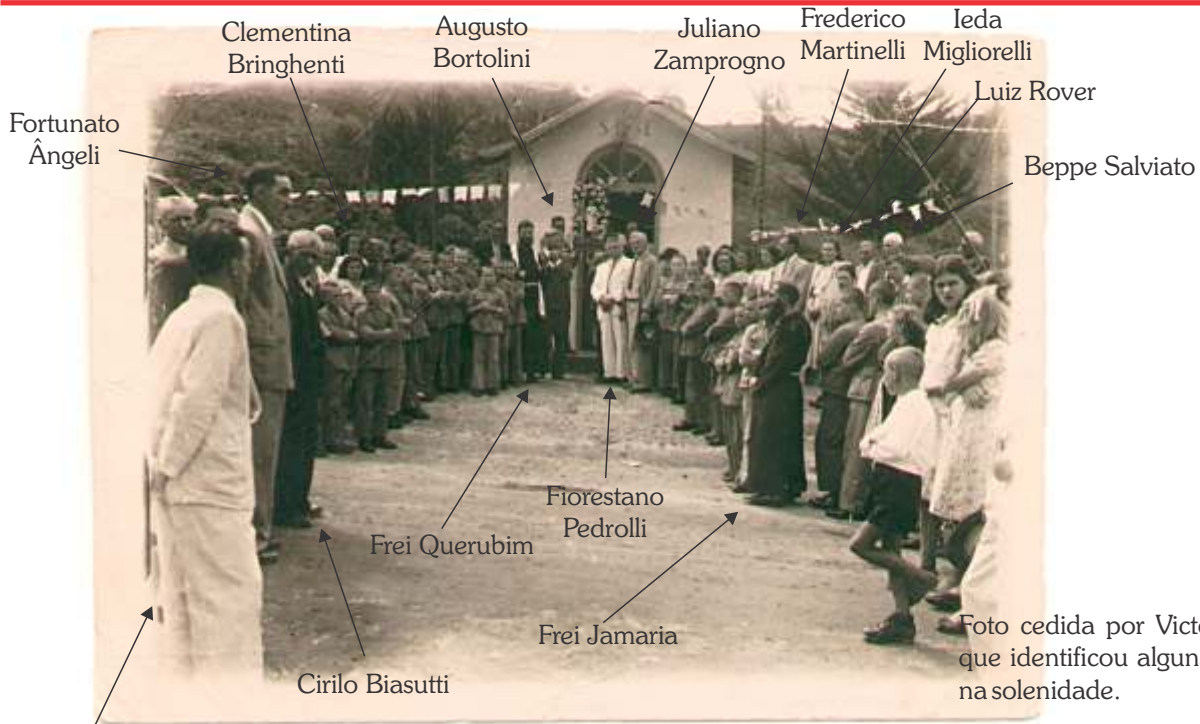


Foto cedida por Victor Biasutti, que identificou alguns presentes na solenidade.

Álvaro Zamprogno

Uniformizados, próximo à porta da Capela, seminaristas participam do evento.



Foto cedida por Armando Salviato.

Madalena Loss Martinelli informou que a primeira missa foi celebrada em 10/08/1937.

Adelino Bortolini contou que o terreno onde foi construída a Capela pertencia a Festivo Bortolini. Disse ainda que os tijolos foram feitos por Luiggi Tomazelli e que a construção foi executada por Augusto Salviato, o Nonno Guto.

À esquerda, a Capela em outra época, ainda com telhado de zinco, com outra pintura...

Vista da Capela no ano 2000.

O altar.



Latitude: - 19° 55,909'
 Longitude: - 40° 37,472'

CAPELA DE SÃO MARTINHO (Papaçu)

A Capela e o Cruzeiro no alto do Papaçu, em foto de José Alfredo Ferrari. Moradores da região estimam que a Capela foi construída há 60 anos (por volta de 1940).

Momento do fotógrafo: um pássaro em cada cruz.



No pequeno interior, quadro de São Martinho e várias imagens.



Visão geral do morro do Papaçu.

Vista da ponta da pedra do Papaçu, sobre a qual está a Capela de São Martinho.

Latitude: - 19° 54,044'
Longitude: - 40° 40,442'



CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PENHA (Alto Várzea Alegre)



Capela atual (2000)



Construção singular, diferenciada das demais por suas formas arredondadas, desde a base até as torres.



Detalhe do nicho único, que abriga a imagem de Nossa Senhora da Penha.

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 2, verso, referindo-se a 1929, temos: “Com despacho do dia 8 de abril 1929 S. Exa - Rma o Sr. Bispo Diocesano D. Benedicto Alves de Souza concedeu ao Rmo. Vigário Frei Dionysio de Monterosso a necessaria licença para benzer e celebrar a Capella dedicada a N. S. da Penha - Esta Capella foi construida por devoção do Sr. José Pivetta em sua propriedade denominada Alto Vargem Alegre.”

Latitude: - 19° 53,282'
Longitude: - 40° 48,025'

CAPELA DO BOM JESUS DA LAPA (Córrego Frio)

Capela atual, construída em 1947.



Nos manuscritos de Frei Affonso Maria consta sobre sua visita 25/04/1941 à localidade dessa Capela: “Notas: foi inaugurada em Maio de 1939 pelo Vigário P. Frei Affonso Maria de Calascibetta” Na ocasião só havia a imagem do Bom Jesus da Lapa.

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 31, frente, com referência a 1939, consta: “Foi provisionada por 5 anos a nova Capela do ‘Bom Jesus da Lapa’, no Corrego Frio.”



Capacidade aproximada para 80 pessoas sentadas. Além dos quatorze quadros da Paixão de Cristo, oito imagens compunham o acervo da Capela na data da visita, 02/07/2000.

Latitude: - 19° 49,939'
Longitude: - 40° 46,458'



GRUTA DE SÃO JOSÉ (Várzea Alegre)



Detalhe do interior da gruta.

Esta gruta fica na mesma área onde está construída a Capela de Nossa Senhora do Bom Parto (página 145).

Latitude: - 19° 53,922'
Longitude: - 40° 45,745'

GRUTA DE N. S. DE LOURDES (Santa Teresa - Ginásio Santa Catarina)



Prédio do Ginásio Santa Catarina

No lado esquerdo do jardim visto acima, fica a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 143, verso, consta que, em 11 de fevereiro de 1964, “Estêve em Santa Teresa o Sr. Arcebispo Dom João Batista a fim de inaugurar a gruta N. Sra. de Lourdes no Ginásio St^a Catarina.”

Conforme Waldir Bassetti, construtor da Gruta, foram usados cristais queimados, o que causou diversos ferimentos nas mãos dos pedreiros, por causa das bordas cortantes daquelas pedras.

Latitude: - 19° 56,105'
Longitude: - 40° 36,050'



CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO (São Sebastião - Novelli)



No **Livro do Tombo**, v. 1, folha 10, frente, consta:

Provisão a Cappella de São Sebastião

Com Portaria em data de sete de Maio de mil novecentos e tres, pelo Rvmo e Exmo Bispo Diocesano D. Fernando de Souza Monteiro foi provisionada a Capella de São Sebastião no lugar denominado Alto Santa Maria do Rio Doce, desta Parochia para celebrar o S. S. Sacrificio da Missa e administrar os S.S. Sacramentos do baptismo e matrimonio.



O mesmo volume, folha 50, frente, menciona que, em 25 de novembro de 1917, o Padre Frei Gaspar de Modica benzeu a primeira pedra da nova Capela de São Sebastião do Alto Santa Maria.

Latitude: - 19° 51,349'
Longitude: - 40° 43,663'

Inaugurada em 07/05/1903, sofreu reformas (ou reconstrução) em 1950 e em 1998.

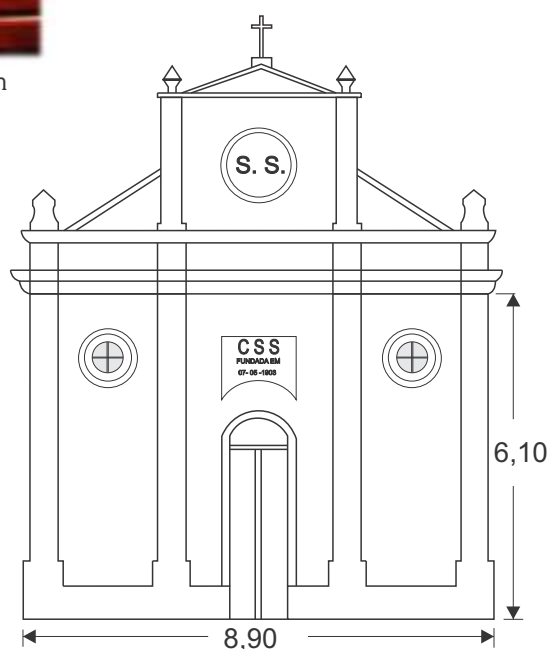
O sino já foi substituído porque o original se partiu.

Na ocasião da visita (28/05/2000), contava com doze imagens.



Altar em madeira maciça. Sobre o mesmo, o nicho de São Sebastião.

O Sacrário fica, agora, em local separado, conforme recomendações da Igreja Católica.



Desenho da fachada, feito em computador pela aluna Juliana Salim Dantas.

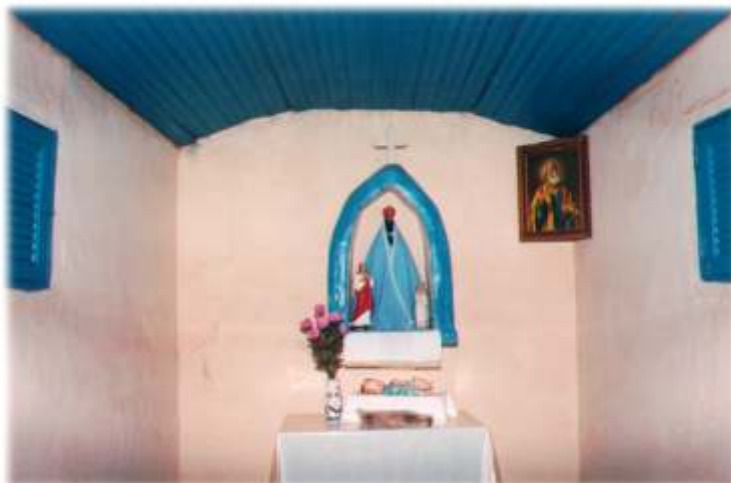
CAPELA DE N. S. APARECIDA (Estrada de Santa Leopoldina)



Conforme moradores vizinhos, a Capela foi construída por Carlos Bartelli, como pagamento de promessa. Não foi possível precisar a data da construção, que pode ter acontecido entre 1970 e 1980.

Latitude: - 19° 58,223'

Longitude: - 40° 32,874'



CAPELA DE N. S. DA CONCEIÇÃO (V. de São Lourenço - Nonno Thomazi)



Capela construída por Vitório Thomazi, o “Nonno Thomazi”.

Arlete Helena Salviato Biasutti estima que a construção aconteceu em ano próximo a 1948.

Latitude: - 19° 55,959'

Longitude: - 40° 36,489'

Altitude: 688m

CAPELA DE SÃO ROQUE (Baixo Tabocas)



Capela construída pela família Sperandio. Havia outra, anteriormente, que foi demolida. As imagens foram transferidas para a atual, mostrada nas fotos.



Doze imagens e sete quadros no acervo da Capela. Bancos para acomodar cerca de 20 pessoas.



Latitude: - 19° 50,966'
Longitude: - 40° 40,479'

Detalhe do nicho em machetaria.

CAPELA DE SÃO ROQUE (Córrego Seco)



Bancos para aproximadamente 24 pessoas. Na ocasião, quatorze imagens.

Capela construída nas terras dos herdeiros de Olívio Coser.

Latitude: - 19° 48,170'
Longitude: - 40° 39,153'

CAPELA DE SANTO ANTÔNIO (Alto Caldeirão)



Totalmente isolada, cercada de pés de café por todos os lados.



Em nossa visita (21/05/2000), contamos quatorze imagens nessa Capela.

Latitude: - 19° 56,826'

Longitude: - 40° 43,530'

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PENHA (Caldeirão - Fazenda Loss)



Nicho com Nossa Senhora da Penha.

Construída em 1958, essa Capela pode receber cerca de 20 pessoas, sentadas.

A imagem da padroeira possivelmente veio da França. Outras seis imagens estavam na Capela, por ocasião da visita.



No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 121, frente, em 26/05/1959 consta que “Houve a Benção simplex e a inauguração da nova Capelinha N. Senhora da Penha, fazenda Loss, Caldeirão, tendo desmanchado a Velha que ficava um quilometro para cima do morro.”

Latitude: - 19° 55,695'

Longitude: - 40° 44,529'

CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO (Barracão de São João de Petrópolis)



1,20
3,00

No final da Rua do Comércio, a Capela com a indicação do ano 1928.



4,22



Detalhe da frente da Capela:
CAPELLA DE S. SEBASTIÃO
PAZ AMÔR
PELA CRUZ E PELO BRASIL



Acima, um cofrinho para esmolas em moedas. Quando uma moeda é oferecida, o anjinho balança a cabeça como se estivesse agradecendo.

Latitude: - 19° 49,082'
Longitude: - 40° 40,578'

CAPELA DE SÃO PEDRO (Valão de São Pedro)



4,50

Capela de construção simples, com um sino e uma cruz instalados na parede da frente, externamente.

São Pedro, o chaveiro do céu, em imagem, com uma grande chave em sua mão esquerda.



Como na ocasião da visita (11/03/2000) estava sendo observada a Quaresma, a imagem de Jesus Cristo estava coberta por tecido de cor roxa.

CAPELA DE SÃO BRAZ (Santo Hilário)



Sobre a porta, “S B 1956”. Moradores informaram que a Capela deve ter sido construída por volta de 1940.



Vista do altar. A Capela conta com sete imagens. Os bancos podem acomodar até 24 pessoas.

O sino, em campanário externo à Capela. Foi comprado pelo Sr. Zurlo no Rio de Janeiro.



Latitude: - 19° 51,700'
Longitude: - 40° 42,539'

CAPELA DE SÃO MARCOS (Pé da Serra)



No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 9, frente, consta a provisão da “Capella do Pé da Serra dedicada a S. Marco Evangelista”, em 18 de outubro de 1931.



Latitude: - 19° 53,634'
Longitude: - 40° 36,387'

CAPELA DE SÃO GERALDO (Alto Pedra Alegre)



Latitude: - 19° 52,141'
Longitude: - 40° 49,203'

Do **Livro do Tombo**, v. 2, temos:
Folha 26, 1937 - Capela benta e provisionada pelo Bispo D. Luiz Scortegagna.

Folha 132, novembro de 1961 - Pronto o projeto da nova Capela.
Folha 134, maio de 1962 - Lançada a pedra fundamental da nova Capela.

Capacidade: 75 pessoas sentadas. Na data da visita (02/07/2000), havia dezesseis imagens na Capela.



Informações dos moradores locais:
Construída em 1951 por José Lopes, Denis Possatti, Geraldo Pereira do Rosário e Telcio Degásperi, com auxílio de Sebastião Zacarias. O terreno foi doado por Aurélio Possatti. A imagem de São Geraldo foi doada por Virginia Corteletti.
1° Fabricheiro: Clério Possatti.
Fabricheiro no final da construção: Achiles Negrini.
1° Tesoureiro: Eduardo Degásperi.
2° Tesoureiro: Lourenço Corteletti.

CAPELA DE SÃO BENTO (Itanhanga)



Dentro de um pequeno bosque, com árvores que impedem sua visão total, essa construção quase não lembra uma Capela. Por dificuldade de acesso às chaves, não pudemos fotografar o interior.

Latitude: - 19° 50,930'
Longitude: - 40° 48,339'

CAPELA DE NOSSA SENHORA DE LOURDES (Baixo Tabocas)



Inicialmente tendo Nossa Senhora de Lourdes como padroeira, essa Capela passou a abrigar também a imagem de Nossa Senhora da Penha. Sobre a porta, as inscrições: NSDL e NSDP, das duas santas.

Foi construída em 1925 por integrantes da família Dalapícola. Além de dezesseis quadros (quatorze da Paixão de Cristo), a Capela contava (em 28/05/2000) com doze imagens.

No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 114, frente, com referência à data 11 de maio de 1958, temos: “Realizou-se neste dia, com a licença do Exmo. Sr. Bispo, a bênção da nova Capela de Nossa Senhora de Lourdes da Barra Tabocas, em comemoração do 1º Centenário da Aparição de Lourdes. O Revmo. Vigário Pe. Frei Apolinário benzeu-a e celebrou a primeira Missa na nova Capela.” A provisão aconteceu em 23 de abril de 1958.

Latitude: - 19° 51,150'
Longitude: - 40° 39,021'



CAPELA DE SANTA BÁRBARA (Barra do Rio Perdido)



De A VOZ DO SEMINÁRIO, setembro/99, tivemos a informação de que “... a comunidade demoliu a igreja antiga, que se encontrava em péssimas condições, e no local iniciou, no dia 20 de Julho, a construção da nova igreja. (...) A imagem de Santa Bárbara foi doada, em 1955, por Gaspar Caser e família, e a de Nossa Senhora da Penha, por Luiza Arndt.”.

Nossa observação: Gaspero Caser.

Por ocasião da visita (28/05/2000), a Capela contava com onze imagens.

Latitude: - 19° 50,147'
Longitude: - 40° 42,916'



Santa Bárbara.



Quadro que representa a IV Estação da Paixão de Cristo.

CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO (São Roque - Córrego Militão)



5,62

Capela situada em local bastante isolado, foi construída por Pedro Militão Jeremias, antes de 1933, segundo informações dos proprietários atuais das terras.

Bancos para acomodação de cerca de 40 pessoas.

Latitude: - 19° 43,081'
Longitude: - 40° 34,012'

Na falta de torre na Capela ou de um campanário, o sino, recebido em 20 de abril de 1958, fica instalado no alto de um poste, obtido a partir do tronco de uma árvore.



CAPELA DE SANTA LUZIA (São Roque - Picadão)



5,70

7,30



Construída em 1977, foi reformada e ampliada em 2000. Pode abrigar cerca de 140 pessoas sentadas.

À esquerda, um campanário típico abriga o sino da Capela.

Latitude: - 19° 42,950'
Longitude: - 40° 38,026'

CAPELA DE SANTA LUZIA (São Roque - Córrego Seco)



Construída por José Cassani

Latitude: - 19° 44,079'
Longitude: - 40° 41,176'

No pequeno interior, oito imagens e seis quadros.



CAPELA DE SANTO ANTÔNIO (Várzea Alegre - Fazenda Mattedi)



A Capela tem capacidade para acomodar 32 pessoas sentadas.

Presentes, na data da visita, oito imagens, dentre as quais pudemos identificar a de Santo Antônio, Sagrado Coração de Maria, São Roque e Santa Teresa, além de Jesus na Cruz.

Latitude: - 19° 54,726'
Longitude: - 40° 45,986'

Do **Livro do Tombo**, v. 1, folha 65, verso, com referência a 1925, temos:

“No dia 22 de Fevereiro foi solenemente inaugurada a Capela de S. Antonio em Vargem Alegre, construída nos terrenos do Sr. Eugenio Mattedi.”



CAPELA DE SÃO ROQUE (Tabocas - Fazenda Ziviani)



Latitude: - 19° 53,455'
Longitude: - 40° 42,266'
Altitude: 497 m



Frente da Capela, construída em 1956, conforme informação de moradores vizinhos.



Interior da Capela. Piso em ladrilhos. À direita, a imagem de São Roque.

CAPELA DE N. S. APARECIDA (Tabocas - São Martim)



Construída pela família Rasselli. Inaugurada em 25/09/1979.



Latitude: - 19° 52,873'
Longitude: - 40° 40,767'
Altitude: 599m

CAPELA DE N. S. DA PENHA (Alto Vinte e Cinco de Julho - Fracalossi)



A Capela e o campanário, à beira da estrada.



4,30

3,60



Na data da visita (02/04/2000), a imagem de Nossa Senhora da Penha estava em restauração, fora da Capela.

O crucifixo está coberto com tecido roxo, em observação aos ritos da Igreja Católica quanto à Quaresma.

Nas paredes, quadros de Jesus na Cruz, Santa Luzia e São Jorge.

Também presentes imagens de São Braz, Nossa Senhora Aparecida, Santa Teresa, São José e Santo Antônio.

Júlio Posenato, em **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo**, página 314, informa que essa Capela foi construída em 1927.

Latitude: - 19° 49,874'

Longitude: - 40° 37,037'

CAPELA DE SANTA LUZIA (São Roque - Alto Santa Júlia)



No **Livro do Tombo**, v. 2, folha 30, verso, consta provisão, para esta Capela, em 1938.

Latitude: - 19° 47,795'

Longitude: - 40° 43,883'

Morador das proximidades, Roberto da Cunha informou ter participado da construção da Capela. De memória, Roberto supõe que a primeira Capela no local deve ter sido construída há aproximadamente 70 anos, portanto, por volta de 1930. Porém, a Capela atual não guardou os mesmos traços da anterior. O informante ajudou a levar pedras, areia e tijolos, os quais eram feitos em local próximo ao terreno onde foi construída e, depois de prontos, eram “puxados” por bois. A areia, indisponível no local, era trazida em burros de carga “lá de baixo”. Anteriormente havia, no lugar da atual, uma “barraquinha” com assoalho de tábuas, baldrame de madeira e cobertura de zinco.



Um dos dificultadores do nosso trabalho era encontrar as chaves de cada construção.

No caso desta Capela, por não ter sido identificado o guardião, não foi possível a entrada. A foto foi feita pela janela, o que impossibilitou a vista geral do interior.

CAPELA DE SANTA LUZIA (Santo Antônio do Canaã - Granja São Geraldo)



A Sr^a. Maria Corteletti informou que, antes da atual, existiu uma Capela maior, com assoalho de madeira.



No pequeno altar, nove imagens mais um crucifixo. Nas paredes, dois quadros e um crucifixo.



Crucifixo da parede.

Do Livro do Tombo, v. 2, folha 31, frente, tratando de 1939, temos: “No dia 28 de Maio, Domingo de Pentecostes, inaugurou-se a Capelinha de S. Luzia da Granja São Geraldo do Frederico Pretti em Patrimonio.” Em panfleto com o programa da inauguração é apresentada a “Comissão de Festejos”: Frederico Luiz Pretti, José Veronês e João Corteletti.

Latitude: - 19° 49,532'

Longitude: - 40° 39,690'

CAPELA DE NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS (Vila Nova)



Construída por Francisco de Almeida Reisen.



Latitude: - 19° 56,375'

Longitude: - 40° 36,370'

CAPELA DE SÃO JOSÉ (Rio Saltinho)



Conforme informações de moradores vizinhos, esta Capela deve ter sido construída por volta de 1989. Foi edificada pela comunidade local.



Os tecidos roxos sinalizam o tempo litúrgico da Quaresma. No centro, a imagem de São José. À direita, a imagem de Santo Antônio. À esquerda, a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Latitude: - 19° 56,238'
Longitude: - 40° 29,850'

CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA (Alto Goiapabo-Açu)



Nessa Capela, somente uma imagem de Nossa Senhora Aparecida domina todo o ambiente interior. Dispõe de bancos que podem acomodar cerca de 25 pessoas.



Latitude: - 19° 53,858'
Longitude: - 40° 31,187'

CAPELA DE SANTO ANTÔNIO (Córrego dos Espanhóis)



Latitude: - 19° 54,913'
Longitude: - 40° 37,608'
Altitude: 857m

CAPELA DE SANTO ANTÔNIO (São Roque - Médio Santa Júlia)



Essa Capela foi construída por ordem de Angelita Massad Mansur, esposa de Acle Letaif Mansur, dono das terras à ocasião da construção.

Conforme informação de Gilson Letaif Mansur, filho do casal, a Capela foi erigida em 1946 e reformada em 1968.

Na data da visita, 27/07/2000, não conseguimos a chave e, assim, não pudemos fazer fotos do interior.

Latitude: - 19° 44,719'
Longitude: - 40° 43,192'
Altitude: 134m

CAPELA DE N. S. DAS DORES (São Roque - Baixo Santa Júlia)



Localizada no alto de uma pedra, no Sítio Bela Vista, esta Capela foi construída em 1948 por José Fernando Chisté e Dárico Mellotti.

Recebeu reforma em 2000.

Para o acesso, foi necessário caminhada de 30 minutos a pé.



No pequeno interior, cinco imagens e dois quadros.

Latitude: - 19° 41,127'

Longitude: - 40° 41,260'

Altitude: 275m

CAPELA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (São Roque - Tancredinho)



Moradores vizinhos informaram que a Capela foi construída por Américo Gon, há aproximadamente 50 anos, como pagamento de promessa.

Portanto, a Capela deve ter sido construída por volta de 1950.

Latitude: - 19° 40,146'

Longitude: - 40° 42,572'

CAPELA DE SANTA CLARA (Córrego Santa Clara)



Única capela dedicada a Santa Clara dentre as 129 visitadas.
À direita, vista do singelo altar e detalhe das imagens.
Santa Clara é a segunda da esquerda para a direita, com vestes que lembram Santa Teresa.

Latitude: - 19° 52,280'
Longitude: - 40° 42,229'



CAPELA DE SANTO ANTÔNIO (Córrego dos Espanhóis - Zonta)



A pequena Capela, parte da paisagem, na hora do pôr-do-sol.



Nas terras da família Zonta, a Capela construída por Henrique e Valentim Zonta, em 1915.

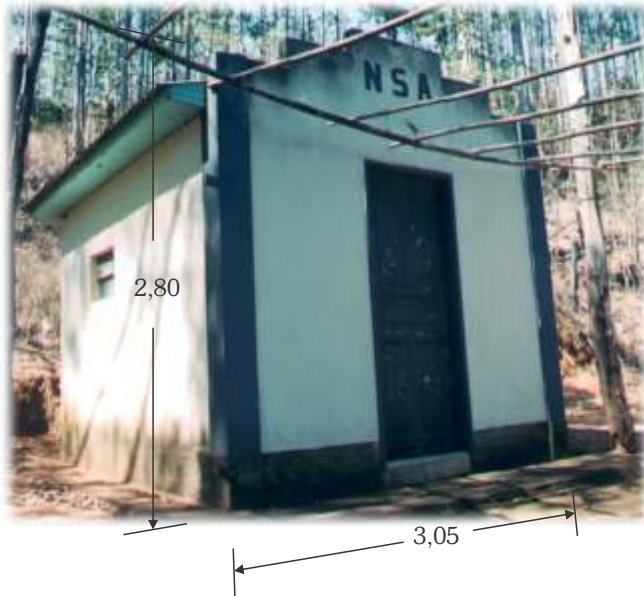
Em cada canto da construção, solução encontrada pela família, um caibro protege a Capela do gado que procurava local para se coçar, sujando a pintura ou quebrando os cantos.

Latitude: - 19° 53,503'
Longitude: - 40° 37,508'



No exíguo espaço, treze imagens e sete quadros.
Inicialmente, Santo Antônio era representado por um quadro de papel, só mais tarde tendo chegado a imagem de gesso.

CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA (Caldeirão)



Latitude: - 19° 53,840'
Longitude: - 40° 43,385'



Construída por Amarílio e Clarinda Corteletti (Nega), possivelmente há 25 anos (em 1975, portanto). No pequeno interior, seis imagens e dois quadros. A armação de madeira na frente da Capela é a marca do que restou da última festa.

CAPELA DE NOSSA SENHORA APARECIDA (Tabocas)



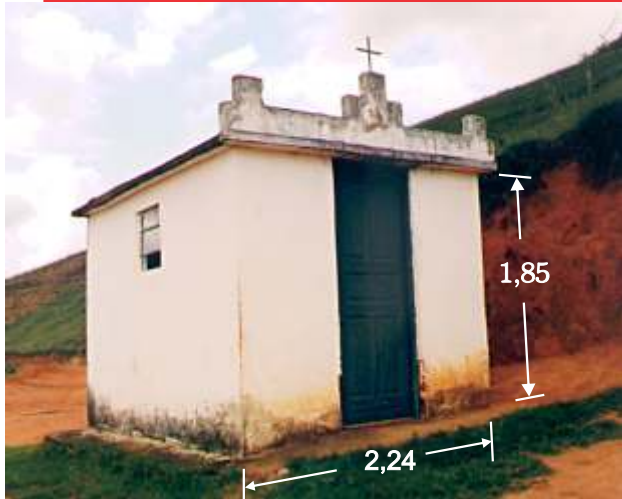
Capela situada em terras de Gilson Letaif Mansur.

Além da padroeira, outras cinco imagens e um crucifixo compõem o altar.

A decoração é decorrente de comemoração ocorrida poucos dias antes da visita.

Latitude: - 19° 54,244'
Longitude: - 40° 41,054'

CAPELA DE SANTO ANTÔNIO (Tabocas)



Capela com dimensões reduzidas, principalmente a altura interna (pé-direito).



Embora tão pequena, estavam na Capela trinta e três imagens e quadros. Dimensões podem ser concretas ou abstratas.

Latitude: - 19° 53,894'
Longitude: - 40° 41,125'

CAPELA DE N. S. APARECIDA (Caminho de Goiapabo-Açu)



Erguida sobre uma pedra, “ensombrada” por uma pequena mata.



Vista frontal.



Sem a chave, a fotografia foi feita pela janela...

Latitude: - 19° 55,506'
Longitude: - 40° 29,601'

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA PENHA (Alto Caldeirão)



Pronta em 18/05/96, a Capela foi construída pelos proprietários das terras onde está localizada, a família Daleprane.
Na data da visita, 21/05/2000, havia no interior da Capela somente a imagem de Nossa Senhora da Penha. Somente?

Latitude: - 19° 58,294'
Longitude: - 40° 44,558'

CAPELA DE SANTA LUZIA (Goiapabo-Açu)



Capela de Santa Luzia, construída por Jorge Luis Tomé em 1997.



Interior, com o nicho e a bancada em granito. Vestígios da modernidade?

Latitude: - 19° 55,297'
Longitude: - 40° 29,582'

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA GUIA (Alto Santo Antônio)



Pequena Capela construída em 1999 por Domitila Calzi Vago, como cumprimento de promessa.

Latitude: - 19° 53,543'
Longitude: - 40° 34,843'

Apesar das dimensões reduzidas, a Capela abriga muitas imagens.

CAPELA DE SANTO ANTÔNIO (Santa Maria - Carlini)



Moradores da região estimam que essa Capela tenha sido construída há mais de 70 anos (próximo de 1930), por Severino Carlini.

Latitude: - 19° 52,496'
Longitude: - 40° 43,684'

No pequeno interior, sete imagens e dois quadros.

ORATÓRIO DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS (Tabocas)



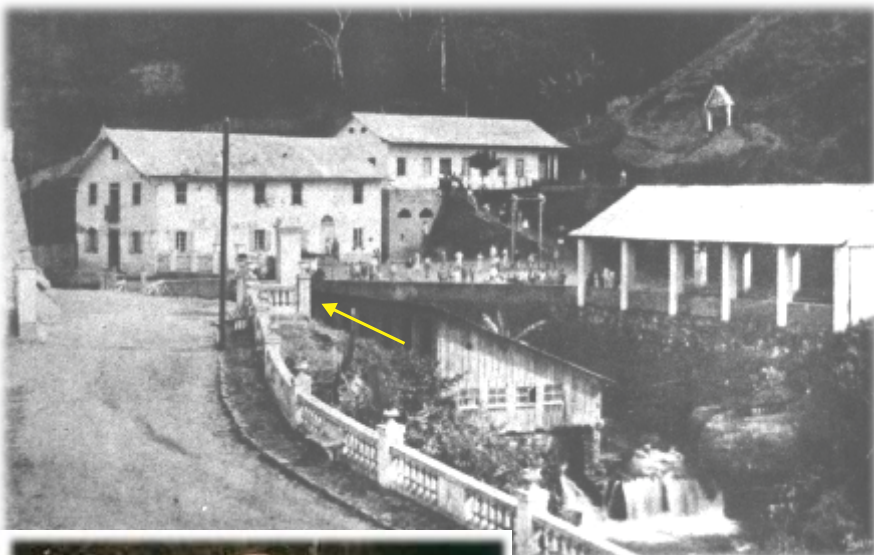
Imagem do Sagrado Coração de Jesus. O nicho que hoje está neste Oratório ficava na antiga Capela do Sagrado Coração de Jesus e abrigava a imagem. Hoje, a imagem está na nova Capela, que pode ser vista na página 148.

Oratório do Sagrado Coração de Jesus, em terras de Petronilho Rasselli, construído no início do ano 2000. Em seu interior está o nicho de madeira construído por Miguel Rasselli, com mais de 100 anos (informações dos habitantes).

Latitude: - 19° 53,002'
Longitude: - 40° 40,627'
Altitude: 524m



ORATÓRIO DE SANTO ANTÔNIO (Santa Teresa)



Vista do Colégio Ítalo-Brasileiro, em Santa Teresa.

A seta indica o Oratório de Santo Antônio, já na forma mostrada na foto abaixo. Sobre o rio, a fábrica de móveis de Zito Salviato.

Luiz Carlos Biasutti, em **No coração capixaba**, p. 109, registra, referindo-se ao ano 1991: “Apesar da não aprovação do pároco, prevaleceu a tradição, sendo reconstruído o Capitel de Santo Antônio na Praça Irmãos Salviato.”



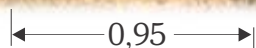
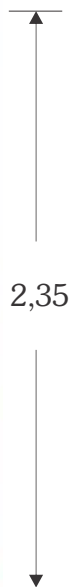
À esquerda, o Oratório em sua primeira versão. Na foto, Frei Caetano de Comiso e um grupo de alunos. Frei José Corteletti informa que dentre esses alunos está Virgílio Thomazi, descendente de Virgílio Lambert. Na foto, parte do acervo do Seminário Seráfico São Francisco de Assis, consta: “Nicho de Santo Antônio na estrada da Casa dos Missionários e escola parochial. Santa Teresa - Espírito Santo - 1908.

À direita, o atual Oratório, que já foi demolido e reconstruído.

Latitude: - 19° 55,890'
Longitude: - 40° 36,202'
Altitude: 671m



ORATÓRIO DE SANTO ANTÔNIO (Baixo Tabocas)



Latitude: -19° 51,150'

Longitude: -40° 39,021'



Em frente a esse Oratório, nas terras da família Dalapícola, fica a Capela de N. S. de Lourdes e N. S. da Penha, com dezesseis quadros e doze imagens.

No Oratório, cujo nicho tem largura de 0,40m, estão duas imagens de Santo Antônio.

“Imagem de santo, uma vez recebida, dela não se pode desfazer.”

ORATÓRIO DE SÃO JUDAS TADEU (São Roque - Tancredo - Loss)



Latitude: -19° 40,659'

Longitude: -40° 42,302'

Altitude: 118m



Oratório erigido por iniciativa de Rosa Melotti Loss, a Dona Rosina, com recursos amealhados por ela mesma.

Informação de habitante próximo diz que o construtor foi Joaquin Facheti e que a construção aconteceu, provavelmente, entre 1954 e 1956.

Diz Arlindo Loss que D. Rosina, sua mãe, reunia-se com os moradores das redondezas nas tardes de sábado e aos domingos para fazer orações.

Na ocasião da visita (2000), o nicho abrigava duas imagens de São Judas Tadeu, com vestes diferentes.

ORATÓRIO DE NOSSA SENHORA DO CARAVAGGIO (Córrego Seco)



Local: Estrada entre a Escola Agrotécnica e Vinte e Cinco de Julho.
Latitude: -19° 47,483'
Longitude: -40° 40,193'



No interior, a imagem ladeada por flores de plástico, vasos, velas, fósforos...

ORATÓRIO DE SANTO ANTÔNIO (Nova Valsugana)



1,45



Nesse nicho, medindo apenas 0,65 x 0,55m, encontramos um Crucifixo, um quadro de N. Sr.^a e mais oito imagens.

Latitude: -19° 53,098'
Longitude: -40° 39,423'



No Oratório, a informação do local de divisa dos municípios de Santa Tereza e Itaguassu. Atualmente, com a emancipação de São Roque do Canaã, as placas tornaram-se incorretas, já que os municípios cuja divisa é demarcada por este Oratório são Itaguassu e São Roque do Canaã.

Oratório de São Cristóvão. Além da função religiosa, serve também como marco de divisa entre municípios.



Placa que fica no lado de São Roque do Canaã (antigamente Santa Tereza):

SANTA TEREZA

FREDERICO H PRETI
PREFEITO
CONSTRUTORES
DESTA ESTRADA
LUIZ LEAL C.
CLOTARIO ALFONSO
XISTO GHIZOLFI
VICTOR ZANETTI
25-5-1950



Placa que fica no lado de Itaguassu:

ITAGUASSÚ

CONSTRUTOR
DESTA ESTRADA
FORTUNATO PIVA

CONSTRUTOR DESTA
GIOCUNDO CARLOS
CORNACHINI

25-5-1950

Latitude: - 19° 44,560'
Longitude: - 40° 46,497'
Altitude: 257m

ORATÓRIO DE SANTO ANTÔNIO (Vinte e Cinco de Julho)



Localizado na Fazenda Vitamina, de Aristeu Magewski. O Oratório anterior foi substituído por esse, construído pelo pedreiro Ilson Braz Molino.

Latitude: - 19° 47,471'
Longitude: - 40° 35,883'

ORATÓRIO DE SANTA LUZIA (Caldeirão)

ORATÓRIO DE N. S. DA PENHA (São Roque - Alto Santa Júlia)



Embora de reduzidas dimensões, o nicho, com medidas internas de 0,50 x 0,85m, abrigava seis imagens, na ocasião da visita (2000).

Suas medidas externas são 1,60 de largura x 3,45m de altura, até o vértice, na parte mais alta.

Inscrito na parte frontal o ano de 1930, possivelmente a data de sua construção.

Abaixo pode ser vista a cobertura construída posteriormente como proteção para o Oratório.



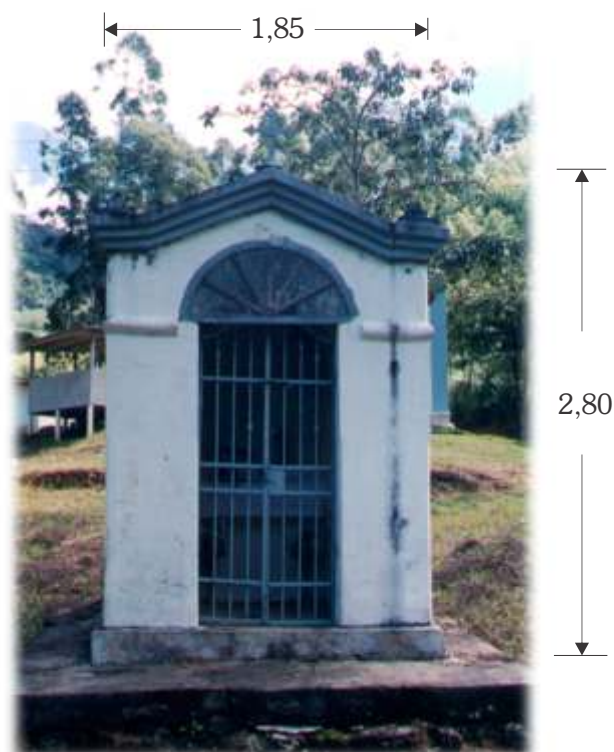
Latitude: - 19° 47,244'
Longitude: - 40° 44,276'
Altitude: 316m



Informações de um morador da vizinhança dão conta de que esse Oratório existe há cerca de 30 anos.



Local: Estrada para Aparecidinha, próximo do Fazenda Clube.



Local: Santa Lúcia, em frente à Capela de Santa Lúcia.

Latitude: - 19° 58,342'

Longitude: - 40° 30,760'

ORATÓRIO DE N. S. APARECIDA

ORATÓRIO DE N. S. DA SAÚDE



Oratório incrustado numa pedra junto a uma bica de água natural. Singeleza e essência...

Local: Estrada de Quinze de Agosto para Julião.

Latitude: - 19° 46,506'

Longitude: - 40° 33,088'



No quintal da família Simonelli, o Oratório foi construído para honrar a promessa na busca de saúde para um dos filhos.

← 0,70 →

Local: Julião.

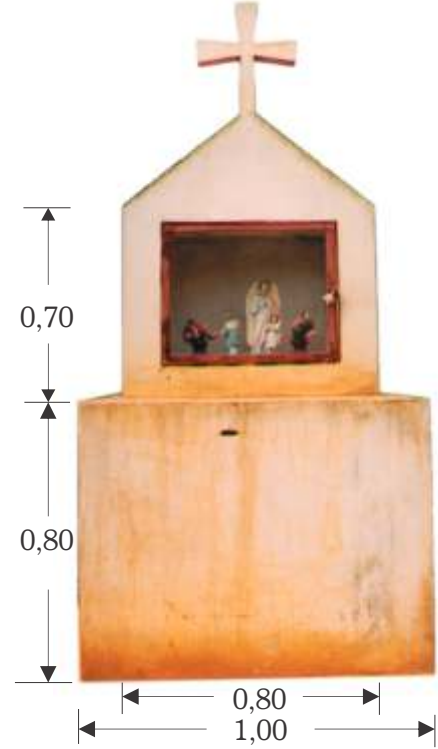
Latitude: - 19° 45,154'

Longitude: - 40° 32,221'

Construído em 1922, conforme informações dos moradores da localidade.



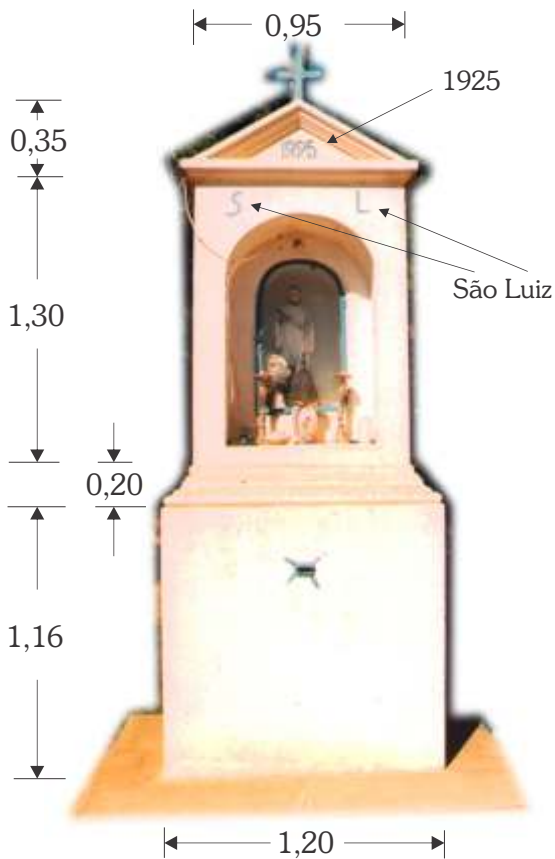
Local: Nova Valsugana
Latitude: -19° 52,758'
Longitude: -40° 38,599'



Local: São Roque - Tancredo
Latitude: -19° 40,902'
Longitude: -40° 45,050'

ORATÓRIO DE SÃO LUIZ

ORATÓRIO DE SANTO ANTÔNIO



Local: Nova Valsugana
Latitude: -19° 52,048'
Longitude: -40° 38,799'



Local: Tabocas
Latitude: -19° 54,389'
Longitude: -40° 41,194'



Oratório situado próximo da divisa dos municípios de Itaguaçu e São Roque do Canaã, em uma curva da estrada.



Parada para reflexão...
No meio da estrada, uma parada na estrada da vida.

Os nichos, com as imagens de São Braz e São Cristóvão, fechados com vidro.

Latitude: - 19° 42,200'
Longitude: - 40° 46,205'
Altitude: 204m

Nos bastidores...



VALORIZE O PESQUISADOR

Com este título, Júlio Posenato, em **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo**, inicia suas considerações em torno da arte da pesquisa:

O pesquisador vive um mundo romântico de emoções. Se belas as imagens da pesquisa, quanto mais ao vivo na paisagem natural, envoltas pelo céu, árvores, solo, água, os vários planos se inter-relacionando e ocultando-se parcialmente na medida em que por eles se desloca.

E a emoção da descoberta! Que sensação de euforia ao surgir inesperadamente, integrado à natureza, um marco de beleza solene, assinalando a presença racional do homem!

Mas para essas alegrias, há uma pesada cota de sacrifício. Deixa o conforto da casa e o carinho da família; sobe e desce morros carregando equipamento, por vezes longos trechos; encarapita-se em árvores e telhados, esgueira-se por madeira apodrecida, equilibra-se entre pedras escorregadias. Pisa esterco, atravessa cercas de arame farpado, fere-se em espinheiros, atola-se em charcos. Rasga a roupa, arruina os sapatos, fica pegajoso atravessando capim-gordura.

O pesquisador não pode dar-se o luxo de temer cães, touros, vespas, morcegos, cobras (está preparado para, dia mais, dia menos, ser picado por uma serpente); de tanto em tanto, recebe ferroadas, até uma dúzia de uma só vez. Entedia-se abrindo e fechando um número sem conta de porteiros. Para conseguir o ângulo adequado para uma fotografia, passa meia hora roçando capoeiras ou entra até a cintura em arroios e lagos. Cava lama com as mãos e empurra o carro atolado no barro...

Com efeito, passamos por algumas das situações citadas pelo poeta e por tantas outras. Professores, alunos, funcionários da Escola e colaboradores, viajamos por milhares de quilômetros, deixamos também nossos lares nos domingos, ficamos “atolados” e tivemos que empurrar carros... mas, por outro lado, fomos muito bem recebidos pelas pessoas nos locais por onde passamos; descortinamos belíssimas paisagens; trocamos experiências e valorizamos as relações interpessoais; tivemos a oportunidade de exercer e praticar nossa cidadania; enfim, o balanço foi favorável. Como fruto de nossas vivências como pesquisadores, o incentivo para participar (e até sugerir) novas realizações; o desejo de fazer brotar novos pesquisadores; a necessidade de conciliar, em pesquisa, os enfoques generalista e especialista; a importância de nossas posturas perante o conhecimento para as gerações atuais e posteriores.

Nas fotos a seguir, algumas das inúmeras situações peculiares que vivenciamos.



A beleza das cachoeiras, esta, dentro da reserva florestal de Lombardia, com suas águas límpidas e geladas.

O Vale das Tabocas, onde a natureza nos mostrou, simultaneamente, três manifestações: sol, sombra e chuva. Sob protestos da Mariah, que queria saborear a cozinha italiana de Santa Teresa, aqui fizemos nosso lanche.



No Vale do Caravaggio, Carla Jardim com Janaína, Thais e Mariah. Oportunidade de estreitamento dos laços de amizade entre professores e alunos.



Siqueira, Anthony e Igor anotam dimensões da Capela de Nossa Senhora da Conceição. A pesquisa e o envolvimento dos pesquisadores...

Nos bastidores...



Na residência do Sr. Zurlo - um pedaço do paraíso - onde fomos recebidos por 30, 31, 32,... 40,... vezes, refrescamos-nos com os sucos preparados por D. Disianira, vimos pássaros de todas as cores, fomos ao pomar colher diversas frutas...

Sr. Zurlo, a esposa D. Disianira, Maria Helena, diretora do Da Vinci, os alunos Pedro Henrique, Luiz Felipe e Gustavo.

Em Nova Valsugana.

Professora Sílvia, Sr. Francisco Romagna, Sr. Zurlo, as alunas Dominique, Hannah e Anna Beatriz. Depois de cantar em italiano, fazendo dueto com o Sr. Zurlo, o Sr. Francisco recebeu um pequeno arranjo de flores (que está em sua mão), preparado, espontaneamente, pelas três meninas.

Por quê?

Pela simpatia, pela recepção calorosa, pelo amor à vida e às pessoas. Sr. Francisco, esse jovem que, pouco após a visita, foi transportado para outras paragens, deixando a vitalidade gravada na memória de quem o conheceu.

Gravamos as canções, inserimos orquestração e presentamos os "Pavarottis".



Para chegarmos a algumas Capelas, só mesmo através de "picadas". Numa delas, a professora Marília, Rayza, Thaiana e o Sr. Zurlo, de prontidão, com uma estaca na mão. Abandonar o carro, andar a pé, espantar os mosquitos... Apesar dos recursos atuais, podemos imaginar os caminhos trilhados pelos imigrantes!

Nos bastidores...



Brunella, Anthony, Igor e Thiago, em pleno lanche - sanduíches e água - em uma escola, ao lado da Capela de São Roque, próximo a Tabocas. Aqui, respeitadas as convicções de cada um, surgiu importante discussão sobre religião e sobre os propósitos do projeto.



Após o lanche, o mesmo grupo viaja para novos endereços e, no final da tarde, alcança a Capela de Santa Luzia, conhecida como a Capela de Pedra, com seu aspecto medieval. Foram muitas subidas, descidas, em estradas estreitas, com muitos buracos, pedras, encruzilhadas que nos fizeram perdidos por diversas vezes...



Lícia, Juliana, Anna Carolina e Larissa tomam as medidas da Capela de Nossa Senhora Auxiliadora, na Escola Agrotécnica. Vista de cima, a Capela tem o formato de uma cruz.



Acima, Lucas abrindo uma das incontáveis porteiças.



À esquerda, professora Maria José com os alunos Lucas, Fábio e Ricardo exercendo a sua “responsabilidade” de cidadãos. Uma pista tinha o trânsito impedido por pedaços de lajota, forçando os veículos a serem desviados para a outra pista, trazendo possibilidades de acidente. A turma limpou a pista, restabeleceu o tráfego normal, eliminando os riscos de sinistro.

Nos bastidores...



À esquerda, professora Sílvia e as alunas Hannah, Anna Beatriz e Dominique na Capela de São Martinho, no alto do Papaçu. Devido à ladeira íngreme (com muitos pedregulhos), os carros não conseguiram subir. Oportunidade de exercitar nosso “fôlego de andarilhos”.



Acima, na Capela de Santo Antônio, em Tancredinho, a professora Ana Cláudia e as alunas Fernanda e Ana Carolina medindo, anotando...



Abaixo, as pesquisadoras tendo ao fundo parte dos 360° de belíssimas paisagens avistadas do alto do Papaçu.

Abaixo, a pedra de Goiapabo-Açu, região onde está a Capela do Sagrado Coração de Maria, página 118.



Nos bastidores...



Alunos Luiz Felipe, Pedro Henrique e Gustavo, tendo ao fundo o vale do Caravaggio.

Outra vista do vale do Caravaggio, onde a vegetação nativa já foi toda substituída por plantações de café, eucalipto... O que não tirou, no entanto, a beleza do vale.



Frei José Corteletti, no Oratório de Santo Antônio, em Tabocas.

Vencida a primeira etapa da subida, o Sr. Zurlo aponta para a outra pedra, em cujo pico está a Capela de Nossa Senhora das Dores, no Baixo Santa Júlia.

Mais meia hora de caminhada, subindo, e chegamos ao alvo!



Nos bastidores...



No Domingo, trabalho voluntário dos funcionários do Da Vinci. Izabel e Cleide pintam a Capela de São João Batista, em terras dos Coffler. O dia de praia, com a família, foi perdido? Não, todos ganharam, só ganharam.

Sr. Zurlo, pintando os degraus da escada da Capela de São João Batista.

Uma semana após a pintura, voltou com sua esposa D. Disianira, convidados que foram para participar da festa de São João Batista.

Todos felizes com a Capela “novinha”.



Família de Dilceu Coffler, Sr. Zurlo, Otacílio, Izabel e Cleide.

Um delicioso almoço oferecido pela família deu forças para nossa empreitada.



Sr. Zurlo, Frei José Corteletti e Sr. Victor Biasutti, no terreno em frente da Capela de Santa Clara, no Córrego Santa Clara.

Amigos, companheiros, colaboradores, filhos de italianos, todos apaixonados por Santa Teresa!

No fundo, a exuberante beleza das montanhas, dos vales, do céu...

Além das belíssimas paisagens, a natureza nos brindou também com animais.

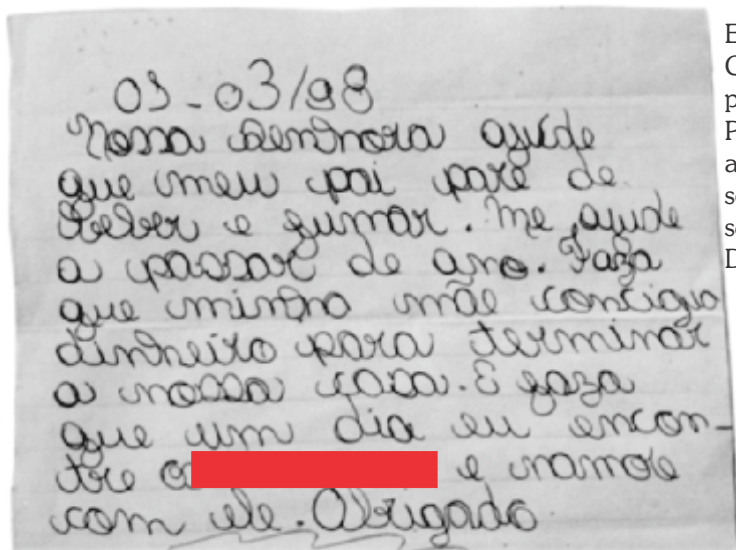
Esta mariposa foi fotografada na residência do Sr. Zurlo.



Já o ninho de marimbondo tatu (formato semelhante ao do casco do tatu), considerado raro de ser encontrado, foi fotografado no caminho da Capela de São Sebastião, no Córrego Militão. Esses marimbondos são insetos de vôo muito lento. Estavam lá as alunas Paula Santos Sthel e Maria Clara Cavalcanti Pinto.



Na fazenda dos Mellotti, durante a subida para a Capela de Nossa Senhora das Dores, pudemos avistar dezesseis quatis, dos quais flagramos o da foto à esquerda. Possivelmente, estavam descendo em busca de água.



03-03/98
Nossa Senhora ajude
que meu pai pare de
beber e fumar. Me ajude
a passar de ano. Faça
que minha mãe conciga
dinheiro para terminar
a nossa casa. E faça
que um dia eu encon-
tre o [redacted] e namore
com ele. Obrigado.

Em nossas andanças, encontramos, em algumas Capelas, livros ou cadernos de anotações com pedidos ou agradecimentos feitos aos padroeiros. Preservando a identidade, cobrimos o nome e anexamos o pedido à esquerda, como exemplo de solicitação de atendimento a desejos bastante sensatos.

Diz o bilhete: “Nossa senhora ajude que meu pai pare de beber e fumar. Me ajude a passar de ano. Faça que minha mãe conciga dinheiro para terminar a nossa casa. E faça que um dia eu encontre o xxxxxxx e namore com ele. Obrigado.”



Em outra ocasião, visitando a Capela de Nossa Senhora do Caravaggio, encontramos o **LIBRO DEI CONTI IN MEMORIA DELLA CAPELLA DELLA MADONNA DI CARAVAGGIO, ALTA VALSUGANA, ANNO 1912**. Bastante danificado, com as páginas e capas soltas, muita umidade acumulada, o livro precisava de cuidados. Solicitamos a Luiz Carlos Biasutti, em Belo Horizonte, que verificasse o orçamento para a restauração de tão importante documento. Muito melhor que isso, Luiz Carlos providenciou o restauro por empresa especializada, assumindo inteiramente o ônus pelo trabalho realizado. O livro, após restaurado, como visto à esquerda, foi entregue ao líder da comunidade.



ALCEU FADINI

É mais uma daquelas histórias diferentes, (fantásticas?)...

Menino, você sabe com quem fica a chave da Capela? Fica comigo, respondeu um senhor, a uma distância considerável. Como pode ouvir de tão longe, se falamos em tom normal? É a audição desenvolvida, para compensar a perda total da visão. Acometido por meningite ainda garoto, Alceu, com 63 anos em 2000, sem enxergar absolutamente nada, trabalha em seu armazém, onde pode ser encontrado “quase de tudo”: lingüiça, prego, biscoito... Como ele vende 200 g de lingüiça? Mede com os dedos, corta e coloca na balança de dois pratos. Tateando, seleciona o peso adequado, e procura o equilíbrio entre os pratos. Como pagar? Interagindo com o cliente, busca as notas corretas para fazer o troco, cada qual colocada no escaninho certo. E se o cliente quiser um tubo de 1,5” com rosca? Sem problemas: Alceu prende o tubo na morsa, escolhe a tarracha no diâmetro do tubo e faz a rosca.

É casado, pai de cinco filhos e avô de sete netos. E a esposa, D. Maria? Perguntamos como foi o casamento com alguém que ele nunca viu. Resposta: não tem importância nunca tê-la visto. Usou uma expressão como: “onde ela (D. Maria) tira o pé, ponho o meu e onde tiro o meu, ela põe o dela”, numa forma simples de falar de amor, de companheirismo, de amizade. Namoraram, foram afastados um do outro, mas voltaram a seguir, estando casados há 37 anos.

Uma preocupação: quando sabe que há alguma criança com febre. Lembra de como tudo começou, a febre, a meningite. Só consegue dormir tranquilo quando sabe que a situação está sob controle.

Um orgulho: de ser brasileiro, trabalhador, “pagador de impostos” (fala com ênfase), mesmo em sua condição de não enxergar.

Um desejo: perenizar sua história, suas lutas e suas vitórias.

Estamos fazendo nossa parte.

O CANTO DAS ARAPONGAS

Téim, téim, téim... ouviram as alunas Juliana Campello Alvarez e Brunela Vellozo Marinho, quando, com a professora Mônica Pavesi Simão, atravessaram a mata virgem da Reserva Florestal de Nova Lombardia. Téim, téim, téim... vinha a resposta de outro lado... Era o fortíssimo canto das arapongas, ecoando por dentro da floresta silenciosa. Fizemos até uma gravação, em gravador de repórter. Fora da mata, reproduzimos o canto algumas vezes. Quem lá esteve aproveitou a oportunidade para conhecer, mesmo que só por ouvido, o som emitido pela ave. Já não é assim tão fácil. Foi bom!

O PRIMEIRO “NASCIDO” EM SANTA TERESA

Embora não faça parte da proposição deste livro, e mesmo não tendo obtido informações que corroborem algumas possíveis situações, decidimos por socializar o que constatamos após nossas pesquisas em relação ao (possível) primeiro filho de Santa Teresa.

Na página 21 deste livro, trechos de Frederico Müller, em **Fundação e fatos históricos de Santa Teresa**, de Luiz Serafim Derenzi, em **Os italianos no estado do Espírito Santo**, e do **Chanaan-JORNAL** falam sobre JUCA QUINTAES, apresentando-o como pai do primeiro teresense, que recebeu o nome de EUTICIANO.

O que fazemos agora é apresentar algumas coincidências que podem identificar o cidadão EUTICIANO citado por Derenzi, embora sem a possibilidade de confirmá-lo.

Em primeiro lugar, a “raridade” do nome. É incomum encontrar-se pessoas chamadas Euticiano. Como exemplo, na Internet obtivemos a seguinte comparação, em 14/05/2001, nos buscadores indicados:

Buscadores \ Nomes	Euticiano	João	José
Google	4	568.000	2.360.000
Altavista	5	438.845	1.497.175
Excite	0	8.475	27.555

Pesquisa vem, pesquisa vai, encontramos, em Vila Velha, a família de um cidadão de nome Euticiano, cuja filha, Sr^a. Icléa Quintaes Freitas Lima, com 77 anos, bem nos recebeu em 08/06/2000 e forneceu cópia da Certidão de Casamento, da Carteira de Identidade do Ministério da Fazenda e do Registro Photographic e Civil de “EUTICIANO DA SILVA QUINTAES”, seu pai, de onde pudemos transcrever os seguintes dados:

Na Certidão de Casamento encontramos o “Termo de Casamento de Euticiano da Silva Quintaes e Dona Clara Macieira de Souza”, ocorrido em 02 de julho de 1921. Este documento identifica Euticiano como “solteiro empregado federal, natural deste estado, com 39 anos de idade, nascido em 17 de agosto de 1881, filho legítimo de José da Silva Quintaes e de Dona Aureliana de Azevedo Quintaes

No Registro Photographic e Civil também confirmamos a filiação: “José da Silva Quintaes e Aureliana de Azevedo Quintaes”.

Na Carteira de Identidade do Ministério da Fazenda, consta sua nomeação para trabalhar na Delegacia Fiscal de Niterói.

No Cartório Dionízio Ruy, em Vila Velha, obtivemos a cópia do Termo de Óbito de Euticiano, ocorrida em 20 de maio de 1947, na cidade do Espírito Santo (Vila Velha), com 67 anos de idade.

Dona Icléa informou que JUCA QUINTAES era o apelido de JOSÉ DA SILVA QUINTAES. Também, que EUTICIANO era chamado de DODÔ QUINTAES.

De próprio punho informou que Euticiano “Estudou no Mosteiro São Bento, no E. do Rio de Janeiro. Era muito instruído, estudioso, sabia a fundo Astronomia. Em Vitória exerceu o cargo de Delegado Fiscal do Ministério da Fazenda, em comissão. Foi transferido para a Delegacia Fiscal do Min. da Fazenda, de Niterói, Estado do Rio, por onde se aposentou. Regressou para Vila Velha-ES, em 23 de maio de 1935, tendo falecido em 20-05-947. Casou-se pela 3^a vez com Clara Macieira de Souza (Quintaes). Teve 4 filhos desse matrimônio: Maria, Icléa, Mário e Enide, todos vivos. Do 1^o matrimônio teve Dulce Baldi Quintaes, falecida e Leny dos Santos Quintaes é filha do 2^o matrimônio, também falecida. Foi o fundador do primeiro Centro Espírita Kardecista de Vitória, na antiga Rua Dona Júlia, próximo ao Colégio Americano de Vitória.”

Dona Icléa informou que seu pai, Euticiano, “sempre falou” ser procedente de Santa Leopoldina. Daí mais uma coincidência: em 1881 Santa Teresa ainda não era oficialmente município, o que aconteceu em 25 de novembro de 1890. Então, em 1881, ano do nascimento de Euticiano, não havia como registrá-lo em Santa Teresa, pela inexistência do município e, conseqüentemente, pela inexistência de Cartório em Santa Teresa.

Estivemos no Cartório de Barra do Mangaraí e no de Santa Leopoldina, e não encontramos qualquer registro que pudesse identificar o nascimento. Em Santa Leopoldina, o livro com registros mais antigos foi aberto em 15/11/1888, com o primeiro registro acontecido em 18/01/1889. Não há livro disponível com registros mais antigos.

Em busca nos documentos da Paróquia de Santa Leopoldina, também não encontramos qualquer informação pertinente.

O Ministério da Fazenda, em atenção à nossa solicitação, efetuou pesquisa e encontrou registros de Euticiano como funcionário, mas nada que identificasse o local de seu nascimento.

Também na Cúria de Vitória não encontramos informações.

Comentando o assunto, Luiz Carlos Biasutti considera muito difícil não haver nascido nenhuma criança em Valsugana Velha (onde os imigrantes chegaram vindos de Santa Leopoldina) ou mesmo em Santa Teresa, no período de 1874/75 (chegada dos imigrantes) a 1881 (ano do nascimento de Euticiano). Não desconsidera, porém, a taxa de mortalidade infantil, possivelmente muito alta na época.

Em 15/05/2001, a Sr^a. Alita, neta de Euticiano, após reunião com familiares, confirmou que Juca Quintaes era o apelido de José da Silva Quintaes. Informou que os filhos de Euticiano lembram que Juca Quintaes tinha “comércio de coisas variadas” em Santa Leopoldina. Aham que Euticiano foi vereador em Santa Leopoldina. (Não encontramos registro na Câmara daquela cidade).

Assim, embora sem a prova documental do local de nascimento, optamos por mostrar essas informações coletadas que, se não absolutamente corretas, poderão alicerçar futuras pesquisas que as consolidarão ou corrigirão.



À esquerda, o Registro Photographico e Registro Civil de Euticiano da Silva Quintaes.

À direita, detalhe da foto de Euticiano.



O ANJINHO DA CAPELA DE SÃO SEBASTIÃO

Na Capela de São Sebastião (página 170), há um anjinho (foto à direita) que balança a cabeça quando uma moeda é colocada no cofrinho, com se estivesse a agradecer. Na ocasião de nossa visita, a peça estava danificada, privando os visitantes de apreciarem a graciosidade do gesto. Em junho de 2001, voltamos ao local e obtivemos a confiança de retirar o anjinho para providenciarmos o reparo. O reparo do mecanismo (eixo, pêndulo e recuperação do suporte do eixo) será feito por Aser Douglas Tonoli de Matos, prestador de serviços e parceiro do Da Vinci, e a recuperação das partes faltantes (nariz, orelhas, pontas de dedo, mechas de cabelo), juntamente com a pintura, providenciada pelas professoras da Oficina de Artes do Da Vinci, Maria Eliza de Vargas Lima Biasutti e Luciana Teresa Biasutti Chequer. Tudo será feito sem nenhum custo para a comunidade, com base no trabalho voluntário dos profissionais envolvidos.





Correspondências



LV-DA-073/2000

Vitória (ES), 13 de julho de 2000.

VOSSA EXCELÊNCIA REVERENDÍSSIMA, DOM GERALDO LYRIO ROCHA

Fax: 27 721 4901

Trazemos ao conhecimento de V. Ex.^a Rev.^{ma} que esta Instituição vem desenvolvendo um trabalho de mapeamento das igrejas, capelas e oratórios existentes nos Municípios de Santa Teresa e São Roque, que antes ocupava a posição distrital. Lançaremos um livro no 2º semestre/2000, que será uma coletânea de fotografias, registros históricos e reflexões sobre as vivências e observações decorrentes do processo como um todo. Oportunamente, encaminharemos dados mais específicos nesse particular.

Obviamente que, ao desenvolver uma iniciativa dessa natureza, temos uma intencionalidade - e buscamos parceiros com uma mesma linha de pensamento. Primeiramente, pretendemos servir de referência para outras demandas, pluralizando as ações de preservação da memória cultural em nosso Estado - que não tem um histórico dos mais recomendáveis sob essa perspectiva. Segundo, contribuir para que nossas tradições sejam revisitadas, e não descaracterizadas.

Lamentavelmente, percebemos que muitas comunidades, dentre as já visitadas, perdem a noção do valor da preservação. Algumas igrejas vêm sendo respeitadas em sua originalidade, porém um percentual significativo de templos já foram completamente remodelados - perdendo sua singularidade e, no mais das vezes, até a beleza estética. A questão vem assumindo tais proporções que nos motivou a propor uma espécie de circular para todas as comunidades, a fim de gerar uma maior consciência em torno da temática e de seus efeitos. Referida carta consta como anexo a esta, e reafirmamos, perante V. Ex.^a Rev.^{ma}, todas as considerações nela traçadas.

Sabemos que os sacerdotes exercem um grande poder de influência perante as comunidades e, por isso, vimos solicitar a obsequiosa colaboração do Reverendo Arcebispo no sentido de abraçar nossa causa. Os padres poderiam ser estimulados a tratar do tema em seus sermões, o que com certeza impactaria o espírito dos fiéis e dos líderes comunitários. A idéia da preservação ganharia uma maior divulgação (ou difusão) nas comunidades e, quem sabe, poderia sobrestar a realização de reformas pretendidas (muitas das vezes, por decisões dos Conselhos, sem ouvir amplamente os integrantes da comunidade). A consciência da preservação, a se abraçar nossa sugestão, seria formada gradativamente e contribuiria para uma minimização do quadro que vimos observando (e perante o qual decidimos não nos calar).

Entendemos que se trata de problemática delicada, mas, ao se instituir um projeto desse peso, é natural que os desdobramentos apareçam e mereçam um tratamento intensivo. A preservação das memórias culturais vem gerando discussões acaloradas em todas as partes do mundo - e a grande tendência é não ceder aos impulsos imediatistas da Modernidade, em seu afã consumidor e efêmero. Nesse sentido, vimos reiterar, perante o Reverendo Arcebispo, nosso interesse em nos incorporarmos aos adeptos da preservação e da restauração. É um exercício de cidadania, de resgate da História e, o que é mais importante, de exaltação à identidade sociocultural.

Contatos poderão ser feitos com Victor Humberto Salviato Biasutti, pelos tel. 200 3320 ou 989 5924.

Valemo-nos do ensejo para apresentar nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

A Direção e a Equipe do Projeto



LV-DA-074/2000

Vitória (ES), 13 de julho de 2000.

RESPONSÁVEIS PELAS COMUNIDADES – ADMINISTRADORES DAS IGREJAS, CAPELAS E ORATÓRIOS DOS MUNICÍPIOS DE SANTA TERESA E SÃO ROQUE DO CANAÃ

O CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI - instituição privada de ensino sediada em Vitória - vem coordenando um trabalho de mapeamento das Igrejas, Capelas e Oratórios existentes nos Municípios de Santa Teresa e São Roque do Canaã, que até há pouco ocupava condição de distrito daquele. Tem sido um esforço de garimpo bastante compensador, pelos vínculos históricos e culturais que marcam iniciativas dessa natureza. O projeto terá fim com o lançamento, no 2º semestre/2000, de um livro de fotografias, dados históricos e reflexões em torno da temática.

Já tendo visitado perto de 100 templos (e pretendendo chegar a 120), observamos que, em algumas comunidades, está havendo uma completa remodelação das igrejas locais, baseando-se nos critérios de comodidade e facilidade de manutenção. Parece que o interior de Santa Teresa vive a "era do granito e do rebaixamento de gesso". Pisos originais, em bom estado de conservação, vêm sendo substituídos por traçados de pedra lineares, num estilo praticamente padronizado; pinturas características vêm sendo "apagadas" pelo gesso. Na região, a tradição está cedendo espaços à modernidade, numa velocidade impressionante.

Como o projeto referido tem a intenção de criar uma consciência de preservação das memórias culturais, achamos por bem encaminhar uma carta a todas as comunidades que visitamos para motivar um debate amplo acerca da oportunidade dessas reformas. Será que a descaracterização do estilo das igrejas não retira exatamente o que elas têm de mais singular? Por que arruinar o antigo que se encontra em boas condições estéticas? Para que gerar custos adicionais com edificações modernas e reformas, quando a restauração poderia ser bem menos dispendiosa? São questões que precisam ser discutidas abertamente.

Representantes de algumas comunidades alegam que as mudanças geram um melhor bem-estar nos fiéis. Isso pode ser dado como definitivo ou essa convicção é mais fruto de um descompromisso com a preservação das tradições do que propriamente das vivências de cada comunidade? Talvez valha a pena inverter esse estado de coisas. O mundo inteiro aponta para a necessidade de preservar as memórias culturais - por que Santa Teresa apontaria para a direção inversa? Seria por falta de reflexão ou por desejo mesmo de toda uma comunidade?

Gostaríamos de contar com o envolvimento das comunidades na luta pela preservação. Esperamos que os Conselhos das Igrejas abram espaços para as pessoas poderem opinar mais amplamente sobre as reformas pretendidas. Às vezes, a construção de alguns "espaços" pode estar gerando a desconstrução de outros - refletindo no interior de muitas pessoas que valorizam as tradições e o que elas revelam de mais sagrado.

Esperando que esta carta possa gerar muitas polêmicas e iniciativas de preservação, despedimo-nos

Contatos poderão ser feitos com Victor Humberto Salviato Biasutti, pelos tel. 200 3320 ou 989 5924.

Atenciosamente,

A Direção e a Equipe do Projeto



LV-DA-075/2000

Vitória (ES), 28 de julho de 2000.

EXCELENTÍSSIMOS VIGÁRIOS DE SANTA TERESA E DE SÃO ROQUE DO CANAÃ

O CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI está desenvolvendo projeto que resultará em publicação de um volume com informações sobre as IGREJAS, CAPELAS E ORATÓRIOS dos Municípios de Santa Teresa e de São Roque.

Em nossas 22 viagens já realizadas, durante as quais visitamos 104 Igrejas, Capelas ou Oratórios (até 27/07/2000), temos observado a realização de reformas que mudam totalmente as características originais das construções, causando uma interrupção no processo de preservação das tradições e memória.

Quanto às pessoas das comunidades, tivemos a oportunidade de encontrar sentimentos de tristeza pela perda da originalidade das construções, porém, pudemos também observar sentimentos de felicidade pelo novo aspecto decorrente das reformas.

Embora não deixando de respeitar as opiniões e sentimentos daquelas pessoas com quem conversamos, nós, do CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI, vimos nos manifestar a favor da preservação, de forma a serem mantidas as linhas originais das construções, acontecendo nelas os trabalhos de restauração e não de reforma.

Estamos falando em algo como defender e preservar o Teto da Capela Sistina!

Desde que entendamos que nada pertence em absoluto a uma pessoa ou a um grupo, pois pela lei natural, um dia todos seremos substituídos, fica mais fácil aceitarmos a importância da preservação, para que aqueles que estiverem em nosso lugar possam nos entender e manter os elos de nossas ligações.

Com esse pensamento, vimos solicitar seu importante apoio nessa campanha, considerados o grande respeito e consideração que recebem de todos os membros das comunidades.

Aproveitamos e anexamos cópias das cartas que enviamos ao Arcebispo Dom Geraldo Lyrio Rocha e aos responsáveis pelas comunidades.

Nesta ocasião, gostaríamos de colocar especificamente uma preocupação sobre a idéia de substituição do piso de ladrilhos da Capela do Sagrado Coração de Jesus (Cabeceira de Mutum) por granito, conforme nos alertou um membro da comunidade. O forro já está sendo substituído e esperamos que o seja de modo a manter a originalidade. A nosso ver, o piso de ladrilho está em boas condições, concorrendo a sua substituição para a irreparável descaracterização daquela Capela.

Agradecemos por seu apoio.

Contatos poderão ser feitos com Victor Humberto Salviato Biasutti, pelos tel. 200 3320 ou 989 5924.

Atenciosamente,

A Direção e a Equipe do Projeto

Leituras...

que não só de

“letras”



“Uma colcha de retalhos pode cobrir pobremente uma cama. Mas, cozidos com moldes, prazer e sentimentos, retalhos compõem a beleza do quarto.”

(Maria Helena Salviato Biasutti Pignaton)

O livro ora publicado bem ilustra a trajetória que vai desde uma sensação prévia da singeleza de uma “colcha de retalhos” até a percepção de um “mosaico” de retalhos reveladores. Assume valor para publicação pelos conhecimentos relevantes que descortina, bem como pela fidelidade ao material recolhido e registrado - numa postura científica que prioriza a aprendizagem pela pesquisa, e não somente em informação circulante.

De posse do resultado final, ficou nítida a percepção de que, se fôssemos encarar normas metodológicas como dogmas, a produção poderia perder muitas sutilezas, relegando a segundo plano percepções e sensações observadas e vividas ao longo do trabalho. Numa postura mais radical, poderíamos até recuar no projeto, pensando em não editar o livro - para não correr o risco de ser criticado por pesquisadores mais preparados e experientes. Pois bem, como optamos por encarar o desafio de materializar a pesquisa (em nossas reais condições) e de flexibilizar metodologias, cumpre tecer algumas considerações, a fim de melhor situar o leitor.

O objetivo inicial era recolher e registrar dados e opiniões acerca da preservação/substituição de edificações e, por meio de ações concretas, oferecer à sociedade benefícios humanitários e sociais, em torno de temática tão relevante. Não resta dúvida de que tais propósitos foram alcançados: em 35 viagens ao município de Santa Teresa e imediações, com envolvimento voluntário de alunos, professores, funcionários, integrantes do corpo técnico do Da Vinci, membros da comunidade escolar e das comunidades locais visitadas, pudemos recolher vasto material de pesquisa, obtendo respaldo para publicar um livro mais que informativo/documental; manifestarmos-nos formal e informalmente sobre a preservação das memórias culturais, inclusive com sugestão de procedimentos e atitudes nesse particular; 'pôr a mão na massa' para restaurar e pintar templo em estado precário. Quanto à publicação do livro - que se configura a iniciativa mais efetiva nesse processo -, quer nos parecer que seu conteúdo supera as falhas (ou desvios?) metodológicas que revela.

Exatamente por “falta de metodologia”, sentimentos e opiniões dos participantes ganharam espaço para registro no livro. Buscou-se agrupar o conteúdo em partes, para dar uma melhor organicidade ao material, mas sem preocupação com a sistematização excessiva. Ao final, um produto satisfatório, que talvez valha mais pelo processo que se desenvolveu nos subterrâneos.

Para não fugir às características deste trabalho, que é ao final uma produção primeiramente escolar, um comentário esclarecedor: quanta dinâmica e produção ocorre nas escolas... Um livro, produto de 396 horas de trabalho em campo, que, multiplicadas pelo número de participantes diários, perfazem 1980 horas (só considerando os deslocamentos a partir de Vitória), demora quase 2 anos para chegar às mãos do leitor. E nesse caso, especificamente sob orientação e coordenação intensiva de um agente educativo, Diretor Administrativo da Instituição, que, de segunda a sexta, durante todo o período de funcionamento da Escola (e outros períodos, gerados pelas necessidades diárias do sistema), soube conciliar suas atribuições e o desejo de realizar uma utopia. Nos trabalhos de

“bastidores”, planejamento, discussões, organização de todos os fatores que envolvem desde a segurança dos alunos ao controle de gastos e à operacionalização, em muitas horas de dedicação e até mesmo com adiamento de projetos pessoais.

No fechamento da obra, assumindo o papel de observadora e agente em todo o processo, não poderia deixar de enaltecer o trabalho incansável de Victor Humberto para a consecução da obra. Ele foi o centro irradiador de todo o projeto, estimulando alunos e professores; buscando adesões; superando dificuldades; agindo com senso comunitário aguçado; não esmorecendo perante os problemas. Exercendo e partilhando com nossos alunos e professores o “aprender a aprender”, Victor fez-se sujeito educativo, envolvido em aprendizagens e sentimentos diferenciados, inclusive coordenando o registro e socialização de impressões suas e do grupo em que atuou. Eis alguns registros produzidos, recortes do envolvimento com os trabalhos e demonstração de que não existe “neutralidade” em pesquisas que privilegiam o material humano:

“Sensibiliza-me a confiança e gentileza das pessoas com quem mantivemos contato: colocam-nos dentro de suas casas, emprestam-nos documentos, contam-nos histórias...”

“Empenho-me ao máximo no meu fazer: por minhas crenças (adquiridas e resignificadas) e das pessoas com quem convivo em processos.”

“As pinturas de Dona Celina, apagadas da Igreja Matriz sem motivo ou registro para o fato... Assim se perdem as memórias, os valores, a identidade...”

“O oratório de N. S. do Caravaggio, construção extremamente simples, mas suficiente para externar a devoção, o compromisso com uma promessa... Ou a pura concretização do Templo, para atendimento às necessidades individuais.”

“Numa pedra à beira da estrada, junto à bica d'água, onde se pode matar a sede no pequeno descanso da subida, por que não construir um oratório?”

“Os entornos de monumentos merecem estudo, para modificações do natural por parte dos administradores públicos. Construções sem planejamento prévio descaracterizam o patrimônio.”

“A beleza da simplicidade da construção da Capela de São Sebastião (em Barracão de São João de Petrópolis) é quebrada por um padrão de luz que necessariamente ali não precisaria ter sido construído.”

“O piso em ladrilhos, com sua beleza singular... Aqui nossa maior preocupação: há uma corrente desejosa de substituí-lo por granito. Moradores locais já aceitam a idéia como definitiva. Será que foram alertados da importância de manterem suas raízes? Ou que, se não preservarem a originalidade da construção, também não terão como ser lembrados nos próximos 20, 30 ou 50 anos?”

“A necessidade da ampliação do espaço físico de algumas construções religiosas tem-se feito obrigatória para o atendimento a comunidades que aumentam a população local. Isso é um fato. Perguntei-me entretanto se, ao invés da total substituição de uma construção por outra, como pudemos constatar em nossas visitas, a preservação de elementos característicos da construção original não deveria ser mantida. Não se apagaria da memória daquele povo a história, a própria história de vida.”

CONCLUSÃO

Ciência/humanidade/tecnologia - inexistem compartimentalizações adequadas. Este trabalho, transitando por essas três searas, demonstra como é importante investir em projetos que possibilitem o uso de nossas aptidões várias, fazendo-nos mover pela praticidade, mas também pela utopia. É, sem dúvida, um trabalho de equipe, em que o processo torna-se tônica de uma produção. Mais importante que o livro em si, foram as veredas que se percorreram para chegar até ele. Veredas em que Victor Humberto foi guia.

Não poderia deixar de fazer referência também à atuação dos alunos, professores e tantos outros colaboradores - especialmente daqueles que cultivaram a idéia, tornando-a palpável. E fica no ar uma provocação de minha parte: que outros projetos socioculturais sejam abraçados. Enquanto forem concebidos como utopia, poderão amedrontar-nos um pouco, devido à sua amplitude. Após materializados, servirão para provar uma evidência que tanto “ouvimos”, mas nem sempre “internalizamos”: NÃO HÁ EDUCAÇÃO SEM UTOPIA.

A voz dos

Patrocinadores



Acta Engenharia Investe na Memória Capixaba

Integrando-se ao projeto de pesquisa denominado "Oratórios, Capelas e Igrejas do Município de Santa Teresa", a Acta Engenharia Ltda., em processo de parceria com o Centro Educacional Leonardo da Vinci, se coloca a serviço da preservação da memória capixaba. Tal apoio se torna muito mais relevante uma vez que a pesquisa resultará num livro representando um projeto de caráter histórico, cultural e social, importante para o resgate da religiosidade do povo espírito-santense. Atuando na Construção Civil e Industrial com uma filosofia empresarial que inclui uma busca constante pela qualidade em suas obras, a Acta Engenharia também se volta para a comunidade no sentido de atender algumas de suas demandas, sob um processo de responsabilidade social corporativa.

Como empresa genuinamente capixaba, a Acta não somente se apresenta no mercado com elevados padrões de qualidade em suas edificações, cumprimento de prazos contratuais e custos competitivos mas também como organização que contribui para fazer do Espírito Santo um lugar melhor para se viver e morar.

Para isso, em mais de 25 anos de atividade, a Acta, atendendo aos seus compromissos, tem revelado plena capacitação em segmentos como Engenharia, Construção de Edificações Comerciais, Residenciais, Obras Públicas de Saneamento e Urbanização, Obras Industriais e Manutenção Civil e Industrial, totalizando mais de 431 mil m² edificados, correspondentes a um faturamento superior a US\$ 143 milhões até 1999. Participando do PRODFOR - Programa Integrado de Desenvolvimento e Qualificação de Fornecedores, a

Acta, com várias certificações e atestado de desempenho, vai se qualificando para futuras certificações ISO, além de manter, em alta, sua credibilidade no mercado.



A perspectiva sociocultural é nossa razão de existir. Mais que uma empresa prestadora de serviços que oportuniza aos clientes obter conhecimento em diversas searas, auxiliando-o na formação profissional e na consolidação de aparato crítico-teórico, e ainda proporcionando-lhe a vivência da leitura como entretenimento e fruição -, somos uma entidade empenhada em resgatar a memória de nosso Estado, bem como em propiciar espaços para os talentos locais aflorarem e serem reconhecidos nacionalmente.

Por acreditarmos que a parceria em projetos culturais seja a mola-mestra desse percurso, nossa marca institucional vem comparecendo em iniciativas de peso. A atuação integrada com o Centro Educacional Leonardo da Vinci visando à consolidação de dados históricos e considerações reflexivas sobre os templos de Santa Teresa reveste-se de um sabor especial. Aliados de tantos anos da construção do saber e na otimização do processo ensino-aprendizagem, fazemo-nos agora co-partícipes de projetos que extrapolam o universo da Escola e abraçam a sociedade como um todo. Esperamos que se trate de um projeto pioneiro, que possa dar vazão a muitas outras vivências e ousadias.

Na era da sociedade da informação e conscientização, o papel das livrarias (reais e virtuais) vem sendo revisitado diariamente. Não se pode mais ficar passivamente esperando o cliente procurar nossos serviços; ao contrário, temos de nos fazer necessários, acompanhando os reclames do mercado e as demandas de sociedade contemporânea; investindo em ações de cunho sociocultural e na viabilização/manutenção de pesquisas; fazendo da qualidade de atendimento nossa bússola de atenção. Sob esse ponto de vista, a LOGOS ocupa outros cenários, deixando de ser uma "ilha" para se aventurar no "oceano"

Nossa maior satisfação é saber que nossas crenças e intencionalidades podem ser partilhadas com os clientes e outros parceiros. As empresas que abraçam o desafio de patrocinar o lançamento dessa obra tão significativa cientes de que, mesmo com áreas de atuação tão distintas, podem conciliar forças para valorização da memória e realidade estaduais. E o investimento em cultura, além do traço primeiro da identidade de um povo, é fonte de inspiração para que, muitas vezes, o local transite para a dimensão da universalidade.



Ao completarmos 20 anos de serviços prestados à população capixaba, ressaltamos a consolidação da UNIMED Vitória como empresa genuinamente da terra, ultrapassando neste ano 2000 o número de 500 colaboradores diretos, crescimento da ordem de 225,8% nos últimos 5 anos, numa demonstração clara do seu compromisso com o desenvolvimento do Espírito Santo.

Aliado ao modelo pioneiro de cooperativa de trabalho médico, o respeito aos nossos clientes e o comprometimento ético do exercício da medicina representam hoje, sem qualquer dúvida, o nosso maior patrimônio.

Incorporamos ao nosso Estado a moderna tecnologia na área médica, com expressivos investimentos em nossos Serviços Próprios, como a UNIMED Coração, UNIMED Emergência, UNIMED Diagnóstico e Assistência Domiciliar, além da parceria com a USIMED, que oferece medicamentos a custos reduzidos, garantindo aos nossos usuários a tranquilidade e o bem-estar de todos os seus familiares.

O apoio a projetos de relevância social como este é parte de nosso compromisso em resgatar a história de nosso Estado, especialmente pela participação desta juventude que certamente se responsabilizará, no futuro, pela condução dos destinos de nossa empresa cooperativista.

Aos educadores envolvidos neste projeto e a todos os leitores, estejam certos de que a UNIMED Vitória trabalhará sempre sempre POR UMA VIDA MELHOR.



Um caminho a ser seguido

Desde a sua fundação, há 25 anos, a UWV vem apostando na qualidade de ensino. Ampliando esse conceito, volta-se também para a responsabilidade social, para a pesquisa e a iniciação científica, integrando-se cada vez mais à comunidade através de ações concretas, levando benefícios para a população.

Todo esse esforço fez da UWV uma instituição de ensino superior diferente. Um trabalho que proporcionou o reconhecimento do MEC, que acaba de conceder à UWV o credenciamento para atuar como centro universitário.

Nessa busca, a UWV vem somando seus esforços em parceria com instituições que também primam pela qualidade de ensino, como o Centro Educacional Leonardo da Vinci, como neste projeto cultural Oratórios, Capelas e Igrejas do Município de Santa Teresa, voltado para a preservação da história de nosso povo.

Nossos objetivos são os mesmos: continuar investindo na excelência do ensino, com os olhos voltados para o futuro, trabalhando para que a formação acadêmica esteja intimamente ligada aos princípios humanitários, de cidadania e de preservação dos valores socioculturais do nosso país.



- BIASUTTI, Luiz Carlos. **Documentário do centenário do município de Santa Teresa (ES)**: álbum de recortes. Belo Horizonte: Inédita, 1991. 100 p.
- BIASUTTI, Luiz Carlos. **No coração capixaba**. Belo Horizonte: Barvalle, 1994. 231 p.
- BIASUTTI, Luiz Carlos, LOSS, Arlindo. **São Roque do Canaã**. Belo Horizonte: O Lutador, 1999. 251 p.
- BIASUTTI, Victor. **Brumas**. Vitória: São José, 1992. 77 p.
- BROETTO, Alessandro. Relato histórico. Tradução Luiz Busatto. In: BISSOLI, Orestes. **Memórias de um imigrante italiano**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1979. 254 p.
- CASTIGLIONI, Aurélia H. (Org.), BUSATTO, Luiz, FAÉ, Maria Inês, MUNIZ, Maria Izabel Perini. **Imigração italiana no Espírito Santo**: uma aventura colonizadora. Vitória: UFES, 1998. 315 p.
- DERENZI, Luiz Serafim. **Os italianos no estado do Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974. 177 p.
- FORMENTINI, Edegar A. **Resumo histórico de Santo Antônio do Canaã**. Santo Antônio do Canaã - ES, 1994. 60 p.
- GAEDE, Valdemar. **Quando soarem os sinos**. Itaguaçu - ES: Pastoral Popular Luterana, 1997. 112 p.
- GROSSELLI, Renzo. **Colonie imperiali nella terra del caffè**. Trento - Itália: [s.n.], 1987. 473 p.
- LOPES, Almerinda da Silva. **Arte no Espírito Santo do século XIX à primeira República**. Vitória: Editora do Autor, 1997. 242 p.
- MEDEIROS, Rogério. **Espírito Santo encontro das raças**. Rio de Janeiro: Reproarte Gráfica e Editora, 1997. 222 p.
- MÜLLER, Frederico. **Fundação e fatos históricos de Santa Teresa**. Vitória: IHGES, 2000. 75 p.
- MUNIZ, Maria Izabel Perini. **Cultura e arquitetura**: a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo. Vitória: EDUFES, 1997. 217 p.
- NOVAES, Maria Stella de. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, [19--]. 455 p.
- PEREIRA, Serafim J. **Missionários capuchinhos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. 710 p.
- POSENATO, Júlio. **Arquitetura da imigração italiana no Espírito Santo**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1997. 560 p.
- ROCHA, Gilda. **Imigração estrangeira no Espírito Santo: 1847-1896**. Vitória: [s.n.], 2000. 154 p.
- RUSCHI, Augusto. **Boletim do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão**: número especial - comemorativo do XXVII aniversário. Santa Teresa - ES: [s.n.], 1976. 379 p.
- SILVESTRE, Maria dos Anjos de Oliveira. **Escritos**. São João de Petrópolis, Santa Teresa - ES [não publicado].
- VÁRIOS AUTORES. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do ES**. Vitória: IHGES, 2000. 283 p.
- ZAGONEL, Carlos Albino. **Igreja e imigração italiana**. Porto Alegre: EST/SULINA, 1975. 288 p.

A VOZ DO SEMINÁRIO: 1497-1963

Livro do Tombo da Paróquia de Santa Teresa, v. 1, manuscrito, 1888. 162 p.

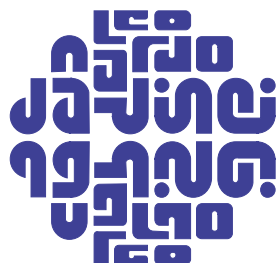
Livro do Tombo da Paróquia de Santa Teresa, v. 2, manuscrito, 1931. 300 p.

Mapa do Município de Santa Teresa, IBGE - ES, Parte 1 e Parte 2, elaborado no IJSN, Vitória - ES, atualização de agosto de 1990.

Mapa Carta do Brasil, Aracruz, Folha SE-24-Y-D-IV, IBGE, 1979.

Mapa Carta do Brasil, Colatina, Folha SE-24-Y-C-VI, IBGE, 1979.

REALIZAÇÃO



CENTRO EDUCACIONAL LEONARDO DA VINCI

PATROCÍNIO CULTURAL

